

ISSN impresso 1677-5953
ISSN on-line 2674-9491

SÍNTESE ANUAL

DA AGRICULTURA DE SANTA CATARINA

2022 - 2023



Governador do Estado
Jorginho dos Santos Mello

Secretário de Estado da Agricultura e Pecuária
Valdir Colatto

Presidente da Epagri
Dirceu Leite

Diretores

Célio Haverroth
Desenvolvimento Institucional

Fabírcia Hoffmann Maria
Administração e Finanças

Gustavo Gimi Santos Claudino
Extensão Rural e Pecuária

Reney Dorow
Ciência, Tecnologia e Inovação



Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina

2022-2023

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)
Rodovia Admar Gonzaga, 1347 – Itacorubi
Florianópolis, SC – Brasil – CEP 88034-901
Fone: (48) 3665-5000
Site: www.epagri.sc.gov.br
E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Editado pelo Departamento Estadual de Marketing e Comunicação (DEMC)

Coordenação: Tabajara Marcondes

Elaboração

Alex Alves dos Santos
Alexandre Luis Giehl
Andre Luis Tortato Novaes
Bruno Corrêa da Silva
Cíntia Uller Gómez
Felipe Matarazzo Suplicy
Gláucia de Almeida Padrão
Haroldo Tavares Elias
João Rogerio Alves
Jurandi Teodoro Gugel
Luis Augusto Araujo
Luiz Rodrigo Mota Vicente
Luiz Toresan
Robson Ventura de Souza
Rogério Goulart Junior
Tabajara Marcondes

Colaboração

Bruna Parente Porto
Claudio Luis da Silveira
Cleverson Buratto
Debora Pivetta Thibes
Édila Gonçalves Botelho
Evandro Uberdan Anater
Getúlio Tadeu Tonet
Gilberto Luiz Curti
Julio Cesar Melim
Nilsa Luzzi
Sandro Secco
Tatiana Tozzi
Valmir Kretshmer

Revisão técnica

Luiz Carlos Mior
Janice M. Waituch Reiter

Diagramação e Arte Final

Sidaura Lessa Graciosa

Capa

Alisson Fitch

Primeira edição: Maio de 2024

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que a fonte seja citada.

Ficha catalográfica

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina. v.1 1976 - Florianópolis: Epagri/Cepa, 1976 - Anual
Título anterior: Síntese Informativa sobre a Agricultura Catarinense, 1976-1981.
Publicada em 2 volumes de 1984 a 1991.
Publicação interrompida em 1992.
Editada pela Epagri-Cepa (2005)

1. Agropecuária - Brasil SC - Periódico. I. Instituto de Planejamento e Economia Agrícola de Santa Catarina, Florianópolis, SC. II Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina/Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola - Epagri/Cepa, Florianópolis, SC.

ISSN impresso 1677-5953
ISSN on-line 2674-9491

Apresentação

A Epagri/Cepa tem a satisfação de disponibilizar a 44ª edição da Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina.

Nesta edição, o texto inicial trata sucintamente do desempenho da agropecuária e do agronegócio em 2022 e 2023, especificamente dos comportamentos do Valor da Produção Agropecuária (VPA) e das exportações do agronegócio estadual.

A análise mostra que o VPA catarinense de 2023 alcançou o recorde de R\$64,3 bilhões. Houve um crescimento nominal de 6,6% sobre o VPA de 2022, de R\$60,3 bilhões, que era o recorde anterior. Em termos de composição, a produção animal é o grande destaque na formação do VPA. Em 2023, apenas a soma do valor da participação da produção de suínos para abate (20,2%), de frangos para abate (16,4%), de leite (12,3%) e de bovinos para abate (3,7%) representou 52,6% do VPA estadual. Na produção agrícola, o principal destaque é a soja, com um valor de produção maior que R\$7,0 bilhões, inferior apenas aos valores da produção de suínos, de frangos e de leite.

No caso do mercado internacional, a análise mostra que, em 2023, o agronegócio alcançou o segundo melhor desempenho da história. O valor exportado, de US\$7,49 bilhões, é superado apenas pelos US\$7,74 bilhões de 2022. Com isso, o agro respondeu por 64,7% dos US\$11,58 bilhões gerados pelas exportações totais de Santa Catarina. O setor também foi responsável por 4,5% dos US\$165,45 bilhões exportados pelo agro brasileiro.

Além dessa breve análise sobre o desempenho recente do valor da produção agropecuária (VPA) e das exportações do agronegócio estadual, este documento disponibiliza dados, informações e conhecimentos sobre a utilização do crédito rural por agricultores e cooperativas e sobre o desempenho produtivo e mercadológico das principais cadeias produtivas dos setores agrícola, pecuário, florestal e aquícola de Santa Catarina.

A Epagri/Cepa agradece a todas as entidades e pessoas que colaboraram na elaboração e na publicação de mais uma edição da Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina e informa que todas as edições ficam disponíveis em arquivo eletrônico no site <https://www.observatorioagro.sc.gov.br/>.

A Diretoria Executiva

Conhecimento que
Transforma



Conheça mais sobre o agro catarinense:

Comércio Exterior, Desempenho do Agro, Desenvolvimento Rural, Infraestrutura de apoio à Produção, Mercado Agropecuário, Políticas Públicas, Produção Agropecuária.



7
Áreas
temáticas



+236
Bases de
dados



+800
Indicadores



+110
Painéis

Acesse aqui:



observatorioagro.sc.gov.br

Sumário

Desempenho da agropecuária e do agronegócio de Santa Catarina: 2022 e 2023.....	7
Crédito rural.....	10
Desempenho da produção vegetal	17
Alho	17
Arroz	24
Banana.....	32
Cebola	44
Feijão	50
Maçã.....	60
Milho	73
Soja	82
Tabaco	91
Trigo.....	97
Desempenho da produção animal	106
Carne bovina	106
Carne de frango	118
Carne suína	130
Leite	143
Mel.....	150
Desempenho da aquicultura	157
Peixes de água doce	158
Moluscos	161
Mexilhões.....	162
Ostras	163
Vieiras.....	164
Camarões marinhos.....	165
Macroalgas.....	167
Desempenho do setor florestal	169

Desempenho da agropecuária e do agronegócio de Santa Catarina: 2022 e 2023¹

Tabajara Marcondes, Eng.-agr.- M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

A agropecuária e o agronegócio catarinenses são de grande importância social e econômica para o Estado. Contribuem significativamente na geração de divisas, de impostos, de renda e de empregos para milhares de famílias rurais e urbanas. Esta breve análise do comportamento recente do valor da produção agropecuária (VPA) e das exportações do agronegócio ajuda a conhecer parcialmente essa relevância.

Valor da Produção Agropecuária (VPA) de Santa Catarina

O cálculo do VPA considerou os 62 produtos de maior valor de produção. São os da produção animal (pecuária e aquicultura), os da produção das lavouras (grãos, outras lavouras temporárias, hortaliças e lavouras permanentes) e os da produção da silvicultura e extração vegetal.

Em 2023, o VPA alcançou o recorde de R\$64,3 bilhões, o que representa um crescimento nominal de 6,6% sobre o VPA de 2022, recorde anterior. Em que pese a grande diversificação produtiva da agropecuária, 59,8% do VPA estadual resulta de apenas quatro atividades: suínos para abate, 20,2%; frangos para abate, 16,4%; leite, 12,3%; e soja, 10,9%. Dos demais produtos, apenas o tabaco e o milho grão tiveram participação superior a 5% no VPA estadual de 2023 (Tabela 1).

Tabela 1. Valor da Produção Agropecuária (VPA) de Santa Catarina

Produção	2022		2023 ⁽¹⁾		Var. % 2022-23
	R\$ 1.000	Part. %	R\$ 1.000	Part. %	
Animal	35.607.686	59,0	37.076.991	57,6	4,1
Das lavouras	22.055.433	36,6	24.854.181	38,6	12,7
Da silvicultura e extração vegetal	2.660.951	4,4	2.385.665	3,7	-10,3
Total	60.324.070	100	64.316.837	100	6,6
Produto	2022		2023 ⁽¹⁾		Var. % 2022-23
	R\$ 1.000	Part. %	R\$ 1.000	Part. %	
Suínos para abate	12.325.096	20,4	12.982.214	20,2	5,3
Frangos para abate	9.525.111	15,8	10.549.695	16,4	10,8
Leite	7.821.527	13,0	7.911.995	12,3	1,2
Soja	6.599.831	10,9	7.024.254	10,9	6,4
Tabaco	2.977.875	4,9	3.627.321	5,6	21,8
Milho grão	3.018.639	5,0	3.317.892	5,2	9,9
Milho silagem	1.727.326	2,9	3.112.514	4,8	80,2
Bovinos para abate	3.424.881	5,7	2.411.491	3,7	-29,6
Arroz	1.687.662	2,8	2.083.793	3,2	23,5
Ovos de galinha para consumo	1.071.697	1,8	1.535.245	2,4	43,3
Total	60.324.070	100	64.316.837	100	6,6

⁽¹⁾ Estimativa da Epagri/Cepa.

Fonte: Epagri/Cepa e IBGE

¹ O presente texto é um pequeno resumo do trabalho denominado *Indicadores de desempenho da agropecuária e do agronegócio de Santa Catarina: 2022 e 2023*, disponível em: <https://www.observatorioagro.sc.gov.br>

Exportações do agronegócio de Santa Catarina²

Em 2023, as exportações do agronegócio estadual tiveram o segundo melhor desempenho da história, com US\$7,49 bilhões exportados. Este valor é superado apenas pelos US\$7,74 bilhões de 2022. O agronegócio respondeu por 64,7% do valor total das exportações catarinenses de 2023, que atingiram US\$11,58 bilhões. Respondeu, também, por 4,5% dos US\$165,45 bilhões exportados pelo agro brasileiro.

Os produtos de origem animal se destacam, respondendo por 59,3% do valor exportado pelo agro em 2023. Em termos mais específicos, os maiores valores exportados foram de carnes de frango e derivados; carnes de suínos e derivados; madeira e obras de madeira; produtos do complexo soja e de papel e celulose, que representaram 83,4% dos US\$7,49 bilhões exportados pelo agro catarinense (Tabela 2).

Tabela 2. Exportações de Santa Catarina – Principais produtos do agronegócio em 2023

Produtos	2022		2023		Var. % 2022-23
	US\$1.000	Part. %	US\$1.000	Part. %	
De origem animal	4.233.709	54,7	4.443.270	59,3	4,9
De origem vegetal	1.229.004	15,9	1.307.522	17,5	6,4
De origem florestal	2.279.119	29,4	1.741.880	23,2	-23,6
Total do agronegócio	7.741.836	100	7.492.673	100	-3,2

Produto	2022		2023		Var. % 2022-23
	US\$1.000	Part. %	US\$1.000	Part. %	
Carnes de frango e derivados	2.196.307	28,4	2.287.362	30,5	4,1
Carnes de suínos e derivados	1.431.718	18,5	1.570.346	21,0	9,7
Madeira e obras de madeira	1.494.310	19,3	1.147.599	15,3	-23,2
Produtos do complexo soja	753.091	9,7	896.629	12,0	19,1
Papel e celulose	451.868	5,8	349.031	4,7	-22,8
Móveis de madeira	332.941	4,3	245.250	3,3	-26,3
Outros produtos de origem animal	187.631	2,4	203.433	2,7	8,4
Tabaco e derivados	212.560	2,7	163.096	2,2	-23,3
Outras carnes e derivados	121.291	1,6	119.966	1,6	-1,1
Couros e peles, lãs, crinas e sedas	86.775	1,1	73.150	1,0	-15,7
Outros	473.344	6,1	436.811	5,8	-7,7
Total do agronegócio	7.741.836	100	7.492.673	100	-3,2
% do agronegócio no total	64,7	-	64,7	-	
Total geral	11.966.464	-	11.577.616	-	-3,2

Fonte: MDIC/Comex Stat

Em 2023, os principais destinos das exportações do agro estadual foram: China, EUA, Japão, México e Chile, que representaram quase 50% do valor exportado pelo agro estadual. O México não figurava nesta lista, entrou pelo aumento de quase 64% no valor exportado por SC de 2022 para 2023. A China é o mercado mais significativo, respondendo por quase 22 dólares de cada 100 dólares exportado pelo Estado (Tabela 3).

² Os dados atualizados sobre as exportações do agronegócio de Santa Catarina podem ser consultados em: <https://www.observatorioagro.sc.gov.br>

Tabela 3. Exportações de Santa Catarina – Principais mercados do agronegócio em 2023

País	2022		2023		Var. % 2022-23
	US\$1.000	Part. %	US\$1.000	Part. %	
China	1.572.785	20,3	1.636.117	21,8	4,0
EUA	1.254.814	16,2	920.635	12,3	-26,6
Japão	450.110	5,8	429.088	5,7	-4,7
México	234.042	3,0	383.527	5,1	63,9
Chile	429.993	5,6	368.938	4,9	-14,2
Filipinas	266.242	3,4	344.056	4,6	29,2
Holanda	277.089	3,6	311.792	4,2	12,5
Arábia Saudita	271.862	3,5	300.460	4,0	10,5
Emirados Árabes Unidos	242.695	3,1	245.933	3,3	1,3
Coreia do Sul	178.559	2,3	206.490	2,8	15,6
Outros	2.563.645	33,1	2.345.637	31,3	-8,5
Total do agronegócio	7.741.836	100	7.492.673	100	-3,2

Fonte: MDIC/Comex Stat



Crédito rural

Tabajara Marcondes, Eng.-agr. - M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

Por muitos anos, a política nacional de crédito rural foi operacionalizada por meio de dois planos: o Plano Safra da Agricultura Familiar e o Plano Agrícola e Pecuário. De 2019 a 2022, contudo, dentro de um quadro de mudanças mais gerais, houve apenas um plano para toda a agricultura brasileira. Em 2023, voltou-se à situação anterior. O governo federal recriou o Ministério do Desenvolvimento Agrário e o Plano para agricultura familiar.

Isso foi acompanhado de aumento na disponibilização dos recursos financeiros. Para a safra 2023/24 (julho/23 a junho/24), são R\$364,22 bilhões para os enquadrados no Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor Rural (Pronamp) e demais produtores e R\$71,60 bilhões para a agricultura familiar.

Esses valores significam aumentos nominais de 27% e 34% sobre os disponibilizados na safra 2022/23: R\$287,16 bilhões para os médios e demais produtores e R\$53,61 bilhões para os agricultores familiares. Houve também reduções em algumas nas taxas de juros, como as para os produtores de alimentos, como arroz, feijão, mandioca, tomate, leite, ovos, entre outros e os com algum avanço relacionado à regularização ambiental/Cadastro Ambiental Rural (CAR).

Nesta breve análise, serão destacados alguns dados e informações mais recentes sobre o crédito rural, com abordagem especial sobre sua aplicação no Estado. Embora os planos tenham vigência de 1º de julho de um ano até 30 de junho do ano seguinte, tomar-se-ão por base os dados do ano civil.

De 2022 para 2023 houve aumento no número de contratos e no valor aplicado no Brasil. Tomando por base um período de dez anos, contudo, o número de contratos caiu 19% de 2014 para 2023. Em valores aplicados, a indexação pelo IGP-DI mostra que os R\$397,960 bilhões aplicados em 2023 superaram com folga os valores de 2022 e de 2014.

Em números de contratos, as regiões Nordeste e Sul responderam por mais de 72% do total nacional em 2023. Em valores aplicados há uma distribuição menos heterogênea entre as regiões Sul, Centro-Oeste e Sudeste (Tabela 1).

Em Santa Catarina, em 2023, o número de contratos foi 6,6% maior do que em 2022, mas 27% menor do que em 2014. Em valores aplicados, a indexação pelo IGP-DI mostra que os R\$20,369 bilhões de 2023 são 17,2% maiores do que os R\$17,387 bilhões de 2022, mas 7,9% menores do que os R\$22,109 bilhões de 2014. Nos demais estados da Região Sul, também houve aumento no número de contratos e nos valores aplicados, de 2022 para 2023 (Tabela 2).

Tabela 1. Crédito rural nas regiões e no Brasil

Região	Ano	Mil contratos	Part. %	Bilhão de R\$		Part. %
				Corrente	Corrigido ⁽¹⁾	
Sul	2014	910,4	35,2	61,064	124,634	37,1
	2022	630,2	31,7	116,281	112,061	32,2
	2023	646,7	30,9	122,484	122,484	30,8
Centro-Oeste	2014	185,5	7,2	36,473	74,443	22,2
	2022	150,8	7,6	98,506	94,931	27,3
	2023	148,0	7,1	109,422	109,422	27,5
Sudeste	2014	501,4	19,4	44,877	91,596	27,3
	2022	322,6	16,2	81,750	78,783	22,6
	2023	345,5	16,5	91,793	91,793	23,1
Nordeste	2014	855,6	33,1	13,768	28,101	8,4
	2022	787,2	39,6	36,481	35,157	10,1
	2023	862,7	41,2	42,935	42,935	10,8
Norte	2014	131,7	5,1	8,247	16,832	5,0
	2022	97,8	4,9	28,026	27,009	7,8
	2023	91,9	4,4	31,326	31,326	7,9
BR	2014	2.584,6	100	164,429	335,606	100
	2022	1.988,6	100	361,044	347,941	100
	2023	2.094,8	100	397,960	397,960	100

⁽¹⁾ Valor corrigido pelo IGP-DI de 2023.

Fonte: Banco Central do Brasil

Tabela 2. Crédito rural nos estados da Região Sul

Estado	Ano	Mil contratos	Part. %	Bilhão de R\$		Part. %
				Corrente	Corrigido ⁽¹⁾	
PR	2014	269,9	29,6	26,336	53,753	43,1
	2022	200,8	31,9	48,912	47,137	42,1
	2023	195,4	30,2	49,713	49,713	40,6
RS	2014	453,4	49,8	23,896	48,773	39,1
	2022	301,3	47,8	49,327	47,537	42,4
	2023	314,6	48,7	52,402	52,402	42,8
SC	2014	187,1	20,6	10,832	22,109	17,7
	2022	128,1	20,3	18,042	17,387	15,5
	2023	136,6	21,1	20,369	20,369	16,6
Região Sul	2014	910,4	100	61,064	124,635	100
	2022	630,2	100	116,281	112,061	100
	2023	646,6	100	122,484	122,484	100

⁽¹⁾ Valor corrigido pelo IGP-DI de 2023.

Fonte: Banco Central do Brasil

No que diz respeito às atividades para as quais é destinado o crédito rural, o Brasil e Santa Catarina apresentam distribuições distintas. No Brasil, a pecuária tem uma participação maior no número de contratos (55,6%, em 2023), mas a atividade agrícola se destaca significativamente em valor aplicado (71 %, em 2023). Em Santa Catarina, a diferença de valores aplicados entre as duas atividades é bem menos significativa (Tabela 3).

Tabela 3. Crédito rural por atividade em Santa Catarina e no Brasil

	Ano	Mil contratos			Bilhão de R\$		
		Agrícola	Pecuária	Total	Agrícola	Pecuária	Total
SC	2014	129,6	57,6	187,2	5,270	5,561	10,831
	2022	65,2	62,9	128,1	10,063	7,979	18,042
	2023	65,5	71,1	136,6	10,396	9,973	20,369
	Participação por atividade %						
	2014	69,2	30,8	100	48,7	51,3	100
	2022	50,9	49,1	100	55,8	44,2	100
	2023	48,0	52,0	100	51,0	49,0	100
BR	2014	1.285,7	1.298,90	2.584,60	109,633	54,795	164,428
	2022	910,3	1.078,40	1.988,70	257,770	103,275	361,045
	2023	930,3	1.164,40	2.094,70	282,560	115,400	397,960
	Participação por atividade %						
	2014	49,7	50,3	100	66,7	33,3	100
	2022	45,8	54,2	100	71,4	28,6	100
	2023	44,4	55,6	100	71,0	29,0	100

Fonte: Banco Central do Brasil

Nesse caso, destaca-se uma diferença de Santa Catarina em relação às demais unidades da Federação: a grande participação pecuária na geração do valor da produção agropecuária estadual.³ Isto ajuda a explicar a grande diferença na participação catarinense no valor do crédito aplicado nas duas atividades no Brasil. Em 2023, o Estado respondeu por 8,6% do valor aplicado na pecuária e 3,7% do valor aplicado na atividade agrícola (Tabela 4).

Tabela 4. Participação de Santa Catarina no crédito rural no Brasil

	Ano	Mil contratos			Bilhão de R\$		
		Agrícola	Pecuária	Total	Agrícola	Pecuária	Total
SC	2014	129,6	57,6	187,2	5,270	5,561	10,831
	2022	65,2	62,9	128,1	10,063	7,979	18,042
	2023	65,5	71,1	136,6	10,396	9,973	20,369
	Participação de SC no Brasil (%)						
	2014	10,1	4,4	7,2	4,8	10,1	6,6
	2022	7,2	5,8	6,4	3,9	7,7	5,0
	2023	7,0	6,1	6,5	3,7	8,6	5,1
BR	2014	1.285,7	1.298,9	2.584,6	109,633	54,795	164,428
	2022	910,3	1.078,4	1.988,7	257,770	103,275	361,045
	2023	930,3	1.164,4	2.094,7	282,560	115,400	397,960

Fonte: Banco Central do Brasil

Nas finalidades (custeio, investimento, comercialização e industrialização), os dados de Santa Catarina que mais chamam a atenção são os relativos ao número de contratos de custeio, que representaram 73,4% do total dos contratos do Estado em 2023, e ao valor para a

³ Para mais detalhes, consultar: <https://www.observatorioagro.sc.gov.br/areas-tematicas/desempenho-agro/>.

industrialização, que representou 13,2% e 14,2% dos valores aplicados em 2022 e 2023, respectivamente. No Brasil, o número de contratos de investimento supera o de custeio e os percentuais dos valores aplicados em industrialização foram menos da metade do catarinense (Tabela 5).

Tabela 5. Crédito rural por finalidade em Santa Catarina e no Brasil

	Ano	Mil contratos					Bilhão de R\$				
		Custeio	Inv.	Com.	Ind.	Total	Custeio	Inv.	Com.	Ind.	Total
SC	2014	127,7	57,9	1,5	-	187,1	6,371	2,890	1,570	-	10,831
	2022	93,9	32,2	1,7	0,3	128,1	9,084	4,780	1,805	2,373	18,042
	2023	100,3	34,1	1,9	0,3	136,6	11,174	4,554	1,751	2,890	20,369
	Participação por finalidade %										
	2014	68,3	30,9	0,8	-	100	58,8	26,7	14,5	-	100
	2022	73,3	25,1	1,3	0,2	100	50,3	26,5	10,0	13,2	100
	2023	73,4	25,0	1,4	0,2	100	54,9	22,4	8,6	14,2	100
BR	2014	1.106,1	1.438,9	39,5	-	2.584,5	87,171	52,783	24,474	-	164,428
	2022	941,4	1.022,6	23,0	1,7	1.988,7	206,798	99,938	32,458	21,850	361,044
	2023	958,0	1.101,5	33,4	1,9	2.094,8	223,144	95,873	50,934	28,009	397,960
	Participação por finalidade %										
	2014	42,8	55,7	1,5	-	100	53,0	32,1	14,9	-	100
	2022	47,3	51,4	1,2	0,1	100	57,3	27,7	9,0	6,1	100
	2023	45,7	52,6	1,6	0,1	100	56,1	24,1	12,8	7,0	100

Fonte: Banco Central do Brasil

A maior aplicação de crédito para a industrialização no Estado do que no País ilustra o maior peso do setor agroindustrial na economia estadual, em relação à realidade da maioria das demais unidades da Federação. Em 2023, apenas no Distrito Federal e no Paraná os percentuais dos valores aplicados superaram os 14,2% de Santa Catarina. Mas Bahia e São Paulo também tiveram percentuais expressivos em valores aplicados para industrialização.

O crédito via Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf)

Os dados das séries históricas mais antigas do crédito rural mostram que houve um importante aumento da participação do Pronaf no número total de contratos concedidos no Brasil, o que não se repetiu no valor aplicado.

Considerados os anos de 2014, 2022 e 2023, o Pronaf representou sempre mais de 70% do número de contratos e 15% ou menos do valor total aplicado no Brasil. Essas participações mudam muito entre as regiões brasileiras. Em 2023, o Pronaf respondeu por 93,3% do total de contratos realizados no Nordeste e por 24,5% dos R\$122,484 aplicados na Região Sul (Tabela 6).

Tabela 6. Crédito rural via Pronaf nas regiões e no Brasil

Região	Ano	Mil contratos		Pronaf (%)	Bilhão de R\$		Pronaf (%)
		Total	Pronaf		Total	Pronaf	
Sul	2014	910,4	554,7	60,9	61,064	12,269	20,1
	2022	630,2	430,6	68,3	116,281	29,477	25,3
	2023	646,7	443,0	68,5	122,484	30,022	24,5
Centro-Oeste	2014	185,5	62,5	33,7	36,473	1,744	4,8
	2022	150,8	41,1	27,3	98,506	3,189	3,2
	2023	148,0	39,5	26,7	109,422	3,160	2,9
Sudeste	2014	501,4	292,3	58,3	44,877	5,222	11,6
	2022	322,6	185,5	57,5	81,750	6,929	8,5
	2023	345,5	204,6	59,2	91,793	8,398	9,1
Nordeste	2014	855,6	806,8	94,3	13,768	3,415	24,8
	2022	787,2	733,7	93,2	36,481	6,133	16,8
	2023	862,7	804,9	93,3	42,935	8,445	19,7
Norte	2014	131,7	102,0	77,4	8,247	2,035	24,7
	2022	97,8	62,7	64,1	28,026	4,008	14,3
	2023	91,9	55,9	60,8	31,326	4,181	13,3
BR	2014	2.584,6	1.818,3	70,4	164,429	24,685	15,0
	2022	1.988,6	1.453,6	73,1	361,044	49,736	13,8
	2023	2.094,8	1.547,9	73,9	397,960	54,206	13,6

Fonte: Banco Central do Brasil

Há diferenças relevantes também entre as unidades da Federação de uma mesma região. No Sul, por exemplo, o Pronaf tem participação muito mais expressiva em Santa Catarina do que no Paraná (Tabela 7).

Tabela 7. Crédito rural via Pronaf nos estados da Região Sul

Estado	Ano	Mil contratos		Pronaf (%)	Bilhão de R\$		Pronaf (%)
		Total	Pronaf		Total	Pronaf	
PR	2014	269,9	153,1	56,7	26,336	3,603	13,7
	2022	200,8	116,4	58,0	48,912	8,688	17,8
	2023	195,4	113,0	57,8	49,713	8,269	16,6
RS	2014	453,4	275,9	60,9	23,896	5,758	24,1
	2022	301,3	216,5	71,9	49,327	14,184	28,8
	2023	314,6	225,6	71,7	52,402	14,269	27,2
SC	2014	187,1	125,6	67,1	10,832	2,908	26,8
	2022	128,1	97,7	76,3	18,042	6,605	36,6
	2023	136,6	104,4	76,4	20,369	7,484	36,7
Região Sul	2014	910,4	554,6	60,9	61,064	12,269	20,1
	2022	630,2	430,6	68,3	116,281	29,477	25,3
	2023	646,7	443,0	68,5	122,484	30,022	24,5

Fonte: Banco Central do Brasil

No que diz respeito à distribuição por atividade do crédito via Pronaf no Brasil, a pecuária tem uma participação bem maior no número de contratos (61,1% em 2023), mas a atividade agrícola tem maior valor aplicado (52,7% em 2023). Em Santa Catarina, nos anos recentes, houve equilíbrio entre as duas atividades (Tabela 8).

Tabela 8. Crédito rural via Pronaf por atividade em Santa Catarina e no Brasil

	Ano	Mil contratos			Bilhão de R\$		
		Agrícola	Pecuária	Total	Agrícola	Pecuária	Total
SC	2014	76,7	48,9	125,6	1,696	1,212	2,908
	2022	49,1	48,6	97,7	3,421	3,184	6,605
	2023	49,0	55,4	104,4	3,680	3,804	7,484
	Participação por atividade %						
	2014	61,1	38,9	100	58,3	41,7	100
	2022	50,3	49,7	100	51,8	48,2	100
2023	46,9	53,1	100	49,2	50,8	100	
BR	2014	795,2	1.023,1	1.818,3	12,776	11,908	24,684
	2022	585,1	868,4	1.453,5	27,835	21,901	49,736
	2023	601,6	946,3	1.547,9	28,576	25,630	54,206
	Participação por atividade %						
	2014	43,7	56,3	100	51,8	48,2	100
	2022	40,3	59,7	100	56,0	44,0	100
2023	38,9	61,1	100	52,7	47,3	100	

Fonte: Banco Central do Brasil

A participação de Santa Catarina no valor aplicado via Pronaf é bastante significativa. Em 2022 e 2023, o Estado respondeu por mais de 13% dos valores totais aplicados no Brasil (Tabela 9).

Tabela 9. Crédito rural via Pronaf: participação de Santa Catarina no Brasil, por atividade

	Ano	Mil contratos			Bilhão de R\$		
		Agrícola	Pecuária	Total	Agrícola	Pecuária	Total
SC	2014	76,7	48,9	125,6	1,696	1,212	2,908
	2022	49,1	48,6	97,7	3,421	3,184	6,605
	2023	49,0	55,4	104,4	3,680	3,804	7,484
	Participação de SC no Brasil (%)						
	2014	9,6	4,8	6,9	13,3	10,2	11,8
	2022	8,4	5,6	6,7	12,3	14,5	13,3
2023	8,1	5,9	6,7	12,9	14,8	13,8	
BR	2014	795,2	1.023,1	1.818,3	12,776	11,908	24,684
	2022	585,1	868,4	1.453,5	27,835	21,901	49,736
	2023	601,6	946,3	1.547,9	28,576	25,630	54,206

Fonte: Banco Central do Brasil

Nas finalidades do crédito via Pronaf, os dados de Santa Catarina que mais chamam a atenção são o da expressiva redução no número de contratos de investimento de 2014 para os anos recentes e o da participação estadual no crédito para a industrialização. Em nenhuma das três demais finalidades (custeio, investimento e comercialização) há participação tão significativa do Estado no total nacional como no crédito para industrialização (Tabela 10).

Tabela 10. Crédito rural via Pronaf – Participação de Santa Catarina no Brasil, por finalidade

	Ano	Mil contratos					Bilhão de R\$				
		Custeio	Inv.	Com.	Ind.	Total	Custeio	Inv.	Com.	Ind.	Total
SC	2014	77,7	47,9	0,0	0,0	125,6	1,323	1,584	-	-	2,907
	2022	72,6	25,1	0,0	0,1	97,8	4,131	2,255	-	0,219	6,605
	2023	77,0	27,3	0,0	0,1	104,4	4,736	2,400	-	0,349	7,485
	Participação de SC no Brasil (%)										
	2014	12,7	4,0	-	-	6,9	13,0	10,9	-	-	11,8
	2022	12,5	2,9	-	33,3	6,7	13,4	12,7	-	19,2	13,3
2023	13,0	2,9	-	20,0	6,7	14,7	11,9	-	18,4	13,8	
BR	2014	613,2	1.205,1	-	-	1.818,3	10,143	14,540	-	-	24,684
	2022	580,1	873,0	-	0,3	1.453,4	30,898	17,700	-	1,141	49,736
	2023	590,5	956,9	-	0,5	1.547,9	32,113	20,200	-	1,896	54,206

Fonte: Banco Central do Brasil

A importância do Pronaf para agricultura familiar estadual fica ainda mais evidente quando se constata que os R\$7,484 bilhões aplicados no Estado em 2023 são superados apenas pelos R\$14,269 bilhões do Rio Grande do Sul e pelos R\$8,269 bilhões do Paraná. Fica ainda mais evidente no caso da pecuária, já que os R\$3,804 bilhões aplicados em Santa Catarina estão muito acima dos valores das demais unidades da Federação.⁴

⁴ Mais dados sobre o crédito rural estão disponibilizados em: <https://www.observatorioagro.sc.gov.br/areas-tematicas/politicas-publicas/paineis/>.

Desempenho da produção vegetal

Alho

Jurandi Teodoro Gugel – Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
jurandigugel@epagri.sc.gov.br

Produção e mercados mundiais

A produção mundial de alho em 2021 teve um aumento de 1,54% comparado ao ano de 2020, com uma produção de 28,26 milhões de toneladas. A área colhida foi de 1,66 milhão de hectares, aumento de 2,27% e a produtividade média foi de 16,97t/ha, redução de 0,7% em relação à do ano de 2020.

A China permanece como o maior produtor mundial com 20,45 milhões de toneladas, correspondendo a 72,38% da produção em 831,8 mil ha, em 2021. O segundo maior produtor é a Índia, com uma produção de 3,19 milhões de toneladas em uma área colhida de 392,0 mil ha. A participação dos dois países em 2021 foi de 83,67% da produção mundial.

A participação do Brasil na produção mundial da hortaliça aumentou 6,77% de 2020 para 2021, passando de 0,56% para 0,59% da produção mundial (Tabela 1).

Tabela 1. Alho – Produção mundial e dos principais países produtores – 2017-21

Discriminação	Quantidade produzida (mil t)					Área colhida (mil ha)				
	2017	2018	2019	2020	2021	2017	2018	2019	2020	2021
Mundo	28.221	28.554	30.755	27.832	28.261	1.582,8	1.551,9	1.639,7	1.627,6	1.664,7
China	22.217	22.333	23.305	20.408	20.457	820,1	793,1	834,2	827,8	831,8
Índia	1.693	1.721	2.910	2.925	3.190	321,0	303,0	358,0	352,0	392,0
Coreia do Sul	294	331	387	363	309	7,8	28,3	27,6	25,4	22,0
F. Russa	258	211	202	190	175	27,4	21,9	21,0	20,6	19,2
Bangladesh	425	461	466	485	502	66,3	71,4	71,7	73,6	72,9
Myanmar	204	207	208	210	211	27,7	28,0	28,2	28,1	28,2
Espanha	275	273	271	269	316	26,6	28,4	27,3	27,9	29,8
Ucrânia	186	187	215	212	215	21,5	22,2	23,6	23,8	22,9
Argentina	147	148	147	149	149	15,5	15,4	15,7	15,4	15,5
Demais Países	2.410	2.564	2.513	2.465	2.570	238,0	230,0	221,2	221,0	217,0
Brasil	121	118	131	156	167	10,6	10,5	11,2	12,2	13,1

Fonte: FAOSTAT, novembro/2023

Em 2021, as exportações mundiais de alho tiveram redução em quantidade e valores em relação ao ano de 2020, passando de 2,82 milhões de toneladas, para 2,44 milhões de toneladas e de US\$3,19 bilhões para US\$3,11 bilhões no mesmo período, decorrente da menor oferta mundial do produto (Figura 1).

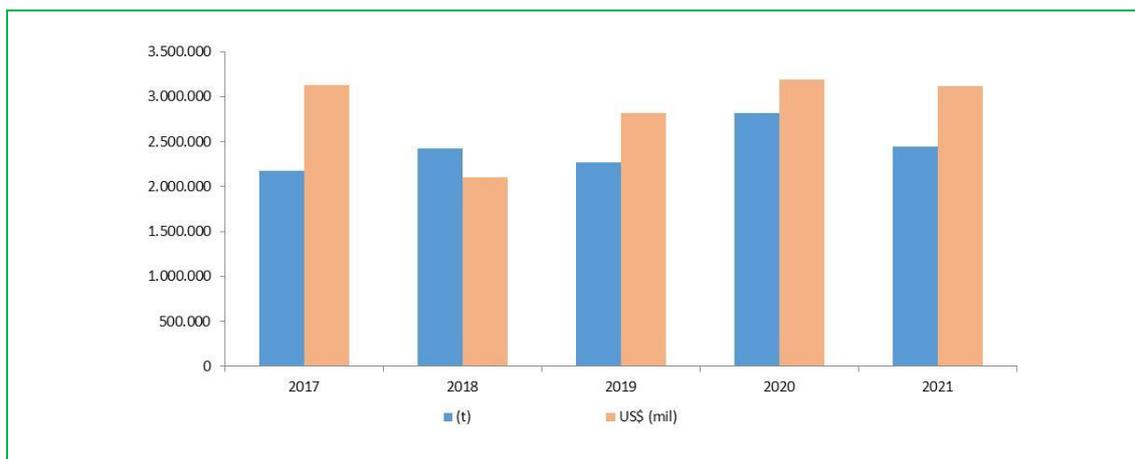


Figura 1. Alho – Evolução das exportações mundiais – 2017-21 (toneladas e US\$ mil)

Fonte: FAOSTAT, novembro/2023

Com relação às importações em 2021, entre os principais países importadores, a Indonésia se manteve como o maior importador da hortaliça com volume superior a 600 mil toneladas no ano. O Brasil, com um histórico de um dos maiores importadores de alho, passou da segunda para a terceira posição após a Malásia, basicamente pelo aumento da produção interna.

Os dez principais países importadores internalizaram 1,36 milhão de toneladas, perfazendo 61,2% do total mundial que foi de 2,22 milhões de toneladas em 2021 (Tabela 2).

Tabela 2. Alho – Principais países importadores – 2018-21 (mil t)

2018		2019		2020		2021	
Indonésia	582,9	Indonésia	521,3	Indonésia	587,7	Indonésia	603,0
Brasil	164,8	Brasil	165,4	Brasil	193,5	Malásia	125,7
Malásia	151,0	Malásia	108,6	Malásia	115,2	Brasil	138,8
EUA	90,1	EUA	96,1	Bangladesh	102,7	EUA	108,1
Tailândia	74,9	Bangladesh	82,1	EUA	101,6	Filipinas	92,1
Filipinas	74,6	Filipinas	82,1	Paquistão	101,0	E. Árabes Unidos	67,4
Bangladesh	65,4	E. Árabes	61,5	Tailândia	78,9	Paquistão	61,7
Arábia Saudita	53,6	Paquistão	58,0	E. Árabes Unidos	71,7	Bangladesh	61,6
Federação Russa	50,9	Tailândia	56,3	Filipinas	67,6	Arábia Saudita	50,8
Paquistão	37,5	F. Russa	53,5	Federação Russa	62,5	Fed. de Russa	49,2
Total	1.345,7	Total	1.284,7	Total	1.482,4	Total	1.358,4

Fonte: FAOSTAT, novembro/2023

Em 2021, os dados do MDIC/Siscomex Stat registraram que o Brasil importou 125,69 mil toneladas, volume com redução de 22,75% em relação a 2020 (Figura 2). Como podem ser observadas, as importações da hortaliça pelo Brasil mantêm tendência de redução. Em 2022 a internalização foi de 119,66 mil toneladas e em 2023 com 93,62 mil toneladas.

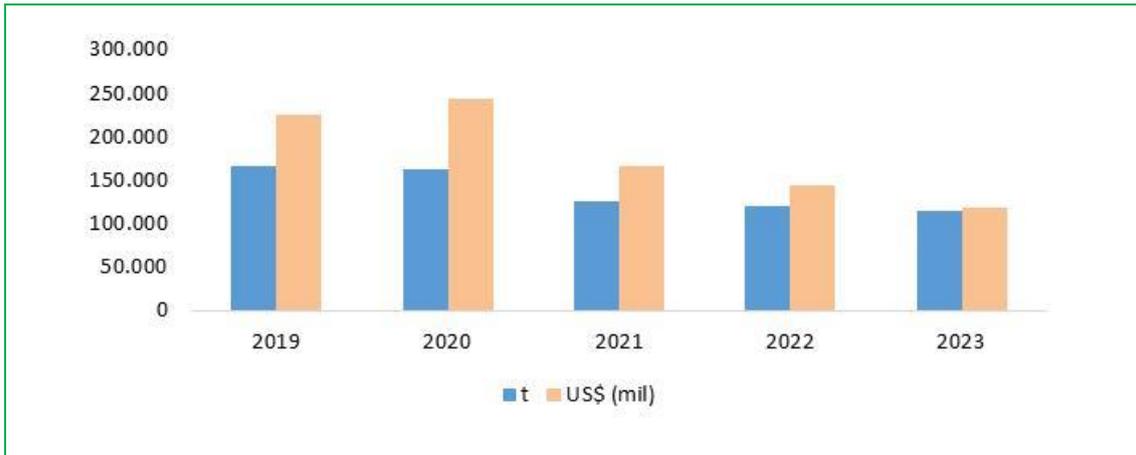


Figura 2. Alho – Brasil: evolução das importações – 2019-23

Fonte: MDIC/Siscomex Stat, janeiro/2024

Produção e mercado nacionais

A produção brasileira de alho, em 2021 foi de 167,1 mil toneladas, crescimento de 7,34% comparado à produção da safra de 2020. O aumento se deu pela ampliação da área plantada, que passou de 12.223ha para 13.063ha, um aumento de 6,87% puxado pelo estado de Minas Gerais e pelo ganho em produtividade. No ano de 2022 o país manteve a tendência de crescimento com a produção de 181,14 mil toneladas, puxada pelo aumento de 1,85% na área e 6,42% na produtividade, passando para 13.605kg/ha (Tabela 3).

Tabela 3. Alho – Brasil: área colhida, produção e rendimento principais estados produtores – safras 2020-22

UF	Área colhida			Produção total (t)			Rendimento (kg/ha)		
	2020	2021	2022	2020	2021	2022	2020	2021	2022
Bahia	609	535	713	6.953	5.099	7.296	11.417	9.531	10.233
Minas Gerais	4.053	4.861	5.237	61.905	73.940	80.103	15.274	15.211	15.296
Paraná	326	312	271	1.504	1.417	1.213	4.613	4.542	4.476
Santa Catarina	1.726	1.881	1.580	13.281	18.419	14.635	7.695	9.792	9.263
Rio G. do Sul	1.598	1.488	1.582	12.016	11.478	12.989	7.519	7.714	8.210
Goiás	3.425	3.500	3.440	53.590	50.213	58.459	15.647	14.347	16.994
Distrito Federal	300	300	300	4.800	4.800	4.800	16.000	16.000	16.000
Espírito Santo	157	154	154	1.481	1.561	1.483	9.433	10.136	9.630
Demais	29	32	28	170	202	171	5.862	6.312	6.107
Brasil	12.223	13.063	13.305	155.700	167.129	181.149	12.738	12.794	13.615

Fonte: IBGE, novembro/2023

Quanto à distribuição da produção brasileira, sete estados e o Distrito Federal concentram mais de 99% da produção nacional da hortaliça. Destacam-se neste grupo Minas Gerais, Goiás, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Bahia.

O estado de Minas Gerais é o maior produtor nacional. O Estado produziu, em 2021, mais de 73,9 mil toneladas, o equivalente a 44,24% da produção. Em 2022, Minas Gerais produziu 80,1 mil toneladas, mantendo sua participação acima de 44% da produção nacional.

Goiás, segundo produtor brasileiro, produziu em 2021, 50,21 mil toneladas, 30,04% da produção nacional. Em 2022, a produção do Estado passou para 58,45 mil toneladas, atingindo 32,27% da produção brasileira.

Em terceiro lugar, Santa Catarina produziu em 2021, 18,41 mil toneladas e 11,02% da produção. Porém em 2022 o estado catarinense teve redução da produção, com 14,63 mil toneladas, produção 20,54% menor que a do ano de 2021. O Rio Grande do Sul, em 2022 teve aumento de produção em 13,16% em relação ao ano de 2021, puxado pelo aumento de área plantada e aumento da produtividade das lavouras (Tabela 3).

A produção de alho no Brasil se mantém com a tendência de aumento nos últimos cinco anos. No período, o crescimento foi de 52,39%. Contribuíram para estes resultados o aumento de área plantada e a produtividade, especialmente pela expansão da produção na região do Cerrado brasileiro e pela maior competitividade do produto nacional por sua alta qualidade e maior aceitação pelo consumidor em relação ao alho importado. Também foi positiva a relação cambial favorável à produção brasileira (Figura 3).

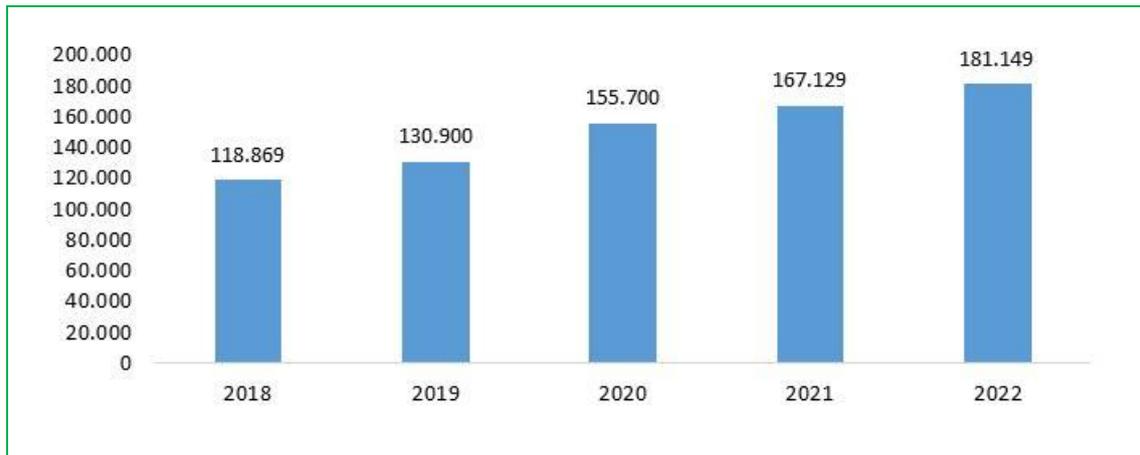


Figura 3. Alho – Brasil: evolução da produção – 2018-22 (tonelada)

Fonte: IBGE, novembro/2023

Concomitantes à expansão da área plantada, a incorporação de tecnologias e as inovações nos processos produtivos proporcionaram avanços importantes no desempenho da cultura. As melhorias podem ser percebidas no aumento da produtividade, que passou de 11.254kg/ha em 2018, para 13.615kg/ha em 2022, um incremento de 20,97% no período (Figura 4).

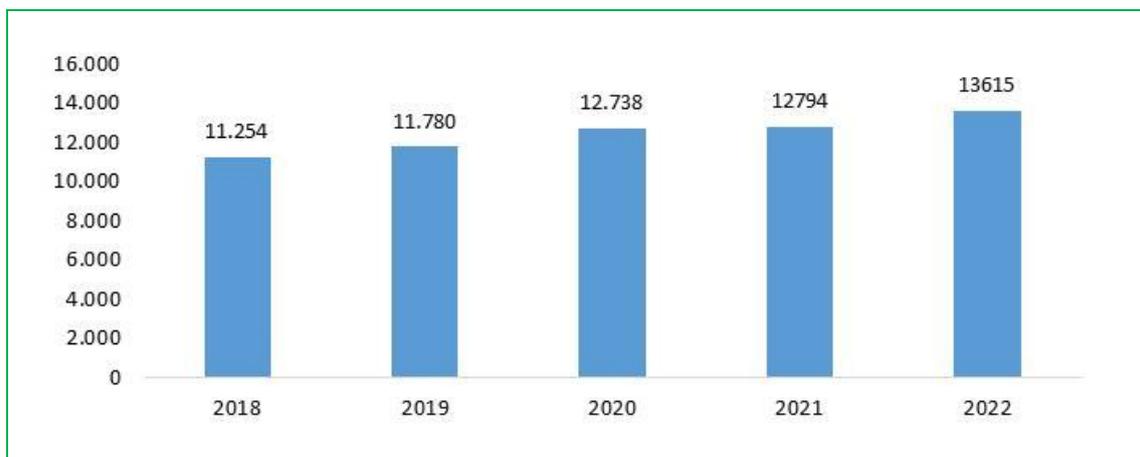


Figura 4. Alho – Brasil: evolução da produtividade – 2018-22 (t/ha)

Fonte: IBGE, novembro/2023

Em relação ao consumo anual aparente (produção nacional + importação), no ano de 2022 o consumo de alho foi de 274,76 mil toneladas, redução de 4,19% em relação a 2021 (Figura 5).

De acordo com avaliações de algumas associações estaduais de produtores e da Associação Nacional de Produtores de Alho (Anapa), portanto, dados não oficiais, a produção da hortaliça no Brasil no ano de 2023 deve atingir 190 mil toneladas. Se confirmado o aumento da produção, a participação da produção nacional deve alcançar 69% do consumo interno.

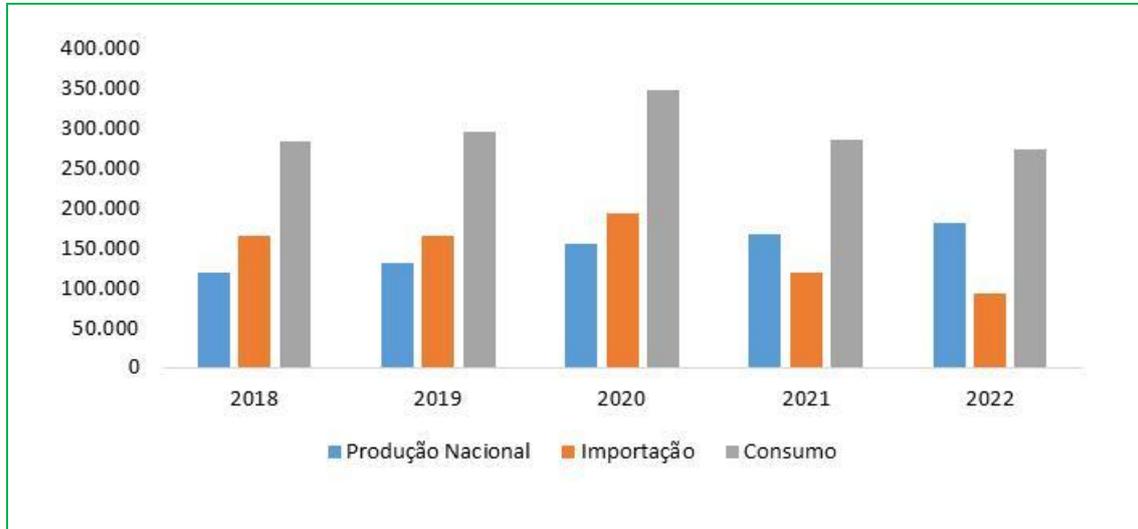


Figura 5. Alho – Brasil: produção, importação e consumo – 2018-22 (t/ano)

Fonte: MDIC/Siscomex Stat e IBGE, novembro/2023

Produção e mercado estaduais

A cultura do alho em Santa Catarina, berço nacional da produção, enfrenta nos últimos anos uma série de desafios. Com a expansão da produção nas regiões do Cerrado, a produção catarinense está diminuindo sua participação na produção nacional.

Na safra 2022, houve redução na área plantada em decorrência do baixo retorno econômico aos produtores. Grande parte da produção foi comercializada a preços abaixo do custo médio estimado para Santa Catarina. Outro aspecto importante foi o forte aumento no custo de produção que contribuiu para a redução da área plantada em 17,58% em relação à safra de 2021.

Quanto à distribuição geográfica da produção, as microrregiões de Curitibanos e Joaçaba foram as mais importantes em 2022, com destaque para os municípios de Frei Rogério (420ha), Fraiburgo (385ha), Lebon Régis (180ha) e Curitibanos (280ha).

Na safra de 2023, ocorreu nova redução de área plantada no Estado. O total chegou a apenas 994ha, a menor área plantada das últimas décadas (Figura 6).

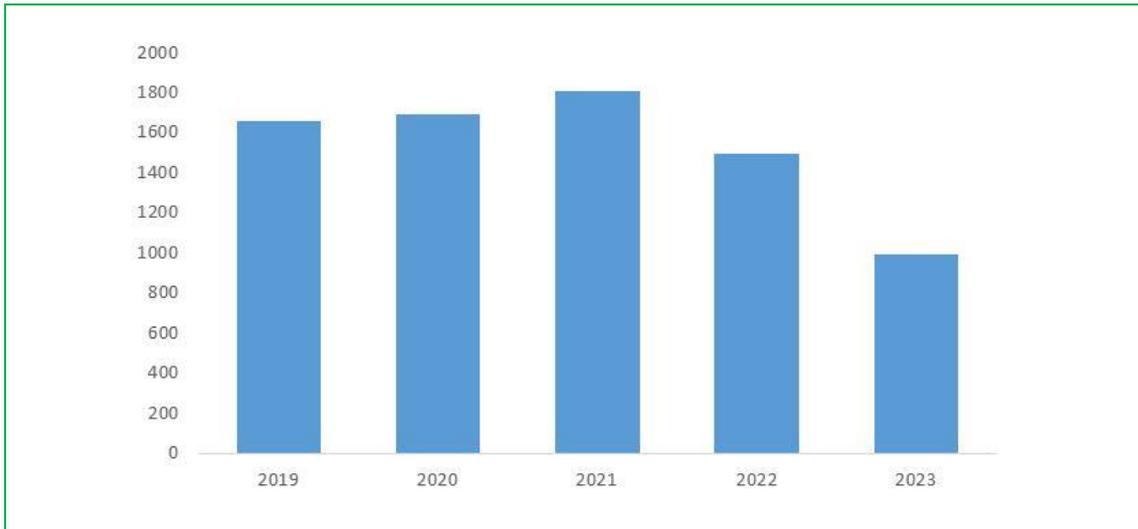


Figura 6. Alho – Santa Catarina: evolução da área colhida – 2019-23 (ha)

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2024

A produção da safra catarinense em 2022 foi de 16.277 toneladas, redução de 14,82% em relação à safra de 2021. A safra 2023, segundo o acompanhamento sistemático de safra da Epagri/Cepa, aponta para uma produção de 7.262 toneladas, redução de 55,25% em relação à safra anterior (Figura 7).

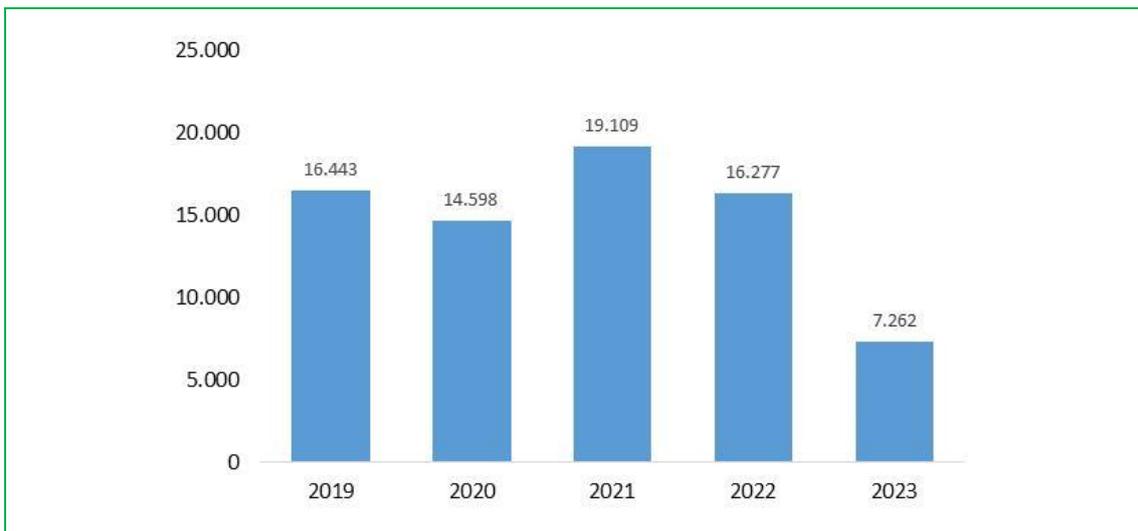


Figura 7. Alho – Santa Catarina: evolução da produção – 2019-23 (t)

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2023

A boa infraestrutura das propriedades produtoras de alho em Santa Catarina não impediu perdas importantes da produção por eventos climáticos, como estiagens, excesso de chuvas, granizo e vendavais. A safra 2023 foi fortemente afetada pela ocorrência de chuvas excessivas prejudicando o desenvolvimento e o desempenho da safra em Santa Catarina. A consequência foi a redução da produtividade, estimada inicialmente em 10.891kg/ha para 7.306kg/ha, equivalente a uma redução de 32,91% comparado à safra de 2022.

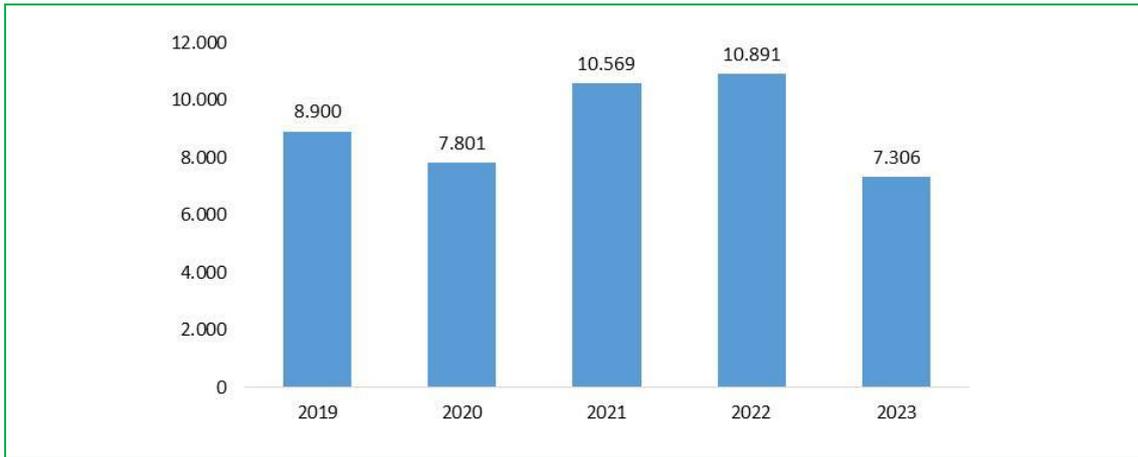


Figura 8. Alho – Santa Catarina: evolução da produtividade – 2019-23

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2024

Para concluir, registramos a participação da cultura do alho no Valor da Produção Agrícola (VPA) de Santa Catarina. Na safra 2022, a hortaliça gerou valor de R\$114,42 milhões, redução de 20,40% em relação ao da safra anterior, cujo resultado foi de R\$143,76 milhões.

Arroz

Glaucia Padrão – Economista, Dra. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado mundiais

A produção mundial de arroz tem se mantido estável ao longo dos anos. Com pouca disponibilidade de áreas para expansão da cultura nos principais produtores, a variação média tem sido de aproximadamente 1% ao ano no período compreendido entre 2020 e 2023. Na safra 2022/23, a produção mundial foi de 512,96 milhões de toneladas e os principais países produtores permaneceram os mesmos, com a China ocupando 28,45% do total, seguida da Índia com 26,47%. Mesmo com uma safra severamente prejudicada pela estiagem no sul do país, o Brasil se manteve como o décimo no ranking de produtores mundiais. Apesar de alguns dos principais países terem aumentado suas produções na safra 2022/23, problemas climáticos enfrentados pelos Estados Unidos e Paquistão resultaram em uma safra mundial menor, comparativamente ao ano anterior (safra 2021/22). O Paquistão vem enfrentando problemas com inundações em áreas tradicionais no plantio do arroz há duas safras e os Estados Unidos, além da redução de área que vem ocorrendo nos últimos anos, tiveram problemas com estiagem na safra 2022/23. Para a safra 2023/24 espera-se um crescimento de 0,11%, que representa uma retomada à produção obtida na safra 2021/22, marcada especialmente pela recuperação da produção brasileira e paquistanesa (Tabela 1).

Tabela 1. Arroz beneficiado – Principais países produtores – 2019/20-2023/24

(milhões de toneladas)

País	2019/20	2020/21	2021/22	2022/23	2023/24 ⁽¹⁾	Cresc. % (20-23)	Var. % (23-24)
Total mundial	498,18	508,80	513,10	512,96	513,54	0,98	0,11
China	146,73	148,30	148,99	145,95	144,62	-0,18	-0,91
India	118,87	124,37	129,47	135,76	132,00	4,53	-2,77
Bangladesh	35,85	34,60	35,85	36,35	36,30	0,46	-0,14
Indonésia	34,70	34,50	34,40	34,00	33,50	-0,68	-1,47
Vietnã	27,10	27,38	26,67	26,94	27,00	-0,20	0,22
Tailândia	17,66	18,86	19,88	20,91	20,00	5,80	-4,35
Filipinas	11,93	12,42	12,54	12,63	12,60	1,91	-0,20
Burma	12,65	12,60	12,40	11,80	11,95	-2,29	1,27
Paquistão	7,21	8,42	9,32	5,50	9,00	-8,61	63,64
Brasil	7,60	8,00	7,34	7,00	7,48	-2,69	6,80
Japão	7,61	7,57	7,64	7,48	7,30	-0,58	-2,41
Outros	70,28	71,78	68,60	68,65	71,79	-0,78	4,58

⁽¹⁾ Dados de janeiro de 2024.

Fonte: USDA, janeiro/2024

Com o consumo ajustado à produção, os estoques mundiais de arroz são baixos. Na safra 2022/23, o consumo totalizou 520,09 milhões de toneladas, o que representa 1,39% a mais do que foi produzido na mesma safra. Dessa forma, os estoques mundiais na safra totalizaram 175,81 milhões de toneladas. O estoque chinês representa a maior parcela do total (61%), que foi reduzido significativamente na referida safra e pode ser explicado pela menor produção obtida. Já a relação entre estoque/consumo vem se reduzindo ao longo dos anos e na safra 2022/23 foi de 33,78%, o que tem impacto direto nos preços internacionais, haja vista a relação inversa entre estoque e preços. Para a safra 2023/24, espera-se que o consumo

continue sua trajetória crescente, embora com variações pouco relevantes, e o estoque deverá ser menor do que o observado na safra anterior. Com isso, a relação estoque/consumo deverá continuar sua trajetória de queda, passando a 32,03% e exercendo pressão de alta sobre os preços mundiais.

No que tange o mercado externo, observa-se que este ainda se caracteriza como pouco expressivo em termos de comércio entre países. Na safra 2022/23, as exportações mundiais representaram 10,21% do volume produzido. O volume exportado cresceu cerca de 4,9% ao ano no período de 2019/20 a 2022/23, sem, contudo, aumentar a participação das exportações no volume produzido, que tem se mantido em torno de 10% a cada ano, e com pouca variação no que se refere aos principais países no ranking. Do volume exportado, Índia, Tailândia e Vietnã representaram 66% do total comercializado na safra 2022/23, o que significa uma variação de -6,12% em relação à safra anterior. Salienta-se, contudo, que, embora na safra 2022/23 a Tailândia tenha exportado mais, comparativamente aos anos anteriores, o país vem reduzindo significativamente sua participação no mercado internacional em função do aumento da produção de aromáticos em outros países e dos problemas climáticos enfrentados nas últimas safras. O Brasil tem se mantido na nona posição entre os principais países exportadores. Apesar de pouco representativas em comparação aos primeiros colocados, as exportações brasileiras vêm apresentando crescimento, com aumento da participação, principalmente do Rio Grande do Sul no mercado externo. Para a safra 2023/24, o aumento de 0,11% da produção mundial não deverá refletir nas exportações, cuja variação prevista em relação à safra anterior é de -0,43%. Isto porque os três principais exportadores, com exceção da China que permanece estável, estimam produções menores para a safra, comparativamente à safra anterior, o que tende a reduzir o potencial de atuação no mercado externo. Por outro lado, o Brasil se destacou no cenário internacional na última safra, em razão do câmbio favorável e da possibilidade de cobrir o mercado ocupado pelos Estados Unidos, por exemplo, e tende a aumentar sua participação nas exportações em 6,8% na safra 2023/24, se a estimativa de produção se mantiver favorável frente ao El Niño. (Tabela 2)

Tabela 2. Arroz beneficiado – Principais países exportadores – 2019/20-2023/24

(milhões de toneladas)

País	2019/20	2020/21	2021/22	2022/23	2023/24 ⁽¹⁾	Cresc. % (20-23)	Var. % (23-24)
Total Mundial	45,37	52,18	56,12	52,39	52,16	4,91	-0,43
Índia	14,58	21,24	22,12	17,50	16,50	6,28	-5,71
Tailândia	5,72	6,28	7,68	8,70	8,20	15,04	-5,75
Vietnã	6,17	6,27	7,05	8,40	7,60	10,85	-9,52
Paquistão	3,93	3,93	4,53	4,30	5,00	3,01	16,28
Estados Unidos	2,86	2,95	2,19	2,25	2,68	-7,65	18,89
China	2,27	2,41	2,17	1,60	2,20	-10,94	37,50
Cambodja	1,35	1,85	1,70	1,90	1,95	12,07	2,63
Burma	2,30	1,90	2,34	1,50	1,80	-13,28	20,00
Brasil	1,24	0,78	1,45	1,21	1,30	-0,87	7,62
Uruguai	0,97	0,70	0,98	0,98	0,95	0,21	-2,56
Outros países	4,00	3,86	3,92	4,05	3,99	0,48	-1,60

⁽¹⁾ Dados de janeiro de 2024.

Fonte: USDA, janeiro/2024

Do lado das importações, ao longo do período analisado, observa-se que a China se destacava como maior importador até a safra 2021/22 e com necessidades crescentes até aquele ano. No entanto, na safra 2022/23 houve uma mudança significativa no cenário internacional. As Filipinas, apesar de manter estável a produção naquele ano, se destacaram como maior



importador mundial e a Indonésia como segunda no ranking daquele ano. A China, que ocupou o terceiro lugar na safra 2022/23, tende a subir uma posição na safra 2023/24. Entre as causas dessas alterações, destacam-se as sucessivas reduções na produção da Indonésia, que enfrentou, assim como Índia, Tailândia e Vietnã, problemas com seca nas áreas de produção provocados pelo El Niño. Por ser um país cuja alimentação tem o arroz como base de consumo, justificou-se a necessidade de aumento das importações. Além disso, para manter a necessidade de consumo de sua população, a China que também enfrentou problemas na safra 2022/23 e 2023/24, reduziu seus estoques para suprir a redução da produção. Ademais, entre as principais origens do arroz importado pela China são Vietnã, Mianmar e Tailândia, que enfrentaram problemas climáticos nas últimas safras. Outro aspecto é a elevação dos preços mundiais do grão, influenciados especialmente pela proibição das exportações de arroz branco não basmati da Índia (maior exportador mundial), que, na tentativa de segurar os preços internos, elevou os preços externos. Esses fatores somados podem explicar a redução das importações chinesas nessas duas safras.

Tabela 3. Arroz beneficiado – Principais importadores mundiais – 2019/20-2023/24

(milhões de toneladas)

País	2019/20	2020/21	2021/22	2022/23	2023/24 ⁽¹⁾	Cresc. % (20-23)	Var. % (23-24)
Total Mundial	45,37	52,18	56,12	52,39	52,16	4,91	-0,43
Filipinas	2,45	2,95	3,80	3,75	3,80	15,24	1,33
China	3,20	4,92	6,16	2,60	2,80	-6,69	7,69
Indonésia	0,55	0,65	0,74	3,10	2,50	77,96	-19,35
União Européia	2,00	1,86	2,49	2,25	2,40	4,02	6,67
Nigéria	1,80	2,10	2,40	2,10	2,10	5,27	0,00
Iraque	0,97	1,32	2,12	1,90	2,00	25,03	5,26
Arábia Saudita	1,61	1,16	1,32	1,40	1,40	-4,61	0,00
Senegal	1,05	1,25	1,50	1,40	1,40	10,06	0,00
Vietnã	0,40	1,80	1,70	1,80	1,40	65,10	-22,22
Estados Unidos	1,21	0,98	1,32	1,30	1,33	2,42	1,92
Outros países	30,13	33,19	32,57	30,79	31,04	0,73	0,82

⁽¹⁾ Dados de janeiro de 2024.

Fonte: USDA, janeiro/2024

Produção e mercado nacionais

A produção nacional de arroz é de cerca de 11 milhões de toneladas base casca, plantados em 1,6 milhões de hectares. Nas últimas safras a área tem se reduzido, especialmente no principal estado produtor. A produção de arroz é observada em boa parte do país, mas concentra-se no Rio Grande do Sul (71% da produção total), Santa Catarina (11%) e Tocantins (5%). Os estados que se destacam são especializados na produção de arroz irrigado, que comparativamente ao arroz de sequeiro, possui menor custo e maior produtividade. Nas regiões Norte e Nordeste do país, o grão é utilizado para abertura de novas áreas a serem ocupadas com milho e soja, por exemplo, e por isso, as áreas nessas regiões oscilam a cada safra (Tabela 4). Com relação à safra 2022/23, nota-se uma redução de 7,03% na quantidade produzida e 8,58% na área plantada. Entre as causas da redução de área, destaca-se a concorrência com outras culturas mais rentáveis, como a soja, e aumento dos preços dos insumos. No que se refere à redução da produção, a forte estiagem e os níveis mais baixos dos reservatórios de água utilizada para irrigação no Rio Grande do Sul, que afetou as duas últimas safras, levaram à redução da produtividade e qualidade dos grãos, culminando em uma quebra de aproximadamente 10%



da produção daquele estado. A safra 2023/24, iniciou com fortes chuvas nos dois principais estados produtores, que levou ao replantio de algumas áreas. No entanto, espera-se uma recuperação das áreas plantadas no Rio Grande do Sul, e aumento da produção nacional em aproximadamente 7%, comparativamente à safra anterior. A redução da oferta interna do grão no ano de 2023, como resultado da quebra da safra gaúcha e aumento das exportações, levou os preços a se comportarem como no período da pandemia, com valores acima de R\$100/saca de 50kg a partir do segundo semestre do ano.

Tabela 4. Arroz – Área plantada, quantidade produzida do Brasil e principais estados produtores – Safras 2019/20-2023/24

UFs	Área plantada (mil ha)					Quantidade produzida (mil t)					Var. Área (%) 23 -24 ⁽¹⁾	Var. Quant. (%)23 -24 ⁽¹⁾
	19/20	20/21	21/22	22/23	23/24 ⁽¹⁾	19/20	20/21	21/22	22/23	23/24 ⁽¹⁾		
Brasil	1.665,8	1.679,2	1.618,3	1.479,5	1.565,4	11.183,4	11.766,4	10.788,8	10.030,4	10.755,5	5,81	7,23
RS	946,0	946,0	957,4	862,6	923,0	7.866,9	8.277,5	7.654,4	6.934,4	7.661,8	7,00	10,49
SC	149,6	148,6	147,9	146,6	146,0	1.211,8	1.254,9	1.178,3	1.227,6	1.183,3	-0,41	-3,61
TO	122,7	124,4	100,5	88,1	95,0	660,0	692,2	560,7	532,5	567,9	7,83	6,65
MT	118,7	122,5	93,3	74,9	90,4	404,8	422,0	332,1	277,4	318,4	20,69	14,78
MA	89,9	95,2	103,6	94,6	94,8	153,8	172,4	211,8	188,7	165,5	0,21	-12,29
PR	21,8	21,0	21,5	20,9	19,4	152,6	154,7	159,7	159,9	139,1	-7,18	-13,01
RO	42,5	36,8	32,9	37,3	37,9	139,4	121,4	105,3	122,9	125,3	1,61	1,95
PA	44,4	43,8	35,2	34,3	34,5	109,0	117,2	111,0	103,0	109,1	0,58	5,92
RR	10,3	12,5	12,0	12,0	12,1	70,6	90,6	88,8	89,0	91,1	0,83	2,36
GO	22,6	24,2	18,9	14,6	16,0	120,4	130,9	85,5	81,6	88,2	9,59	8,09
Outros	97,0	104,0	95,0	94,0	96,0	294,0	333,0	301,0	313,0	306,0	2,88	-2,43

⁽¹⁾ Estimativa de dezembro de 2023.

Fonte: Conab, dezembro/2023

O comércio internacional do arroz no Brasil, como na maioria dos países produtores, é pouco expressivo, devido ao ajuste do consumo à produção. No ano de 2023, em razão do mercado internacional aquecido, o volume exportado de arroz e seus derivados chegou a US\$622,02 milhões, o que, contudo não ultrapassou o valor exportado no ano de 2022, que foi o maior valor dos últimos dez anos. Cabe destacar que o México se manteve como principal país de destino das exportações em 2023 (19,27% do valor total), haja vista a política de isenção da taxa de importações para produtos básicos como medida de combate à inflação, que beneficiou a entrada do grão brasileiro. Este não é um parceiro comercial tradicional do Brasil, mas caso permaneça a isenção ou um acordo comercial, pode se tornar um importante destino para o grão, visto que os Estados Unidos têm redirecionado a produção para outros mercados e diminuído a oferta para a América Central e México. Outros países se destacaram como destino das exportações em 2023, como Costa Rica (14,52%), Senegal (14,07%) e Venezuela (13,29%). (Tabela 5). Além do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, que juntos responderam por 98% do valor exportado em 2023, outros estados como Roraima e Mato Grosso têm se inserido no mercado exportador do grão.

Tabela 5. Arroz – Exportações brasileiras por países de destino – 2018-23

(US\$ milhões)

País	2018	2019	2020	2021	2022	2023
Total	466,75	368,45	503,58	359,09	656,33	622,02
México	0,00	0,23	29,53	8,38	152,94	119,85
Costa Rica	16,86	4,24	29,15	27,56	49,69	90,34
Senegal	44,52	48,68	40,18	34,73	84,85	87,53
Venezuela	170,57	98,00	103,69	51,37	79,08	82,72
Peru	40,82	49,89	60,77	57,15	36,76	37,96
Gâmbia	26,48	29,72	30,89	30,12	29,34	36,50
Cuba	27,26	12,28	27,53	29,86	49,83	33,73
Estados Unidos	15,82	16,00	30,19	18,14	21,17	28,11
El Salvador	0,00	0,00	3,09	0,00	17,32	17,66
Países Baixos (Holanda)	5,02	0,03	6,59	35,49	21,90	16,45
Outros	119,39	109,39	141,98	66,28	113,44	71,17

Fonte: Comexstat, janeiro/2024

Do lado das importações, o Paraguai tem se mantido como principal parceiro comercial do Brasil e nos últimos anos tem aumentado sua participação no mercado. Em 2023, o valor importado foi de US\$529,55 milhões, dos quais o Paraguai participou com 58,58%, o que representa um incremento de 44,4% em relação ao ano anterior. Uruguai e Argentina permaneceram como fortes parceiros comerciais do Brasil e também tiveram suas participações aumentadas, sendo responsáveis por 38% do valor importado. A proximidade com as principais indústrias de beneficiamento do grão, localizadas no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, menores custos de transporte, bem como a similaridade do grão produzido nestes países com o demandado pelos consumidores brasileiros, facilitam a entrada e permanência destes no mercado (Tabela 6). Entre as explicações para o aumento das importações encontra-se a redução da oferta interna, resultante da quebra da safra gaúcha e o aumento das exportações do grão. Minas Gerais, Rio Grande do Sul e São Paulo foram responsáveis por 80,19% das importações no ano.

Tabela 6. Arroz – Importações brasileiras por países de origem – 2018-23

(US\$ milhões)

País	2018	2019	2020	2021	2022	2023
Total	217,31	244,75	376,53	316,79	349,99	529,55
Paraguai	137,47	150,59	164,69	193,25	214,77	310,22
Uruguai	35,38	42,86	89,25	54,41	83,05	173,89
Argentina	35,25	42,73	47,36	31,13	41,26	29,57
Itália	6,00	6,08	7,88	7,74	9,13	11,80
Chile	0,21	0,44	0,00	0,00	0,00	1,44
Vietnã	0,16	0,20	0,47	0,10	0,08	1,11
Tailândia	0,18	0,23	0,34	13,14	0,31	0,52
Paquistão	0,15	0,18	0,21	0,40	0,30	0,46
Portugal	0,01	0,10	0,03	0,01	0,94	0,29
Espanha	0,06	0,09	0,10	0,15	0,10	0,14
Outros países	2,45	1,26	66,20	16,46	0,05	0,12

Fonte: Comexstat, janeiro/2024

Produção e mercado estaduais

Em Santa Catarina, o arroz irrigado é produzido em 93 municípios, concentrados no Litoral Sul (67,77%), seguido da região Litoral Norte (23,16%), Alto Vale do Itajaí (7,04%) e Grande Florianópolis (2,01%). Contrariando a expectativa inicial, que apontava para atraso no plantio e potencial perda na floração em decorrência deste atraso, a safra 2022/23 encerrou com produtividade média 1,6% maior do que a observada na safra 2021/22, alcançando a maior marca registrada no Estado (8.621kg por hectare). O bom resultado pode ser atribuído ao incremento em tecnologia, à utilização de cultivares de alto potencial produtivo e à melhoria do manejo. Cabe destacar que, em levantamento coordenado pela Epagri/Cepa, no qual foram entrevistados 942 produtores de arroz, foram apontados os cultivares SCS 116 Satoru, SCS 121 CL e SCS 122 Miura, todos da Epagri, como os mais plantados, representando, juntos, cerca de 60% da área do Estado. Em termos de desempenho da safra, destaca-se que esta não foi marcada por problemas generalizados ou de grande monta. Pontualmente, foram registrados problemas de excesso de chuva na região de Tubarão, Tabuleiro e Tijucas, o que resultou em redução de produtividade e em necessidade de replantio em algumas áreas. Com isso, a produção alcançou a marca de 1,27 milhão de toneladas (1,24% a mais do que na anterior), que segue tanto para o mercado externo quanto para beneficiamento na indústria. Os principais municípios produtores foram Turvo, Forquilha e Meleiro, responsáveis por 24,5% da produção estadual.

Tabela 7. Arroz Irrigado – Santa Catarina: Comparativo de safra por região agro, safras 2022/23 e 2023/24

Região Agro	2022/23			2023/24 ⁽¹⁾			Variação (%)		
	Área plantada (mil ha)	Quantid. produzida (mil t)	Rend. médio (t/ha)	Área plantada (mil ha)	Quantid. produzida (mil t)	Rend. médio (t/ha)	Área plantada	Quantid. produzida	Rend. médio
Santa Catarina	147,03	1.264,92	8,60	145,71	1.244,49	8,54	-0,90	-1,62	-0,72
Litoral Sul	98,75	857,51	9,42	98,75	848,91	8,62	0,00	-1,00	-8,56
Litoral Norte	34,35	284,01	8,68	33,75	286,51	8,60	-1,74	0,88	-1,00
Alto Vale do Itajaí	10,99	103,54	8,27	10,27	88,46	8,49	-6,56	-14,56	2,66
Grande Florianópolis	2,94	19,87	6,76	2,94	20,60	7,02	-0,17	3,71	3,89

⁽¹⁾ Safra em andamento, atualizada em janeiro de 2024.

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2024

No que tange a safra 2023/24, em andamento, a estimativa atual aponta para leve redução da área em relação à safra anterior (variação de -0,90%), ocorrida principalmente na região do Alto Vale do Itajaí, e explicada pela recorrência de eventos climáticos (excesso de chuva) que impossibilitou o replantio de algumas áreas. Estima-se ainda que a produtividade será menor, aproximadamente -0,93%, haja vista que a ocorrência de chuvas excessivas, baixa luminosidade e excesso de nebulosidade decorrentes do fenômeno El Niño e, conseqüentemente, da dificuldade de execução de tratamentos fitossanitários, têm prejudicado o desenvolvimento das lavouras e podem reduzir a produtividade. Com isso, a produção estimada é de 1,244 milhão de toneladas de arroz em casca (1,82% menor em relação à safra passada) a serem absorvidas pela indústria. A demanda da indústria catarinense gira em torno de 1,5 milhão de toneladas, em sua maior parte supridas pela produção do Estado e o restante pelos países do Mercosul (Uruguai e Paraguai) e pelo Rio Grande do Sul.

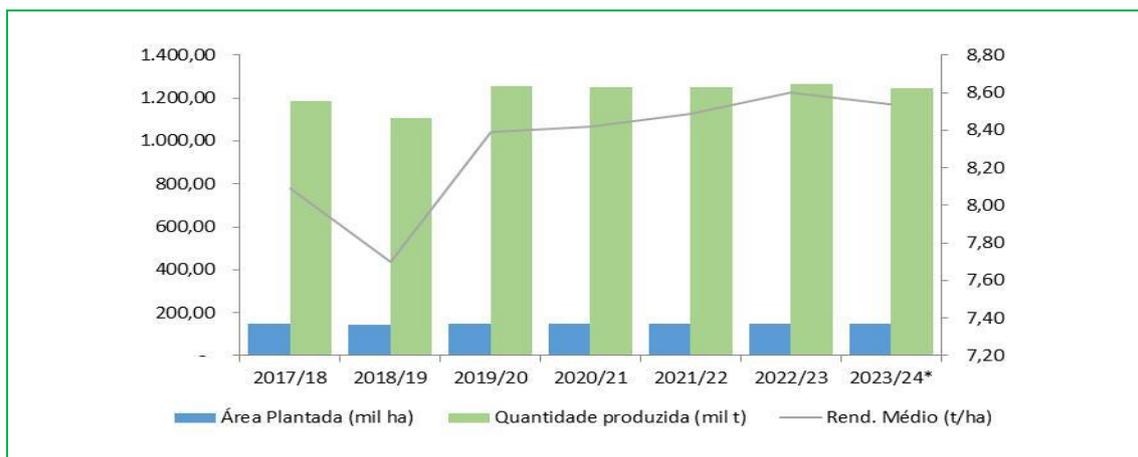


Figura 1. Arroz – Santa Catarina: Evolução da Área, produção e rendimento médio, safra 2017/18 a 2023/24

(*) Safra em andamento, atualizada em janeiro de 2024.

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2024

Em 2023, Santa Catarina foi o segundo maior exportador de arroz do país, ficando atrás apenas do Rio Grande do Sul, que respondeu por 96,68% do total. De janeiro a dezembro de 2023, as exportações catarinenses de arroz e seus derivados somaram US\$9,723 milhões, tendo como principal destino a Venezuela (76,09% do total exportado). Esse valor é mais que o dobro do total exportado em todo o ano de 2022 e representa cerca de 2,0% do total exportado pelo Brasil em 2023. Isto porque o dólar estava favorável e impulsionou as exportações, e os Estados Unidos, grande concorrente do Brasil no mercado externo, apresentaram quebra na última safra. No entanto, do lado das importações, para suprir a necessidade da indústria e em razão da baixa oferta interna, desde junho deste ano houve um incremento significativo, totalizando US\$26,006 milhões de janeiro a dezembro de 2023, o que representou um incremento de 103,85% em relação ao mesmo período do ano anterior e atingiu patamar aproximado ao observado em 2020, período da pandemia, onde a redução das tarifas de importação tornaram o Brasil um destino viável. O principal parceiro comercial segue sendo o Uruguai (63,69%), pela proximidade dos mercados e pelas características similares do grão consumido no Brasil, mas o país contou com outros parceiros como o Paraguai e Argentina, apesar dos problemas climáticos enfrentados por aqueles países. A necessidade de importação do Brasil foi maior esse ano, visto que a safra gaúcha foi muito prejudicada pela estiagem. Com isso, a balança comercial fechou o ano com saldo de US\$16,29 milhões.

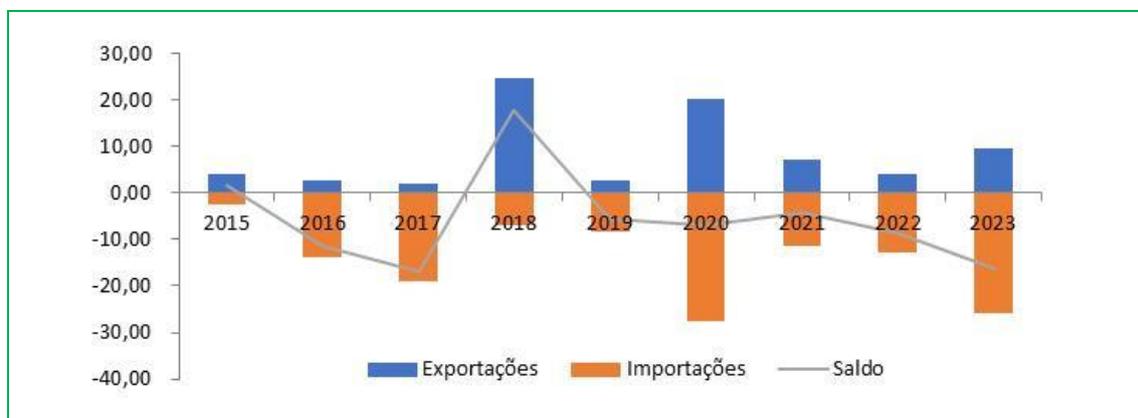


Figura 2. Arroz – Exportações, importações e saldo da balança comercial catarinense – 2015-23 – (US\$ milhões)

Fonte: MDIC/Comex Stat, janeiro/2024



Analisando as características do comércio internacional do arroz catarinense, de maneira geral, o produto que ocupa a maior parte das exportações é o arroz com casca, que em 2023 representou cerca de 76% do valor total exportado. Do lado das importações, contudo, o produto de maior participação é o arroz semibranqueado ou branqueado, de maior valor agregado, que em 2023 representou cerca de 82% do valor total importado. Esta não é uma característica exclusiva do estado de Santa Catarina, e se repete entre os demais estados, como por exemplo, Rio Grande do Sul e Roraima, que juntamente com Santa Catarina, são os maiores exportadores nacionais.

Banana

Rogério Goulart Junior, Economista, Dr. – Epagri/Cepas
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado mundiais

Em 2022, a bananicultura mundial produziu 135,1 milhões de toneladas, com crescimento de 3,3% a.a., entre 2020 e 2022. Com mais de 5,9 milhões de hectares de área colhida, apresentou produtividade média de 22.745 quilos por hectares.

Entre os cinco continentes, a Ásia participou com 51,8% da produção, as Américas com 23,8%, a África com 22,8%, a Oceania com 1,2% e a Europa com apenas 0,4%. No continente americano, a América do Sul representou 14% e a América Central 9,7% da produção mundial (Figura 1).

Os dois principais continentes produtores apresentaram produtividade média acima da mundial: a Ásia com 32.445 quilos por hectare, com crescimento de 1,7%, entre 2021 e 2022, e as Américas com 23.780 quilos por hectare, mas com redução de 0,1% nos dois últimos anos. A África apresentou produtividade média de 13.311 quilos por hectare e crescimento de 0,5%, entre 2021 e 2022.

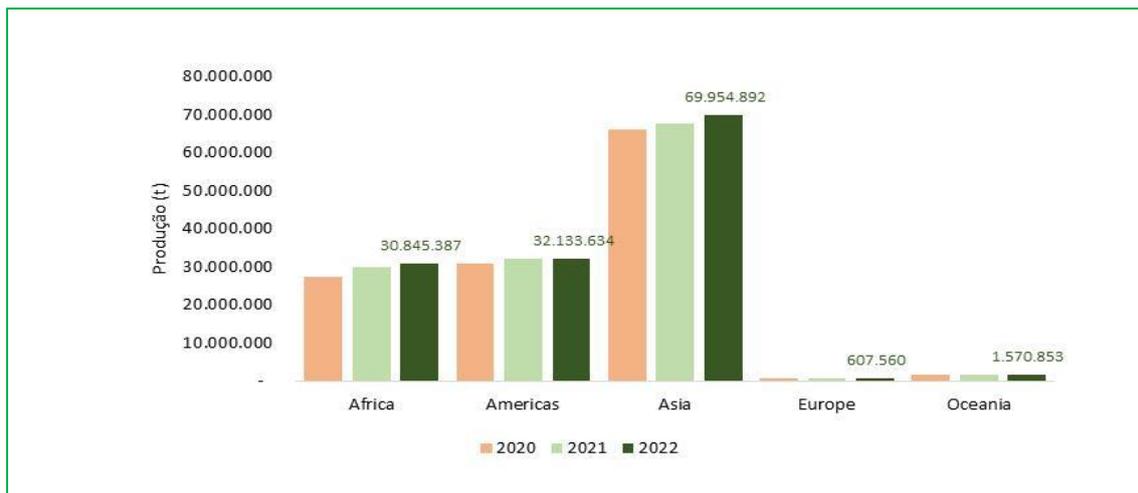


Figura 1. Banana – Produção mundial por continente – 2020-22

Fonte: FAO, janeiro/2024. Disponível em: <<http://www.fao.org>>

Entre 2018-22 a produção mundial de banana apresentou taxa de crescimento positiva de 3,6% a.a. e a área colhida mundial obteve crescimento anual de 4% no quinquênio.

Os cinco principais países produtores representam 52,4% da produção de banana no mundo, com crescimento anual de 5,8% nos cinco anos analisados. A Índia mantém a liderança da produção mundial, com 2,9% de crescimento médio anual no quinquênio. A China, com crescimento de 1,1% a.a. no período. A Indonésia mantém a terceira posição com aumento de 6,2%. A Nigéria assume o quarto lugar com crescimento de 19,8%, entre 2020 e 2022. Já o Brasil passa a ter a quinta maior produção, com taxa de crescimento anual de 0,5% no quinquênio e de 2% nos últimos três anos (tabela 1).

Em 2022 a área colhida no mundo foi de 6,29 milhões de hectares. Os principais países com maior participação de área colhida, em 2022, foram: Índia (15,3%), Nigéria (8,6%), Brasil (7,3%), China (5,7%), Tanzânia (5,3%), Congo (3,4%), Ruanda e Indonésia (ambos com 3%) e Filipinas (2,9%). No quinquênio, a Índia apresentou crescimento anual na área (2,2%) com



ampliação de 4,2% entre 2021 e 2022, passando de 924 mil hectares para 963 mil hectares. Outros países com taxas positivas nos cinco anos e recuperação na área no último biênio, foram: Indonésia com crescimento anual de 11,7% no quinquênio e aumento de 6,7%, entre 2021 e 2022, Ruanda com acréscimo anual de 7,8% nos cinco anos, Tanzânia com crescimento anual de 4,5% e a Nigéria com aumento anual de 4,3% da área no quinquênio. Já a China, o Congo e as Filipinas apresentaram crescimento anual entre 0,1% e 0,7% ao ano. O Brasil obteve redução anual de 0,01% no quinquênio, mas com crescimento de 1,0% entre 2021 e 2022.

Tabela 1. Banana – Quantidade produzida: mundo e principais países – 2018-22

(mil t)

Local	Anos					Partic. 2022 (%)	Ranking (2022)
	2018	2019	2020	2021	2022		
Mundo	117.205	117.340	126.738	132.082	135.112	100	-
Índia	30.808	30.460	32.597	33.062	34.528	25,6	1º
China	11.578	11.998	11.873	12.061	12.112	9,0	2º
Indonésia	7.264	7.281	8.183	8.741	9.245	6,8	3º
Nigéria ⁽¹⁾	-	-	5.584	7.389	8.019	5,9	4º
Brasil	6.724	6.832	6.593	6.803	6.854	5,1	5º
Equador	6.506	6.583	6.023	6.685	6.079	4,5	6º
Filipinas	6.144	6.050	5.955	5.942	5.900	4,4	7º
Guatemala	4.207	3.911	4.055	4.650	4.763	3,5	8º
Angola	3.954	4.037	4.205	4.346	4.589	3,4	9º
Tanzânia	3.395	3.407	3.377	3.464	3.501	2,6	10º
Colômbia	2.567	2.914	2.400	2.414	2.522	1,9	12º
Demais países	34.057	33.867	35.893	36.526	37.001	27,4	-

⁽¹⁾ Em 2018 e 2019 não haviam informações disponíveis na FAOSTAT.

Fonte: FAO, janeiro/2024. Disponível em: <<http://www.fao.org>>

Entre 2020 e 2022, o volume mundial exportado de banana reduziu 5,0% a.a., sendo que os cinco principais países participaram com 65,3% da quantidade total. No período, o Equador se manteve como maior exportador mundial de banana, mas com decréscimo na taxa anual. No entanto, entre 2021 e 2022, o Equador apresentou aumento de 1,0% no volume exportado. Entre os cinco maiores exportadores, a Colômbia foi o país com o maior aumento nos volumes negociados no triênio (4,6%). Enquanto as Filipinas apresentaram a maior redução na taxa de crescimento da produção (-20,4%); seguida da Costa Rica com diminuição de 11,5% no volume exportado devido a problemas fitossanitários (Tabela 2). Na 6ª e 7ª posição, os Países Baixos e a Bélgica apresentaram comportamentos distintos, com o primeiro ampliando em 7,0% ao ano as suas exportações e o segundo reduzindo 10,2%, no triênio.

No período analisado, o valor das exportações mundiais reduziu 0,2% a.a. passando de US\$13,1 bilhões, em 2020, para US\$13,0 bilhões, em 2022. Neste último ano, o Equador participou com US\$3,38 bilhões, ou seja, 26,0% do valor das exportações no mundo, seguido das Filipinas com US\$1,09 bilhão (8,4%), Costa Rica com US\$1,01 bilhões (7,8%), Colômbia com US\$979 milhões (7,5%) e a Guatemala com US\$942 milhões (7,2%). O Brasil ficou na 33ª posição, com US\$37 milhões resultantes das exportações da fruta, em 2022.

Tabela 2. Banana – Exportações brutas por país – 2020-22

Local	Quantidade (mil t)			Participação 2022 (%)	Taxa Cresc. 2020-22 (%)	Ranking 2022
	2020	2021	2022			
Mundo	26.999	25.477	24.370	100	-5,0	-
Equador	7.040	6.813	6.879	28,2	-1,1	1º
Guatemala	2.514	2.494	2.464	10,1	-1,0	2º
Filipinas	3.630	2.430	2.302	9,4	-20,4	3º
Colômbia	2.034	2.103	2.224	9,1	4,6	4º
Costa Rica	2.624	2.312	2.054	8,4	-11,5	5º
Brasil	83	108	83	0,3	0,1	28º
Demais países	9.075	9.216	8.363	34,3	-	-

Fonte: FAO, janeiro/2024. Disponível em (< www.fao.org >)

Entre 2020 e 2022 a importação líquida mundial de banana apresentou decréscimo na taxa anual de 1,4% a.a.. Em 2022, os cinco maiores importadores da fruta representaram 44,3% do volume mundial comprado da fruta. Desses principais compradores, os Países Baixos e a Federação Russa obtiveram os maiores crescimentos anuais na quantidade importada no triênio (Tabela 3). A Bélgica e o Reino Unido, na 7ª e 8ª posição, apresentaram taxas anuais negativas de 9,2% e 6,7% no período analisado.

Nos três anos, o valor das importações líquidas passou de US\$16,5 bilhões para US\$16,3 bilhões, com redução de 0,8% a.a.. Em 2022, os EUA participaram com US\$2,63 bilhões, ou seja, 16,1% do valor líquido das importações mundiais, seguido da China com US\$1,21 bilhão (7,4%), Países Baixos com US\$1,08 bilhão (6,6%), Alemanha com US\$943 milhões (5,8%) e o Japão com US\$890 milhões (5,5%). Os maiores entrepostos comerciais da fruta para Europa são Países Baixos e Bélgica que juntos participaram com 10,4% dos valores pagos na importação da fruta. A China apresentou a maior taxa de crescimento no triênio, com 10,6% a.a.. Já a Bélgica, Federação Russa e o Japão obtiveram as maiores reduções nos valores pagos no período, com 25,8%, 11,0% e 5,1%, respectivamente.

Tabela 3. Banana – Importações líquidas mundiais por país – 2020-22

Local	Quantidade (mil t)			Participação 2022 (%)	Taxa de Cresc. 2020-22 (%)	Ranking (2022)
	2020	2021	2022			
Mundo	25.161	25.232	24.447	100,0	-1,4	-
EUA	4.671	4.635	4.615	18,9	-0,6	1º
China	1.819	1.933	1.872	7,7	1,4	2º
Federação Russa	1.516	1.460	1.623	6,6	3,5	3º
Países Baixos	1.275	1.435	1.431	5,9	6,0	4º
Alemanha	1.323	1.414	1.283	5,2	-1,5	5º
Japão	1.068	1.109	1.053	4,3	-0,7	6º
Bélgica	1.174	1.077	968	4,0	-9,2	7º
Demais países	12.315	12.168	11.603	47,5	-	-

Fonte: FAO, janeiro/2024. Disponível em (< www.fao.org >)

Produção e mercado nacionais

Em 2023, o Brasil produziu 6,96 milhões de toneladas de banana em mais de 454 mil hectares de área colhida. Os principais estados produtores brasileiros de banana são: São Paulo, Bahia, Minas Gerais e Santa Catarina. Estes estados, em 2023, representaram 49,9% da produção brasileira e 33,0% da área colhida, concentrada principalmente nas mesorregiões de Bom Jesus da Lapa (BA), Vale do Ribeira (SP), Norte de Minas Gerais e Norte de Santa Catarina.

As safras brasileiras de 2022 e 2023

Em 2023 houve redução de 0,8% na área colhida e aumento de 1,7% na produção em relação a 2022. A Bahia, São Paulo e Minas Gerais foram os estados com as maiores áreas, representando 35,7% da área colhida e 39,9% da quantidade produzida em 2023. Santa Catarina, representou 6,4% da área colhida de banana no país, sendo responsável por 10,0% da produção nacional; e o segundo em produtividade média.

Tabela 4. Banana – Brasil: área colhida, produção e produtividade média e nos principais estados produtores – 2019-23

Local	Ano					Ranking (em 2023)
	2019	2020	2021	2022	2023 ⁽¹⁾	
Área colhida (ha)						
Brasil	462.026	451.874	453.305	457.910	454.380	-
Bahia	65.275	64.912	65.450	65.825	64.500	1º
Minas Gerais	48.112	47.872	47.044	48.917	50.415	3º
São Paulo	50.406	48.817	48.013	46.416	47.089	2º
Pernambuco	43.909	42.222	43.180	44.211	43.965	4º
Pará	33.662	35.654	39.736	39.126	39.118	5º
Ceará	35.027	35.690	35.997	36.983	37.845	6º
Santa Catarina	29.364	29.410	29.646	29.991	28.987	7º
Espírito Santo	28.236	28.737	28.797	28.595	28.746	8º
Goiás	13.852	13.880	12.233	12.880	12.964	9º
Rio Grande do Sul	11.880	12.154	12.207	12.157	12.167	10º
Rio Grande do Norte	7.705	7.803	7.928	8.584	8.190	13º
Subtotal	367.428	367.151	370.231	373.685	373.986	-
Demais estados	94.598	84.723	83.074	84.225	80.394	-
Quantidade produzida (t)						
Brasil	6.831.874	6.593.437	6.803.350	6.854.222	6.968.059	-
São Paulo	1.008.572	1.000.132	1.007.343	991.836	993.295	1º
Bahia	843.391	785.061	869.088	830.626	920.342	2º
Minas Gerais	824.134	833.715	791.746	841.688	869.324	3º
Santa Catarina	723.435	669.255	708.983	722.860	695.862	4º
Ceará	406.334	431.017	412.103	440.017	485.976	5º
Pernambuco	496.991	461.862	474.704	490.440	481.946	6º
Pará	381.248	407.372	472.281	485.005	458.815	7º
Espírito Santo	410.020	415.882	412.684	399.989	412.029	8º
Rio Grande do Norte	219.179	193.816	219.063	238.553	231.330	9º
Goiás	219.734	221.539	202.049	198.033	207.603	10º
Paraná	191.065	184.751	167.106	143.601	173.963	11º
Subtotal	5.724.103	5.604.402	5.737.150	5.782.648	5.930.485	-
Demais estados	1.107.771	989.035	1.066.200	1.071.574	1.037.574	-
Maiores produtividades médias estaduais (kg.ha-1)						
Brasil	14.787	14.591	15.008	14.968	15.335	-
Rio Grande do Norte	28.446	24.839	27.632	27.790	28.245	1º
Santa Catarina	24.637	22.756	23.915	24.103	24.006	2º
Paraná	23.321	22.741	23.467	19.035	23.195	3º
São Paulo	20.009	20.487	20.981	21.368	21.094	4º
Piauí	21.643	21.080	20.692	20.305	21.052	5º

⁽¹⁾ Ano 2023 – dados preliminares sujeitos a ratificação.

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal (2019 a 2022) e LSPA (dezembro/2023)

Já os dez maiores estados produtores participaram com 82,6% da produção, com 79,6% da área colhida brasileira sem o Rio Grande do Sul e o Paraná. No quinquênio, as maiores taxas



médias de crescimento anual na produção foram do Pará (4,7%), Ceará (4,6%), Bahia (2,2%), Rio Grande do Norte (2,4%) e Minas Gerais (1,3%) contando com a ampliação de novas áreas de produção de banana. Já o Estado catarinense obteve redução de 1,0%, o Paraná de 2,3% e Goiás de 1,4% a.a., no período (Tabela 4). Entre 2022 e 2023, ampliaram suas produções a Bahia (10,8%), Minas Gerais (3,3%), Ceará (10,4%) e Paraná (21,1%) acima de 30 mil toneladas. Por outro lado, apresentaram reduções em suas produções os estados de Santa Catarina (3,7%) e Pará (5,4%), em torno de 26 mil toneladas, entre os dois últimos anos.

2022

No primeiro trimestre de 2022, as cotações apresentaram desvalorização para a banana-prata mineira e baiana, devido à perda de qualidade com as fortes chuvas no período. A banana-prata do litoral paulista apresentou valorização com qualidade e preços menores que a prata anã, ganhando mercado no atacado. A banana-caturra, com preços mais competitivos e melhoria na qualidade das frutas nas últimas semanas de fevereiro garantiu aumento na demanda em todas as regiões brasileiras.

No segundo trimestre, as cotações brasileiras apresentaram desvalorização para ambas as variedades devido ao aumento na oferta no mercado e redução na demanda. Para a banana-caturra, houve manutenção na redução dos preços, com perspectiva de recuperação com o aumento das exportações e diminuição no desenvolvimento dos cachos, por conta das temperaturas mais frias. Para a banana-prata do litoral, a expectativa era de menor oferta, com preços competitivos em relação as mineiras e baianas.

No terceiro trimestre, houve valorização com o aumento da demanda no mercado. Com problemas na qualidade da banana-prata do Sul e Sudeste do País, a variedade estava sendo negociada nas primeiras semanas de outubro com desvalorização nos preços. Nas regiões nordestinas, a baixa oferta da banana-prata valorizou as cotações a partir de outubro devido ao aumento relativo na demanda nacional pela variedade.

No quarto trimestre, em outubro o aumento na produção pressionou a desvalorização das cotações regionais. No Norte de Minas Gerais, a alta temperatura e as chuvas resultaram na queda das cotações. Nas regiões nordestinas, a baixa oferta de banana-prata levou à valorização das cotações até novembro, mas, em dezembro, houve redução de preços devido à diminuição sazonal na demanda.

2023

No primeiro trimestre de 2023, a oferta crescente de banana-nanica resultou em preços menores, enquanto a banana-prata manteve preços altos nas principais regiões devido à melhoria na qualidade. Entretanto, a expectativa era de desvalorização nas regiões Sul e Sudeste devido às baixas temperaturas.

No segundo trimestre, a baixa oferta de banana-nanica no Sul e Sudeste levou a preços valorizados, com perspectiva de aumento no próximo trimestre. Para a banana-prata, a expectativa era de aumento nas cotações nas regiões produtoras do Sul, Sudeste e Bom Jesus da Lapa, mas desvalorização no Vale do São Francisco com o aumento da oferta de outras regiões.

No terceiro trimestre, a banana-nanica apresentou baixa demanda no mercado nacional, com estratégia de desvalorização nas cotações. A banana-prata teve aumento na oferta em Minas Gerais e na Bahia, com recuo nos preços em setembro, mas a expectativa era de possível valorização em outubro devido ao aumento na demanda.

No último trimestre de 2023, a banana-nanica teve aumento na demanda relativa e redução na oferta nacional, principalmente nas regiões Sudeste e Nordeste, devido a eventos climáticos. Para a banana-prata, houve valorização nas cotações em outubro e novembro, mas a expectativa para dezembro era de reversão devido ao aumento da oferta e à demanda sazonal restrita.

Exportações brasileiras

O volume das exportações, entre 2019 e 2023, apresentou taxa anual com decréscimo de 8,3% a.a.. No período analisado, 2023 foi o ano com menor volume exportado da fruta com redução de 33,1% entre 2022 e 2023 devido a problemas na comercialização e concorrência de mercados externos (Tabela 5).

No quinquênio, a Argentina foi o principal destino das frutas brasileiras, mas com taxa anual negativa de 6,5% e com diminuição de 35,5% a.a. entre 2021 e 2023. O Uruguai também com redução anual (5,7%) nas compras das frutas brasileiras foi o segundo destino das exportações. O terceiro país comprador foram os Países Baixos com taxa anual de crescimento positiva de 6,5% no período, tendo aumento anual de 101,5% no último triênio. O Reino Unido e a Polônia apresentaram decréscimo médio anual de 36,8% e 10,7% entre os cinco anos, respectivamente. Contudo, a Polônia exibiu recuperação dos negócios com o Brasil nos últimos dois anos, mas ainda abaixo da média.

O valor das exportações de banana, entre 2019 e 2023, indicou aumento na taxa anual de 0,7% a.a.. Em 2019 o valor foi de US\$24,2 milhões e em 2023 houve aumento para US\$24,9 milhões. Mas no último triênio houve redução de 17,7% ao ano, depois do aumento para US\$ 36,8 milhões em 2021 e de US\$37,0 milhões em 2022. Em 2022, entre os cinco principais países compradores do Brasil, a Argentina participou com US\$9,8 milhões (39,5%) com crescimento de 15% no período, mas com diminuição de 46,4% em 2023 com relação ao ano anterior. O Uruguai com US\$9,3 milhões (37,8%), aumentou os negócios em 0,6% no quinquênio; porém, reduziu 33,4% entre os últimos dois anos. O Reino Unido com participação de 2,7%, na 4ª posição, apresentou decréscimo de 35,2% entre 2019 e 2023. Já os Países Baixos ampliaram em 8,4% a.a. os valores negociados nas exportações de bananas brasileiras. A Polônia obteve redução de 7,0% no período, mas com crescimento de 12,0% no último triênio.

Tabela 5. Banana – Brasil: quantidade exportada aos principais destinos – 2019-23

País	Quantidade (t)					Média 2019-23	Participação 2023 (%)
	2019	2020	2021	2022	2023		
Argentina	26.865	33.312	49.336	39.948	20.554	34.003	36,8
Uruguai	30.139	32.937	38.291	33.105	23.794	31.653	42,6
Países Baixos	3.228	936	1.022	922	4.150	2.052	7,4
Reino Unido	8.414	5.144	9.027	4.085	1.339	5.602	2,4
Polônia	2.218	2.704	1.567	196	1.411	1.619	2,5
Subtotal	70.865	75.032	99.243	78.256	51.247	74.928	91,8
Demais países	8.080	8.164	8.480	5.108	4.558	6.878	8,2
Total	78.945	83.196	107.722	83.364	55.805	81.806	100,0

Fonte: MDIC/Comex Stat (<<http://comexstat.mdic.gov.br>>)

Produção e mercado estaduais

Santa Catarina é o quarto produtor nacional de banana, com produção de mais de 10% do total nacional. A produção se caracteriza em grande parte por pequenas propriedades familiares com produtores organizados em associações ou cooperativas. As frutas produzidas no estado são direcionadas ao mercado interno local e principais centrais de abastecimento nacionais para consumo “in natura” ou para o mercado externo dos países do Mercosul.

Segundo os levantamentos do sistema de acompanhamento de safras da Epagri/Cepa, a área colhida das bananas caturra e prata no Estado tem variado entre 27,7 e 28,6 mil hectares. A produção tem apresentado variações mais significativas, a depender das condições climáticas. O pior desempenho dos anos recentes se deu na safra 2020/21, que sofreu com importantes anomalias climáticas.

Tabela 6. Banana – safras recentes nas principais regiões produtoras de Santa Catarina

Safra	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)
2017/18	28.024	732.218	26.129
2020/21	28.134	489.508	17.399
2021/22	28.556	719.183	25.185
2022/23	27.762	703.399	25.337
2023/24 ⁽¹⁾	27.744	654.056	23.575

⁽¹⁾ Valor estimado.

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2024

Conforme estimativas da Epagri/Cepa, na safra 2022/23, Santa Catarina produziu 678,7 mil toneladas de banana e contou com cerca de 3.800 bananicultores, com área colhida total de 27.700 hectares e valor bruto da produção (VBP) total estimado em R\$ 966,2 milhões.

As principais mesorregiões produtoras catarinenses são: o Norte Catarinense, que é responsável por cerca de 50,5% da produção da fruta, e o Vale do Itajaí com cerca de 30% da quantidade produzida. Outra mesorregião produtora estadual é a do Sul Catarinense, com cerca de 16% da produção estadual da fruta. Entre as lavouras da fruticultura catarinense estima-se que a bananicultura represente cerca de 28% do valor bruto da produção gerado.

As safras catarinenses de 2021/22 e 2022/23

2021/22

No primeiro trimestre de 2022, a banana-caturra estava atrasando seu desenvolvimento devido ao calor e falta de chuva, determinando calibres menores das frutas no cacho. Com a volta das chuvas em quantidade adequada na região e a baixa oferta da fruta, a expectativa foi de melhoria na qualidade e valorização nas cotações. Para a banana-prata, o clima seguiu favorável à cultura com desenvolvimento nos bananais, aumentando a oferta da variedade. As condições climáticas foram desfavoráveis à cultura nas primeiras semanas de março. O problema na qualidade das frutas manteve a desvalorização nas cotações.

No segundo trimestre, com a volta das chuvas na região, houve aumento na oferta da banana-caturra e da banana-prata nos bananais, ocasionando a redução nos preços em abril. Em maio, a tendência foi de redução na produção, em decorrência de temperaturas mais frias que afetaram o desenvolvimento dos cachos, mas com a redução na demanda pela fruta. Para a banana-prata, a expectativa foi de redução na oferta e na demanda pela fruta, o que manteve os preços da variedade.



No terceiro trimestre, a banana-caturra apresentou valorização entre junho e julho. A melhoria na qualidade da fruta e a baixa oferta manteve a expectativa de valorização da fruta. A banana-prata obteve valorização entre junho e julho e manteve as cotações em alta em agosto. No final de agosto, houve precipitações entre de 140 mm e 200 mm, com chuvas volumosas e persistentes, inclusive com alagamento na região. No mês de setembro houve chuva bem distribuída e temperaturas altas durante o dia e mais amenas no início da manhã.

No início do quarto trimestre de 2022, com a oferta da fruta reduzida, o preço estava em alta. Nas regiões produtoras houve chuva fraca e predomínio de tempo nublado, com pouco sol e clima ameno, condição que atrasou o desenvolvimento dos cachos nos bananais e afetou a qualidade das frutas. Assim, as cotações da banana-caturra e da banana-prata apresentaram desvalorização que persistiu no mês de dezembro.

No início de dezembro, o Norte Catarinense foi muito afetado pelas chuvas. Nas áreas de produção dos bananais, estima-se que cerca de 5% tenham sido afetadas com desmoronamento e deslizamento de encostas e vias de escoamento da produção. O escoamento da produção foi impactado pela estratégia de reduzir as cotações para escoamento da produção em estoque devido à dificuldade logística nas rodovias da região. A expectativa foi de melhoria na qualidade das frutas, com manutenção das cotações em dezembro e redução no final do ano, com a diminuição na demanda devido às férias escolares.

2022/23

No primeiro trimestre de 2023, a banana-caturra e a banana-prata, entre março e fevereiro, apresentaram valorização nas cotações com aumento na demanda relativa e na qualidade da fruta que vinha sendo comercializada. No final de fevereiro, na região norte, tempestade com fortes ventos e chuvas atingiram os municípios de Luiz Alves, Massaranduba e São João do Itaperiú danificando bananais na região. No entanto o aumento da produção ao longo mês de março manteve a oferta da fruta no mercado. Nos bananais, o clima chuvoso e falta de calor atrasou o cacheamento da fruta e afetou o tamanho.

No segundo trimestre, a banana-caturra e a banana-prata apresentaram desvalorização nas cotações entre abril e maio, com aumento na oferta relativa da fruta que vinha sendo comercializada. Em maio, o predomínio do tempo seco e ensolarado, com temperaturas baixas à noite e amenas durante o dia, favoreceu os tratamentos culturais e fitossanitários nos bananais da região. A estratégia dos produtores foi diminuir o ritmo da colheita, pela expectativa de que a redução na oferta da fruta e a valorização das cotações futuras compensasse a diminuição sazonal na demanda de fruta.

No terceiro trimestre, a banana-caturra e a banana-prata apresentaram valorização nas cotações, com aumento na demanda relativa pela fruta no mercado nacional, devido a baixa oferta. No período, o aumento das precipitações retardou as aplicações de defensivos agrícolas para o controle da Sigatoka, provocando o aumento nos custos operacionais e refletindo no aumento dos preços com menor margem ao produtor. Em agosto, chuvas ocasionais e temperaturas máximas bateram recordes para o período do ano. O calor ajudou a amadurecer a fruta e aumentou ainda mais sua oferta. Em setembro, o consumo manteve-se retraído devido ao preço elevado e a problemas na qualidade.

No quarto trimestre, entre outubro e novembro, a banana-caturra e a banana-prata apresentaram valorização nas cotações, mas com expectativa de desvalorização em dezembro. Em outubro, na região norte do estado, as chuvas persistentes, com grande volume acumulado, provocaram alagamentos, inundações e estragos nas estradas, dificultando a distribuição das frutas para outras regiões do País e prejudicando a demanda e as cotações da fruta catarinense. Nas primeiras semanas de novembro voltaram chuvas intensas com altas



temperaturas, determinando problemas no desenvolvimento dos cachos e, como consequência, valorização nos preços devido à menor oferta no período. No início de dezembro, na região sul catarinense, as chuvas acumuladas voltaram a impactar a atividade, dificultando a colheita e a distribuição da fruta. Com a menor disponibilidade de banana-prata, houve valorização dos preços, mesmo com problemas na qualidade.



Figura 2. Banana – Santa Catarina: preço médio (corrigido) ao produtor – 2020 a 2023

Nota: preços corrigidos (IGP-DI/FGV – dez/23=100).

Fonte: Epagri/Cepa (2024)

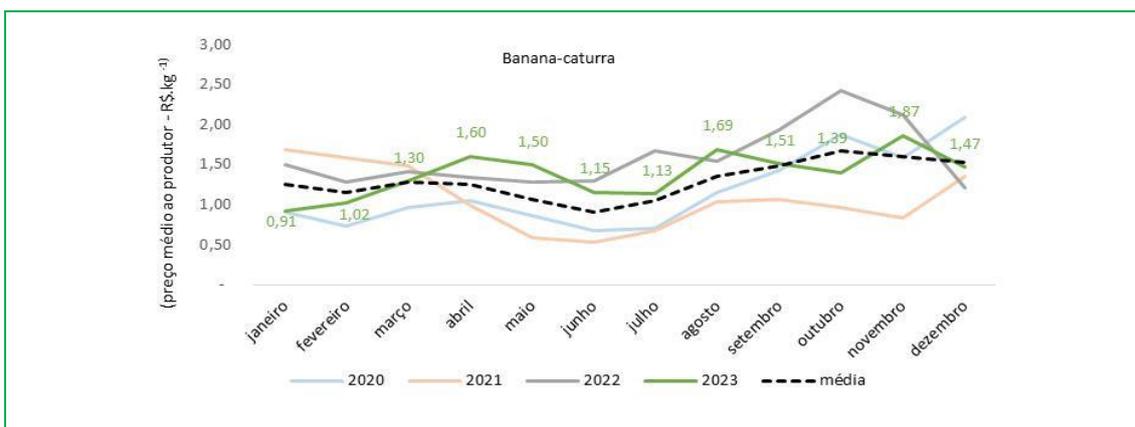


Figura 3. Banana-caturra: Santa Catarina – Preço (nominal) ao produtor – 2020-23

Fonte: Epagri/Cepa (2024)

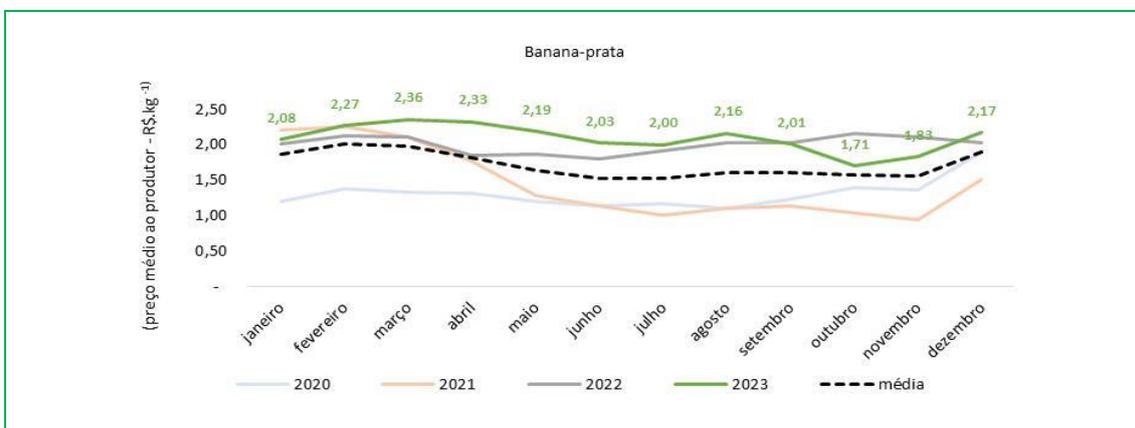


Figura 4. Banana-prata – Santa Catarina: preço (nominal) ao produtor – 2020-23

Fonte: Epagri/Cepa (2024)

Atacado

Ao longo do período estudado, observa-se uma volatilidade nas cotações das bananas caturra e prata. Em dezembro de 2022, ocorreu uma desvalorização, especialmente da banana-caturra no Norte Catarinense, impactada por eventos climáticos adversos. No entanto, o comparativo anual revela uma valorização expressiva, indicando a resiliência do setor frente a adversidades temporais.

A transição para 2023 trouxe uma fase de oscilação nas cotações, com valorizações em março e manutenção em maio, indicando uma dinâmica complexa entre oferta e demanda. O aumento na participação da produção catarinense nas centrais de abastecimento nacionais, aliado ao incremento nos valores negociados, reforça a contribuição positiva do estado para o mercado nacional. No atacado, a oferta de banana catarinense está acima de 5,0 mil toneladas mês voltando aos patamares de 2019, de antes dos eventos externos climáticos, sanitário e econômicos dos últimos três anos.

No segundo trimestre, houve valorização nas cotações da banana-caturra e desvalorização da banana-prata com expectativa de manutenção dos preços de ambas as variedades. No mercado atacadista nacional, entre abril e junho, a banana catarinense ampliou os valores negociados em comparação ao mesmo período do ano anterior, confirmando a forte demanda pela fruta catarinense nas principais centrais de abastecimento do país.

No terceiro trimestre, o comportamento do mercado em julho de 2023, revelou uma representatividade significativa da banana catarinense nas centrais de abastecimento brasileiras. Os preços mantiveram-se valorizados, mas a expectativa de desvalorização da banana-caturra a partir de agosto, devido ao aumento da oferta, destaca a sensibilidade do mercado a fatores sazonais.

No último trimestre de 2023, observa-se uma nova valorização nas cotações das bananas caturra e prata, sugerindo uma dinâmica variável. A desvalorização esperada no final do ano, em meio ao período de férias escolares e festas de fim de ano, aponta para a influência sazonal nas decisões de compra e venda.

Em termos globais, a banana de origem catarinense manteve sua relevância nas centrais de abastecimento nacionais, contribuindo significativamente para o volume e o valor total negociado. A capacidade de adaptação do setor às oscilações de mercado, aliada ao aumento no volume de produção, destaca a competitividade da banana catarinense no contexto nacional.

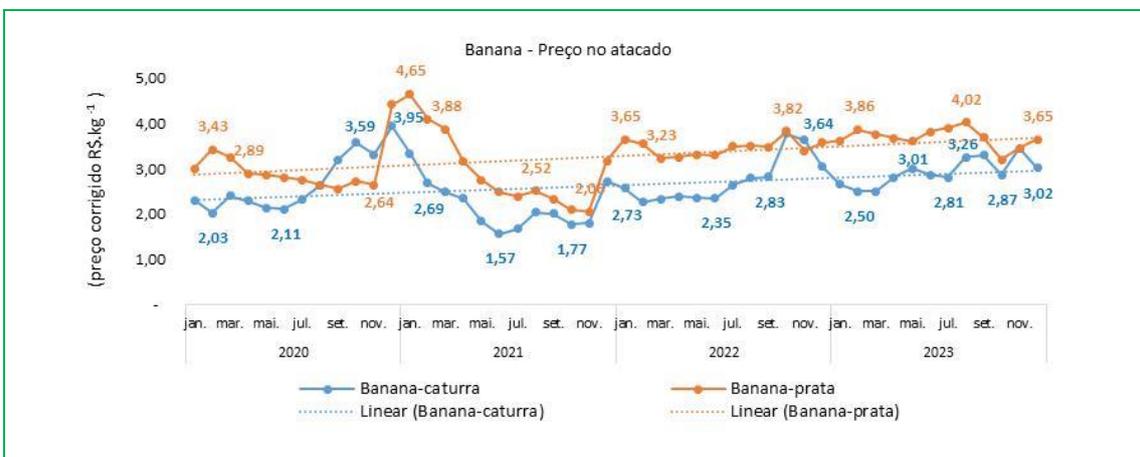


Figura 5. Banana – Santa Catarina: evolução do preço (corrigido) da Ceasa/SC – 2020-23

Nota: preço nominal e corrigido (IGP-DI/FGV – dez/23=100).

Fonte: Epagri/Cepa (2024)

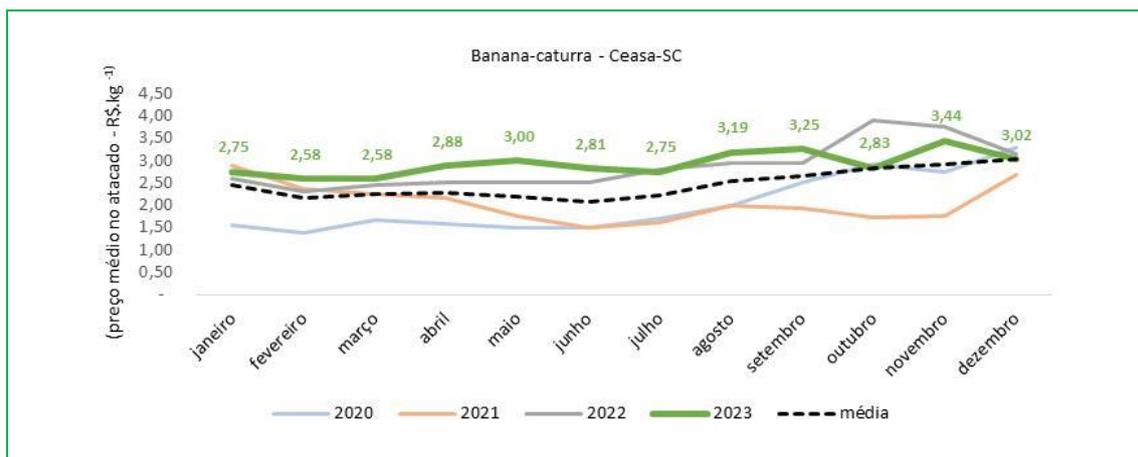


Figura 6. Banana-caturra – Santa Catarina: preço (nominal) no atacado – 2020-23

Fonte: Epagri/Cepa (2024)

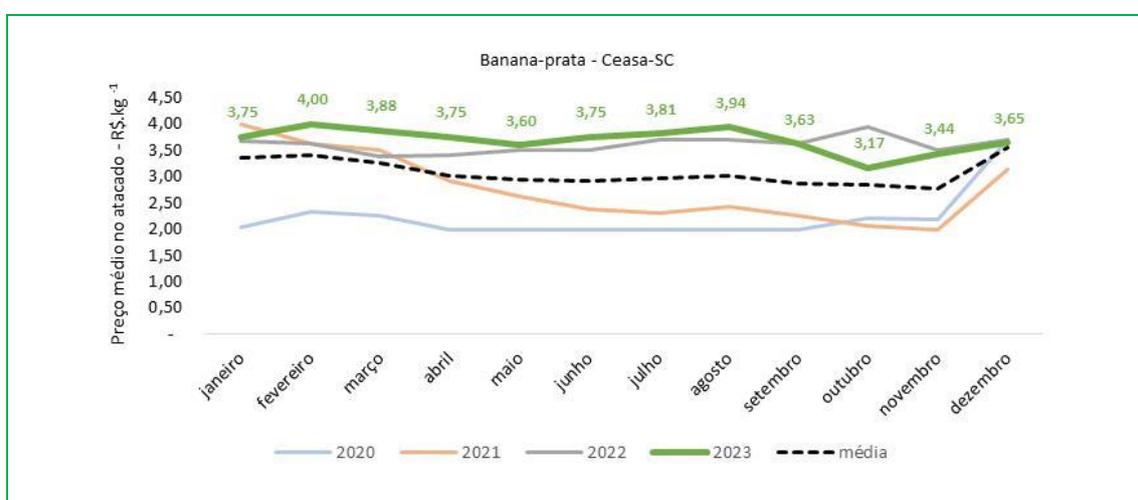


Figura 7. Banana-prata – Santa Catarina: preço (nominal) no atacado – 2020-23

Fonte: Epagri/Cepa (2024)

Exportações estaduais

Os principais estados exportadores de banana participam com 95,8% do volume comercializado da fruta e obtiveram redução de 33,1%, entre 2022 e 2023.

Em 2023, Santa Catarina participou com 49,1% do volume brasileiro exportado e apresentou decréscimo de 42,6% entre os dois últimos anos, com taxa anual negativa de 24,0% no triênio (Tabela 6). O estado catarinense enfrentou queda nas exportações de banana em 2023, principalmente para a Argentina, devido à crise econômica naquele país e para o Uruguai devido à concorrência com outros países, como Paraguai e Colômbia. Esses países reduziram os negócios com a Argentina e substituíram parte do mercado brasileiro no Uruguai com preços mais baixos da fruta.

O Rio Grande do Sul seguiu o estado catarinense com diminuição (29,4%) em relação a 2022 e redução anual no período analisado (28,5%). Os três estados sulinos são responsáveis pelas exportações, via rodoviária, com os países do Mercosul, principalmente.

Já o Ceará, após decréscimo na taxa anual de 23,9% no triênio, obteve recuperação de 27,5% em relação a 2022. O Rio Grande do Norte, depois de ampliar as exportações entre 2021 e

2022, apresentou redução de 25,4% entre os dois últimos anos analisados. Os estados nordestinos direcionam suas exportações em via aérea e marítima, principalmente para a Europa.

Tabela 7. Banana – Brasil – Quantidade exportada por estado da federação – 2021-23

Local	Quantidade (t)			Participação 2023 (%)	Taxa cresc. 2021-23 (%)	Ranking (em 2023)
	2021	2022	2023			
Brasil	107.722	83.364	55.805	100	-28,0	-
Santa Catarina	47.409	47.723	27.401	49,1	-24,0	1º
Ceará	19.628	8.917	11.368	20,4	-23,9	2º
Rio Grande do Sul	15.281	11.062	7.814	14,0	-28,5	3º
Paraná	15.480	6.712	3.178	5,7	-54,7	4º
Rio Grande do Norte	5.037	4.980	3.715	6,7	-14,1	5º
Demais estados	4.887	3.970	2.329	4,2	-31,0	-

Fonte: MDIC/Comex Stat (<<http://comexstat.mdic.gov.br>>)

Em 2023, os valores das exportações de bananas foram de US\$24,9 milhões, mas com redução de 32,7% em relação ao ano anterior. Os cinco principais estados exportadores foram responsáveis por 92,7% do valor negociado de banana com o exterior.

Santa Catarina participou com US\$11,1 milhões (44,6%) com diminuição de 46,1% em comparação a 2022. O Ceará, com US\$5,7 milhões (22,9%) apresentou acréscimo de 37,6%, seguido do Rio Grande do Sul com US\$3,0 milhões (12,2%), Paraná com US\$1,78 milhão (7,2%) e o Rio Grande do Norte com US\$1,47 milhões (5,9%), os três últimos com decréscimo nos valores negociados nos anos anteriores.

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel – Engenheiro-agrônomo, Epagri/Cepa
jurandigugel@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado mundiais

A cultura da cebola é produzida em todos os continentes e praticamente em quase todos os países. A produção mundial se mantém crescente nos últimos anos e ultrapassou a 106,6 milhões de toneladas em 2021 (Figura 1).

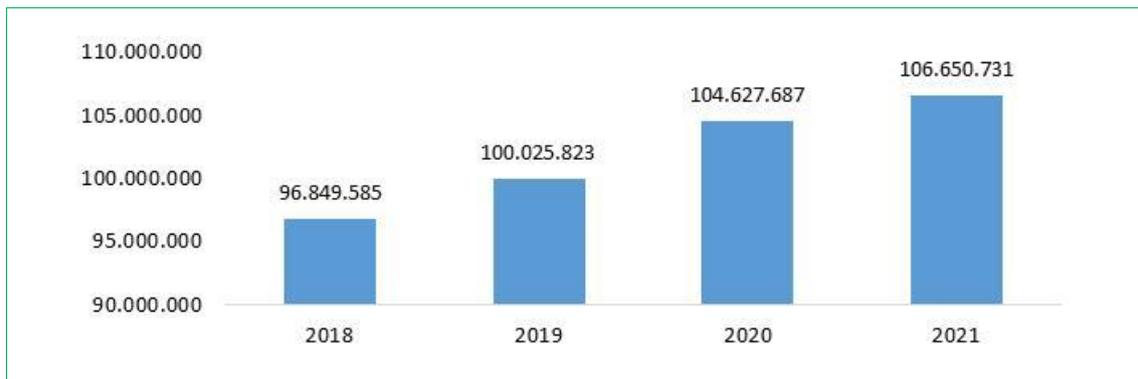


Figura 1. Cebola – Produção mundial – 2018-21 (tonelada)

Fonte: FAOSTAT, novembro/2023

A distribuição da produção entre os continentes em 2021 ficou da seguinte forma: Oceania, 0,4%; África, 10,6%; Europa, 12,3%; Américas, 13,00% e Ásia, 63,7% da produção mundial. Em 2021, segundo os últimos dados da FAO, destacaram-se: China, Índia, EUA, Irã, Paquistão, Federação Russa e Egito, que juntos produziram 58,69% da produção mundial (Tabela 1).

Tabela 1. Cebola – Principais países produtores: área e produção mundial – 2018-21

Países	Área (mil ha)				Países	Produção (mil t)			
	2018	2019	2020	2021		2018	2019	2020	2021
Índia	1.315	1.222	1.431	1.624	China	24.775	22.819	26.091	26.641
China	1.120	1.128	1.099	1.101	Índia	22.071	24.966	24.179	24.223
Nigéria	374	592	686	705	EUA	3.284	3.170	3.354	3.102
Bangladesh	178	172	185	194	Egito	2.958	3.081	3.199	2.269
Paquistão	150	148	148	154	Irã	2.406	1.779	2.366	2.306
Indonésia	156	159	187	195	Paquistão	2.119	2.079	2.122	2.005
Vietnam	101	100	97	97	Turquia	1.930	2.200	2.280	349
Fed. Russa	60	58	60	56	Bangladesh	1.737	1.802	1.954	1.609
Sudão	83	104	106	111	Fed. Russa	1.642	1.670	1.738	2.051
Uganda	91	93	81	81	México	1.572	1.487	1.500	320
Demais países	1.408	1.417	1.451	1.463	Demais países	32.350	34.972	35.846	41.778
Mundo	5.036	5.193	5.532	5.780	Mundo	96.844	100.025	104.628	106.651

Fonte: FAOSTAT, novembro/2023

Nos últimos quatro anos observa-se aumento de 14,77% na área plantada mundial, alcançando 5,78 milhões de ha em 2021. Por outro lado, a produtividade mundial em 2021 baixou para 18,46t/ha, redução de 2,4% em relação a 2020, quando foi de 18,91t/ha.

As exportações mundiais em 2021 foram de 9,22 milhões de toneladas, crescimento de 3,36% em relação a 2020.

No período de 2018 a 2021, o volume das exportações mundiais aumentaram 25,61% saindo de 7,34 milhões de toneladas para 9,22 milhões. Em relação aos valores, o aumento foi de 16,14 %, saindo de US\$3,22 bilhões em 2018 para US\$3,74 bilhões em 2021 (Figura 2).

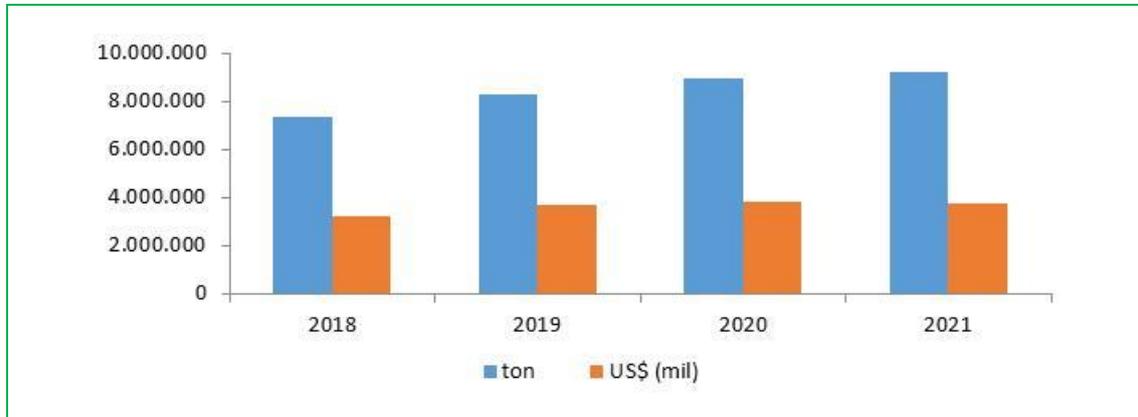


Figura 2. Cebola – Evolução das exportações mundiais – 2018-21

Fonte: FAOSTAT, novembro/2023

Entre os países exportadores, destacam-se os Países Baixos, com exportação de 1,69 milhão de toneladas; a Índia, com 1,43 milhão de toneladas; a China, em terceiro, com 0,67 milhão de toneladas e, em quarto lugar, o México, com 0,48 milhão de toneladas (Figura 3).

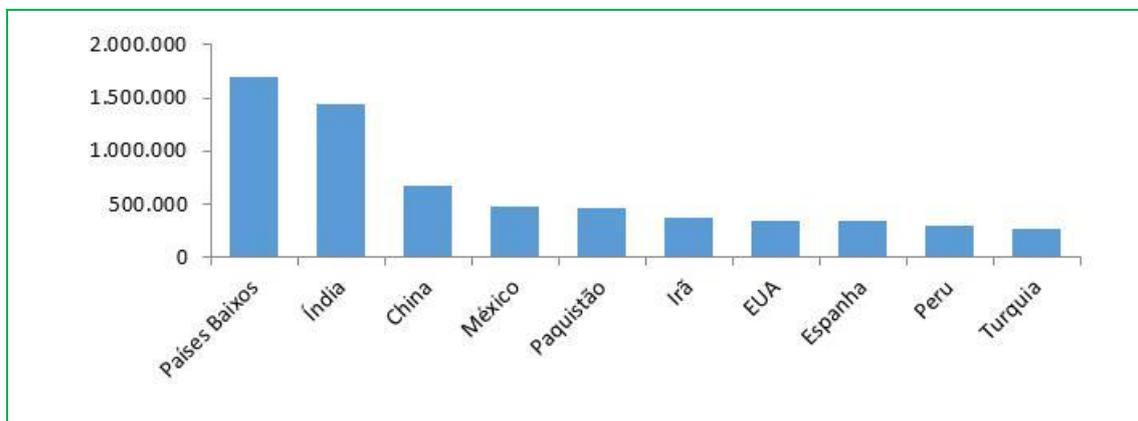


Figura 3. Cebola – Principais países exportadores – 2021 (mil t)

Fonte: FAOSTAT, novembro/2023

Dos principais países importadores, em 2021, os Estados Unidos da América foi o maior, seguido por Bangladesch e pela Malásia, com 666 mil toneladas, 571 mil toneladas e 485 mil toneladas, respectivamente (Tabela 2).

Quanto à participação dos dez principais países importadores de cebola no mercado mundial em 2021, estes importaram 3,76 milhões de toneladas, representando 40,64% das 9,22 milhões de toneladas comercializadas em 2021.

Tabela 2. Cebola – Principais países importadores – 2018–21 (mil t)

2018		2019		2020		2021	
EUA	568	EUA	543	Bangladesh	687	EUA	666
Malásia	544	Malásia	505	EUA	561	Bangladesh	571
A. Saudita	381	E. Árabes Unidos	368	Malásia	480	Malásia	485
E. Árabes	343	Reino Unido	359	E. Árabes	390	E. Árabes	363
Japão	294	Países Baixos	345	Arábia Saudita	330	Países Baixos	314
Sri Lanka	263	Arábia Saudita	296	Reino Unido	302	Arábia Saudita	295
Bangladesh	262	Alemanha	283	Sri Lanka	272	Reino Unido	292
Reino Unido	260	Japão	280	Alemanha	249	Sri Lanka	270
Países Baixos	253	Sri Lanka	260	Iraque	246	Iraque	261
Alemanha	247	Bangladesh	255	Países Baixos	233	Canadá	248
Total	3.415	Total	3.494	Total	3.750	Total	3.766

Fonte: FAOSTAT, novembro/2023

Produção e mercado nacionais

Segundo dados da Produção Agrícola Municipal (PAM) do IBGE, em 2022 a produção brasileira de cebola foi de 1,65 milhão de toneladas, crescimento de 1,07% em relação a 2021. A área colhida foi de 48.895ha com produtividade média de 33.870kg/ha.

Quanto à participação dos estados na produção em 2022, oito deles respondem por 97,65%, sendo Santa Catarina o maior produtor nacional com 492.740 toneladas, significando 29,75% da produção brasileira, aumento de 1,65% na participação em relação a 2021, decorrente da boa safra no ano de 2022.

Como pode ser observado na tabela que segue, a produção e a produtividade aumentaram nos últimos três anos, alcançando 33,87t/ha em 2022, um aumento de 7,54% no período (Tabela 3).

Tabela 3. Cebola – Brasil: área colhida, produção e rendimento médio – 2020-22

UF	Área plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento (kg/ha)		
	2020	2021	2022	2020	2021	2022	2020	2021	2022
Pernambuco	1.920	2.104	2.395	60.819	61.739	53.819	31.759	29.344	22.471
Bahia	6.335	7.033	6.778	224.803	260.399	278.310	35.486	37.025	41.061
Minas Gerais	3.103	3.899	3.700	180.999	215.567	212.251	58.330	55.288	57.365
São Paulo	4.457	4.473	4.597	166.849	165.758	183.443	37.435	37.057	39.905
Paraná	4.197	3.947	3.969	112.128	102.553	117.210	26.716	25.983	29.531
Santa Catarina	16.787	17.216	17.291	420.287	481.233	492.740	25.051	27.953	28.497
Rio Grande do Sul	6.423	6.428	6.221	126.245	133.585	135.359	19.661	20.782	21.758
Goiás	2.450	2.460	2.365	160.540	181.177	144.177	65.527	73.649	60.963
Demais UF	1.832	1.464	1.579	42.948	36.399	38.767	23.443	24.863	24.552
Brasil	47.504	49.024	48.895	1.495.618	1.638.410	1.656.076	31.495	33.421	33.870

Fonte: IBGE, novembro/2023

Em relação às importações de cebola, o Brasil importou, em 2022, 150,55 mil toneladas, aumento de 30,45% em relação ao ano anterior, cujo volume foi de 115,40 mil toneladas.

Contribuiu para o aumento da importação a elevação dos preços internos que tornaram o produto, especialmente o argentino, bastante competitivo no mercado brasileiro.

Em 2023, de acordo com dados do MDIC/Siscomex Stat, o volume importado foi de 134,13 mil toneladas, redução de 10,90 % em relação ao ano de 2022, puxado pela maior oferta de produção interna e aumento dos preços internacionais (Figura 4).

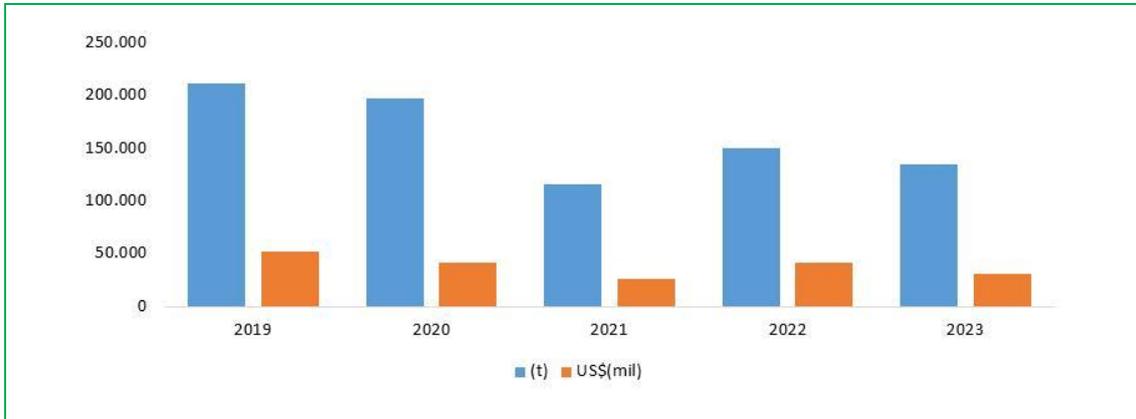


Figura 4. Cebola – Brasil: evolução do volume e valor das importações – 2019-23

Fonte: MDIC/Siscomex Stat, janeiro/24

Em 2023, o preço médio (FOB) da cebola importada pelo Brasil foi de US\$0,23/kg, enquanto que em 2022 foi de US\$ 0,27/kg, aumento de 17,39% em relação ao ano anterior.

Dentre os principais fornecedores de cebola para o Brasil em 2022, a Argentina e o Chile foram responsáveis pelos maiores volumes, com 104,73 mil e 25,06 mil toneladas, respectivamente. Em 2023 a Argentina permaneceu como o maior fornecedor de cebola para o Brasil com 120,08 mil toneladas, correspondendo a 89,52% do total importado no ano.

O desembolso (FOB) do país com as importações no ano de 2022 foi de US\$40,91 milhões, passando em 2023 para US\$30,97 milhões, uma redução de 24,29% em relação ao do ano anterior.

Produção e mercado estadual

Em Santa Catarina, maior produtor nacional de cebola, a produção é realizada em pouco mais de 8.600 estabelecimentos agropecuários, basicamente agricultores familiares (IBGE, 2017).

Na safra 2022, Santa Catarina produziu 551,54 mil toneladas, aumento de 10,42% em relação à safra de 2021. O Valor da Produção Agrícola (VPA) da safra 2022 da hortaliça foi de R\$1,37 bilhão, com preço médio de R\$2,77/kg.

A distribuição da produção entre as microrregiões tem como destaque o Alto Vale do Itajaí com a microrregião de Ituporanga, tendo a maior área plantada na safra 2022, com 9.033ha, responsável por 47,76% da área. A Microrregião da Serra do Tabuleiro, com plantio de 3.475ha, possui o equivalente a 18,37% da área. A terceira é a Microrregião de Joaçaba, com área plantada de 1.822ha, ou 9,63%. Já a Microrregião de Rio do Sul, com 1.703 ha, tem equivalente a 9% da área plantada no Estado. Nas demais microrregiões (Tijucas, Canoinhas, Curitibanos e Campos de Lages), o plantio foi de 2.880ha, um total equivalente a 15,22% da área plantada.

Santa Catarina, na safra 2023/24, foi afetada pela ocorrência de eventos climáticos adversos especialmente chuva excessiva em todas as regiões produtoras. As perdas foram significativas em quantidade e qualidade comercial do produto.

Apesar das perdas estimadas em mais de 148,6 mil toneladas em relação à estimativa inicial da safra, o Estado permanece sendo o maior produtor de cebola do País, com aproximadamente 402,94 mil toneladas, uma redução de 26,94% em relação à safra 2022 (Figura 5).

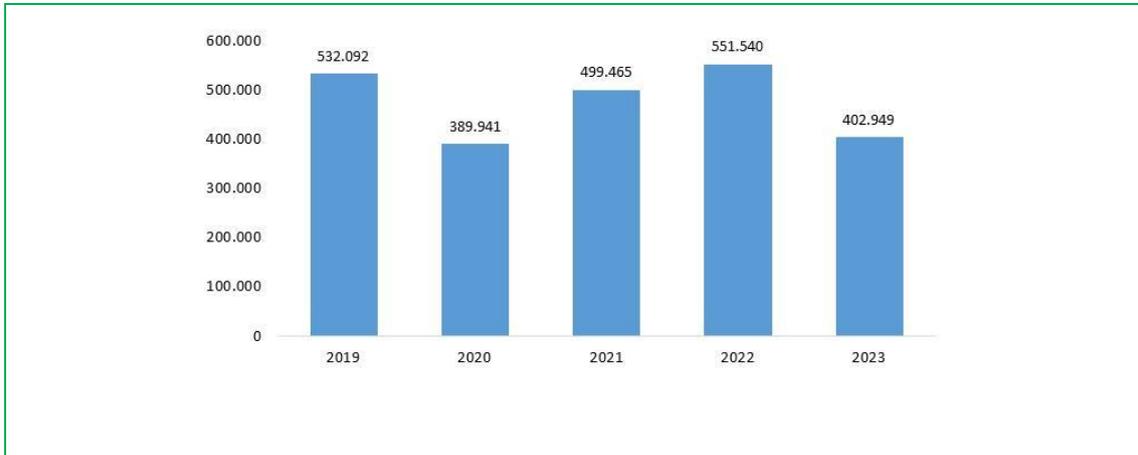


Figura 5. Cebola – Santa Catarina: evolução do volume produzido – 2019-23 (t)

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/24

A área plantada com a cultura no Estado se mantém com relativa estabilidade nos últimos anos de acordo com o Projeto Safras da Epagri/Cepa, permanecendo acima de 17 mil ha e sua variação tem relação com o retorno econômico dos produtores safra a safra. O bom desempenho da cultura na safra 2022/23 impulsionou o aumento da área plantada em 4,92% em relação à safra anterior (Figura 6).

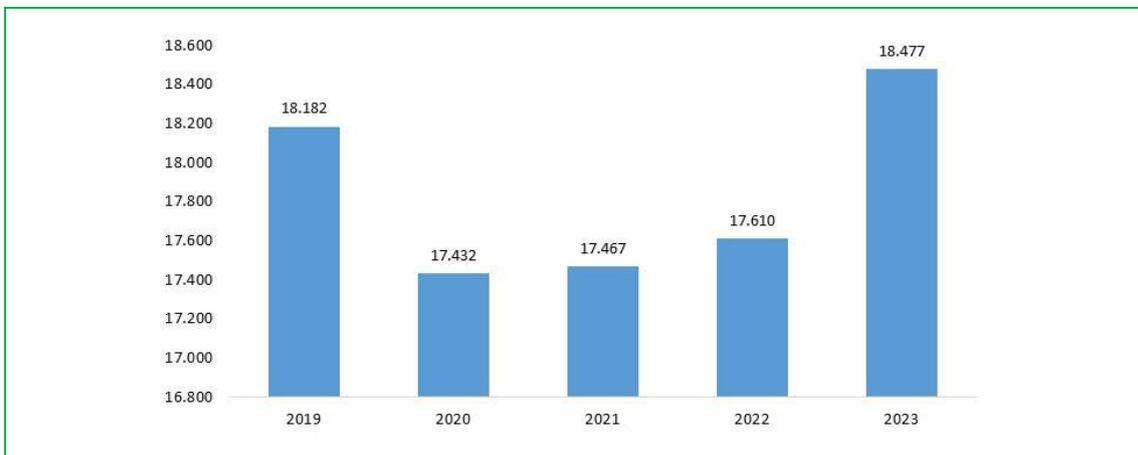


Figura 6. Cebola – Santa Catarina: evolução da área colhida – 2019-23 (ha)

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/24

Com relação ao rendimento da safra 2022, Santa Catarina teve produtividade de 31,32kg/ha, a maior dos últimos anos.

Por outro lado, a safra 2023/24, fortemente afetada pelo excesso de chuvas, teve seu desenvolvimento prejudicado e o rendimento passou para 21,80t/ha, redução de 30,37% em relação à safra anterior (Figura 7).

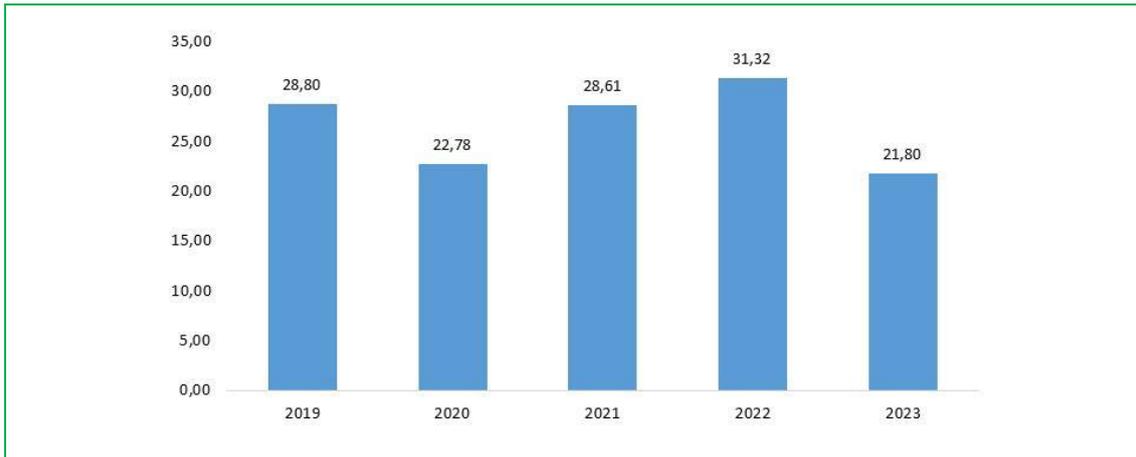


Figura 7. Cebola – Santa Catarina: evolução do rendimento médio – 2019-23 (t/ha)

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/24

Nos últimos anos, as políticas públicas de apoio à agricultura familiar com a oferta regular de crédito, especialmente via Pronaf, associadas a mecanismos como o Seguro Rural, o Proagro Mais e o Programa de Garantia de Preços da Agricultura Familiar (PGPAF), proporcionaram maior segurança aos produtores e indução ao uso de melhores práticas e tecnologias de produção. Os investimentos em infraestrutura nas propriedades contribuíram com a estabilidade dos sistemas de produção da cebola, sendo decisivos para manter Santa Catarina como o maior produtor nacional da hortaliça.

Feijão

João Rogério Alves – Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado mundiais

O feijão comum ou *Phaseolus vulgaris* L. é a leguminosa alimentar mais importante para alimentação direta em todo mundo. Entre as principais culturas alimentares, apresenta um dos níveis mais elevados de variação no hábito de crescimento, características da semente (tamanho, forma, cor), maturidade, adaptação e variabilidade genética, com mais de 40 mil variedades já identificadas. O feijão comum é produzido em diversos sistemas de cultivo e ambientes em regiões como América Latina, África, Oriente Médio, China, Europa, Estados Unidos e Canadá.

O principal produtor e consumidor de feijão é a América Latina, onde o feijão é um alimento tradicional e significativo, especialmente no Brasil, México, Zona Andina, América Central e o Caribe. Na África, o feijão é cultivado principalmente para subsistência e a região tem o maior consumo *per capita* do mundo. O feijão é uma importante fonte de proteína no Quênia, Tanzânia, Uganda e Zâmbia. Na Ásia, o feijão é geralmente menos importante do que outras leguminosas, mas as importações da China são crescentes ano a ano.

Na América Latina, África e Ásia, o feijão é uma cultura de pequena escala, cultivada com poucos insumos externos à propriedade rural, sujeita a problemas biológicos, edáficos e climáticos. A produção de feijão destas regiões é normalmente de baixa produtividade quando comparada com as produtividades médias nas regiões temperadas como América do Norte e Europa, contudo, em todas as regiões ela pode ser melhorada. O feijão é considerado um alimento quase “perfeito”. Nutritivamente rico, é também uma boa fonte de proteína, ácido fólico, fibra alimentar, carboidratos complexos e excepcional fonte de ferro não carne. O consumo de feijão é elevado principalmente por ser um alimento relativamente barato. Para os pobres do mundo, é um meio de manter sob controle a desnutrição.

As estatísticas sobre a produção de feijão são bastante escassas. Dados para os maiores produtores e consumidores nos países em desenvolvimento são subestimados porque o feijão é frequentemente consorciado e/ou cultivado em áreas remotas, aspectos da cultura que nos levam muitas vezes a dados imprecisos. Em muitos casos, problemas políticos, guerras e catástrofes socioambientais tornam a análise estatística difícil ou impossível de ser realizada, como no caso do Quênia, Ruanda e Europa Oriental.

O centro de origem da cultura é atribuído aos Andes centrais, América Central e México. No século 17, os colonos que retornaram à Europa levaram feijão para a Espanha. Já os portugueses introduziram o feijão no Brasil e na África Oriental. O feijão tornou-se útil para os viajantes, tanto no mar como em terra. O comércio do produto entre países é oportunista e depende muito de eventos climáticos que prejudiquem o abastecimento interno dos países produtores, o que traz mudanças contínuas no padrão do comércio mundial.

O feijão comum, enquanto consumo primário, se dá a partir de seus grãos imaturos e/ou secos. Os grãos secos de feijão são a parte econômica do feijoeiro e são apreciados em todo o mundo porque têm uma vida útil longa, boas propriedades nutricionais e podem ser facilmente armazenados e preparados para comer. Os mercados tradicionais acentuaram as preferências locais na cor dos grãos e no tamanho do tegumento, entretanto, os feijões secos têm composição semelhante. As diferentes classes de feijão fornecem totais idênticas de calorias por grama, portanto é fácil trocar ou substituir diferentes variedades de feijão em preparos que requerem moagem, trituração ou mistura.

A importância do feijão e outras leguminosas para a alimentação fez com que a Organização das Nações Unidas (ONU) marcasse a data de 10 de fevereiro como o Dia Mundial das Leguminosas. Nessa mesma linha, a FAO destaca que as leguminosas contribuem de diversas maneiras para a transformação de nossos sistemas agroalimentares e podem ajudar a enfrentar várias crises globais. Destaca ainda que as leguminosas podem contribuir para aumentar a resiliência dos sistemas agrícolas e ajudar a melhorar a biodiversidade do solo, sendo assim componentes cruciais de vários sistemas de cultivo.

A FAO revela ainda que o apoio dos governos de todo o mundo à alimentação e à agricultura responde por quase US\$630 bilhões por ano. Entretanto, países produtores de alimentos geralmente fornecem maior apoio a cadeias produtivas ligadas aos cereais, com o objetivo de proteger seu setor agrícola da competição internacional. Ao fazer isso, podem surgir disparidades entre o apoio à produção de cereais e o investimento na produção de leguminosas, sementes, frutas, vegetais e outros alimentos nutritivos. Essas políticas têm contribuído para a segurança alimentar em termos de quantidade suficiente de calorias, mas elas não são eficazes na melhoria da qualidade da nutrição e da saúde de seus habitantes.

O Brasil segue sendo um importante *player* no cenário internacional da produção de feijão. Em 2022, o País foi responsável por 7,1% de toda área global cultivada com feijões, ocupando a terceira posição, atrás da Índia e do Mianmar. A Índia, com uma população estimada de 1,41 bilhão de pessoas, lidera o consumo mundial de feijão e é responsável por 23,3% de toda produção mundial. O Brasil ocupa a segunda posição nesse *ranking*, com uma contribuição de cerca de 10,0% de todo o feijão produzido mundialmente em 2022 (Tabela 1).

Tabela 1. Feijão seco – Área de produção mundial e dos principais países – 2020-22

País	Área colhida (milhões ha)			País	Produção (milhões t)		
	2020	2021	2022		2020	2021	2022
Índia	13,14	14,70	15,85	Índia	5,46	6,12	6,61
Mianmar	2,85	2,87	2,86	Brasil	3,04	2,90	2,84
Brasil	2,69	2,61	2,61	Mianmar	2,66	2,69	2,66
México	1,57	1,67	1,45	Tanzânia	1,28	1,34	1,35
Quênia	1,15	1,17	1,04	Uganda	0,79	1,41	1,30
Tanzânia	0,95	1,03	1,00	China	1,30	1,30	1,30
Burundi	0,74	0,82	0,86	Estados Unidos	1,47	1,02	1,17
China	0,74	0,74	0,73	México	1,06	1,29	1,00
Uganda	0,45	0,80	0,73	Argentina	0,63	0,76	0,68
Angola	0,69	0,70	0,70	Etiópia	0,55	0,61	0,62
Outros	9,25	9,40	8,94	Outros	8,90	9,08	8,80
Mundo	34,22	36,51	36,77	Mundo	27,14	28,52	28,33

Nota: ranking: área colhida e produção/2022.

Fonte: FAO/Faostat, janeiro/2024

A FAO estima que em 2021 a população mundial atingiu aproximadamente 7,91 bilhões de pessoas. Deste total, 43% são considerados população rural e 57% população urbana. Com uma população crescente, a oferta de proteína vegetal é uma questão estratégica de segurança alimentar de muitas nações, fator que destaca a importância do feijão na dieta dessas populações. O Brasil, em função de aspectos culturais e socioeconômicos, se destaca globalmente no consumo desse alimento. Contudo, nos últimos dez anos, o consumo entre os brasileiros vem diminuindo. Em 2010, cada brasileiro consumia, em média, 16kg de feijão ao ano; em 2021, esse consumo caiu para 12kg, redução de 25% em 11 anos.

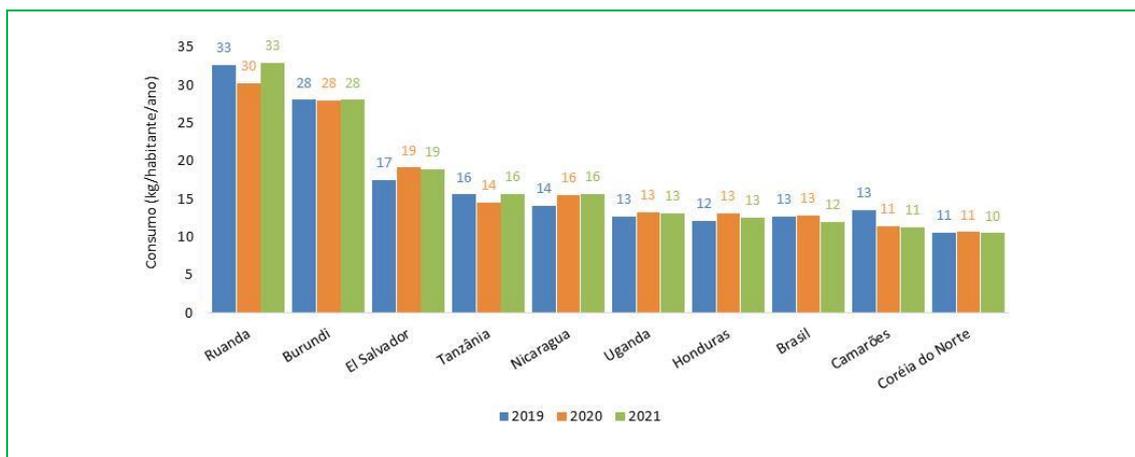


Figura 1. Feijão – Mundo: evolução do consumo por habitante ao ano – 2019-21

Fonte: FAO, janeiro/2024

A Índia, além de ser a maior produtora de feijão, até o ano de 2021 se destacava como a maior importadora do produto. Em 2022, as importações de feijão da China superaram as da Índia, totalizando 764 mil toneladas. Apesar de a Índia possuir uma expressiva área plantada, o elevado consumo e a baixa produtividade (417kg/ha) de suas lavouras fazem com que precise recorrer às importações, que, em 2022, alcançaram 745 mil toneladas. Com o ranking atualizado a partir de 2022, o Brasil ocupa a décima quinta posição entre os maiores importadores de feijão, totalizando 76 mil toneladas. Quanto às exportações, Mianmar lidera o comércio internacional. Em 2022, o país foi responsável por aproximadamente 33% de todas as exportações mundiais do produto. Na segunda posição está a Argentina, com 9,2%, seguida pelos Estados Unidos e pelo Canadá, com 7,51% e 7,00%, respectivamente. Entre 2021 e 2022, o comércio global de feijão reduziu 7,19% (Tabela 2).

Tabela 2. Feijão – Mundo: principais importadores e exportadores – 2020-22

País/Bloco	Importação (mil t)			País/Bloco	Exportação (mil t)		
	2020	2021	2022		2020	2021	2022
China	263	379	764	Mianmar	1.182	1.444	1.522
Índia	510	867	745	Argentina	423	411	424
Estados Unidos	209	192	199	Estados Unidos	445	421	347
Vietnã	81	118	156	Canadá	382	375	322
Paquistão	169	118	135	Uzbequistão	169	182	224
Itália	144	137	125	Egito	134	171	213
Reino Unido	124	115	117	China	304	180	152
Japão	105	86	112	Etiópia	149	100	137
Venezuela	119	100	110	Austrália	62	119	116
Turquia	115	69	108	Turquia	96	117	91
Outros países	2.141	2.086	1.982	Outros países	1.201	1.455	1.068
Total	3.978	4.269	4.552	Total	4.548	4.975	4.617

Nota: ranking importações e exportações/2022.

Fonte: FAO/Faostat, janeiro/2024

Produção e mercado nacionais

O feijão comum (*Phaseolus vulgaris* L.) destaca-se no hábito alimentar dos brasileiros. Neste grupo estão os conhecidos feijão-preto e feijão-carioca. Mas há uma grande diversidade de espécies utilizadas para consumo humano, como feijão-azuki (*Vigna angularis* (Willd.); feijão-de-porco (*Canavalia ensiformis* (L.) DC.), usado como adubo verde, feijão-fava (*Phaseolus lunatus* L.), consumido como grão verde; e o feijão-caupi (*Vigna unguiculata* (L.) Walp.), que se constitui na principal espécie cultivada nas regiões Norte e Nordeste do País.

Segundo estimativas da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), a área plantada da safra brasileira de feijão⁵ 2022/23 sofreu uma redução de 5,6% em relação à safra 2021/22. O cultivo de feijão vem sistematicamente perdendo área para lavouras de soja e milho, as quais, nos últimos anos, têm apresentado maior rentabilidade e estabilidade de preços. A produtividade média das lavouras, por outro lado, cresceu 7,6%, passando de 1.046kg/ha para 1.125kg/ha. Como resultado, o aumento na produção foi de 1,5%, passando de 2.991 mil toneladas para 3.037 mil toneladas.

Para a safra 2023/24, as estimativas até janeiro de 2023 apontam para um pequeno incremento de 3,33% na área plantada em comparação à área da safra 2022/23. Por outro lado, em função dos eventos climáticos adversos provocados pela ação do fenômeno climático El Niño, a produtividade média deverá reduzir cerca de 2,5%. Mesmo assim, é esperado um modesto crescimento 0,8% na produção total. Contudo, é necessário aguardar o desenvolvimento das safras de feijão da segunda safra e terceira safras, já que o clima pode interferir na produtividade das lavouras, alterando as atuais projeções (Tabela 3).

Tabela 3. Feijão – Brasil: área, produção e produtividade dos principais estados – safras 2021/22-2023/24

Estado	Área plantada (mil ha)			Produção (mil t)			Produtividade (kg/ha)		
	2021/22	2022/23 ⁽¹⁾	2023/24 ⁽²⁾	2021/22	2022/23 ⁽¹⁾	2023/24 ⁽²⁾	2021/22	2022/23 ⁽¹⁾	2023/24 ⁽²⁾
Paraná	480	423	442	750	728	743	1.563	1.720	1.681
Minas Gerais	314	324	324	485	553	546	1.542	1.707	1.686
Bahia	408	432	434	284	289	302	695	669	695
Goiás	115	108	105	282	286	280	2.458	2.656	2.674
Mato Grosso	157	154	152	255	307	276	1.623	1.990	1.814
São Paulo	83	71	76	185	182	180	2.230	2.554	2.379
Ceará	363	358	374	106	64	120	293	178	321
Santa Catarina	67	57	57	108	106	104	1.630	1.857	1.822
Pernambuco	227	185	224	86	100	99	379	540	441
Rio Grande do Sul	86	48	49	98	71	74	1.132	1.485	1.528
Piauí	52	193	193	68	76	71	1.298	395	369
Demais estados	507	347	361	284	275	265	560	794	734
Brasil	2.859	2.700	2.790	2.991	3.037	3.061	1.046	1.125	1.097

⁽¹⁾ Estimativa, dezembro/2023.

⁽²⁾ Projeção, dezembro/2023.

Fonte: Conab, janeiro/2024

Nos últimos 46 anos, a produção brasileira de feijão está estabilizada em aproximadamente 3 milhões de toneladas. Por outro lado, no mesmo período, segundo dados do IBGE, a população brasileira cresceu 80,7%, passando de 112,4 milhões de habitantes, em 1977, para 203,1 milhões, em 2022. Nesse período, a área plantada foi reduzida em 68,1%. O que manteve nosso abastecimento normalizado foram os ganhos em produtividade que a cultura alcançou ao longo desse período, passando de 488kg/ha para 1.125kg/ha, um incremento de 130,5% (Figura 2).

⁵ A safra brasileira de feijão é composta de três safras (1ª, 2ª e 3ª); é uma cultura de plantio e colheita simultâneos nas diferentes regiões do País.

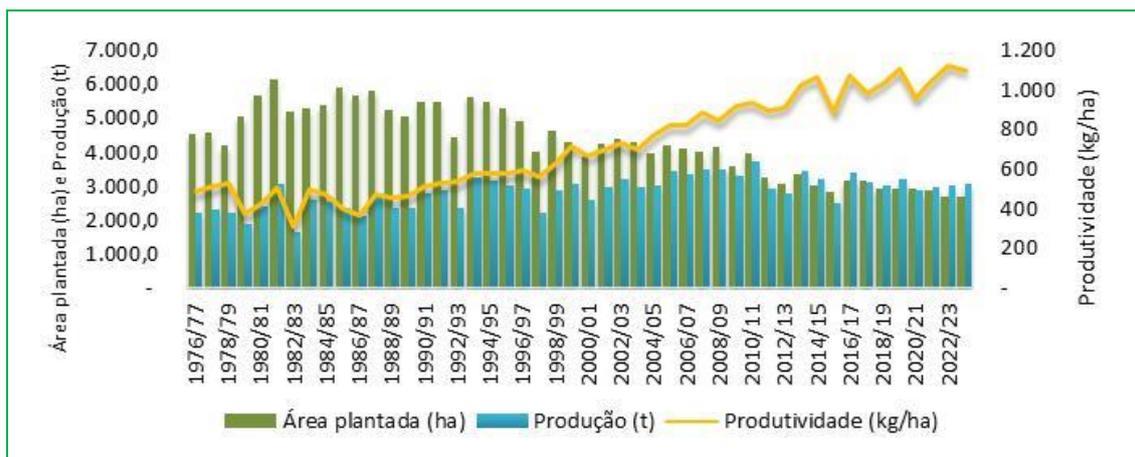


Figura 2. Feijão – Brasil: evolução da área plantada, produção e produtividade – safras 1976/77-2023/24⁽¹⁾

⁽¹⁾ Estimativa

Fonte: Conab, janeiro/2024

No Brasil, o cultivo do feijão é realizado em três safras, sendo a primeira denominada “safra das águas”, a segunda “safra da seca” ou “safrinha” e a terceira “safra de inverno” ou “irrigada”. De acordo com o Zoneamento Agrícola de Risco Climático (ZARC), o plantio da 1ª safra, nas regiões Sul e Sudeste vai de agosto a dezembro e a colheita nos meses de novembro a abril. Já nas regiões Centro-Oeste, Nordeste e Norte, o plantio é de outubro a fevereiro e a colheita de janeiro a maio.

O plantio da 2ª safra abrange todos os estados brasileiros e, de acordo com o calendário, o plantio das regiões Sul e Sudeste vai de janeiro a abril e a colheita nos meses de março a agosto. Já nas regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste o plantio fica entre os meses de janeiro e junho e a colheita de março a setembro. O plantio na Região Sudeste na 3ª safra vai de março a junho e a colheita nos meses de junho a outubro. Já nas regiões Centro Oeste, Norte e Nordeste o plantio é realizado nos meses de abril a junho e a colheita de junho a outubro.

Entre os três tipos de feijão mais cultivados e monitorados no País, cerca de 42% da área plantada é ocupada pelo feijão cores, do qual se destaca o feijão-carioca. Considerado o preferido dos brasileiros, também conhecido como “carioquina”, é o mais cultivado e consumido no Brasil. Dependendo do cultivar, a planta pode apresentar porte ereto, prostrado e semiereto com grãos apresentando tegumento de coloração bege com listras marrons. Trata-se de um tipo de feijão consumido nacionalmente, com pouca aceitação no mercado internacional. Sua característica de consumo doméstica faz com que o preço seja ainda mais volátil no mercado.

O feijão-preto, produzido em quase todos os estados, ocupou apenas 13% da área plantada na safra 2022/23. Principal matéria-prima da tradicional feijoada brasileira, os estados do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Minas Gerais lideram a produção e o consumo dessa variedade. Apesar da viabilidade do cultivo em três safras, a produção concentra-se basicamente na primeira e na segunda safra devido, fundamentalmente, às condições climáticas das regiões produtoras. De forma diferente de outras variedades, o Brasil compartilha o hábito de consumo de feijão-preto com outros países, sobretudo da América Latina.

O feijão-cupi, por sua vez, é um produto com grande aceitação pelo mercado exportador, sendo cultivado em aproximadamente 45% da área plantada com feijão nacionalmente. Trata-se de um produto regional e os estados das regiões Norte e Nordeste se destacam no seu cultivo em função de aspectos culturais e de hábitos de consumo. Dependendo da região do

país onde é cultivado, pode ser conhecido como feijão-de-corda, feijão-fradinho e feijão-macáçar. A produção do feijão-caupi vem crescendo a cada ano que passa. Para a safra 2022/23, a Conab estima uma produção de 554,6 mil toneladas. Apesar de haver produção em muitos estados da federação, Ceará, Bahia, Piauí e Pernambuco respondem por cerca de 72% da área plantada no país (Tabela 4).

Tabela 4. Feijão – Brasil: área plantada, tipo de feijão, período de plantio e participação – 2022/23

Estados	Feijão 1ª safra 22/23 (mil ha)			Feijão 2ª safra 22/23 (mil ha)			Feijão 3ª safra 22/23 (mil ha)			Feijão total – safra 22/23 (%)			
	Cores	Preto	Caupi	Cores	Preto	Caupi	Cores	Preto	Caupi	Cores	Preto	Caupi	Total
Bahia	69,5	-	144,6	20,0	-	50,0	140,0	-	8,0	20,1	-	16,7	16,0
Paraná	39,8	82,9	-	149,1	150,7	-	0,9	-	-	16,7	66,7	-	15,7
Ceará	-	-	-	5,9	-	351,6	-	-	-	0,5	-	29,1	13,2
Minas Gerais	122,6	8,1	16,1	108,4	6,4	0,1	62,2	0,2	-	25,7	4,2	1,3	12,0
Piauí	-	-	183,8	-	-	9,5	-	-	-	-	-	16,0	7,2
Pernambuco	-	-	5,0	2,0	2,0	95,3	50,1	12,1	20,1	4,6	4,0	10,0	6,9
Mato Grosso	1,9	-	5,6	3,6	-	65,0	78,2	-	-	7,3	-	5,8	5,7
Goiás	40,2	-	-	-	-	6,5	61,0	-	-	8,9	-	0,5	4,0
Paraíba	-	-	-	25,5	-	66,8	-	1,8	-	2,2	0,5	5,5	3,5
São Paulo	34,0	-	-	17,3	-	-	20,0	-	-	6,3	-	-	2,6
Santa Catarina	10,3	20,9	-	2,2	23,4	-	-	-	-	1,1	12,6	-	2,1
Demais estados	26,3	21,5	24,2	17,2	19,9	127,8	31,2	0,3	29,9	6,6	11,9	15,0	11,1
Brasil	344,6	133,4	379,3	351,2	202,4	772,6	443,6	14,4	58,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Nota: Ranking por participação em feijão total, resultado da soma das três safras nacionais de feijão.

Fonte: Conab, janeiro/2024

Produção e mercado estadual

A produção catarinense é composta por duas safras. A primeira, chamada de safra das águas (feijão 1ª), na safra 2022/23 respondeu por 51% da área plantada estadual, enquanto a segunda, também chamada de safra da seca (feijão 2ª), respondeu por 49% do total da área plantada. Dois tipos de feijão predominam nos cultivos catarinenses: o feijão-preto, cultivado em 78% da área plantada estadual, responde por 43% da produção, e o feijão-carioca, plantado em 22% da área, contribui com 57% da produção estadual.

É importante destacar que o Zoneamento Agrícola de Risco Climático (ZARC) proporciona a indicação de datas ou períodos de plantio/semeadura por cultura e por município, considerando as características do clima, o tipo de solo e o ciclo de cultivares, de forma a evitar que adversidades climáticas coincidam com as fases mais sensíveis das culturas, minimizando as perdas agrícolas. Para Santa Catarina, a janela de plantio para o feijão 1ª safra vai de agosto a dezembro e, para o feijão 2ª safra, de janeiro a março.

O Censo Agropecuário de 2017 revelou que, entre 2006 e 2017, o número de estabelecimentos com produção de feijão sofreu uma redução de 18%, passando de 43 mil para 35 mil estabelecimentos. Com menos produtores envolvidos, a mão de obra disponível para a atividade ficou escassa; com isso, a mecanização dos sistemas de produção se intensificou, com máquinas cada vez mais especializadas, sobretudo para as operações de plantio e colheita.

Não podemos deixar de considerar, ainda, que a grande oscilação de preços no mercado causa insegurança ao produtor na tomada de decisão sobre o que plantar e o quanto plantar. Trata-se de um produto que possui um curto período de armazenagem, pois o produtor, assim que colhe o produto, tem que comercializar sua produção, uma vez que sua qualidade se deprecia rapidamente com o passar do tempo, comprometendo seu valor comercial. Essas características são desfavoráveis ao feijão frente a outras *commodities*, de melhor padrão de qualidade, preços mais estáveis e mercado internacional mais consolidado.



A cada ano, o cultivo do feijão de 1ª safra vem perdendo espaço no campo. Entre as safras de 2012/13 e 2022/23, a redução chegou a aproximadamente 53%, enquanto, no mesmo período, a área plantada com feijão 2ª safra cresceu 15%. Muitos produtores têm migrado para o cultivo de milho e soja no início da época de plantio das culturas de verão, deixando para o segundo período de plantio a decisão de plantar feijão, o que tem elevado a área do plantio dessa leguminosa a partir do mês de janeiro de cada ano safra (Figura 4).



Figura 3. Feijão – Santa Catarina: evolução da área plantada de feijão 1ª e feijão 2ª safras – safra 2012/13-2023/24

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2024

Na safra 2022/23, tivemos uma redução de 10,7% na área plantada estadual (feijão total) em comparação com a do ano anterior. Um dos motivos fundamentais para essa redução foi a questão climática, pois o excesso de chuvas na época de semeadura atrasou as operações de plantio, fazendo com que muitos produtores desistissem de investir na cultura. Contudo, quem teve a oportunidade de semear a cultura a partir do último trimestre de 2022, conseguiu realizar uma lavoura sem muitos problemas de ordem climática, o que favoreceu a melhoria das condições das lavouras, elevando suas produtividades médias. O resultado foi uma safra maior, com um volume de produção 8,9% superior ao obtido na safra 2021/22 (Tabela 5).

Para a safra 2023/24, as estimativas para o feijão 1ª safra são de redução na área plantada. Os fatores que levaram a essa redução são, mais uma vez, as questões climáticas, ocasionadas pelo fenômeno El Niño atual com forte intensidade nos meses de outubro e novembro, fazendo que os produtores diminuíssem sua intenção de plantio. Outro aspecto foram os baixos preços praticados na época da semeadura, quando eles caíram fortemente em comparação ao primeiro semestre de 2023. A expectativa é de uma leve recuperação da área plantada para o feijão 2ª safra, que começa a ser semeado com maior intensidade a partir da segunda quinzena de janeiro de 2024.

De qualquer forma, as projeções para a safra 2023/24 retratam um quadro de nova redução da área plantada. Assim, espera-se que sejam cultivados aproximadamente 57 mil hectares (feijão total), o que representa uma redução de 5% em relação à safra anterior. Em relação à produtividade média, a expectativa é de redução em torno de 5%, que poderá ser mais bem avaliada na medida em que as lavouras forem se desenvolvendo, já que ainda persiste a influência dos efeitos adversos no clima pela ação do El Niño, fator que deve ser considerado nas projeções. Com isso, deveremos ter uma redução na produção total, que deverá ficar em torno das 105 mil toneladas de feijão (Tabela 5).

Tabela 5. Feijão total – Santa Catarina: área e produção por microrregião geográfica – 2021/22-2023/24

Microrregião	Área plantada (ha)			Produção (t)		
	2021/22	2022/23	2023/24 ⁽¹⁾	2021/22	2022/23	2023/24 ⁽¹⁾
Araranguá	662	635	606	391	510	477
Blumenau	-	-	119	-	-	149
Campos de Lages	7.940	7.970	6.130	11.846	15.344	11.722
Canoinhas	14.210	10.300	10.075	22.816	20.090	17.271
Chapecó	6.767	6.384	6.110	11.095	13.360	12.928
Concórdia	289	285	305	101	256	215
Criciúma	1.678	1.540	1.496	1.419	1.613	1.447
Curitibanos	4.040	2.476	2.362	6.075	5.397	4.920
Florianópolis	-	15	-	-	15	-
Ituporanga	2.237	2.010	1.622	3.233	3.018	2.085
Joaçaba	2.807	2.820	3.090	2.996	5.922	6.657
Rio do Sul	1.269	1.273	1.184	1.634	1.612	1.488
São B. do Sul	820	750	743	1.282	1.296	1.173
São M. do Oeste	2.859	2.335	2.360	4.137	4.362	4.446
Tabuleiro	-	330	325	-	355	325
Tijucas	-	190	170	-	271	180
Tubarão	1.783	1.330	1.290	1.401	1.361	1.209
Xanxerê	19.821	19.347	18.985	36.143	39.141	38.404
Santa Catarina	67.182	59.990	56.971	104.569	113.922	105.096

⁽¹⁾ Projeção em janeiro/2024.

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2024

O estado de Santa Catarina apresenta uma grande diversidade de condições edafoclimáticas, o que permite a realização de duas safras de feijão. Nesse sentido, alguns municípios se destacam: no Planalto Norte, Mafra se destaca com o cultivo de aproximadamente 2 mil hectares de feijão. Outro município importante é São José do Cerrito, que fica no Planalto Sul e se caracteriza pelo cultivo de feijão em pequenas propriedades familiares. Já no plantio de feijão 2ª safra, com semeadura a partir de janeiro, se destacam com maiores áreas de plantio os municípios de Abelardo Luz, Campo Erê e São Domingos no Oeste. Juntos, esses municípios responderam na safra 2022/23 por cerca de 31% de toda produção estadual de feijão 2ª safra.

Tabela 6. Feijão – Santa Catarina: área plantada, produtividade e quantidade produzida, 1ª e 2ª safras – 2022/23

Municípios	Feijão 1ª safra			Municípios	Feijão 2ª safra		
	Área plant. (ha)	Prod. méd. (kg/ha)	Qtde. prod. (t)		Área plant. (ha)	Prod. méd. (kg/ha)	Qtde. prod. (t)
Mafra	2.000	2.000	4.000	Abelardo Luz	4.200	1.800	7.560
São José do Cerrito	2.000	1.800	3.600	Campo Erê	3.000	1.650	4.950
Cerro Negro	1.800	1.800	3.240	São Domingos	3.000	1.300	3.900
Fraiburgo	1.750	2.100	3.675	Iguaçu	2.000	1.500	3.000
Abelardo Luz	1.500	2.700	4.050	Xanxerê	2.000	1.800	3.600
Lages	1.400	2.100	2.940	Ouro Verde	800	2.000	1.600
Canoinhas	1.200	2.200	2.640	Galvão	700	2.000	1.400
Campo Belo do Sul	1.000	2.200	2.200	Faxinal dos Guedes	600	2.000	1.200
Major Vieira	800	2.000	1.600	Mafra	600	1.800	1.080
Itainópolis	700	1.800	1.260	Xaxim	550	1.500	825
Demais municípios	16.515	1.948	32.170	Demais municípios	11.875	1.973	23.432
Santa Catarina	30.665	2.001	61.375	Santa Catarina	29.325	1.792	52.547

Nota: Ranking por área plantada.

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2024

Analisando a série histórica da safra catarinense de feijão dos últimos anos, podemos constatar o declínio sistemático da área plantada. Com dados fechados da safra 2022/23, verificamos que em 10 anos tivemos uma redução de 33,5% na área plantada do Estado. Por outro lado, nesse período, a produtividade cresceu aproximadamente 27,5%, o que contribuiu para que o déficit na produção não seja maior. Como resultado, a produção estadual vem caindo ano após ano, com alguns picos de alta como o observado entre as safras de 2020/21 e a de 2022/23. Considerando os extremos da série analisada, as perdas em produção são da ordem de 15,5% (Figura 4).

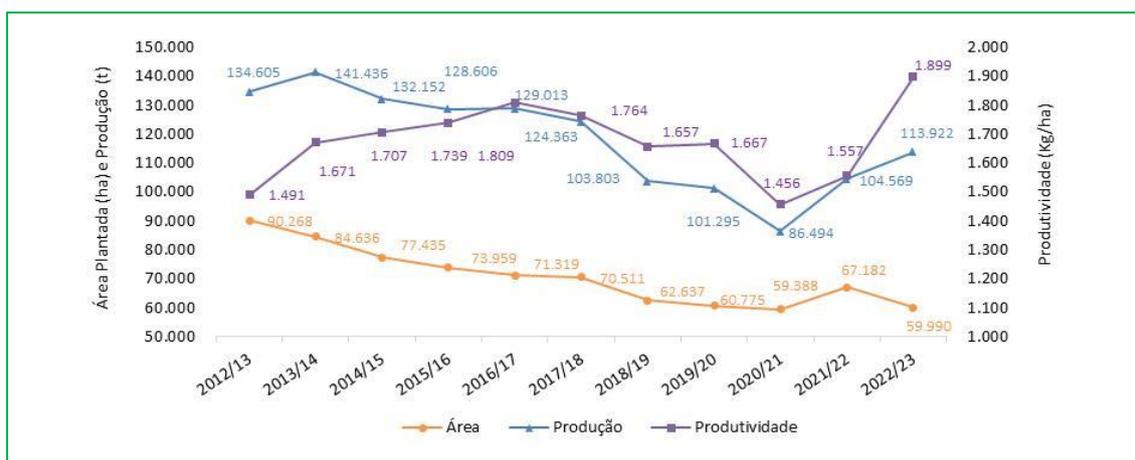


Figura 4. Feijão – Santa Catarina: evolução da área plantada, produção e produtividade – 2012/13-2022/23

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2024

Em relação aos mercados, a produção catarinense de feijão é predominantemente voltada ao mercado interno. A formação de seu preço depende de diversos fatores, como: diferentes variedades – o feijão-carioca normalmente é mais valorizado do que o feijão-preto; o tempo de armazenagem – o feijão novo (recém-colhido) é mais valorizado; a qualidade do produto – o feijão de 1ª safra oferece ao mercado um produto de melhor qualidade que o da 2ª safra; a demanda – durante as férias escolares e festividades de final de ano, a procura pelo produto é reduzida.

O mercado agrícola de maneira geral já está habituado a variações climáticas, contudo, o mercado de feijão é mais vulnerável a tais variações. A existência de informações divergentes de agentes do mercado promove uma grande assimetria na formação dos preços do feijão. Além disso, por se tratar de um produto básico para a população, sobretudo para as mais carentes, uma simples notícia de que os preços irão subir, pode levar a uma crise no mercado gerando excesso ou escassez de oferta de produto em mercados locais.

Os agentes envolvidos na cadeia do feijão são: produtores, que através dos empacotadores/indústrias se ligam à distribuição varejista; o empacotador, que compra o produto em sacas de 60kg e normalmente recebe o feijão seco, fazendo as funções de recepção, limpeza e embalagem e em seguida revendendo o feijão em embalagens de 1kg a 2kg e em fardos de 20kg. A negociação normalmente é feita diretamente com o produtor ou com as cooperativas, e quando não é possível a negociação direta. O processo seguinte é a distribuição no varejo. Os supermercados respondem pela maior atuação da comercialização de feijão no varejo, mas também existem as feiras e pequenos mercados.

Podemos verificar, portanto, que da produção ao consumo podem existir três diferentes preços: primeiramente o preço recebido pelo produtor, pago pelos empacotadores ou



indústrias aos agricultores; os preços praticados pelos empacotadores em relação à distribuição no varejo; e o preço pago pelos consumidores. Com relação aos preços recebidos pelos produtores de feijão, acompanhados e monitorados pela Epagri/Cepa, podemos verificar que o preço médio anual do feijão-carioca praticado em 2022 ficou 11% acima do preço médio de 2021. Já, para o feijão-preto, observamos uma variação negativa, registrando uma redução de aproximadamente 13%. Por outro lado, essa dinâmica entre as variações dos preços de feijão-carioca e feijão-preto se modificou em 2023, deixando muito próximo o preço médio anual recebido pelos produtores dos tipos de feijão (Tabela 7).

Tabela 7. Feijão – Santa Catarina: preço médio estadual pago aos produtores de feijão – 2021-23

Mês/Ano	(R\$/sc 60kg)					
	Feijão-preto			Feijão-carioca		
	2021	2022	2023	2021	2022	2023
Janeiro	257,95	253,04	253,54	250,15	239,59	328,32
Fevereiro	278,84	281,49	262,53	278,02	269,80	321,63
Março	286,17	291,55	252,54	275,92	293,80	325,71
Abril	259,88	249,89	247,72	251,18	290,37	330,35
Mai	258,46	208,23	215,20	248,81	318,00	265,46
Junho	239,95	189,96	195,61	237,38	294,89	229,42
Julho	231,39	179,60	208,20	237,50	265,01	161,35
Agosto	232,66	180,90	214,74	237,50	256,43	154,79
Setembro	232,29	180,85	214,74	237,50	253,80	151,40
Outubro	231,90	180,70	215,66	235,20	248,60	151,78
Novembro	231,69	182,00	234,40	229,09	225,60	181,18
Dezembro	237,64	224,10	292,07	216,61	301,37	228,36
Média	248,23	216,86	233,91	244,57	271,44	235,81

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2024

Em anos normais, os preços recebidos pelos produtores apresentam picos de alta e vales de baixa, em decorrência da diminuição da oferta nos períodos de entressafra. De maneira geral, em anos normais, sem ocorrências extraordinárias (climáticas e/ou sanitárias), a produção de feijão em todo o território catarinense, distribuída em duas safras, consegue atender toda a demanda com importações pontuais de feijão-preto em momentos mais críticos de oferta interna (Figura 5).



Figura 5. Feijão – Santa Catarina: evolução do preço médio mensal real recebido pelo produtor – jan./2022 a dez./2023

Nota: preços corrigidos pelo IGP-DI (base dezembro/2023).

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2024

Maçã

Rogério Goulart Junior, Economista, Dr. – Epagri/Cepas
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado mundiais

Em 2022, a maleicultura mundial produziu 95,8 milhões de toneladas, com taxa de crescimento de 7,4% a.a. entre 2020 e 2022. Com 4,8 milhões de hectares de área colhida, a produtividade média foi de 19.859 quilos por hectare, com crescimento de 2,2% no período.

Do volume total da fruta, em 2022 foram produzidos 66,3% na Ásia, 19,6% na Europa, 9,2% nas Américas, 3,9% na África e 0,9% na Oceania. No continente americano, a América do Norte participou com 5% da produção total; a América do Sul, com 3,3% e a América Central, com 0,9%.

Os dois principais continentes produtores apresentaram produtividade média abaixo da mundial: a Ásia com 18.971 quilos por hectare, com crescimento de 2,7%, entre 2020 e 2022 e a Europa com 19.185 quilos por hectare, com crescimento de 1,5% no período. As Américas apresentaram produtividade média acima da mundial com 30.575 quilos por hectare, mas apresentou redução de 0,2%, entre 2020 e 2022.

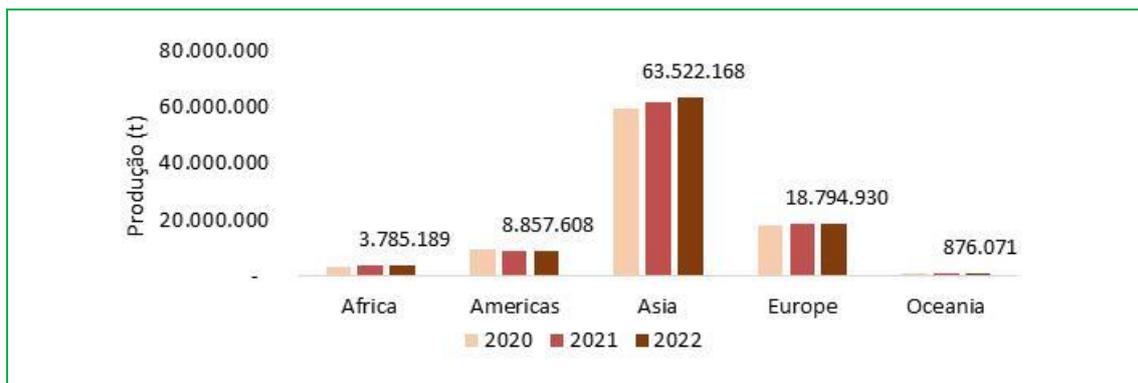


Figura 1. Maçã – Produção nos cinco continentes – 2020-22

Fonte: FAO (janeiro de 2024). Disponível em: (<<http://www.fao.org>>)

Entre 2018 e 2022 a produção de maçã apresentou taxa média de crescimento de 2,8% a.a.. Em 2022, houve aumento na produção mundial de 2% em relação ao ano anterior, influenciado principalmente pelos países como: Índia, França, Federação Russa, Turquia e Polônia com participação conjunta de 16,5%. A China apresentou uma taxa de crescimento anual de 4,9% na quantidade produzida entre 2018 e 2022, com 2,1 milhões de hectares de área colhida e acréscimo anual de 1,1% na área no período.

No quinquênio, os países com as taxas de crescimento anual de produção acima da média mundial foram: a Turquia, a Federação Russa e a China, com taxas acima de 4,5%. A Turquia apresentou o maior aumento na produção, com 7,4% a.a., seguida da Federação Russa com 6,4% e a China com 4,9% a.a. (Tabela 1). Em 12º no ranking de produção, a África do Sul obteve crescimento de 10,4% a.a. nos cinco anos analisados, sendo 11,1% entre 2020 e 2022. Já os países com taxas anuais negativas de crescimento na produção foram: o Chile, a Itália e os EUA, no intervalo de -3% a -1%. Em 13º no ranking, a Ucrânia reduziu 6,3% a produção, sendo 11,7% entre 2021 e 2022.

No período analisado, a produtividade média mundial apresentou crescimento anual de 0,4%. Entre os principais países produtores com produtividade média acima da mundial, estão: o

Chile, com 50.962 quilos por hectare em 2022; a Itália com 41.992 quilos por hectare e os EUA, com 37.937 quilos por hectare.

O Brasil participou com 1,1% da produção na safra de 2022 e apresentou redução na taxa de crescimento anual de 19,3% em relação ao ano anterior. Com 33,3 mil hectares de área em produção, em 2022, houve acréscimo de 0,1% no quinquênio, sendo 1,3% entre 2021 e 2022. A produtividade média sentiu os impactos climáticos e problemas fitossanitários com redução de 3,5% no quinquênio, mas apresentou crescimento de 1,9%, entre 2020 e 2022.

Tabela 1. Maçã – Quantidade produzida (mil t): Mundo e principais países – 2018-22

Local	Anos					Partic. 2022 (%)	Ranking (em 2022)
	2018	2019	2020	2021	2022		
Mundo	85.840	87.462	90.604	93.925	95.836	100	-
China	39.235	42.427	44.067	45.985	47.573	49,6	1º
Turquia	3.626	3.619	4.300	4.493	4.818	5,0	2º
EUA	4.645	5.029	4.665	4.505	4.429	4,6	3º
Polônia	4.000	3.081	3.555	4.067	4.265	4,4	4º
Índia	2.327	2.316	2.814	2.276	2.589	2,7	5º
Federação Russa	1.859	1.951	2.041	2.215	2.380	2,5	6º
Itália	2.467	2.304	2.462	2.212	2.256	2,4	7º
Irã	1.937	2.241	2.241	2.768	1.990	2,1	8º
França	1.740	1.754	1.743	1.633	1.786	1,9	9º
Chile	1.676	1.608	1.613	1.561	1.480	1,5	10º
Brasil	1.203	1.223	983	1.297	1.047	1,1	15º
Demais países	21.125	19.912	20.118	20.911	21.224	22,1	-

Fonte: FAO, janeiro/2024. Disponível em: (<<http://www.fao.org>>)

Entre 2020 e 2022, o volume das exportações mundiais de maçã apresentou decréscimo anual de 3,1%. Os cinco principais países exportadores responderam por 48,9% da quantidade exportada de maçãs frescas. Em 2021, a Itália chegou à liderança mundial da exportação da fruta participando com 11,4%, mesmo com taxa negativa de 2,7% no triênio, pois a China apresentou forte redução de 12,2%, perdendo a primeira posição (Tabela 2). Na comparação entre 2020 e 2022, a África do Sul amplia 6,1% o volume exportado ultrapassando o Chile e chegando a 5ª posição. Entre outros países que apresentaram crescimento no último biênio, a França, na 8ª posição, obteve recuperação de 11,1% após redução entre 2020 e 2021. Já a Turquia, na 7ª posição apresentou crescimento de 7,3% e ampliação na quantidade exportada anual de 34,1% no triênio, enquanto, entre 2021 e 2022, países como China, Polônia, EUA e Chile reduziram a participação nas exportações com diminuição de 24,4%, 20,5%, 7,3% e 6,5%, respectivamente. Além dos problemas logísticos e sanitários de 2020, nos anos seguintes houve persistência de eventos climáticos extremos e fitossanitários que afetaram a produção e o volume da fruta destinado à exportação desses países.

No triênio, os valores mundiais das exportações apresentaram redução de 5,0% a.a., passando de US\$7,59 bilhões em 2020, para US\$6,86 bilhões em 2022. Em 2022, China, Itália, EUA, Chile e Nova Zelândia somaram mais de 51,8% dos valores exportados de maçã. A China participou com 15,6% dos valores mundiais da fruta, com US\$1,07 bilhão e decréscimo de 15,3% no triênio por problemas na qualidade e redução do volume exportado. A Itália representando 13,3% dos valores negociados, com US\$913 milhões obteve decréscimo anual de 2,4% nos três anos. Os EUA participaram com 12,9%, com US\$886 milhões e crescimento anual de 1,8%. A Nova Zelândia com US\$564 milhões, representou 8,2% dos valores totais. A África do Sul ficou na 6ª posição, com participação de 7,1% e crescimento anual de 9,0% no triênio. Já os Países Baixos foram o 9º país em valores, com participação de 2,9% e decréscimo anual de 21,7% a.a.,

entre 2020 e 2022. O Brasil, com participação de 0,4% nos valores das exportações mundiais de maçãs em 2022, apresentou redução na taxa anual de 22,8% no triênio, passando de US\$41,3 milhões para US\$24,6 milhões.

Tabela 2. Maçã – Exportações brutas por país – 2020-22

Local	Quantidade (mil t)			Participação 2022 (%)	Taxa de cresc. 2020-22 (%)	Ranking (em 2022)
	2020	2021	2022			
Mundo	8.234	8.309	7.734	100,0	-3,1	-
Itália	935	920	885	11,4	-2,7	1º
China	1.094	1.116	844	10,9	-12,4	2º
Polônia	657	922	733	9,5	5,6	3º
EUA	808	753	698	9,0	-7,1	4º
África do Sul	508	589	625	8,1	10,9	5º
Brasil	63	99	35	0,5	-25,2	17º
Demais países	4.168	3.910	3.915	50,6	-	-

Fonte: FAO, janeiro de 2024. Disponível em: (<<http://www.fao.org>>)

Entre 2020 e 2022, a importação mundial de maçã apresentou decréscimo anual de 0,6% no volume comercializado. Os cinco principais países importadores responderam por 27,9% da quantidade comercializada no mercado importador das frutas frescas. No triênio, a Alemanha assumiu a liderança na quantidade mundial importada de maçã, mas com redução de 8,2% no triênio. A Índia, na 4ª posição com 5,0% da produção, apresentou a maior taxa de crescimento entre 2020 e 2022. O Iraque com aumento de 39,8% nas compras da fruta, entre 2021 e 2022, passou para a 3ª posição, sendo responsável por 5% do volume importado. Entre os países selecionados, Alemanha, Federação Russa e China apresentaram variação negativa na quantidade importada da fruta no triênio. O Reino Unido, com redução de 3,6% no triênio, caiu para a 6ª posição de maior comprador mundial de maçã, com participação de 4,1%. Já o Brasil, com a redução na produção nacional aumentou o volume importado no período, com crescimento anual de 10,1% no triênio e participando de 1,7% das compras mundiais da fruta.

Em 2022, os cinco países com maiores valores de importação de maçã, que juntos representaram 32,8% dos negócios com US\$8,6 bilhões, foram: Iraque (10,2%), China (8,0%), Alemanha (5,6%), Reino Unido (4,6%) e México (4,4%). A Federação Russa ficou na 8ª posição com 4,1% dos valores totais das importações e a Índia na 9ª posição com 3,7% de participação. As maiores taxas anuais de crescimento no triênio foram do Iraque (160,3%), Índia (25%), México (18,4%) e China (9,5%). Em 2022, o preço médio pago para importação da fruta foi de US\$1,10 o quilo, sendo que o preço pago pelo Iraque e da China ficou acima com US\$2,22 e US\$1,85 o quilo, respectivamente. Já a Índia, Alemanha e o Brasil compraram ao preço médio de cerca de US\$0,91 o quilo.

Tabela 3. Maçã – Importações líquidas por país – 2020-22

Local	Quantidade (mil t)			Participação 2021 (%)	Taxa de cresc. 2020-22 (%)	Ranking (em 2022)
	2020	2021	2022			
Mundo	7.950	8.231	7.855	100	-0,6	-
Alemanha	638	606	538	6,8	-8,2	1º
Federação Russa	651	616	490	6,2	-13,3	2º
Iraque	305	283	395	5,0	13,9	3º
Índia	216	436	392	5,0	34,9	4º
China	378	386	373	4,8	-0,6	5º
Brasil	107	51	130	1,7	10,1	19º
Demais países	5.656	5.852	5.537	70,5	-	-

Fonte: FAO, janeiro de 2024. Disponível em: (<<http://www.fao.org>>)

Produção e mercado nacionais

Em 2023, a participação na produção dos principais estados brasileiros foi de 50,0% para Santa Catarina, 47,1% para Rio Grande do Sul e 2,6% para o Paraná, os quais, juntos, representaram 99,7% da produção e 99,4% da área em produção da maleicultura nacional. Estas produções estão concentradas principalmente nas microrregiões dos Campos de Lages, Joaçaba e Curitiba, em Santa Catarina; em Vacaria e Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul; Lapa e Palmas, no Paraná.

As safras brasileiras de 2021/22 e 2022/23

Em 2023, houve redução de 0,8% na área colhida em relação a 2022. Os estados com as maiores áreas colhidas foram: Rio Grande do Sul (48,3%), Santa Catarina (48,3%) e Paraná (2,9%). O estado catarinense continua como o primeiro em produtividade média nacional.

No quinquênio, a produção brasileira apresentou taxa anual negativa de 0,8%, mas com aumento de 12,9% entre os últimos dois anos, devido ao aumento no volume produzido catarinense e gaúcho. Entre 2022 e 2023, Santa Catarina apresentou acréscimo na produção (3,3%), sendo que nos cinco anos analisados a taxa de crescimento foi de 0,2% a.a.. O Rio Grande do Sul obteve a maior redução anual da produção (2,0%) no quinquênio, com acréscimo de 27,8% entre 2022 e 2023 (Tabela 4).

Tabela 4. Maçã – Área colhida, produção e produtividade média – Brasil e principais estados produtores – 2019-23

Local	Anos					Ranking (em 2023)
	2019	2020	2021	2022	2023 ⁽¹⁾	
Área colhida (ha)						
Brasil	32.405	32.469	32.879	33.311	33.041	-
Rio Grande do Sul	15.889	15.689	15.763	15.983	15.960	1º
Santa Catarina	15.198	15.441	15.730	15.910	15.946	2º
Paraná	1.008	995	1.007	996	950	3º
Subtotal	32.095	32.125	32.500	32.889	32.856	-
Demais estados	310	344	379	422	185	-
Quantidade produzida (t)						
Brasil	1.222.949	983.255	1.297.424	1.047.217	1.182.382	-
Santa Catarina	585.790	454.823	628.592	572.372	591.427	1º
Rio Grande do Sul	603.293	490.066	628.711	435.312	556.456	2º
Paraná	26.209	29.161	30.635	29.005	30.539	3º
Subtotal	1.215.292	974.050	1.287.938	1.036.689	1.178.422	-
Demais estados	7.657	9.205	9.486	10.528	3.960	-
Produtividade média dos principais estados (kg.ha⁻¹)						
Brasil	37.740	30.283	39.461	31.438	35.785	-
Santa Catarina	38.544	29.456	39.961	35.976	37.089	1º
Rio Grande do Sul	37.969	31.236	39.885	27.236	34.866	2º
Paraná	26.001	29.308	30.422	29.121	32.146	3º

⁽¹⁾ Dados estimados sujeitos a ratificação.

Fonte: IBGE-Produção Agrícola Municipal (2019 a 2022) e LSPA* (dezembro/2023)

Exportações brasileiras

Maçãs frescas

O volume total das exportações brasileiras, entre 2019 a 2023, apresentou taxa anual com redução de 10,7% a.a.. Os cinco principais países compradores são responsáveis por 82,5% do volume exportado pelo Brasil, sendo que no período apresentou decréscimo de 5,7% a.a..

No quinquênio, a Índia foi o principal destino da maçã brasileira, com taxa de crescimento anual de 19,0%, e com aumento de 17,9% entre 2022 e 2023. Bangladesh foi o segundo destino com redução anual de 23,0%, e com maior diminuição (54,8%) entre 2022 e 2023. Já com os Emirados Árabes houve taxa de crescimento de 8,2% a.a. com volumes comprados em 2021 e 2023 acima da média. Em 2022, as exportações para Portugal vêm recuperando a taxa negativa de 6,5%, do quinquênio, com aumento dos volumes de compras da fruta brasileira, mas ainda abaixo da média. Com a Irlanda, houve decréscimo de 14,1% a.a. no período analisado, mas mostrou recuperação entre os dois últimos anos, com aumento de 5,0% das exportações brasileiras (Tabela 5).

O valor das exportações de maçãs frescas, entre 2019 e 2023, apresentou taxa de crescimento de 7,9% a.a.. Em 2022, o valor foi de US\$24,4 milhões; em 2023, houve aumento para US\$30,5 milhões, ou seja, variação anual positiva de 24,5% no biênio. Os cinco principais países de destino das exportações da fruta apresentaram juntos decréscimo de 2,4% a.a. no quinquênio, mas com ampliação de 23,0% nas compras entre 2022 e 2023.

Em 2023, a Índia participou com US\$11,9 milhões (39,1%); Bangladesh, com US\$5,3 milhões (17,3%); a seguir, os Emirados Árabes, com 9,4%; Portugal, com 9,0% e a Irlanda, com 7,0% do valor total negociado no ano. O Reino Unido com decréscimo de 13,2% no quinquênio, tendo redução de 37,3%, entre 2021 e 2023, passou para o 7º destino das exportações brasileiras da fruta. A França diminuiu as compras do Brasil na taxa anual de 34,0%, entre 2019 e 2023, com redução de 70,2% entre 2023 e o ano anterior, passando para a 11ª posição. Nas exportações brasileiras de 2023, o preço médio negociado foi de US\$847,51 a tonelada. Os países que pagaram preços acima da média foram a Índia, Emirados Árabes e França, com variação entre US\$868,00 e US\$950,00 a tonelada.

Tabela 5. Maçã fresca – Brasil: quantidade exportada – principais destinos – 2019-23

País	Quantidade (t)						Participação 2023
	2019	2020	2021	2022	2023	Média 2019-23	
Índia	6.847	6.860	23.899	11.652	13.739	11.258	38,2
Bangladesh	19.051	17.866	24.196	14.815	6.689	17.227	18,6
Portugal	4.564	3.569	6.770	559	3.493	4.155	9,7
Emirados Árabes	2.350	2.676	3.276	254	3.218	2.234	8,9
Irlanda	4.693	4.524	4.112	2.437	2.560	4.590	7,1
Subtotal	37.505	35.495	62.253	29.717	29.700	39.465	82,5
Reino Unido	3.335	3.761	4.880	3.116	2.068	3.770	5,7
França	1.115	557	1.382	678	236	1.187	0,7
Outros países	14.510	22.750	30.533	1.541	3.976	15.596	11,0
Total	56.465	62.564	99.048	35.052	35.980	60.017	100,0

Fonte: MDIC/Comex Stat (<<http://comexstat.mdic.gov.br>>)

Suco de maçã

O volume exportado de sucos de maçã (Brix \geq 20 e outros), entre 2019 e 2023, apresentou taxa de crescimento de 9,3% a.a. Os três principais países de destino do suco de maçã brasileiro apresentaram juntos um aumento de 9,4%, no período analisado, mas com redução de 6,5% entre 2021 e 2023.

No quinquênio, os EUA seguem como principal destino de suco brasileiro, mas com taxa de crescimento anual de 14,8%. O Japão apresentou taxa negativa de 3,0% a.a., enquanto que para a Alemanha a taxa negativa foi de 6,6% a.a.. Entre 2022 e 2023, houve redução de 4,0% no volume total exportado de suco. Japão e Alemanha reduziram em 24,9% e 36,6%, o volume demandado, respectivamente. Já os EUA ampliaram as compras em 5,5%, entre os dois últimos anos (Tabela 6).

O valor das exportações de suco apresentou taxa positiva de 13,5% a.a. no quinquênio. Entre 2022 e 2023 houve aumento, no valor, de US\$26,3 milhões para US\$26,9 milhões, ou seja, a variação anual foi positiva em 2,2%. Os três principais países de destino do suco de maçã brasileiro apresentaram juntos um aumento de 13,8% nos valores das exportações de suco, no período analisado.

Em 2023, a participação dos EUA foi de US\$19,9 milhões (74,0%); a do Japão, de US\$3,65 milhões (13,6%) e a da Alemanha, de 6,2% do valor total negociado. Os valores das exportações de sucos de maçã em 2023 ficaram acima da média do quinquênio para os dois principais países compradores. O preço médio de sucos de maçã exportados foi de US\$1.335,00 por tonelada, estando acima da média os preços negociados com o Japão e Alemanha.

Tabela 6. Sucos de maçã⁽¹⁾ – Brasil: quantidade exportada para os principais destinos – 2019-23

País	Quantidade (t)					Média 2019-23	Participação 2023 (%)
	2019	2020	2021	2022	2023		
EUA	8.732	9.258	18.000	14.365	15.158	13.738	75,2
Japão	2.995	1.951	2.810	3.525	2.648	2.939	13,1
Alemanha	1.494	1.428	881	1.796	1.138	1.697	5,6
Subtotal	13.220	12.637	21.691	19.686	18.944	18.374	94,0
Outros países	925	429	799	1.313	1.215	1.254	6,0
Total	14.145	13.066	22.490	20.999	20.159	19.628	100,0

⁽¹⁾ Os dados de volume e valores de 'Sucos de maçã' resultam da soma dos produtos NCM 200971 (não fermentado, Brix \geq 20) e NCM 200979 (Outros, não fermentados).

Fonte: MDIC/Comex Stat (<http://comexstat.mdic.gov.br>)

Importações brasileiras

Maçãs frescas

A quantidade importada de maçã fresca, entre 2019 e 2023, apresentou taxa de crescimento de 18,3% a.a.. Entre 2021 e 2023 houve aumento de 73,6% no volume total importado da fruta devido a diminuição ocorrida em 2021. O conjunto dos cinco principais países de origem das maçãs importadas apresentou um aumento de 19,1% a.a., no período analisado (Tabela 7).

No quinquênio, o Chile foi a principal origem da fruta importada, seguido pela Itália, com taxas anuais de crescimento de 27,4% e 37,3%, respectivamente. Portugal recuperou os volumes



comercializados com o Brasil a partir de 2022, com crescimento de 40,6% no último biênio e manteve crescimento com aumento de 13,4% entre 2019 e 2023. A França obteve crescimento de 32,5% a.a., entre os cinco anos analisados, com forte ampliação de 110,7% entre 2023 e o ano anterior; enquanto, reduziu a compra da fruta fresca brasileira, como visto na Tabela 5. Já com a Argentina o volume importado da fruta voltou a ficar acima da média, em 2023, com ampliação de 38,9% entre os dois últimos anos.

O valor das importações brasileiras de maçãs, entre 2019 e 2023, apresentou taxa de crescimento de 24,7% a.a., com o valor negociado de US\$68,2 milhões em 2019, passando para US\$165,0 milhões em 2023. Nos dois últimos anos, a soma dos valores dos principais países de origem da fruta ficou acima da média, com crescimento de 25,6% no quinquênio e 38,9% entre 2022 e 2023.

Em 2023, a participação do Chile foi de US\$52,58 milhões (31,9%); da Itália, de US\$50,9 milhões (30,9%) e da Argentina, de US\$27,4 milhões (16,6%) do valor total negociado na importação da fruta. Portugal participa com US\$19,9 milhões (12,1%) e a França com US\$6,99 milhões (4,2%). Os cinco países obtiveram crescimento anual no quinquênio e apenas o Chile apresentou redução de 6,0% entre 2022 e 2023. Em 2023, o preço médio da maçã importada foi de US\$1.072,84 por tonelada. Os preços negociados com o Chile, Argentina e Portugal ficaram abaixo da média, entre US\$1.000,00 e US\$1.077,00 a tonelada.

Tabela 7. Maçã fresca – Brasil: quantidade importada por país de origem – 2019-23

País	Quantidade importada (t)						Participação 2023
	2019	2020	2021	2022	2023	Média 2019-23	
Chile	19.947	47.818	12.657	65.366	52.566	39.277	34,2
Itália	12.458	12.975	8.291	23.663	44.264	18.085	28,8
Argentina	27.909	32.851	23.296	19.237	26.724	25.064	17,4
Portugal	11.179	7.260	1.929	13.154	18.491	9.593	12,0
França	1.869	3.603	1.310	2.738	5.770	3.036	3,8
Subtotal	73.363	104.507	47.483	124.158	147.815	95.055	96,2
Outros países	5.096	2.814	3.495	5.828	5.892	4.207	3,8
Total	78.459	107.320	50.978	129.986	153.707	99.262	100,0

Fonte: MDIC/Comex Stat (<http://comexstat.mdic.gov.br>)

Produção e mercado estaduais

Em 2022/23, o estado catarinense se mantém como o maior produtor nacional de maçã. A produção está dividida em pequenas propriedades familiares, caracterizadas pela presença de produtores em cooperativas, e por grandes empresas, que produzem e fornecem os serviços de classificação e embalagem automatizados. As frutas produzidas no estado são direcionadas, principalmente, ao mercado interno para consumo in natura ou para processamento na indústria de sucos.

Conforme estimativas da Epagri/Cepa, na safra 2022/23, Santa Catarina produziu mais de 555 mil toneladas de maçã e contou com cerca de 2.700 pomicultores. A área colhida total superou 15,3 mil hectares, com valor bruto da produção (VBP) total estimado em R\$876,3 milhões.

Tabela 8. Maçã – Safras recentes nas 3 principais regiões produtoras de Santa Catarina

Safra	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)
2017/18	15.495	574.652	37.086
2020/21	15.157	596.246	39.338
2021/22	15.304	570.234	37.260
2022/23	15.302	555.195	36.282
2023/24 ⁽¹⁾	15.779	495.790	31.421

⁽¹⁾ Valor estimado.

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2024

As principais mesorregiões produtoras catarinenses são: a Serrana, responsável por cerca 85,7% da produção da fruta, com as microrregiões dos Campos de Lages e de Curitibaanos; a mesorregião do Oeste Catarinense, com destaque para a microrregião de Joaçaba, responsável por cerca de 13,9% da produção estadual. Entre as variedades cultivadas, 50,0% das áreas são de maçã Fuji; 47,9%, de maçã Gala e 2,1%, de maçãs precoces.

As safras catarinenses de 2021/22 e 2022/23

2021/22

No início do segundo semestre de 2021, a demanda interna retraída devido às restrições econômicas impactou a comercialização de frutas de maior cotação, mesmo mantendo a qualidade esperada pelo mercado. Nos pomares, a expectativa para a safra 2021/22 era que, com horas de frio acima da média entre julho e agosto, a produção fosse maior e com frutas de qualidade. A estratégia adotada foi ampliar as exportações de frutas in natura e melhorar a comercialização no mercado interno, especialmente nas grandes redes atacadistas e mercados institucionais.

Nas microrregiões de Joaçaba e Curitibaanos, a segunda quinzena de setembro de 2021 foi marcada por pomares em plena floração e frutificação da maçã Gala, com ocorrência de granizo em algumas localidades. O raleio manual e químico ocorreu em outubro, durante uma florada acima da média. A colheita da maçã Gala iniciou-se no final de janeiro de 2022, com frutas miúdas, mas de qualidade adequada, apesar da estiagem que afetou o desenvolvimento e reduziu o calibre.

Durante a safra 2021/22, chuvas durante a floração e estiagem na frutificação impactaram a produção, resultando em menor volume e calibre das frutas. A colheita da maçã Gala entre fevereiro e março de 2022 apresentou frutas de boa qualidade, mas com menor calibre. No mesmo período, a maçã Fuji teve 93% da colheita concluída, com redução nas cotações. Entre abril e maio, a maçã Gala teve valorização devido à menor oferta em comparação com a Fuji, cuja colheita encerrou-se na 15ª semana, com 80% das frutas de qualidade adequada, mas miúdas.

Entre julho e agosto, houve valorização nos preços da maçã Gala devido ao início da entressafra e à comercialização de frutas armazenadas. No final de 2022, ocorreu desvalorização nos preços da maçã Gala nas classificadoras, comercializadas para escoar os estoques da safra 2021/22 e devido a problemas de qualidade. Nos pomares locais, as maçãs precoces da safra 2022/23 iniciaram a floração em agosto, com 20% da frutificação na primeira semana de setembro.

Na microrregião dos Campos de Lages, setembro de 2021 indicou problemas de alternância nos pomares, sugerindo redução na produção devido ao grande volume da safra anterior. Em outubro, os pomares entraram em frutificação com o início do raleio. A estiagem no início de



2022 afetou a região, com a expectativa de chuva nos meses seguintes beneficiando a maçã Fuji. A colheita da maçã Gala encerrou-se no final de março, com frutas de menor calibre, mas de boa qualidade.

A estratégia nos pomares foi diminuir o ritmo de comercialização nas classificadoras para segurar as cotações da maçã Fuji, cuja colheita iniciou-se em março e atingiu 45% da produção até meados de abril. A expectativa era de aumento no calibre devido à presença de chuvas na fase de "enchimento" da fruta, colhida até o início de maio. Entre abril e maio, houve valorização nos preços da maçã Gala devido à maior oferta da Fuji, mas a baixa comercialização nas classificadoras levou a uma valorização nas cotações de ambas as variedades de julho a agosto.

Posteriormente, as classificadoras aumentaram a comercialização, resultando na diminuição das cotações no final de setembro e início de outubro de 2022. Entre setembro e outubro de 2022, ocorreu desvalorização nos preços das maçãs Gala e Fuji, com redução dos estoques devido a problemas de podridão entre as frutas armazenadas. As classificadoras adotaram a estratégia do escalonamento das variedades para manter as cotações no mercado.

2022/21

Na microrregião de Joaçaba e Curitibaanos, entre setembro e outubro de 2022, ocorreu uma desvalorização de 4,7% nos preços da maçã Gala nas classificadoras, impulsionada tanto pela necessidade de escoar os estoques da safra 2021/22 quanto por problemas na qualidade.

No primeiro semestre de 2023, a região enfrentou uma desvalorização de 11,5% nos preços da maçã Gala entre janeiro e fevereiro, com perspectiva de manutenção dessa tendência devido ao aumento da oferta. Contudo, nos pomares, as frutas exibiam qualidade adequada ao mercado, com coloração e calibre superiores aos da safra anterior.

A colheita da maçã Fuji, entre março e abril, resultou em desvalorização de 3,6% nos preços da variedade nas classificadoras, mas a estimativa é de recuperação e valorização entre abril e maio, com o término da colheita. Posteriormente, entre maio e junho, ocorreu valorização nos preços médios das maçãs Fuji e Gala, classificadas em 4,9% e 7,6%, respectivamente. Prevê-se a manutenção nas cotações devido à menor oferta da fruta e à competição com outras variedades.

No segundo semestre de 2023, entre julho e agosto, a comercialização da maçã Fuji na microrregião apresentou valorização nos preços médios de 4,4%, mas houve diminuição nas cotações devido ao aumento da oferta de outras frutas sazonais. Nos pomares, as maçãs precoces estavam em processo de floração e frutificação, com a expectativa de uma safra abundante. Entre setembro e outubro, a comercialização da maçã Fuji registrou valorização nos preços médios de 4,1%, prevendo-se o encerramento dos estoques da safra anterior a partir de dezembro.

Já na microrregião dos Campos de Lages, entre setembro e outubro de 2022, houve uma desvalorização de 0,3% nos preços das maçãs Gala e Fuji, relacionada à redução dos estoques pelas classificadoras devido a problemas de podridão entre as frutas armazenadas. A estratégia do escalonamento das variedades foi adotada pelas classificadoras devido às características mencionadas.

No primeiro semestre de 2023, a região enfrentou uma desvalorização significativa de 17,3% nos preços da maçã Gala, iniciada em fevereiro, com a perspectiva de uma tendência similar em março devido ao aumento da oferta no mercado.

Entre março e abril, a maçã Fuji, cuja colheita foi iniciada, teve uma desvalorização de 2,5%. Mas, em maio, houve valorização nas cotações com a diminuição da oferta no mercado para



comercialização no segundo semestre. Apesar das condições climáticas adversas que prejudicaram a safra em toda a região, as maçãs apresentaram boa qualidade, garantindo valorização nos preços finais e a possibilidade de escalonamento na comercialização de frutas de atmosfera controlada nos meses seguintes.

No segundo semestre de 2023, entre julho e agosto, houve uma valorização significativa nos preços médios das maçãs Fuji e Gala, estocadas em atmosfera controlada, com variação positiva de 8,3% e 2,9%, respectivamente. A estratégia de escalonamento foi adotada nas classificadoras, com a maior presença da maçã Fuji em setembro e a expectativa de maior oferta, resultando em um recuo nas cotações. Entre setembro e outubro, a valorização nos preços médios das maçãs Fuji e Gala continuou, com variação positiva de 4,5% e 4,3%, respectivamente, e a estratégia de escalonamento se manteve, projetando um recuo nas cotações em novembro.

As safras 2021/22 e 2022/23 enfrentaram desafios climáticos e econômicos, afetando a produção e comercialização das maçãs. A desvalorização nos preços, especialmente no primeiro semestre de 2023, reflete a necessidade de gerenciar estoques e problemas de qualidade. A estratégia de escalonamento nas classificadoras mostra a busca por manter cotações no mercado. A expectativa é de recuperação nos preços, mas a oferta, as condições climáticas e a estratégia de comercialização continuam influenciando o cenário das maçãs.

Preço no atacado

No final de 2022, observou-se uma valorização expressiva nos preços da fruta de categoria 1, impulsionada pela alta demanda e baixo estoque. As categorias 2 e 3 também tiveram valorizações significativas, devido à preferência por frutas de menor calibre e preços mais acessíveis.

No primeiro trimestre de 2023, a dinâmica do mercado se alterou, com uma desvalorização nos preços da categoria 1 devido ao aumento da oferta com o início da colheita da maçã Gala. As categorias 2 e 3 também experimentaram variações em suas cotações. No entanto, em fevereiro, os preços da categoria 1 mostraram uma valorização de 26,8% em relação ao ano anterior e 1,6% em comparação com o mesmo mês de 2021.

No final do primeiro e início do segundo trimestre de 2023, na Ceasa/SC houve desvalorização nos preços da maçã de categoria 1, associada à colheita da maçã Fuji. As categorias 2 e 3 apresentaram quedas mais acentuadas. Em abril, os preços da categoria 1 estavam desvalorizados em relação ao ano anterior, mas com uma valorização de 48,4% em relação ao mesmo mês de 2021.

No segundo trimestre, houve valorização nos preços da categoria 1, devido à diminuição da oferta com o final da safra. As categorias 2 e 3 também tiveram valorizações, contribuindo para a manutenção da tendência de aumento de preços da categoria 1 ao longo do ano. Em junho de 2023, a categoria 1 estava valorizada em 24,8% em relação ao ano anterior.

No terceiro trimestre, a valorização nos preços da categoria 1 foi mantida, atribuída à melhor qualidade das frutas comercializadas no período. As categorias 2 e 3 também registraram valorizações. Em agosto de 2023, a categoria 1 estava valorizada em 11,5% em relação ao ano anterior.

No último trimestre de 2023, manteve-se uma valorização nos preços da categoria 1. As categorias 2 e 3 também registraram aumentos, contribuindo para uma valorização geral da maçã no mercado. Em outubro, os preços da categoria 1 estavam 11,4% valorizados em relação ao ano anterior.



Ao longo dos trimestres analisados, os preços das maçãs da categoria 1 experimentaram variações significativas, influenciadas por fatores como oferta, demanda e qualidade das frutas. A estratégia de escalonamento da comercialização das maçãs Gala e Fuji em atmosfera controlada foi adotada para lidar com as flutuações de estoque. As categorias 2 e 3, representando percentuais relativos do valor da categoria 1, evidenciam a dinâmica de preços diferenciados no mercado de maçãs ao longo do período analisado.



Figura 2. Maçãs por categorias – Evolução do preço (corrigido) Ceasa-SC – 2020-23

Nota: Preço corrigido IGP-DI da FGV (dez. 23=100); Cat. 1, 2 e 3 é a classificação vegetal para maçã - Instrução Normativa n.5 de 2006 do MAPA.

Fonte: Epagri/Cepa e Ceasa-SC (2024)



Figura 3. Maçã Fuji – Preço médio (nominal) na Ceasa-SC – 2020-23

Nota: Preço médio entre as categorias 1, 2 e 3.

Fonte: Epagri/Cepa e Ceasa-SC (2024)

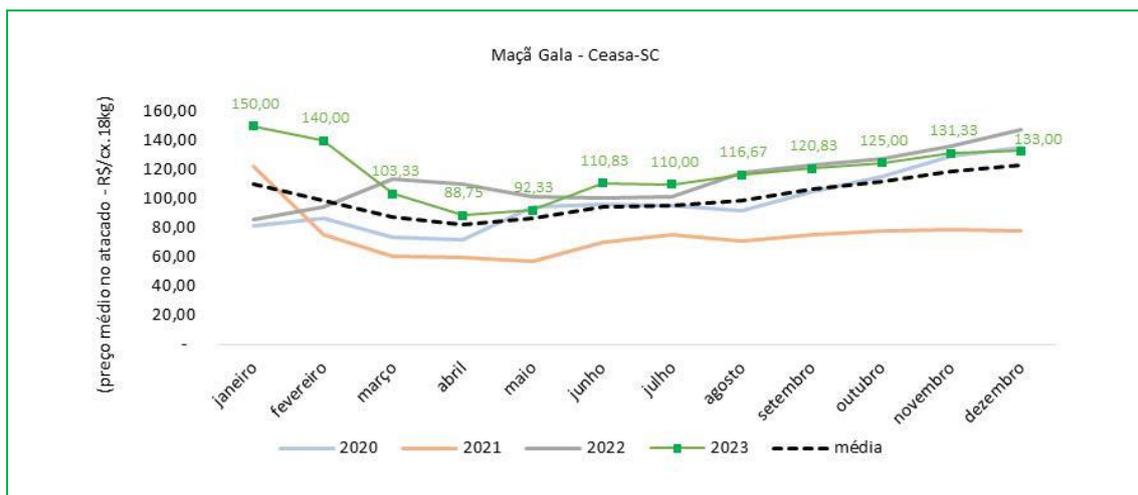


Figura 4. Maçã Gala – Preço médio (nominal) na Ceasa-SC – 2020-23

Nota: Preço médio entre as categorias 1, 2 e 3.

Fonte: Epagri/Cepa e Ceasa-SC (2024)

Exportações estaduais

Maçã fresca

Os principais estados exportadores de maçã participam com 99,4% do volume comercializado da fruta e obtiveram redução de 39,7%, entre 2021 e 2023. O Rio Grande do Sul apresentou taxa anual negativa no volume exportado de maçã in natura, com redução de 2,5% em relação a 2022, e com decréscimo anual de 39,7% no triênio. No estado de Santa Catarina, com participação de 19,6% na quantidade vendida, obteve aumento de 28,3% entre 2022 e 2023, mas com volume exportado com redução de 33,3% na taxa média anual dos três anos analisados (Tabela 9).

Tabela 9. Maçã fresca – Brasil: quantidade exportada por estado da federação – 2021-23

Local	Quantidade (t)			Participação 2023 (%)	Taxa cresc. 2021-23 (%)	Ranking (em 2023)
	2021	2022	2023			
Brasil	99.048	35.052	35.980	100	-39,7	-
Rio Grande do Sul	82.326	29.321	28.598	79,5	-41,1	1º
Santa Catarina	15.869	5.501	7.057	19,6	-33,3	2º
São Paulo	225	98	114	0,3	-28,8	3º
Demais estados	629	132	211	0,6	-42	-

Fonte: MDIC/Comex Stat (<<http://comexstat.mdic.gov.br>>)

O valor nacional exportado, de US\$24,5 milhões em 2022, aumentou para US\$30,5 milhões em 2023, com crescimento de 24,5%, já no triênio houve redução de 35,7% nos valores, uma vez que em 2021 o total foi de US\$73,8 mil. Entre 2022 e 2023, o Rio Grande do Sul, que representou 80,2% dos valores nacionais, ampliando as exportações de US\$20,43 milhões, em 2022, para US\$24,45 milhões em 2023, com aumento de 19,7%; enquanto no triênio houve redução de 37,4%, com o alto valor de 2021 de US\$62,3 mil. Em 2023, Santa Catarina participou com 17,3% (US\$5,28 milhões) dos valores negociados de maçã, com acréscimo de 46,4% em relação a 2022. Porém, no triênio, o estado catarinense apresenta decréscimo anual de 29,2%, uma vez que os valores negociados em 2021 foram de US\$10,55 milhões.

Suco de maçã

Em 2023, os três principais estados são responsáveis por 99,8% das exportações brasileiras de suco de maçã, com redução de 4% em relação a 2022. Santa Catarina manteve a maior participação (74,9%) no volume exportado de suco de maçã e obteve aumento de 1,5% no volume exportado entre 2022 e 2023. O Rio Grande do Sul, que participou com 21,2% do volume total de suco de maçã, apresentou redução de 23,0% em relação a 2022 (Tabela 10).

Tabela 10. Suco de maçã – Brasil: quantidade exportada por estado da federação – 2021-23

Local	Quantidade (t)			Participação 2023 (%)	Taxa cresc. 2021-23 (%)	Ranking (em 2023)
	2021	2022	2023			
Brasil	22.490	20.999	20.159	100,00	-5,30	-
Santa Catarina	19.972	14.885	15.109	74,90	-13,00	1º
Rio Grande do Sul	2.067	5.550	4.274	21,20	43,80	2º
São Paulo	415	515	730	3,60	32,70	3º
Demais estados	36	49	46	0,20	12,10	-

Fonte: MDIC/Comex Stat (<<http://comexstat.mdic.gov.br>>)

Em 2023, o mercado de suco de maçã movimentou o equivalente a US\$26,9 milhões, com aumento de 3,5% no triênio. O estado catarinense foi responsável por 73,3% dos valores negociados (US\$19,7 milhões) com acréscimo de 5,7% entre 2022 e 2023, mas com redução anual de 5,8% entre os três anos analisados. O estado gaúcho participou com 23,3% dos valores em 2023 com redução de 10,3% nos valores em relação a 2022, mas com variação anual positiva de 63,1% entre 2021 e 2023.

Milho

Haroldo Tavares Elias – Engenheiro-agrônomo. Dr. - Epagri/Cepas
htelias@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado mundiais

Os principais produtores mundiais do grão são Estados Unidos, China e Brasil, os quais, somados, produziram 760,9 milhões de toneladas na safra 2022/23, o equivalente a quase 66% da produção mundial. Na safra 2022/23 houve uma redução de 4,9% na produção global em relação ao ano anterior. Isso decorreu de expressivas reduções nas produções da Argentina e dos EUA (por questões climáticas), da Ucrânia (em função da guerra) e da União Europeia. O Brasil e a China tiveram suas produções elevadas, mas não compensaram a retração desses produtores (Tabela 1).

Tabela 1. Milho – Principais países produtores mundiais – 2018/19-2022/23

País	2018/19	2019/20	2020/21	2021/22	2022/23 ⁽¹⁾
Estados Unidos	363.787,0	344.651,0	357.819,0	381.469,0	346.739,0
China	257.174,0	260.779,0	260.67	272.552,0	277.200,0
Brasil	101.000,0	102.000,0	87.000,0	116.000,0	137.000,0
União Europeia	64.351,0	66.742,0	67.44	71.549,0	52.403,0
Índia	27.715,0	28.766,0	31.647,0	33.73	38.085,0
Argentina	51.000,0	51.000,0	52.000,0	49.500,0	36.000,0
México	27.671,0	26.658,0	27.346,0	26.762,0	28.077,0
Ucrânia	35.805,0	35.887,0	30.297,0	42.126,0	27.000,0
África do Sul	11.824,0	15.844,0	16.951,0	16.137,0	17.100,0
Rússia	11.415,0	14.275,0	13.872,0	15.225,0	15.832,0
Outros	176.291,0	175.421,0	183.728,0	190.92	182.095,0
Total Mundial	1.128.033	1.122.023	1.128.770	1.215.970	1.157.531

⁽¹⁾ Estimativa.

Fonte: Usda, março/2024

O consumo mundial cresceu 4% de 2019 a 2022 e decresceu 1,6% de 2022 para 2023. A produção mundial cresceu 7,8% de 2019 a 2022 e decresceu 4,9% de 2022 para 2023. Com isto, houve importante redução nos estoques mundiais de 2022 para 2023, o que sugere utilização de estoques internos (Tabela 2).

Tabela 2. Milho – Balanço de oferta e demanda mundial – 2018/19-2022/23

Atributo	2018/19	2019/20	2020/21	2021/22	2022/23 ⁽¹⁾
Produção	1.128.033	1.122.023	1.128.770	1.215.970	1.157.531
Importações	166.373	167.686	184.749	184.447	172.579
Exportações	182.58	172.394	182.728	206.385	180.187
Consumo Doméstico	1.130.356	1.130.863	1.147.374	1.176.331	1.158.948
Estoque Final	323.075	309.527	292.944	310.645	301.62

⁽¹⁾ Estimativa.

Fonte: Usda, março/2024

Em resposta ao crescimento da demanda, as exportações mundiais aumentaram mais de 13% entre 2019 e 2022. De 2022 para 2023, contudo, recuaram mais de 25 milhões de toneladas, o que sugere o uso de estoques remanecentes e explica em parte o recuo dos preços

internacionais no referido ano. Os Estados Unidos e a Argentina explicam a maior parte dessa redução. Em 2022 e 2023, o Brasil aumentou as suas vendas externas, passando a maior exportador mundial em 2023. Apenas o Brasil, os Estados Unidos, a Argentina e a Ucrânia responderam por mais de 82% das exportações mundiais de 2022/23 (Tabela 3).

Tabela 3. Milho – Principais exportadores mundiais – 2018/19-2022/23

Discriminação	Milhões de toneladas				
	2018/19	2019/20	2020/21	2021/22	2022/23 ⁽¹⁾
Brasil	39,7	35,1	21,0	48,3	56,0
Estados Unidos	52,5	45,2	69,8	62,8	42,2
Ucrânia	30,3	28,9	23,9	27,0	27,1
Argentina	37,2	36,3	40,9	34,7	24,0
Rússia	2,8	4,1	4,0	4,0	5,9
União Europeia	4,3	5,4	3,7	6,0	4,2
África do Sul	1,4	2,5	3,7	3,7	3,7
Paraguai	2,8	2,6	1,3	4,8	3,5
Índia	0,4	1,4	3,6	3,4	3,1
Myanmar	1,5	2,2	2,4	2,5	2,2
Outros	9,7	8,7	8,4	9,4	9,1
Mundo	182,6	172,4	182,7	206,6	181,0

⁽¹⁾ Estimativa.

Fonte: Usda, fevereiro/2024

Os principais importadores são a União Europeia, o México, a China, o Japão e a Coreia do Sul, que responderam por mais de 50% das importações mundiais em 2022/23. Depois de um crescimento de quase 11% entre 2019 e 2022, as importações mundiais recuaram quase 12 milhões de toneladas de 2022 para 2023, o que se deu em função de reduções nas importações da China, do Irã e do Egito. Com isso, a China que se tornou o maior importador mundial em 2021 e 2022, mudando a dinâmica do mercado internacional de milho, passou a terceiro importador mundial (Tabela 4). O aumento de 16,5 milhões de toneladas na produção chinesa, da safra 2020/21 para 2022/23, permitiu essa expressiva redução nas importações.

Tabela 4. Milho – Principais importadores mundiais – 2018/19-2022/23

Discriminação	Milhões de toneladas				
	2018/19	2019/20	2020/21	2021/22	2022/23 ⁽¹⁾
União Europeia	23,6	17,4	14,5	19,7	23,2
México	16,7	16,5	16,5	17,6	19,4
China	4,5	7,6	29,5	21,9	18,7
Japão	16,0	15,9	15,5	15,0	14,9
Coreia do Sul	10,9	11,9	11,7	11,5	11,1
Vietnã	10,1	10,6	13,5	9,2	9,8
Irã	9,0	6,8	7,2	8,6	6,4
Colômbia	6,1	6,0	5,8	6,5	6,3
Egito	9,4	10,4	9,6	9,8	6,2
Arábia Saudita	3,7	4,5	3,0	4,1	3,3
Outros	56,4	60,1	58,0	60,6	53,3
Mundo	166,4	167,7	184,8	184,5	172,6

⁽¹⁾ Estimativa.

Fonte: Usda, fevereiro/2024

Produção e mercado nacionais

No Brasil, a importância do milho é evidenciada por suas diversas formas de utilização: a alimentação animal, que representa cerca de 70% do consumo; a alimentação humana e a produção de biocombustível⁶. Embora haja lavouras de milho em praticamente todo Brasil, poucos estados concentram grande parte da produção nacional. Em 2023, Mato Grosso, Paraná, Goiás e Mato Grosso do Sul responderam por mais de 73% das 131 milhões de toneladas de milho produzidas no Brasil. Em 2023 a produção nacional foi quase 20% maior do que em 2022. Esta expressiva expansão deveu-se, sobretudo, aos aumentos nas produções do Mato Grosso, do Paraná e de Goiás, na segunda safra (Tabela 6).

Primeira safra

Os principais estados produtores na primeira safra foram: Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina, que somaram 44% da produção brasileira da primeira safra (Tabela 5). Em 2023 a produção teve aumento de 9% em relação aos anos anteriores. No sul do Brasil, a produção da primeira safra vem se mantendo estabilizada nos últimos quatro anos em torno de 10 milhões de toneladas. A soja conquista áreas antes destinadas ao milho. Cada vez mais o sul do Brasil dependerá do produto milho de outras regiões do Brasil e/ou de importações, uma vez que o consumo da região ultrapassa 35 milhões de toneladas. Em contraponto, os estados da Região Nordeste aumentaram a produção em mais de 20% no período de 2019 a 2023. Isto é relevante, uma vez que essa região, assim como a do sul do Brasil, é deficitária no suprimento do produto.

Tabela 5. Evolução da produção de milho primeira safra – Brasil: principais estados produtores

	2019	2020	2021	2022	2023
Brasil	25.985.997	26.592.956	25.662.204	25.426.766	27.739.515
Minas Gerais	4.532.559	4.644.386	4.895.848	5.588.707	5.201.123
Rio Grande do Sul	5.738.614	4.208.693	4.391.398	3.000.740	3.960.378
Paraná	3.159.735	3.564.900	3.116.800	2.963.800	3.782.300
Santa Catarina	2.773.257	2.699.729	2.006.862	2.112.327	2.532.215
São Paulo	2.195.355	2.172.123	2.281.515	1.995.500	2.029.358
Piauí	1.467.116	2.050.164	1.793.966	1.955.601	2.046.297
Bahia	1.365.600	1.800.200	1.900.000	2.190.800	2.349.720
Goiás	1.419.324	1.493.213	1.494.713	1.468.362	1.477.449
Maranhão	986.345	1.239.919	1.359.774	1.439.094	1.595.164
Ceará	425.503	633.175	415.091	527.099	358.638
Pará	506.500	489.547	518.447	538.795	538.795
Tocantins	428.548	464.277	409.681	447.043	526.421
Outros	987.541	1.132.630	1.078.109	1.198.898	1.341.657

Fonte: IBGE, LSPA, janeiro/2024

⁶ Segundo dados da União Nacional do Etanol de Milho (Unem), a produção de etanol de milho alcançou 5,12 bilhões de litros na safra 2022/23, incremento de 25% em comparação à da safra anterior. Para este volume de etanol, o montante necessário às 20 indústrias instaladas no Brasil é de 12,8 milhões de toneladas, o que representará 17% do total do etanol produzido no Brasil.

Segunda Safra

Na segunda safra, o destaque é o estado do Mato Grosso, que respondeu por 48% da produção nacional em 2021. Os estados da região do Matopiba (Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia), incluindo Rondônia e Sergipe, apresentam um consistente aumento na produção dos últimos quatro anos, ultrapassando, em conjunto, 5,4 milhões de toneladas. O Nordeste é um importante consumidor do cereal e a produção regional está diminuindo a pressão por importações, tanto externas quanto de outras regiões do País (Tabela 6).

Tabela 6. Evolução da produção de milho na segunda safra – Brasil e principais produtores

	2019	2020	2021	2022	2023
Brasil	75.103.115	77.376.669	62.820.298	84.739.443	103.346.496
Mato Grosso	31.226.020	33.396.318	31.765.972	38.564.434	50.120.596
Paraná	13.318.523	12.174.360	7.371.270	13.294.700	14.176.500
Mato Grosso do Sul	9.837.048	10.551.561	5.286.933	12.748.729	13.289.710
Goiás	10.558.573	10.378.040	9.286.863	9.065.542	12.571.390
Minas Gerais	2.975.879	3.036.853	1.894.813	2.255.884	3.095.859
São Paulo	2.534.660	2.341.252	1.643.152	2.190.900	2.442.582
Rondônia	882.125	893.557	1.011.028	1.385.000	1.621.702
Tocantins	655.824	965.819	994.005	1.122.998	1.443.901
Sergipe	687.189	904.506	741.765	887.178	986.951
Maranhão	823.530	853.452	899.975	795.842	884.159
Pará	326.999	315.077	610.113	701.930	836.738
Bahia	550.621	1.026.860	617.466	650.000	745.200
Piauí	368.497	149.589	351.069	635.889	710.206
Outros	357.292	389.425	345.874	440.417	421.002

Fonte: IBGE, LSPA, janeiro/2024

A produção da segunda safra registrou aumento de 37% de 2019 a 2023, representando mais de 75% da produção total no Brasil enquanto a primeira safra se estabilizou em cerca de 25 milhões de toneladas. A soja, com demanda internacional, se constitui como concorrente do milho pelo uso das áreas na primeira safra. Na segunda safra o milho entra em sucessão a soja, em especial na Região Centro-Oeste.

Na Região Sul, aumenta a dependência do produto de outras regiões do Brasil e/ou de importações. Em 2023, com consumo estimado em mais de 35 milhões de toneladas, a produção regional ficou abaixo de 25 milhões de toneladas. Parte disso se dá pelo plantio de soja em áreas antes destinadas ao milho.

Um aspecto cada vez mais evidente ao longo dos anos é o distanciamento da produção da segunda safra em relação à primeira. Em 2011, 60% da produção nacional foi colhida na primeira safra. Em 2023, essa participação foi de pouco mais de 21%. Nos últimos anos, a produção nacional tem se expandido quase que exclusivamente pelo aumento na segunda safra (Figura 1).

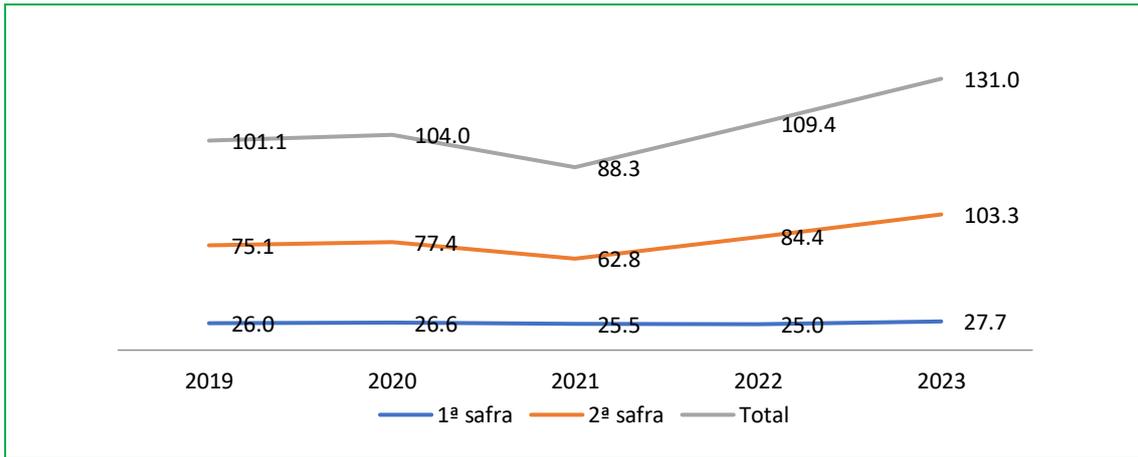


Figura 1. Milho – Produção no Brasil na 1ª e 2ª safras - 2019 a 2023 (milhões de t)

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal e Levantamento Sistemático da Produção Agrícola de fevereiro/2024

Apesar do aumento de quase 30 milhões de toneladas na produção nacional de milho de 2019 para 2023, o estoque nacional teve grande retração no mesmo período. Isto decorreu do aumento do consumo e das exportações (Figura 2). O estoque final para a safra 2022/23, de 5,9 milhões de toneladas, é suficiente para um consumo interno de apenas 27 dias. As intercorrências climáticas podem deixar vulnerável o suprimento interno no país, em especial em regiões com maior consumo, como o sul do Brasil.

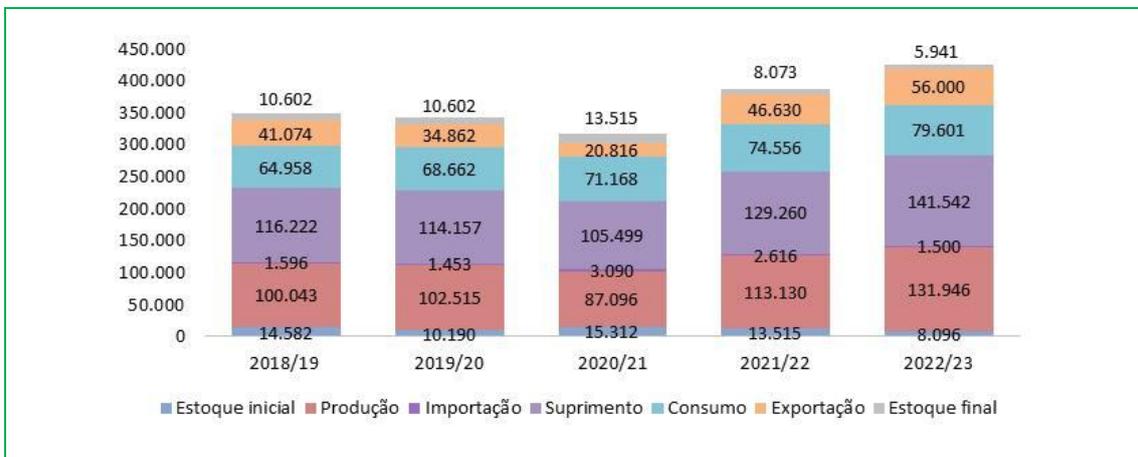


Figura 2. Milho – Brasil: oferta e demanda – 2018/19 a 2022/23 (mil toneladas)

Fonte: Conab, janeiro/2024

Em 2023, o Brasil exportou milho em grão para mais de 100 países. Foram 55,9 milhões de toneladas e 13,5 bilhões de dólares (Tabela 7). A China foi o principal mercado. No acumulado de 2019 a 2023, contudo, o Japão e o Irã importaram mais do que a China. Em US\$/tonelada, o maior valor médio de exportação foram os US\$279,71/t, de 2022. A guerra da Rússia com a Ucrânia, os efeitos da pandemia e a demanda da China resultaram na diminuição dos estoques internacionais e no aumento dos preços internacionais do milho. Parte dessa valorização foi perdida em 2023 e o valor médio de exportação recuou quase 14%, para US\$240,96/t.

Tabela 7. Milho – Brasil: Exportação por país de destino – 2019-23

País	Mil toneladas					Total 2019-23	
	2019	2020	2021	2022	2023	Mil t	Partic. %
Japão	6.732	4.237	1.736	4.926	5.954	23.585	12,0
Irã	5.362	4.402	3.232	6.573	3.233	22.801	11,6
China	69	15	-	1.161	16.123	17.368	8,8
Egito	3.258	3.172	3.304	3.955	1.619	15.309	7,8
Vietnã	3.986	3.713	971	1.793	4.681	15.144	7,7
Espanha	3.209	2.411	2.037	4.859	1.995	14.511	7,4
Coreia do Sul	3.499	2.518	1.112	2.387	3.471	12.987	6,6
Taiwan	2.831	2.498	1.110	1.591	2.461	10.491	5,3
México	1.900	1.234	419	1.715	1.671	6.939	3,5
Colômbia	855	284	703	2.436	1.716	5.994	3,1
Outros	11.008	9.908	5.774	11.763	12.936	51.389	26,1
Total	42.709	34.392	20.398	43.159	55.860	196.518	100
US\$ FOB/t	168,77	168,15	200,85	279,71	240,96	216,88	-

Fonte: MDIC/Comex Stat, janeiro/2024

As importações brasileiras de milho em grão são pífias em relação às exportações. No acumulado de 2019 a 2023, são 10 milhões de toneladas, significando 5,1% das exportações do período. O Paraguai foi responsável por mais de 81% dessa quantidade. As importações estão concentradas quase que exclusivamente nos três estados da Região Sul, que respondeu por mais 97% das importações brasileiras do período 2019-23 (Tabela 8).

Tabela 8. Milho – Brasil: Importação por estado – 2019-23

País	Mil toneladas					Total 2019-23	
	2019	2020	2021	2022	2023	Mil t	Partic. %
Paraná	602	731	1.673	1.597	798	5.401	53,8
Santa Catarina	695	425	617	614	353	2.704	27,0
Rio Grande do Sul	127	144	796	407	209	1.683	16,8
Outros	35	71	118	18	-	242	2,4
Total	1.459	1.371	3.204	2.636	1.360	10.030	100
US\$ FOB/t	129,37	141,79	225,53	228,82	197,63	197,18	

Fonte: MDIC/Comex Stat

As importações catarinenses nos últimos cinco anos totalizaram 2,7 milhões de toneladas, o que equivale a produção total em um ano no estado. Em termos financeiros, estas importações correspondem a um valor superior a 100 milhões de dólares por ano. O Paraguai está se tornando a origem preferencial do produto, em função da menor distância em relação ao Centro-Oeste brasileiro.

Produção e mercado estaduais

Em Santa Catarina, a área cultivada de milho-grão reduziu-se em 118 mil hectares entre as safras 2012/13 e 2022/23. Boa parte dessa área foi destinada ao plantio da soja. A constante valorização e maior liquidez da soja, a forte oscilação dos preços do milho, o custo de produção mais elevado e o manejo mais difícil do milho, são alguns dos fatores que estimularam essa conversão de áreas. Nos últimos três anos, a área cultivada se estabilizou em torno de 350 mil hectares e o rendimento médio variou drasticamente por anomalias climáticas. Na safra 2022/23, o rendimento voltou a superar os 8.000kg/ha e a produção retornou ao nível da safra 2018/19 (Figura 3).

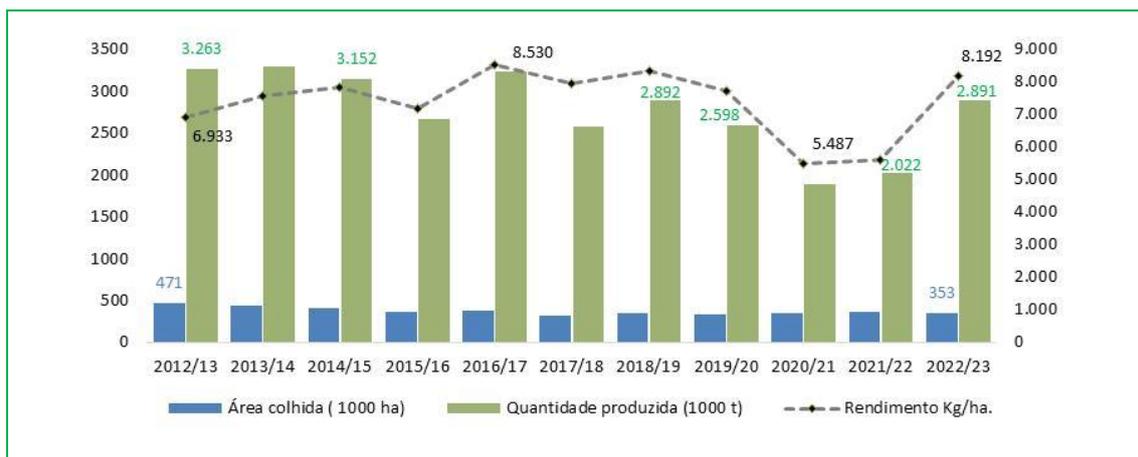


Figura 3. Milho – Santa Catarina: evolução das safras 2012/13 a 2022/23

Fonte: Epagri/Cepa, Sistema de Acompanhamento de Safras

O milho é cultivado de forma distribuída em todas as microrregiões do estado sendo que as microrregiões de Joaçaba, Chapecó, Campos de Lages e Canoinhas somam mais de 50% da área cultivada. As microrregiões que estão registrando as maiores reduções são as de São Miguel do Oeste e Chapecó, principalmente em função do avanço do plantio de milho para a produção de silagem, pois elas respondem por 50% da produção leiteira do estado. Em 2021/2022, houve uma forte redução na produção catarinense em função da estiagem que aconteceu no início da safra. Na safra 2022/23, a produção estadual é recuperada para 2,89 milhões de toneladas, sendo 2,69 milhões de toneladas na primeira safra e 200 mil toneladas na segunda (Tabelas 9 e 10).

Tabela 9. Milho – Santa Catarina: comparativo da 1ª safra – 2021/22 e 2022/23

Microrregião	Safra 2021/22			Safra 2022/23		
	Área plant. (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)	Área plant. (ha)	Produção (t)	Rend. (kg/ha)
Joaçaba	63.640	311.129	4.889	60.815	514.697	8.463
Chapecó	39.276	209.929	5.345	43.460	387.471	8.916
Canoinhas	36.200	262.752	7.258	33.300	325.040	9.761
Campos de Lages	36.010	171.568	4.764	31.270	254.716	8.146
Xanxerê	22.350	136.748	6.118	24.180	240.020	9.926
Curitibanos	26.730	129.908	4.860	24.470	213.123	8.710
São M. do Oeste	23.390	92.067	3.936	22.840	174.359	7.634
Concórdia	21.750	102.312	4.704	22.730	154.371	6.792
Rio do Sul	19.320	106.046	5.489	18.290	129.648	7.088
Ituporanga	10.380	56.942	5.486	9.450	73.020	7.727
Araranguá	7.786	52.722	6.771	7.786	60.168	7.728
Criciúma	7.109	52.180	7.340	7.109	56.978	8.015
Tubarão	4.753	32.400	6.817	4.433	34.536	7.791
São Bento do Sul	3.800	27.867	7.333	3.100	28.140	9.077
Tabuleiro	1.800	12.960	7.200	3.315	18.185	5.486
Tijucas	2.220	14.102	6.352
Blumenau	1.993	10.001	5.018	1.975	9.811	4.967
Joinville	417	2.450	5.875	520	2.715	5.221
Santa Catarina	326.704	1.794.983	5.494	321.263	2.691.099	8.377

⁽¹⁾ As estimativas de safra de Santa Catarina são levantadas pela Epagri/Cepa, as quais podem diferir das do IBGE. As metodologias de levantamento são próprias.

Fonte: Epagri/Cepa, Sistema de Acompanhamento de safras, janeiro/2024

Tabela 10. Milho – Santa Catarina: comparativo da safra 2021/22 e 2022/23

Discriminação	Safra 2021/22			Safra 2022/23		
	Área plant. (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)	Área plant. (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
1ª safra	326.704	1.794.983	5.494	321.263	2.691.099	8.377
2ª safra	32.527	192.671	5.923	31.616	200.287	6.335
Total	359.231	1.987.654	8.312	352.879	2.891.386	8.192

Fonte: Epagri/Cepa, Sistema de Acompanhamento de safra, janeiro/2024

Oferta e demanda em Santa Catarina

Santa Catarina tem produção muito abaixo da demanda de milho. Esse déficit estrutural é suprido por importações interestaduais e internacionais, notadamente do Paraguai e da Argentina. Embora tenha havido uma “pausa” em 2023, esse déficit se acentuou nos anos recentes, pela redução da oferta e aumento da demanda (Tabela 11). Essa falta de produção para atender a demanda reflete em aumento do custo do produto, principalmente em função do transporte. A Secretaria de Estado da Agricultura e Pecuária, com participação do setor produtivo, tem buscado alternativas para minimizar os efeitos do déficit de milho, entre as quais: incentivos do programa Terra Boa para aumento da produtividade e da produção do milho; estímulos para investimento no aumento da capacidade de armazenagem e fomento em pesquisas de outros grãos para a alimentação animal, como trigo, triticale e cevada; entre outras iniciativas.

Tabela 11. Milho – Santa Catarina: Evolução do balanço de oferta e demanda – 2019-23

Discriminação			Mil toneladas					
			2019	2020	2021	2022	2023 ⁽¹⁾	
Oferta	Produção	1ª safra	2.791,2	2.517,1	1.810,2	1.829,3	2.691,1	
		2ª safra	101,6	63,8	75,0	192,7	200,3	
		Total	2.892,8	2.580,9	1.885,2	2.022,0	2.882,1	
	Importação		695,1	424,8	616,8	614,2	600,0	
Total		3.587,9	3.005,7	2.502,0	2.636,2	3.482,1		
Demanda	Consumo	Animal <i>in natura</i>	Suínos	3.076,7	3.283,2	3.569,4	3.894,8	3.960,7
			Frangos de corte	2.810,2	2.831,1	2.822,1	2.770,5	2.890,3
			Galinhas poedeiras	140,7	162,3	172,5	175,4	162,9
			Perus	198,4	204,1	206,4	206,1	140,9
			Bovinos (corte)	108,2	121,3	110,5	106,3	102,5
			Bovinos de leite	685,1	707,0	712,6	726,8	726,8
			Codornas (corte e ovos)	21,6	23,4	19,4	27,3	30,4
			Patos e marrecos	10,9	9,4	12,8	12,5	13,6
	Humano <i>in natura</i>		30,0	30,0	30,3	30,3	30,3	
	Reservas para sementes		1,0	1,0	1,1	1,0	1,0	
Perdas		3,6	3,0	2,5	2,6	2,6		
Exportação		380,9	83,9	17,0	182,0	181,6		
Total		7.434,8	7.427,0	7.644,2	8.135,5	8.243,6		
Saldo		-3.846,9	-4.421,3	-5.142,2	-5.459,6	-4.761,5		

⁽¹⁾ Estimativa.

Fonte: Epagri/Cepa, fevereiro/2024

No que diz respeito a preços, o mercado do milho passou por fortes oscilações nos anos recentes. No caso dos preços aos produtores de Santa Catarina, houve mudança de patamar a partir do 2º semestre de 2020, se aproximou dos R\$100,00/sc, em 2021, e ficou entre



R\$90,00/sc e R\$100,00/sc no 1º trimestre de 2022. Estas cotações foram impulsionadas por fatores internos e externos, como: apertados estoques de passagem no Brasil; preocupações concernentes à safra de verão de 2021/22, como a estiagem no sul do Brasil, que reduziu a produtividade e a produção regional; conflito entre Rússia e Ucrânia e a quebra da safra em alguns países, que elevaram os preços internacionais; entre outros. Assim, no período 2019-2022, as cotações em 2021 e 2022 ficaram bem superiores às dos anos anteriores. Em 2023, porém, em função da produção recorde do cereal no Brasil, o quadro de preços mudou radicalmente. Depois de ficarem acima dos R\$80,00/sc, a partir de abril/maio, as cotações aos os produtores catarinenses situaram-se sempre entre pouco mais R\$50,00/sc e menos de R\$60,00/sc (Figura 4).

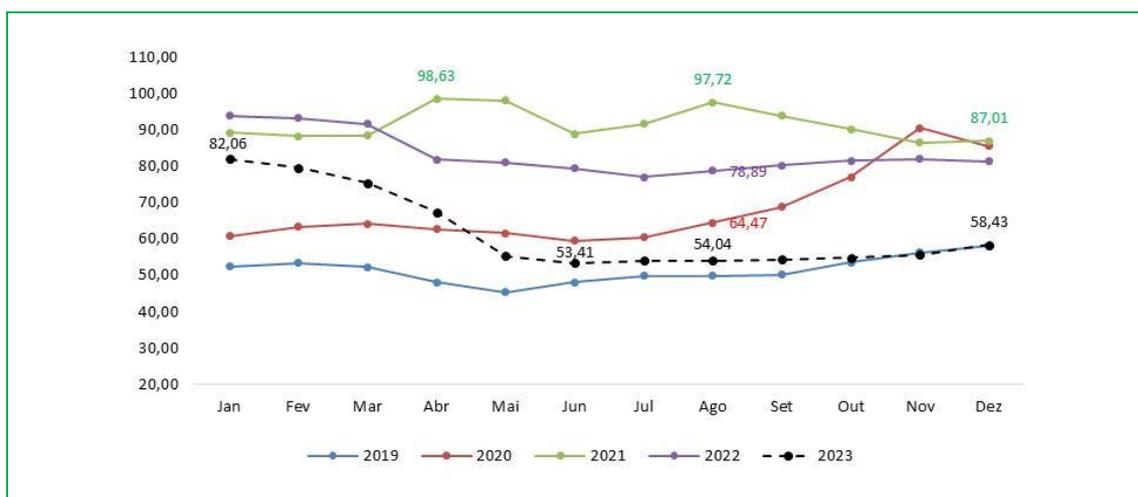


Figura 4. Milho/SC – Preço médio aos produtores – 2019-3, em R\$/sc de 60kg (corrigido pelo IGP-DI, base dezembro/2023)

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2021

Soja

Haroldo Tavares Elias – Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepas
htelias@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado mundiais

Como maior produtor mundial de soja, o Brasil apresenta um aumento contínuo da produção, tendo alcançado cerca de 162 milhões de toneladas em 2023. Desde 2018/19 até 2023, o incremento foi de 34%, enquanto a produção mundial aumentou apenas 4%. A produção dos EUA e da Argentina mantêm-se estabilizadas nos últimos cinco anos. O Brasil é um dos poucos países com possibilidade de expansão da área cultivada. Na produção mundial, a safra 2022/23 marcou recuperação frente à safra anterior, sendo a maior da série histórica. Fato que impactou nos preços em 2023. O Brasil, os Estados Unidos e a Argentina são os maiores produtores mundiais de soja, representando mais de 80% da produção global em 2022/23 (Tabela 1). A soja tornou-se a principal *commodity* agrícola brasileira. Alguns autores comparam este crescimento ao fenômeno ocorrido com os ciclos da cana-de-açúcar, da borracha e do café, que, em distintos períodos dos séculos XVII a XX, comandaram o comércio exterior do País.

Tabela 1. Soja – Principais países produtores de grãos – 2018/19 a 2022/23

(milhões de toneladas)

	Soja em grão				
	2018/19	2019/20	2020/21	2021/22	2022/23 ⁽¹⁾
Brasil	120,50	128,50	139,50	130,50	162,00
Estados Unidos	120,52	96,64	114,75	121,50	116,22
Argentina	55,30	48,80	46,20	43,90	25,00
China	15,97	18,09	19,60	16,40	20,28
Índia	10,93	9,30	10,46	11,89	12,41
Paraguai	8,84	10,55	9,64	4,18	10,05
Canadá	7,42	6,15	6,36	6,22	6,54
Rússia	4,03	4,36	4,31	4,76	6,00
Ucrânia	4,83	4,50	3,00	3,80	4,10
Bolívia	2,99	2,83	3,32	3,46	3,99
Outros	12,19	11,71	12,09	13,80	11,47
Total mundial	363,51	341,43	369,22	360,41	378,06

⁽¹⁾ Estimativa.

Fonte: USDA, janeiro/2024

A produção mundial de óleo de soja apresenta um aumento contínuo nos últimos anos. No período de 2013/14 a 2022/23 (Tabela 3). A oleaginosa se apresenta como a principal matéria-prima empregada na produção de biocombustível, no entanto, em 2023 se manteve estável, assim como a produção de farelo (Figura 2). Por outro lado, a produção da soja-grão teve oscilações em algumas safras, contudo, na safra 2022/23, a produção de grãos apresentou um incremento de 4,3%. Esta oscilação na produção mundial é uma das principais variáveis que influenciam o comportamento do mercado internacional (Figura 1).

Tabela 2. Soja – Principais países produtores dos derivados da soja: farelo – 2018/19 a 2022/23
(milhões de toneladas)

Farelo de soja					
	2018/19	2019/20	2020/21	2021/22	2022/23 ⁽¹⁾
China	67,32	72,47	75,24	71,28	76,03
Estados Unidos	44,28	46,36	45,87	47,01	47,62
Brasil	32,96	36,23	36,05	39,31	41,14
Argentina	31,50	30,24	31,32	30,29	23,65
União Europeia	11,85	12,32	12,48	12,17	11,30
Índia	7,68	6,89	8,00	6,80	8,24
México	4,86	4,74	4,90	5,02	5,26
Rússia	3,66	3,66	3,55	3,78	4,26
Paraguai	2,89	2,65	2,52	1,67	2,61
Egito	2,767	3,715	3,082	3,555	1,737
Outros	24,56	26,34	26,92	27,55	25,97

⁽¹⁾ Estimativa.

Fonte: USDA, janeiro/2024

Tabela 3. Soja – Principais países produtores dos derivados da soja: óleo soja – 2018/19 a 2022/23
(milhões de toneladas)

Óleo de soja					
	2018/19	2019/20	2020/21	2021/22	2022/23 ⁽¹⁾
China	15,23	16,40	17,02	16,13	17,20
Estados Unidos	10,98	11,30	11,35	11,86	11,90
Brasil	8,18	9,00	8,95	9,76	10,23
Argentina	8,04	7,70	7,93	7,66	5,99
União Europeia	2,85	2,96	3,00	2,93	2,72
Índia	1,73	1,55	1,80	1,53	1,85
México	1,14	1,11	1,15	1,17	1,23
Rússia	0,83	0,83	0,81	0,86	0,97
Paraguai	0,73	0,67	0,63	0,42	0,66
Egito	0,64	0,86	0,71	0,82	0,48
Outros	5,80	6,18	6,32	6,50	6,14
Total mundial	56,15	58,55	59,67	59,65	59,35

⁽¹⁾ Estimativa.

Fonte: USDA, janeiro/2024

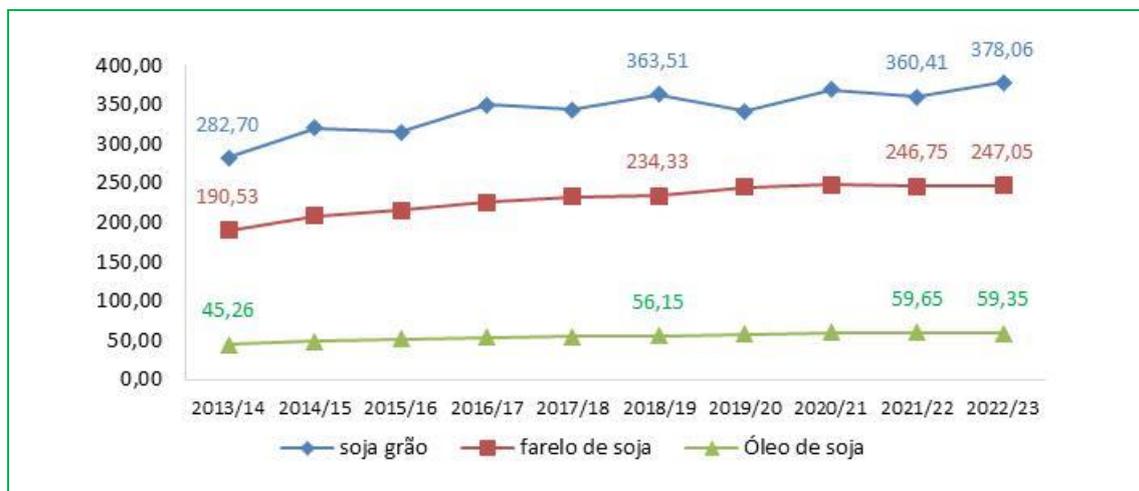


Figura 1. Soja – Evolução da produção mundial de soja-grão, farelo e óleo – 2013/14-2022/23
(milhões de t)

Fonte: USDA, fevereiro/2024

Exportações

O Brasil ultrapassou os Estados Unidos e se consolidou como o maior exportador mundial de soja, com média de volume exportado nos últimos quatro anos de 88,9 milhões de toneladas (Tabela 3). No período de 2022/23 comercializou um volume recorde na série, de 95,5 milhões de toneladas. Em relação ao farelo e ao óleo, a Argentina se destaca como maior exportadora, no entanto apresentou uma retração significativa no volume exportado em 2022/23, em função da quebra da produção nesta safra. Em função disso, a redução da produção nesse país repercute diretamente no mercado internacional destes dois produtos. As exportações globais do produto soja-grão apresentaram um recuo de 6,7% em 2021/22 em relação ao período anterior, no entanto, em 2022/23 teve uma recuperação de 11,5% em relação ao período anterior. Estes movimentos dos volumes exportados justificam a variação dos preços no mercado internacional no período.

Tabela 4. Soja – Exportações mundiais e dos principais países – 2020/21 a 2022/2023

(milhões de toneladas)

País de origem	Soja em grão			Farelo de Soja			Óleo de Soja		
	20/21	21/22	22/23	20/21	21/22	22/23	20/21	21/22	22/23
Brasil	81,65	79,06	95,51	16,58	20,21	21,34	1,16	1,26	2,41
Estados Unidos	61,66	58,57	54,21	12,41	12,28	13,3	1,29	0,79	0,8
Argentina	6,33	2,27	6,5	28,33	26,59	20,75	5,4	6,14	4,87
Paraguai	4,55	4,28	4,24	1,92	0,13	1,99	0,63	0,56	0,37
Canadá	5,2	2,86	4,19	0,36	0,41	0,38	0,91	1,06	0,97
Ucrânia	5,79	7,17	7,33	0,49	0,45	0,5	0,34	0,23	0,24
Rússia	165,18	154,22	171,96	0,64	0,7	0,55	0,64	0,56	0,48
Outros	81,65	79,06	95,51	8,72	8,19	8,4	2,02	2,01	2,18
Total mundial	61,66	58,57	54,21	69,43	68,83	67,22	12,38	12,61	12,32

Fonte: USDA, fevereiro/2024

Oferta e demanda mundial

Os estoques mundiais de soja mantêm-se estáveis no período de 2017/18 á 2022/23, com algumas oscilações, excetuando em 2018/19 (Tabela 5); por outro lado, o consumo doméstico mundial no mesmo período passou de 340 milhões de toneladas para 364 milhões de toneladas, alta de 7,2% (USDA, fev.2024). É necessário observar que os números de estoques do USDA divergem dos da Conab para o Brasil, pois a coleta das informações do USDA acontece em agosto/setembro, momento de pré-colheita nos EUA. Nesta época, o Brasil apresenta estoques consideráveis, com grandes volumes ainda a serem exportados. O mesmo acontece com a Argentina. Em 2023, ocorreu um aumento significativo da produção mundial da oleaginosa (cerca de 5%), por isso as exportações tiveram um impulso superior a 11% em relação à safra anterior. No mesmo período, os estoques apresentaram uma recuperação de 5,6%, a boa safra brasileira em 2023 contribuiu no quadro mundial.

Tabela 5. Soja em grão – Estoque mundial dos principais produtores e consumidores¹ – 2017/18-2022/23

(milhões de toneladas)

Atributo	2017/18	2018/19	2019/20	2020/21	2021/22	2022/23
Produção	343,82	363,51	341,43	369,22	360,41	378,06
Exportações	153,4	149,22	165,82	165,18	154,22	171,96
Consumo doméstico	340,28	345,63	360	364,8	363,94	364,94
Estoque final	100	114,62	95,53	100,27	98,03	103,57

⁽¹⁾ Fonte: USDA, Estoque final, fevereiro/2024

Oferta e demanda nacionais

No tocante ao balanço da oferta/demanda nacional de soja-grão e derivados, observa-se uma forte evolução na produção de grãos de 2016-2023, com aumento de 30% (Tabela 6). As exportações aumentaram mais de 22% no período, favorecidas pela forte expansão da produção e demanda do mercado internacional. Por outro lado, o estoque final registrou retração, passando de 7,03 milhões de toneladas, em 2018, para 4,6 milhão de toneladas em 2023, em função das exportações crescentes nas últimas três safras. O processamento vem aumentando em ritmo inferior ao da produção, já que o Brasil exporta grande parte da soja em grão sem processamento. A produção de farelo aumentou 23,8% de 2018 a 2023, enquanto os estoques permaneceram estáveis no período. As exportações de farelo, no período avaliado, evoluíram 35%, percentual superior ao índice das exportações da soja-grão, uma vez que a Argentina apresentou redução significativa na produção em 2023. Em relação à produção de óleo, de 2018 a 2023 houve um aumento de 22%, enquanto o consumo interno aumentou 15% no mesmo período. Em função disso, o Brasil precisou importar cerca de 100 mil toneladas de óleo bruto e refinado (ME-Comex Stat, 2021). O incremento nas vendas no mercado interno/consumo doméstico de óleo 2023 em relação a 2022 foi de 17,1% por conta da mudança do percentual da mistura de biodiesel na composição do óleo diesel. A Agência Nacional do Petróleo elevou de 10% para 12% o percentual de biodiesel na mistura com diesel em 2023 (ANP, 2023).

Tabela 6. Soja e derivados – Balanço de oferta e demanda nacional – 2018-23

Discriminação	(mil toneladas)					
	2018	2019	2020	2021	2022	2023 ⁽¹⁾
Soja						
Estoque inicial	13.712	7.032	7.224	2.910	5.259	3.706
Produção	123.081	120.751	127.989	138.856	129.944	159.000
Importação	187	144	822	864	419	181
Sementes/Outros	3.134	3.176	3.307	3.482	2.254	2.684
Exportação	83.258	74.073	82.973	86.108	78.730	101.863
Processamento	43.556	43.454	46.845	47.781	50.932	53.700
Estoque final	7.032	7.224	2.910	5.259	3.706	4.640
Farelo						
Estoque Inicial	2.350	2.122	1.674	1.810	2.183	2.382
Produção	33.185	33.477	36.021	36.771	39.210	41.100
Importação	0	3	5	4	3	0
Exportação	16.672	16.682	16.938	17.149	20.353	22.597
Vendas no mercado Interno	16.741	17.246	18.952	19.314	18.661	18.100
Estoque final	2.122	1.674	1.810	2.123	2.382	2.785
Óleo						
Estoque inicial	411	407	296	412	488	518
Produção	8.833	8.791	9.557	9.638	9.945	10.800
Importação	35	48	199	107	24	21
Exportação	1.416	1.041	1.110	1.651	2.597	2.337
Vendas no mercado Interno	7.457	7.909	8.530	8.017	7.342	8.600
Estoque final	407	296	412	490	518	402

⁽¹⁾ Refere-se à previsão para os ano 2023.

Fonte: Abiove, atualizado em 27/02/2024

Exportações brasileiras

As exportações nacionais de soja tiveram um aumento superior a 138% de 2013 a 2023. Em 2023, segundo o Ministério da Economia, o Brasil exportou 101,8 milhões de toneladas de soja-grão, quantidade recorde para a série histórica (Tabela 6). Do total das exportações do complexo soja em 2023, 80,3% foi de soja em grão (Tabela 7). Os demais coprodutos exportados são: farelo e resíduos sólidos da extração do óleo e óleo. O óleo de soja bruto é exportado num volume de 1,4 milhão de toneladas, além de outros óleos refinados. O Brasil é o principal produtor e exportador mundial do grão. No entanto, quanto aos coprodutos, óleo e farelo, os volumes não são tão significativos quando comparados com a crescente produção da oleaginosa. Em termos de valores (US\$/t), em 2022 apresentou um aumento de 24% em relação ao período anterior, o que reflete a valorização da *commodity* no mercado internacional. Já em 2023 houve um recuo do valor da tonelada exportada, uma desvalorização de 11,6% em relação ao ano anterior. No período designado de “boom das commodities”, de 2012 a 2014, as cotações também superaram a US\$500/t, sendo que a média do valor da tonelada em 10 anos foi de US\$439.

Tabela 7. Soja – Brasil: evolução das exportações do complexo soja e soja-grão – 2013-23

Ano	Complexo soja (milhões de t)	Soja em grão ⁽¹⁾ (milhões de t)	Valor das exportações (soja grão)	
			US\$ bilhões	US\$/t
2013	57,49	42,79	22,81	533,07
2014	60,71	45,69	23,27	509,3
2015	70,82	54,32	20,98	386,23
2016	67,28	51,58	19,33	374,76
2017	83,67	68,15	25,71	377,26
2018	101,34	83,25	33,05	397
2019	91,79	74,06	26,07	352,01
2020	101,02	82,97	28,56	344,22
2021	104,91	86,1	38,63	448,66
2022	101,68	78,73	46,55	591,26
2023	126,79	101,86	53,23	522,58

⁽¹⁾ Soja, mesmo triturada, exceto para semeadura

Fonte: ME/Comex Stat, fevereiro/2024

Destino das exportações brasileiras

Os embarques da soja brasileira em 2023 tiveram como destino mais de 50 países. Para o mercado chinês, o percentual chegou próximo a 68% do volume exportado, 53,62 milhões de toneladas de soja grão (Figura 2). A dependência do mercado chinês não é vista como a melhor estratégia, pois um leque maior de compradores poderia gerar uma maior estabilidade nas relações comerciais. A Argentina, excepcionalmente aparece como segundo maior destino da soja brasileira, importou mais de 10 milhões de toneladas em 2023, sendo mais de 4 milhões de toneladas oriunda do Brasil. A Tailândia, a Espanha e a Turquia também são mercados relevantes com cerca de 3% da participação de cada um destes das exportações brasileiras.

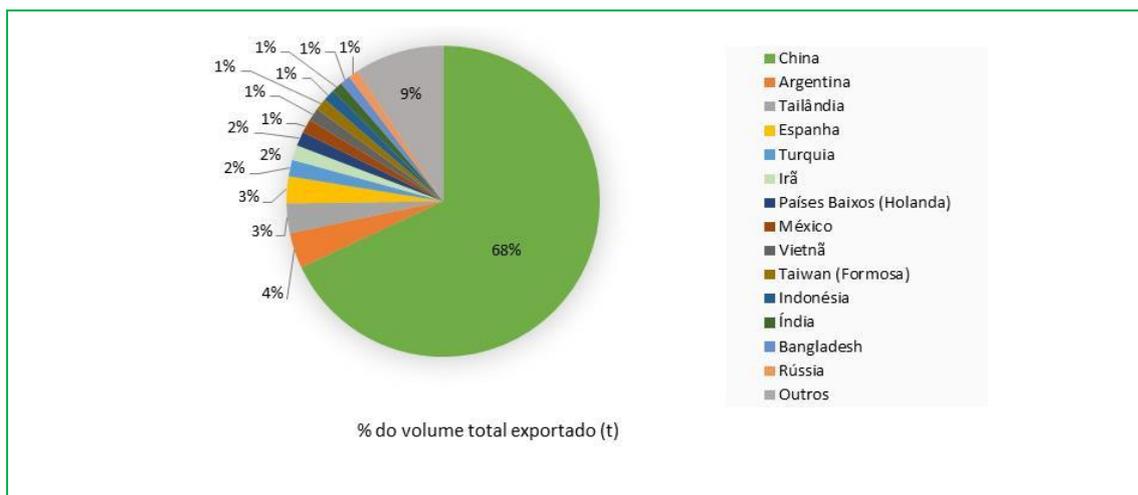


Figura 2. Soja – Brasil: Destino das exportações brasileiras em 2023

Soja, mesmo triturada, exceto para sementeira.

Fonte: ME/Secex-Comex Stat, fevereiro/2024

Produção e mercado nacionais

A produção brasileira de soja aumentou em 57,1% de 2016-2023, representando mais de 54,67 milhões de toneladas em termos absolutos (IBGE/LSPA, 2024). Os principais estados produtores são: Mato Grosso, Paraná, Goiás, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul, que representam aproximadamente 72% da produção total nacional (Tabela 8). A produção do Mato Grosso corresponde a mais de 26% do total (Figura 3), enquanto o Centro-Oeste é responsável por aproximadamente 42% do total produzido no Brasil. É importante destacar que os estados do Nordeste, no período de 2016 a 2023, apresentaram uma forte elevação da produção, chegando a duplicar em alguns estados, representando, junto com Tocantins, a nova fronteira de expansão do cultivo da soja no Brasil.⁷

Tabela 8. Soja em grão – Produção nacional e principais estados produtores – 2016-23

	(milhões de toneladas)							
	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023 ⁽¹⁾
Mato Grosso	26,28	30,48	31,61	32,25	35,07	35,66	38	39,4
Paraná	16,82	19,82	19,27	16,16	20,84	19,85	12,19	19,37
Goiás	10,23	11,36	11,31	10,82	12,68	13,07	15,06	15,49
Rio Grande do Sul	16,21	18,74	17,54	18,5	11,29	20,42	9,34	21,44
Mato Grosso do Sul	7,39	9,07	9,87	8,7	11,01	12,23	8,54	13,59
Minas Gerais	4,75	5,05	5,44	5,17	6,21	6,98	7,64	8,36
Bahia	3,21	5,14	6,24	5,31	6,07	6,83	7,24	7,12
São Paulo	2,63	3,17	3,41	3,02	3,96	4,07	4,68	4,7
Maranhão	1,24	2,33	2,75	2,84	3,06	3,2	3,46	3,74
Tocantins	1,81	2,47	2,58	2,62	3,05	3,56	3,37	4,2
Santa Catarina	2,14	2,43	2,35	2,42	2,24	2,34	2,16	3,01
Rondônia	0,76	0,91	1	1,19	1,35	1,35	1,16	1,91
Outros	2,28	4	4,47	4,5	4,73	5,37	6,68	8,09
Brasil	95,75	114,98	117,83	113,49	121,55	134,93	119,52	150,42

⁽¹⁾Estimativa, fevereiro/2024.

Fonte: IBGE/LSPA

⁷ As estimativas do USDA e IBGE apresentam diferenças para a safra brasileira.

No período de 2013 a 2023, a área cultivada e a produção de soja no Brasil cresceram 61,4% e 84% respectivamente. O aumento da área cultivada atingiu mais de 1,5 milhão de hectares por ano. Nesse período, a produção total aumentou, sobretudo, em função do aumento da área. Em Santa Catarina, o rendimento médio na safra 2023 foi de 3,68t/ha, superior à média nacional, que foi de 3,33t/ha (Figura 3).



Figura 3. Soja em grão – Brasil: evolução de área, produção e rendimento – 2013 a 2023⁽¹⁾

⁽¹⁾ Estimativa.

Fonte: IBGE/LSPA, fevereiro/2024

Produção e mercado estaduais

Acompanhando a tendência da cultura no País, a área de cultivo com soja apresentou crescimento significativo em Santa Catarina (Figura 6). Entre as safras de 2012 e 2023, foram incorporados cerca de 340 mil hectares (Figura4). O aumento da produção foi superior a um milhão de toneladas no período, avançando sobre áreas de milho, feijão, pastagens e até de florestas plantadas (INFOAGRO, 2024). A partir de 2020/21, o sistema de acompanhamento de safra (Epagri/Cepa) levanta a área cultivada da soja de segunda safra, que registra cerca de 60 mil hectares em 2023, valor compreendido nos dados apresentados na Figura 4.

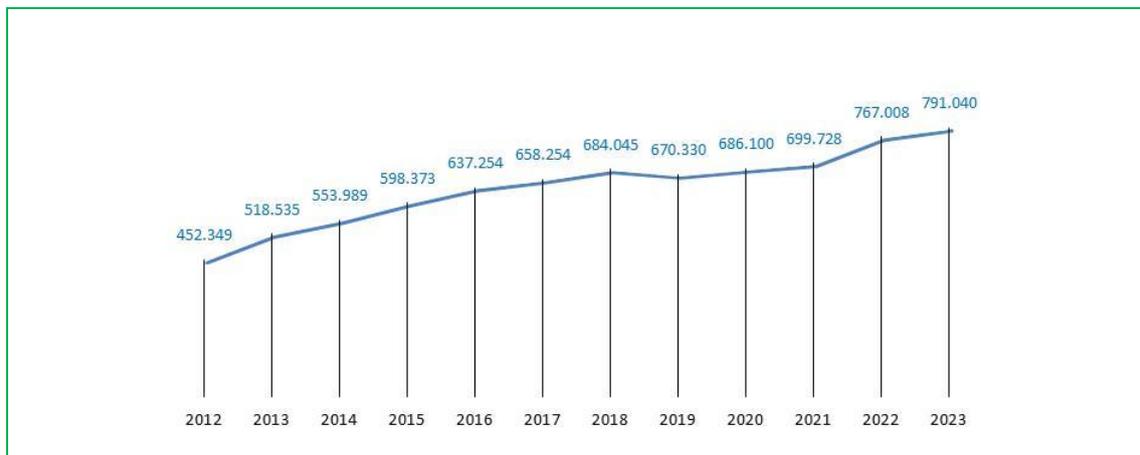


Figura 4. Soja – Santa Catarina: evolução da área cultivada – Safras 2012/13 a 2022/23

Fonte: Epagri/Cepa – Infoagro, fevereiro/2024



As regiões que registram as maiores áreas de cultivo na safra 2022/23 foram: Canoinhas, Xanxerê (Abelardo Luz), Curitibanos (Campos Novos), que, juntas, respondem por mais de 50% da área de cultivo do estado (Tabela 9). A região de Campos de Lages foi a que apresentou aumento de 39% de área cultivada, com maior expansão absoluta no Estado. O cultivo de soja também está sendo registrado na safra 2018/19 no litoral do Sul Catarinense (Infoagro, 2023). Em Criciúma, Tubarão e Araranguá, atualmente são cultivados 8.855ha em substituição às áreas de feijão e arroz e em sucessão às de milho. A safra 2021/2022 apresentou atraso no plantio em virtude da estiagem nos meses de setembro e outubro de 2021, o que impactou a produção final. Na safra de 2022/23, houve a recuperação da produção, nessa safra foram cultivados 791 mil hectares, com produção estimada 2,99 milhões de toneladas, sendo esta a maior safra da série histórica (Infoagro, 2024).

Tabela 9. Soja – Santa Catarina: área plantada e quantidade produzida no Estado e microrregiões, de 2019/20 à 2022/23

Microrregião	2019/20		2020/21		2021/22		2022/23	
	Área (ha)	Qtde. prod. (t)						
Araranguá	530	1.696	1.115	3.545	1.125	3.582	1.125	3.774
Campos de Lages	62.740	227.422	67.930	227.984	72.590	191.240	82.350	309.410
Canoinhas	135.500	519.272	147.450	478.375	157.201	541.480	158.450	623.535
Chapecó	94.935	310.684	95.780	274.320	117.120	273.181	120.510	382.849
Concórdia	6.552	23.738	7.350	24.468	8.595	23.492	9.100	34.060
Criciúma	4.260	14.980	4.440	14.318	5.780	18.840	5.780	19.918
Curitibanos	109.630	457.227	111.220	434.811	116.695	348.239	121.480	496.865
Ituporanga	7.930	31.604	8.350	27.593	9.130	22.791	8.700	31.890
Joaçaba	59.830	227.307	53.070	188.524	56.982	169.346	61.565	248.044
Rio do Sul	5.355	19.640	5.695	18.425	6.560	17.412	8.020	27.786
São Bento do Sul	11.100	38.970	12.000	35.282	12.750	41.595	12.900	48.395
S. Miguel do Oeste	37.910	130.162	41.605	125.456	45.640	79.910	49.790	185.029
Tubarão	400	1.280	650	1.911	1.830	5.705	1.950	6.150
Xanxerê	149.830	497.173	142.773	499.108	155.010	428.455	149.320	574.468
Santa Catarina	686.502	2.501.155	699.428	2.354.121	767.008	2.165.268	791.040	2.992.172

Fonte: Epagri/Cepa

Exportações estaduais

As exportações catarinenses de soja em grão cresceram cerca de 170% de 2012 a 2023. Em 2023, Santa Catarina exportou 1,64 milhão de toneladas do complexo soja (Tabela 10), que inclui, além do produto em grão, óleos, farelos e outros coprodutos. Entre os principais destinos das exportações, a China lidera o *ranking* de compra da soja catarinense, adquirindo em torno de 80% de seu total comercializado. A quase totalidade dessas exportações, porém, foi de soja em grão, com mais de 90% do total embarcado. Em termos de valor, em 2022 o país asiático atingiu valores recordes em 10 anos, com o valor de U\$626,99/t. Em 2023, no entanto, houve um recuo de 9,2%, provocando a desvalorização do produto no mercado internacional e impactando nos preços recebidos pelos produtores.

Tabela 10. Soja – Santa Catarina: exportações, soja grão – 2012-23

	Complexo soja - Volume (t)	Soja grão - Volume (t)	Valor (US\$ mil)	Soja - grão US\$/t
2012	887.984	577.840	294.969	510,47
2013	996.148	913.282	481.082	526,76
2014	1.742.335	1.629.386	832.177	510,73
2015	1.651.115	1.509.219	582.235	385,79
2016	1.614.885	1.564.279	592.783	378,95
2017	1.893.528	1.844.618	707.097	383,33
2018	2.694.315	2.334.653	918.794	393,55
2019	1.932.464	1.860.501	646.637	347,56
2020	2.004.596	1.934.703	663.996	343,2
2021	1.529.290	1.454.966	667.372	458,69
2022	1.119.277	1.024.616	642.434	627
2023	1.646.916	1.560.234	888.742	569,62

Nota: Complexo soja e Soja grão.

Fonte: Comex, Stat/ME, fevereiro/2024

Preços

Nos últimos cinco anos analisados, 2020 e 2021 apresentaram um comportamento diferenciado (Figura 5). Em 2020, os preços registraram forte elevação, alcançando recordes nominais e em valores corrigidos desde 2014. A pandemia representou um fator adicional para as cotações das *commodities* (milho, soja e trigo) no mercado internacional, seja devido ao câmbio, seja pela demanda dos grãos no contexto da segurança alimentar. No início de 2022, as cotações seguiram firmes, próximo a R\$190,00/sc, em função da Guerra Rússia x Ucrânia, quando se registrou uma elevação significativa em março, recuando ao longo de 2022. No final de 2022 e início de 2023, nas cotações futuras na Bolsa de Chicago a pressão sobre os preços com o início da colheita da safra 2022/23 no Brasil foi recorde, com grande oferta do produto.

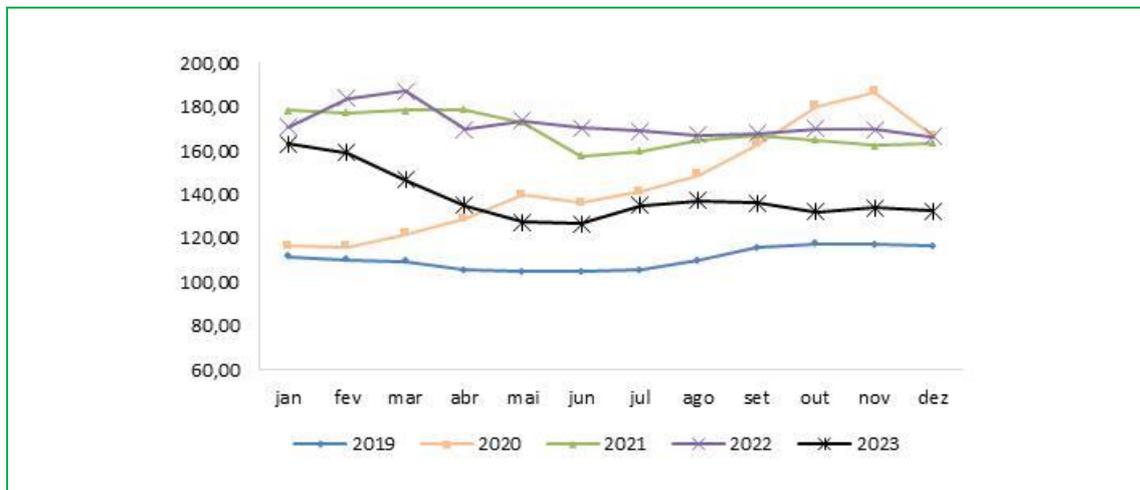


Figura 5. Soja em grão – Santa Catarina: preço médio mensal ao produtor – 2019-23 (corrigidos pelo IGP-DI, dez 2023)

Fonte: Epagri/Cepa

Tabaco⁸

Luis Augusto Araujo, Engenheiro-agrônomo, M.Sc - Epagri/Cepa
laraujo@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado mundiais

A Figura 1 apresenta a evolução da área plantada e da produção mundial de tabaco no período 2012 a 2022. Como resposta à menor demanda mundial pelo tabaco não manufaturado, a partir de 2013, observa-se tendência de diminuição na área plantada e da produção no mundo. Assim, após registrar um pico de 4.209 mil hectares plantados e 7.508 mil toneladas em 2013, a produção mundial de tabaco recua para 5.781 mil toneladas de colheita e para 3.137 mil hectares plantados, em 2022, a menor área plantada no período.

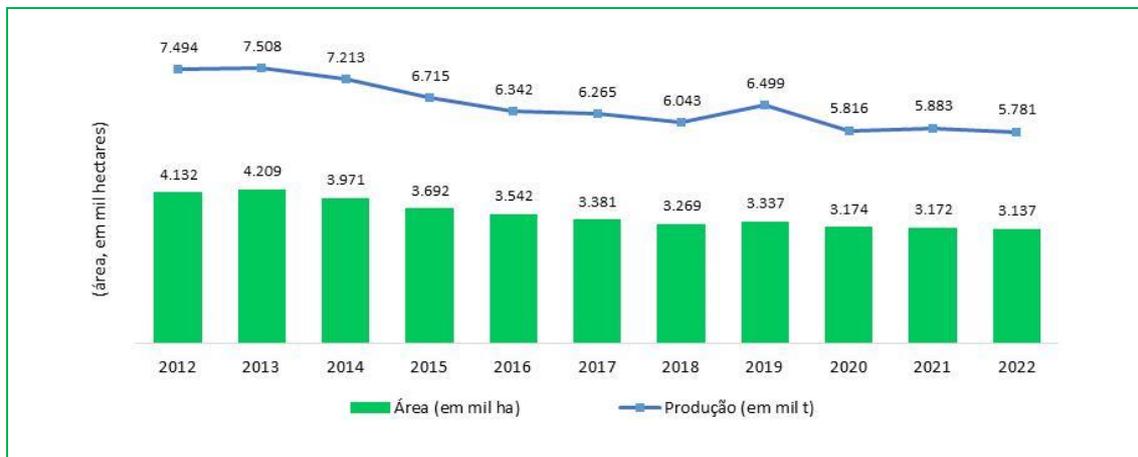


Figura 1. Tabaco – Evolução da área plantada e da produção mundial – 2012-22

Obs: Tabaco não manufaturado.

Fonte: <http://faostat3.fao.org/>, janeiro/2024

Desde 2013, ocorre a retração da área plantada de tabaco em relação ao ano anterior (exceto o ano de 2019). No ano de 2022, em relação ao ano de 2019, entre os dez maiores produtores de tabaco, os países que mais contribuíram para a diminuição de área de plantio foram China (-2,2%), Brasil (-11,3%), Indonésia (-15,4%), Estados Unidos (-12,5%), Malawi (-39,7%), Argentina (-10,0%) e Moçambique (-50,6%), enquanto ampliaram área de plantio Paquistão (+28,1%) e Zimbábue (+7,7%). Observe-se que a Índia, segundo maior produtor mundial, revelou estabilidade na área de plantio (+0,2%) nesse período.

Em 2022, os três maiores produtores de tabaco contribuíram com 62,8% da produção mundial de tabaco. O maior produtor mundial foi a China, que respondeu por 37,9% da produção e, em seguida, a Índia (13,4 %) e o Brasil (11,5%). Além destes países, aparecem como importantes produtores mundiais a Indonésia (3,9%), os Estados Unidos (3,5%) e o Zimbábue (+2,9%) (Tabela 1).

⁸ Para este artigo, foram utilizadas as seguintes fontes: IBGE – Levantamento Sistemático da Produção Agrícola – vários; www.fao.org; www.afubra.com.br; Jornais diversos e internet.

Tabela 1. Tabaco – Mundo: área plantada e produção – 2019-22

País	Área (mil ha)				Produção (mil t)			
	2019	2020	2021	2022	2019	2020	2021	2022
China	1.027	1.014	1.014	1.005	2.613	2.135	2.129	2.189
Índia	424	425	425	425	748	758	765	772
Brasil	362	354	349	325	770	703	744	667
Indonésia	236	220	219	205	270	261	245	226
EUA	92	77	87	82	212	169	208	203
Paquistão	45	51	55	62	104	133	168	134
Zimbábue	97	105	99	105	185	203	162	167
Malawi	114	103	78	81	120	102	99	104
Argentina	52	52	49	47	103	104	98	96
Moçambique	121	57	69	80	142	67	83	96
Outros	767	717	729	718	1.232	1.181	1.182	1.128
Mundo	3.337	3.174	3.172	3.137	6.499	5.816	5.883	5.781

OBS: Tabaco não manufaturado.

Fonte: <http://faostat3.fao.org/>, janeiro/2024

O Brasil mantém a posição de liderança mundial de exportação de tabaco por 30 anos seguidos, sendo responsável por 21,8% do total mundial em 2022. Em segundo lugar, com aproximadamente 10,3%, está a Índia (Tabela 2).

Tabela 2. Tabaco – Mundo: principais países exportadores e total – 2013-22

País	Mil toneladas									
	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022
Brasil	610	461	498	466	443	441	530	485	434	553
Índia	254	216	206	218	191	194	186	177	190	260
China	200	160	155	174	207	187	195	186	192	222
Zimbábue	148	142	148	155	157	171	174	178	177	188
Bélgica	73	105	165	162	187	224	230	220	205	177
EUA	172	159	110	174	159	151	105	98	105	105
Malawi	136	155	126	150	151	140	136	112	108	100
Outros	683	566	662	628	629	665	760	705	639	931
Mundo	2.597	2.385	2.333	2.496	2.460	2.443	2.437	2.246	2.224	2.535

Obs: Tabaco não manufaturado.

Fonte: <http://www.fao.org/faostat/>, janeiro/2024

No período de 2013 a 2022, o maior volume mundial exportado ocorreu em 2013. Em 2022, o volume mundial exportado foi -2,4% menor que em 2013. Nesse período, a ligeira queda no volume mundial exportador de tabaco resulta dos movimentos de queda da participação do Brasil (-9,4%), Estados Unidos (-39,0%) e Malawi (-26,0%). Em outro sentido, a Índia (+2,4%), a China (+10,8%), o Zimbábue (27,4%) e a Bélgica (140,9%) ampliaram sua participação entre os maiores exportadores mundiais.

Em 2022, o volume mundial importado se retraiu (-10,8%) em relação ao volume de 2013 (Tabela 3). Entre os principais importadores mundiais, a Rússia revelou a maior retração (-175,1%), seguida pelos Estados Unidos (-59,8%). Ainda nesse mesmo período, de forma mais significativa, aumentaram a importação a Bélgica (+44,3%), a Polônia (+36,7%) e a Indonésia (+14,0%).

Tabela 3. Tabaco – Mundo: principais países importadores e total – 2013-22

País	Mil toneladas									
	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022
Bélgica	104	168	181	185	234	264	236	205	185	187
China	175	199	179	162	172	156	184	109	174	185
Alemanha	165	165	183	159	182	158	150	136	153	171
Indonésia	121	96	75	82	168	121	103	110	117	141
Polônia	88	96	115	111	127	137	138	143	135	139
Estados Unidos	200	164	153	154	135	136	133	108	130	125
Rússia	242	211	203	194	154	152	158	151	144	88
Outros	1.408	1.347	1.267	1.256	1.280	1.334	1.266	1.175	1.144	1.036
Mundo	2.503	2.445	2.357	2.303	2.451	2.458	2.369	2.138	2.182	2.259

Obs: Tabaco não manufaturado.

Fonte: <http://www.fao.org/faostat/janeiro/2024>

Em 2022, a Bélgica se posiciona como o primeiro importador e o quinto exportador mundial de tabaco, tendo revelado um crescimento de 99,7% e 140,9%, respectivamente, no período de 2013 a 2022.

Produção e mercado nacionais

A evolução anual da quantidade produzida, área colhida e rendimento do tabaco brasileiro pode ser verificada na Figura 2, com base em dados da Pesquisa Agrícola Municipal/IBGE (PAM).

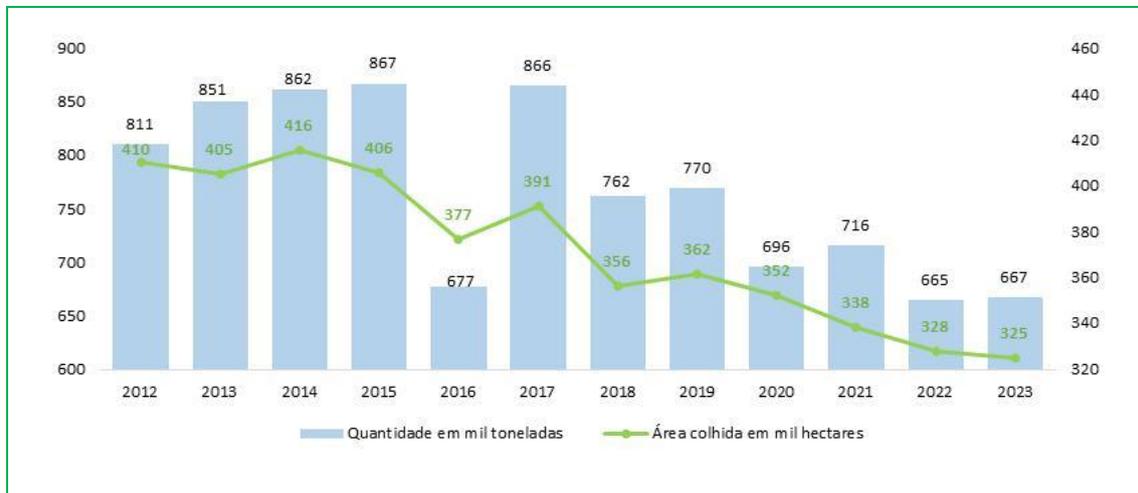


Figura 2. Tabaco – Brasil: evolução da área plantada e da produção – 2012/23

Fonte: IBGE – Pesquisa Agrícola Municipal (PAM), janeiro/2024

No período compreendido entre as safras de 2012 e 2023, duas tendências, apuradas de forma linear, foram observadas para o Brasil: o decréscimo da área agrícola colhida de tabaco (-2,0% a.a.) e da quantidade produzida (-1,1% a.a.). A menor taxa de decréscimo observada na quantidade produzida relativamente à observada na área agrícola decorreu do aumento da produtividade da cultura do tabaco.

Conforme mostra a Figura 2, a safra de tabaco de 2022/23 permaneceu estabilizada, produzindo apenas 0,03% a mais que na safra anterior. No mesmo sentido, o preço médio

recebido pelo produtor aumentou de forma mais significativa, 6,5% em média. A evolução do preço médio do tabaco recebido pelo produtor, em valores nominais, consta na Figura 3.



Figura 3. Tabaco – Evolução do preço médio pago aos produtores da Região Sul do Brasil – safras 2012/23 – R\$ (em valores nominais)

Fonte: Afubra (2024). Disponível em: <https://afubra.com.br/fumicultura-brasil.html>, janeiro/2024

No período de 2012 a 2023, em média, a exportação de tabaco representou 68% do total produzido no país. Em 2023, quando 77% da produção brasileira foi exportada, o resultado permitiu manter o posto de maior exportador mundial do produto (Figura 4).



Figura 4. Tabaco – Brasil: evolução da produção e do volume exportado – safras 2012/23

Nota: entre os produtos exportados estão o tabaco em folhas, cigarros e talos.

Fonte: IBGE e AGROSTAT - Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro, janeiro/2024

A maior parte da produção brasileira tem como destino o mercado internacional, em decorrência de sua qualidade. Do volume exportado do tabaco brasileiro, o tipo Virgínia participa com o maior volume, seguido do tipo Burley e de outros tipos.

Produção estadual

Na safra 2022/23, a produção de tabaco chegou a 605,7 mil toneladas na Região Sul do Brasil, segundo Afubra. Desse total, os fumicultores de Santa Catarina contribuíram com 31,7% da produção de tabaco.

A evolução da área plantada e da produção catarinense, das safras 2014/23, consta na Figura 5. Nesse período, a exemplo do observado com a produção de tabaco brasileira, a produção catarinense apresentou taxa de crescimento negativa da área plantada (-4,0% a.a) e da produção (-2,9% a.a). Assim como ocorreu com a produção de tabaco brasileira, a menor taxa de crescimento da produção catarinense, quando comparada à taxa de crescimento da área plantada, decorreu do aumento do rendimento do tabaco observado no mesmo período.



Figura 5. Tabaco – Santa Catarina: evolução da área plantada e da produção – 2014-23

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2024

Segundo Afubra, a produtividade média catarinense de tabaco na safra de 2022/23 foi 2.481kg/ha, um aumento de 1,5% em relação à safra de 2021/22. Os produtores catarinenses elevaram a produtividade em comparação à safra anterior do tabaco tipo Virgínia de 2.466kg/ha para 2.512kg/ha (+1,9%) e do tabaco tipo Comum de 1.799kg/ha para 1.994kg/ha (+12,1%). A variedade Burley, por sua vez, apresentou leve queda (-1,6%), passando de 2.232kg/ha para 2.197kg/ha.

Na safra 2022/23, o preço médio recebido pelos fumicultores catarinenses foi R\$18,45, o que representou leve aumento do preço praticado (R\$17,19 por quilo) na safra 2021/22.

A área plantada e a quantidade produzida de tabaco na safra 2022/23, por microrregião de Santa Catarina, estão representadas na Figura 6. Segundo levantamento do Epagri/Cepa, as três principais microrregiões produtoras de Santa Catarina contribuem com 68,9% da produção estadual, sendo assim distribuídas: microrregião de Canoinhas (45,4%); microrregião de Rio do Sul (11,8%); e, microrregião de Ituporanga (11,7%).

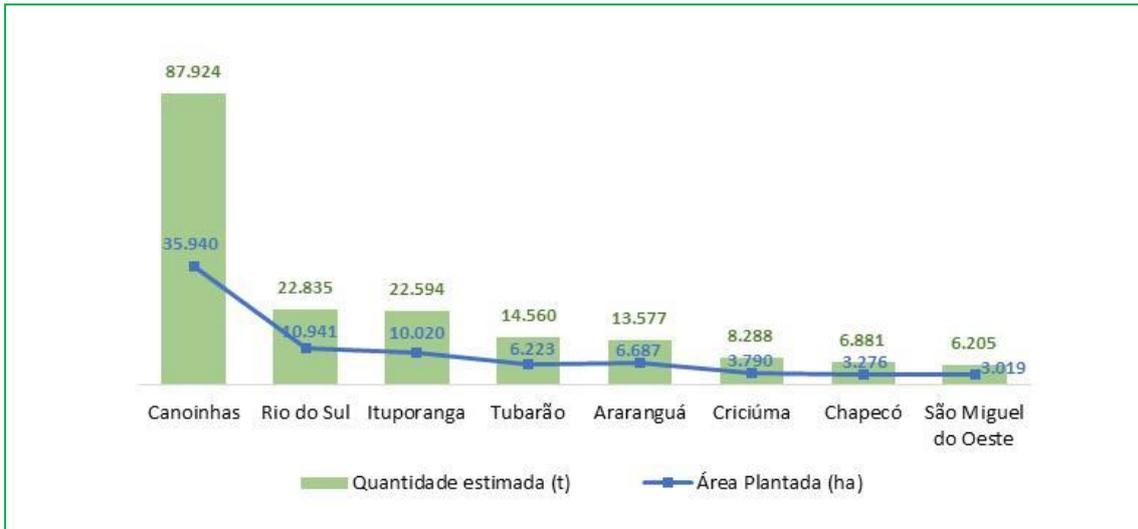


Figura 6. Tabaco – Santa Catarina: área plantada e quantidade produzida para a safra 2022/23, por microrregião

Fonte: Epagri/Cepa, Observatório Agro Catarinense, janeiro/2024

Até o presente momento, a estimativa inicial é de uma produção de 161.046 toneladas de tabaco para a safra 2023/24, em Santa Catarina. Num comparativo entre a safra 2023/24 e a safra anterior, os números apontam para uma redução da produção de tabaco (-22,0%) e da área plantada de tabaco (-0,5%). A redução prevista na produção decorre da estimativa de queda de 21,5% na produtividade do tabaco catarinense, sendo que os números finais dependem do clima.

Trigo

João Rogério Alves – Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado mundiais

O trigo é o principal cereal consumido no mundo. Juntamente com o milho e o arroz, é uma das mais importantes fontes de nutrientes para as populações do mundo há séculos. O trigo, gênero *Triticum* spp., pertence a um grupo de gramíneas da família Poaceae. Em área plantada, o trigo é a cultura mais cultivada no mundo, seguida pelo milho e pelo arroz. Segundo dados da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura - FAO, nos últimos 60 anos, a área plantada com trigo cresceu 5,59%, enquanto no mesmo período a soja, o milho, o feijão e o arroz cresceram 461,62%, 96,51%, 56,51% e 38,16%, respectivamente. Seu grão é utilizado amplamente na alimentação humana, desde a farinha de trigo para o pão, até como ingrediente na fabricação de cervejas. Além disso, o trigo também compõe a alimentação animal na forma de farelo (Figura 1).

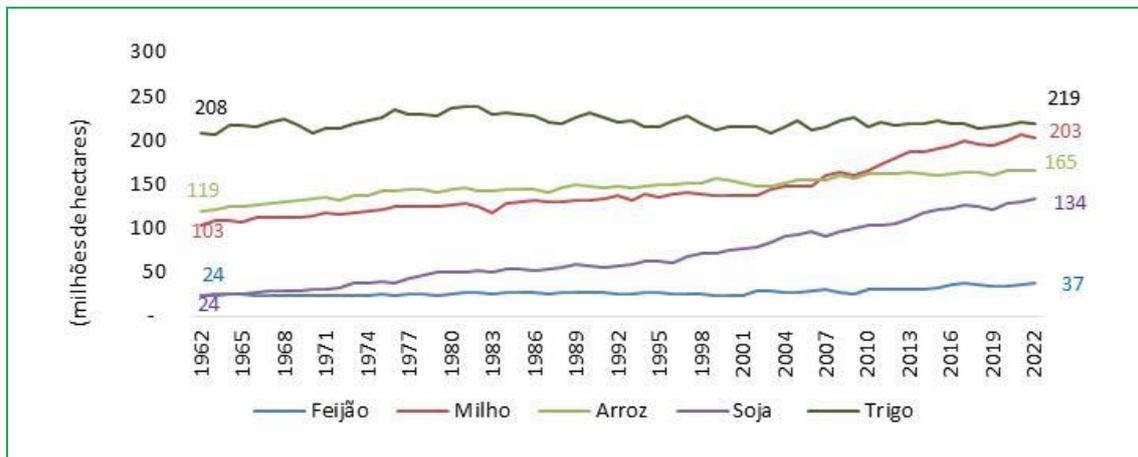


Figura 1. Trigo – Mundo: evolução da área plantada com trigo em comparação a outros grãos – 1962-2022

Fonte: FAO/Faostat, janeiro/2024

Na safra 2022/23, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) registrou que a produção mundial de trigo cresceu 1,24% em comparação à safra anterior, passando de 780,01 para 789,66 milhões de toneladas. No mesmo período, o consumo permaneceu estável em 792 milhões de toneladas. Para a safra 2023/24, as projeções indicam um aumento no nível de consumo, mas uma redução na produção mundial do cereal, decorrente sobretudo de problemas com a safra em diversos países pela ocorrência de eventos climáticos extremos, com secas, nevascas e enchentes (Figura 2).



Figura 2. Trigo – Mundo: evolução da produção e consumo – 2018/19–2023/24 ⁽²⁾

(1) Estimativa. (2) Projeção.

Fonte: USDA/WASDE, janeiro/2023

Com dados de produção e consumo da safra 2022/23, podemos verificar que a China superou a União Europeia no ranking dos maiores produtores e consumidores mundiais de trigo. Na produção o destaque positivo vai para a Rússia, o Canadá e o Brasil, que apresentaram incrementos de 22,4%, 53,2% e 37,7%, respectivamente. Por outro lado, Argentina e Ucrânia tiveram reduções nas suas produções da ordem de 43,3% e 34,9%, respectivamente. Do lado do consumo, a China, União Europeia e Índia lideram o consumo mundial de trigo, que permanece estagnado em 792 milhões de toneladas. Nesse cenário mundial, o Brasil apresentou um aumento modesto no seu consumo, com um crescimento de 1,7% no período (Tabela 1).

Tabela 1. Trigo – Mundo: produção e consumo mundiais – 2021/22-2023/24

País/Bloco	Produção (milhões de toneladas)			País/Bloco	Consumo (milhões de toneladas)		
	2021/22	2022/23 ⁽¹⁾	2023/24 ⁽²⁾		2021/22	2022/23 ⁽¹⁾	2023/24 ⁽²⁾
China	136,95	137,72	136,59	China	148,00	148,00	153,50
União Europeia	138,16	134,19	134,30	União Europeia	108,25	108,00	110,00
Índia	109,59	104,00	110,55	Índia	109,88	108,68	109,90
Rússia	75,16	92,00	91,00	Rússia	41,75	42,25	43,00
Estados Unidos	44,80	44,90	49,31	Estados Unidos	29,76	30,75	31,41
Canadá	22,42	34,34	31,95	Reino Unido	15,32	15,00	15,00
Austrália	36,24	40,55	25,50	Brasil	11,75	11,95	12,20
Ucrânia	33,01	21,50	23,40	Ucrânia	10,50	8,40	8,60
Argentina	22,15	12,55	15,00	Canadá	10,15	9,32	8,70
Reino Unido	13,99	15,54	14,30	Austrália	8,50	8,00	7,50
Brasil	7,70	10,60	8,40	Argentina	6,55	6,55	6,70
Outros países	139,84	141,77	144,61	Outros países	228,72	295,22	289,93
Mundo	780,01	789,66	784,91	Mundo	792,13	792,12	796,44

(1) Estimativa. (2) Projeção.

Fonte: USDA/WASDE, janeiro/2024

Em relação ao balanço de oferta e demanda mundial, a safra 2022/23 iniciou com estoques 4,5% menores do que na safra 2021/22. Com uma produção 1,2% superior, e um consumo praticamente idêntico à temporada anterior, as estimativas apontam para um estoque final de trigo reduzido. Para a safra 2023/24, as projeções do USDA apontam que os estoques finais

deverão permanecer em baixa, resultado de uma estagnação da produção mundial por problemas com desenvolvimento da safra de diversos países. No Hemisfério Sul, destaque para a diminuição da produção do trigo argentino, brasileiro e australiano, e no Hemisfério Norte, perdas importantes na safra de trigo canadense (Tabela 2).

Tabela 2. Trigo – Mundo: balanço de oferta e demanda mundial – safras 2020/21-2023/24

Discriminação	Milhões de toneladas			
	2020/21	2021/22	2022/23 ⁽¹⁾	2023/24 ⁽²⁾
Estoque inicial	298,10	283,86	272,75	271,21
Produção	774,55	780,05	789,17	785,74
Consumo	782,66	791,16	790,71	797,52
Estoque final	283,86	272,75	271,21	259,44

⁽¹⁾ Estimado. ⁽²⁾ Projetado.

Fonte: USDA/WASDE, fevereiro/2024

Na safra de trigo 2022/23, as exportações mundiais tiveram um significativo incremento de 8,6%. Contribuíram para esse aumento países como Rússia, Canadá e Austrália, que tiveram crescimento expressivo de 43,9%, 69,2% e 15,7%, respectivamente. O destaque negativo nas exportações foi a Argentina, com quebra da safra 2022/23 em função da estiagem, o país teve uma grande queda em sua produção, o que interferiu negativamente nas suas exportações, com uma redução de importante de 77,1%. Em relação às importações, na safra 2022/23 houve um incremento mundial nas compras internacionais de trigo da ordem de 5,78%. A China continua a liderar esse ranking, sendo que, na safra 2022/23, o país incrementou suas aquisições em 38,8%, enquanto a União Europeia aumentou em 161,3% suas importações. O Brasil, em função de uma excelente safra de trigo, reduziu 26,8% o volume de importação na comparação com a safra 2021/22. (Tabela 3).

Para a safra 2023/24, as projeções do USDA indicam uma queda 4,8% nas exportações mundiais de trigo. A Rússia deverá continuar na liderança mundial, com um incremento expressivo de 7,4%, apesar dos embargos comerciais impostos por muitos países pelo conflito com a Ucrânia ainda persistirem. A Argentina, nosso principal fornecedor de trigo, deverá aumentar sua oferta internacional, com um incremento expressivo de 173,2% na comparação com a temporada 2022/23. Do lado das importações, a China deverá continuar liderando o ranking dos maiores compradores de trigo, mesmo com projeção de uma redução de 5,9%. Nesse cenário, o Brasil, em função de problemas com a qualidade da safra recém-colhida, deverá aumentar suas importações em 19,7% (Tabela 3).

Tabela 3. Trigo – Mundo: principais exportadores e importadores de trigo e derivados – 2021/22-2023/24

País/Bloco	Exportações (milhões de toneladas)			País/Bloco	Importações (milhões de toneladas)		
	2021/22	2022/23 ⁽¹⁾	2023/24 ⁽²⁾		2021/22	2022/23 ⁽¹⁾	2023/24 ⁽²⁾
Rússia	33,00	47,50	51,00	China	9,57	13,28	12,50
União Europeia	31,93	35,08	36,50	União Europeia	4,63	12,10	11,00
Canadá	15,12	25,59	24,00	Bangladesh	6,34	5,12	5,80
Estados Unidos	21,66	20,65	19,73	Brasil	6,39	4,68	5,60
Austrália	27,51	31,82	19,00	Japão	5,61	5,45	5,50
Ucrânia	18,84	17,12	14,00	Nigéria	6,19	4,73	4,80
Argentina	16,00	3,66	10,00	Estados Unidos	2,62	3,32	3,95
Outros	38,71	38,75	35,31	Outros	158,58	162,80	160,00
Mundo	202,77	220,17	209,54	Mundo	199,93	211,48	209,15

⁽¹⁾ Estimado. ⁽²⁾ Projetado.

Fonte: USDA/WASDE, janeiro/2024

Produção e mercado nacionais

A cultura do trigo é a principal lavoura de grãos de inverno no Brasil e o seu cultivo ocorre predominantemente nos estados da Região Sul do país, em sucessão às culturas de verão, como milho e soja. O principal estado produtor em 2022 foi o Rio Grande do Sul, sendo responsável por 54,3% da produção nacional do cereal. Em segundo lugar está o Paraná, que foi responsável por 33,2% do total. Quanto à produtividade média, entre os estados que produzem sem irrigação, o Rio Grande do Sul se destacou, alcançando 3.941kg/ha. Segundo estimativas da Conab, na safra 2022/23, o país cultivou aproximadamente 3,1 milhões de hectares. A produtividade média alcançou um recorde histórico de 3.420kg/ha, como resultado, tivemos uma safra recorde de 10,6 milhões de toneladas (Tabela 4).

Tabela 4. Trigo – Brasil: área, produção e produtividade – 2022-23

Estado	Área (1.000ha)		Produção (1.000t)		Produtividade (kg/ha)	
	2022	2023 ⁽¹⁾	2022	2023 ⁽¹⁾	2022	2023 ⁽¹⁾
Paraná	1.196	1.408	3.501	3.603	2.928	2.560
Rio Grande do Sul	1.455	1.501	5.733	2.897	3.941	1.930
Minas Gerais	109	168	299	468	2.743	2.778
São Paulo	96	124	307	377	3.212	3.050
Santa Catarina	141	134	480	288	3.418	2.150
Goiás	60	80	135	267	2.250	3.338
Mato Grosso do Sul	21	46	49	126	2.371	2.765
Bahia	7	10	40	57	5.700	5.700
Distrito Federal	3	3	11	14	3.344	4.147
Brasil	3.086	3.473	10.554	8.097	3.420	2.331

⁽¹⁾ Estimativa em janeiro/2024.

Fonte: Conab, janeiro/2024

A área plantada com trigo no Brasil apresenta uma tendência de crescimento e, na comparação dos extremos da série analisada (2000 a 2023), o crescimento foi de 136,6%. A produtividade média também cresceu nesse período, passando de 1.130kg/ha para 2.331kg/ha, um incremento de 106,3%. O resultado do aumento de área plantada e o ganho em produtividade permitiram um aumento crescente na produção nacional de trigo, que para 2023, está estimado em 8,1 milhões de toneladas, ou seja, um incremento de 388,4% (Figura 3).

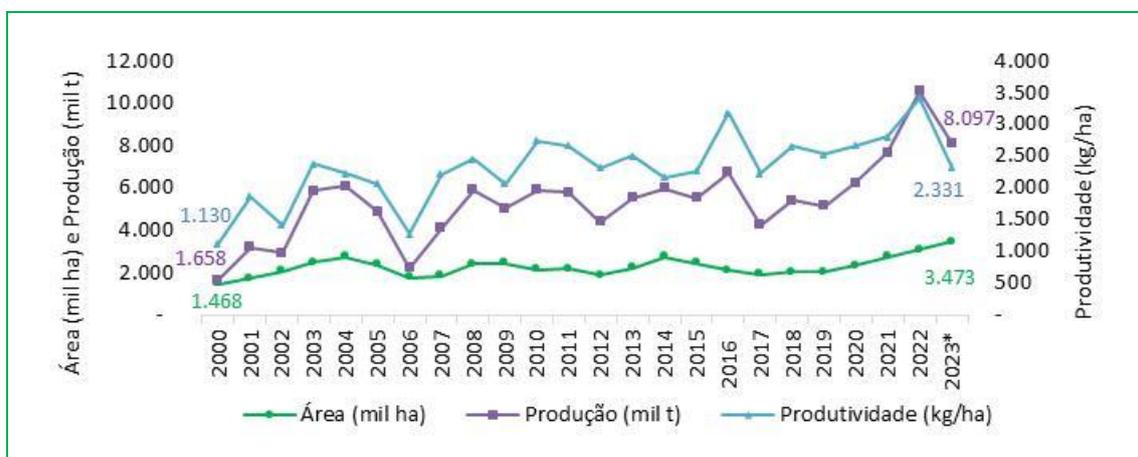


Figura 3. Trigo – Brasil: evolução da área, produção e produtividade – 2000-23⁽¹⁾

⁽¹⁾ Estimativa.

Fonte: Conab, janeiro/2024

O trigo é um dos principais itens da pauta de importações brasileira. Com uma produção de 10,6 milhões de toneladas na safra 2022/23, somadas às importações de 4,5 milhões de toneladas, mais 723 mil toneladas de estoque inicial, o suprimento de trigo foi estimado em 15,8 milhões de toneladas. Com um consumo na ordem de 12,4 milhões de toneladas, o estoque final deverá ficar em torno de 740 mil toneladas, bem abaixo do volume de estoque de passagem de anos anteriores. O consumo do cereal e seus subprodutos tem se mantido estável nos últimos cinco anos, variando entre 11,0 e 12,0 milhões de toneladas anuais (Tabela 5).

Tabela 5. Trigo – Brasil: balanço de oferta e demanda – 2019-23

Discriminação	Mil toneladas				
	2019	2020	2021	2022 ⁽¹⁾	2023 ⁽²⁾
Estoque inicial	2.610	2.238	2.059	723	740
Produção	5.155	6.235	7.679	10.554	8.097
Importação	6.677	6.008	6.080	4.514	6.200
Suprimento	14.441	14.481	15.818	15.791	15.037
Consumo	11.861	11.599	12.050	12.394	12.643
Exportação	342	823	3.046	2.657	2.000
Demanda total	12.203	12.422	15.096	15.051	14.643
Estoque final	2.238	2.059	723	740	394

(1) Estimativa. (2) Previsão.

Fonte: Conab, janeiro/2024

Em relação às importações brasileiras de trigo, a Argentina tem sido nosso principal parceiro comercial nos últimos anos, respondendo em 2022 por aproximadamente 78,1% de todo trigo grão e seus derivados importados pelo Brasil. Em segundo lugar está a Rússia, com 5,1% e em terceiro o Uruguai, com 4,2% das importações de trigo. Segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, (MDIC), em 2022 as importações brasileiras chegaram a 6,0 milhões de toneladas, contra aproximadamente 6,6 milhões de toneladas importadas em 2021, uma redução de 9,1%.

O Brasil possui importância reduzida nas exportações de trigo grão e seus derivados. Segundo dados do sistema para consultas e extração de dados do comércio exterior brasileiro (Comex Stat), em 2022 exportamos aproximadamente 3,1 milhões de toneladas. O principal comprador foi a Arábia Saudita, responsável por 20,5% de todo volume exportado pelo Brasil. Nesse período, o volume de trigo comercializado internacionalmente pelo país cresceu 163,1% (Tabela 6).

Tabela 6. Trigo – Brasil: importação e exportação de trigo-grão, farinha de trigo e derivados por país de origem – 2021-23

País	Importação (mil toneladas)			País	Exportação (mil toneladas)		
	2021	2022	2023 ⁽¹⁾		2021	2022	2023 ⁽¹⁾
Argentina	5.720	4.721	2.512	Indonésia	291	595	637
Rússia	29	307	898	Arábia Saudita	318	634	270
Uruguai	315	252	624	Vietnã	234	362	216
Paraguai	346	340	202	Equador	-	99	198
Canadá	31	35	111	Filipinas	0	0	187
Estados Unidos	90	329	107	Bangladesh	0	0	163
Itália	7	7	9	Venezuela	44	74	115
China	2	4	7	Tailândia	64	0	113
Outros países	23	48	15	Outros países	223	1.326	466
Total	6.564	6.043	4.484	Total	1.174	3.089	2.366

(1) Estimativa.

Fonte: MDIC/Comex Stat, janeiro/2024

Para 2023, as estimativas indicam que deveremos chegar ao final da safra com um volume de importação de trigo na ordem de 4,5 milhões de toneladas, uma redução de 25,8% em relação a 2022. Apesar dessa redução, as compras internacionais de trigo argentino deverão se sobressair perante outros fornecedores internacionais. Por outro lado, as exportações de trigo seguem firmes, porém com uma redução estimada de 23,4% em comparação às exportações realizadas em 2022 (Figura 4).



Figura 4. Trigo – Brasil: evolução das importações e exportações – 2019-23

Fonte: MDIC/Comex Stat, janeiro/2024

Produção e mercado estaduais

Nos últimos três anos, a produção catarinense de trigo cresceu a passos largos. Passamos de 172 mil toneladas produzidas na safra 2020/21, para 482 mil toneladas na safra 2022/23, um crescimento de aproximadamente 180%. Na safra 2022/23, foi cultivada em todo Estado uma área de 139,7 mil hectares de trigo, o que representou um aumento de 36,0% em relação à área plantada na safra 2021/22. Nessa safra, a produtividade média aumentou, passando de 3.384kg/ha para 3.449kg/ha. Com o crescimento da área plantada, associado ao incremento na produtividade, o setor tritícola de Santa Catarina comemorou os resultados da produção, que alcançou um crescimento de 38,5%, passando de 347,8 mil toneladas, para 481,8 mil toneladas (Tabela 7).

Tabela 7. Trigo – Santa Catarina: área e produção por microrregião geográfica – safras 2020/21-2023/24

Microrregião	Área plantada (ha)				Produção (t)			
	2020/21	2021/22	2022/23	2023/24 ⁽¹⁾	2020/21	2021/22	2022/23	2023/24 ⁽¹⁾
Araranguá	-	-	-	360	-	-	-	719
Campos de Lages	634	3.465	8.380	5.750	1.285	14.313	33.868	10.230
Canoinhas	13.300	22.700	27.100	21.700	46.780	73.740	91.130	30.145
Chapecó	13.493	24.520	27.880	29.224	35.785	74.847	85.940	74.519
Concórdia	1.121	1.810	3.455	3.710	3.355	6.540	13.106	8.816
Criciúma	-	-	-	580	-	-	-	1.139
Curitibanos	9.040	14.320	24.680	22.390	29.212	63.892	103.704	54.301
Ituporanga	781	1.940	3.660	2.715	2.032	4.488	7.704	3.232
Joaçaba	3.987	6.116	9.580	12.090	9.779	22.675	36.576	29.998
Rio do Sul	250	1.060	1.990	1.465	605	2.430	4.453	1.741
São Bento do Sul	700	1.150	1.150	800	2.310	3.710	3.610	1.020
São Miguel do Oeste	4.595	8.260	8.615	10.812	11.870	24.859	25.237	26.175
Tubarão	-	-	-	490	-	-	-	984
Xanxerê	10.531	17.450	23.210	25.430	29.065	56.300	76.462	71.985
Santa Catarina	58.432	102.791	139.700	137.516	172.079	347.794	481.790	315.003

⁽¹⁾ Estimativa, dezembro/2023.

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2024

Segundo o Censo Agropecuário de 2017, a produção catarinense de trigo está alicerçada em cerca de 1.190 estabelecimentos agropecuários e corresponde a 3,4% do total nacional. A posição geográfica de Santa Catarina favorece a expansão da atividade em praticamente todas as regiões do Estado, com exceção da região litorânea. As principais microrregiões geográficas produtoras são: o Planalto Norte, o Oeste e o Meio-Oeste, além do Planalto Sul Catarinense. No Extremo Oeste, que faz divisa com a Argentina, predominam as pequenas propriedades de economia familiar, já no Planalto Norte, Meio-Oeste e Planalto Sul predomina o plantio em propriedades maiores, onde se observa o maior uso de tecnologia e o emprego de mão de obra contratada.

As microrregiões geográficas catarinenses que mais se destacaram em área plantada de trigo na safra 2022/23 foram Curitibanos, Canoinhas e Chapecó, que responderam por 21,5%, 18,9% e 17,8% da produção estadual, respectivamente. A soma da produção de trigo dessas três microrregiões representa 58,2% da produção estadual de trigo grão. Para a safra 2023/24 recém-colhida, em função de problemas climáticos como excesso de chuvas na época de colheita, Santa Catarina deverá colher uma safra menor, com expectativa de uma redução de aproximadamente 34,6% na produção.

Santa Catarina apresenta uma grande diversidade de condições edafoclimáticas, o que permite a realização de duas safras de feijão. Por outro lado, a ocorrência de fenômenos climáticos extremos, como estiagens e excesso de chuvas, também influencia decisivamente no sucesso ou insucesso da safra de trigo em determinada região. Nesse sentido, alguns municípios se destacam: Campos Novos, por exemplo, na safra 2023/24 deverá produzir cerca de 34 mil toneladas de trigo, volume que corresponde a mais de 10% da produção estadual. Outro destaque é Aberlado Luz no Oeste Catarinense, que deverá alcançar 18 mil toneladas cultivadas em cerca de 6 mil hectares.

Tabela 8. Trigo – Santa Catarina: área plantada, produtividade e quantidade produzida – 2023/24

Municípios	Trigo		
	Área Plantada (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)
Campos Novos	13.800	33.948	2.460
Abelardo Luz	6.000	18.000	3.000
São Domingos	4.300	10.836	2.520
Ipuaçu	3.000	9.900	3.300
Mafra	6.000	9.600	1.600
Faxinal dos Guedes	2.900	8.700	3.000
Chapecó	3.200	8.320	2.600
Zortéa	3.350	8.040	2.400
Canoinhas	5.500	7.700	1.400
Xanxerê	2.400	7.200	3.000
Demais municípios	87.066	192.759	2.214
Santa Catarina	137.516	315.003	2.291

Nota: Ranking por quantidade produzida.

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2024

Desde a safra 2012/13, a Epagri/Cepa vem acompanhando sistematicamente a produção de trigo através de um sistema de monitoramento de safras. Nesse período, presenciamos uma grande oscilação na área plantada no Estado, com uma acentuada tendência de alta a partir da safra 2021/22. Por outro lado, a produtividade variou fortemente, alternando safras excelentes, como as observadas em 2021/22 e 2022/23, que foram as mais produtivas da série analisada. É importante destacar que a produtividade média estadual das lavouras de trigo foi fortemente impactada por conta de eventos climáticos extremos, que prejudicaram o desenvolvimento das plantas e interferiram diretamente na produção estadual (Figura 5).



Figura 5. Trigo – Santa Catarina: evolução área plantada, produção e rendimento – 2012/13–2023/24*

(*) Estimativa.

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2024

No cenário internacional, o mercado do trigo passou a viver uma nova realidade a partir da deflagração do conflito armado entre Rússia e Ucrânia em 22 de fevereiro de 2022. O conflito entre dois importantes países produtores de trigo fez com que os preços do cereal subissem abruptamente, o que favoreceu os produtores brasileiros, que tiveram sua produção mais valorizada, o que permitiu inclusive o aumento no volume de trigo exportado pelo país. Contudo, o que se observou nos meses seguintes foi uma redução nos preços internacionais do cereal que foi acompanhado pelo mercado interno. O fator fundamental que influenciou essa dinâmica de preços foi que outros países produtores de trigo compensaram a redução na produção e nas exportações da Ucrânia, o que interrompeu o efeito especulativo no mercado global presenciado nos primeiros meses do conflito.

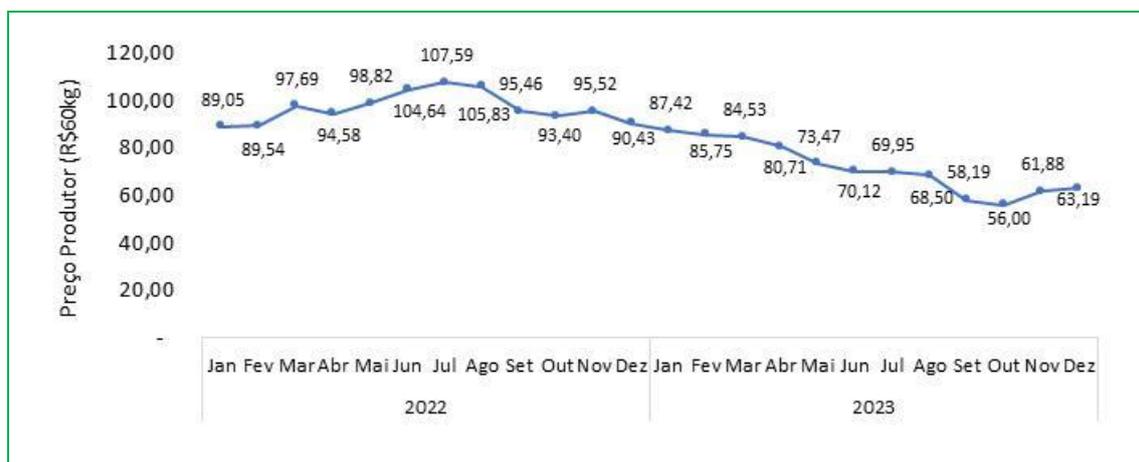


Figura 6. Trigo – Santa Catarina: evolução do preço (nominal) médio mensal ao produtor – jan./2022 a dez./2023

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2024

Em 2022, o preço médio anual recebido pelos produtores catarinenses foi de R\$96,88/saca de 60kg, valor 18% superior ao praticado em 2021. A partir do início do conflito armado entre Rússia e Ucrânia, os preços do trigo tomaram uma trajetória ascendente, ultrapassando a barreira dos R\$100,00 e confirmando o bom momento por que passou o mercado do cereal. Já



em 2023 presenciamos um reajuste nos preços do trigo no mercado internacional que teve reflexos no mercado interno. O preço médio em 2023 foi de R\$71,64/saca de 60kg, valor 26% inferior ao preço médio anual recebido pelos produtores em 2022 (Tabela 9).

Tabela 9. Trigo – Santa Catarina: preços (nominais) médios mensais recebidos pelos produtores – 2019-23

Mês/ano	R\$/saca 60kg				
	2019	2020	2021	2022	2023
Janeiro	-	-	73,09	89,05	87,42
Fevereiro	42,33	45,62	75,69	89,54	85,75
Março	42,30	46,36	77,86	97,69	84,53
Abril	42,06	47,70	83,49	94,58	80,71
Maio	41,66	50,97	85,73	98,82	73,47
Junho	42,83	55,01	82,55	104,64	70,12
Julho	42,05	56,35	80,80	107,59	69,95
Agosto	43,33	57,27	85,10	105,83	68,50
Setembro	43,41	60,20	84,98	95,46	58,19
Outubro	41,86	66,27	83,53	93,40	56,00
Novembro	42,58	80,73	85,77	95,52	61,88
Dezembro	43,00	72,11	86,70	90,43	63,19
Média	42,49	58,05	82,11	96,88	71,64

Nota: Trigo superior PH78, saca 60kg.

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2024

Desempenho da produção animal

Carne bovina

Alexandre Luís Giehl – Engenheiro-agrônomo, Epagri/Cepas
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado mundiais

Após expressivas altas no custo de produção da maioria das atividades agropecuárias no ano de 2022, principalmente em função do início do conflito entre Rússia e Ucrânia, 2023 foi marcado por recuos nesse parâmetro em grande parte dos países. Essa situação está relacionada à normalização do fornecimento de insumos agropecuários oriundos dos dois países envolvidos no conflito, ao registro de boas safras de grãos em importantes produtores, como é o caso do Brasil, e à queda nas importações mundiais de grãos, entre outros fatores.

Tal cenário contribuiu para que a produção mundial de carne bovina se mantivesse estável em 2023. Os dados preliminares do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) demonstram leve alta de 0,2% em relação à produção de 2022. A maioria dos principais produtores registrou variações positivas nesse período, com destaque para Brasil (2,0%), China (4,5%), Índia (2,0%) e Argentina (5,1%). Contudo, quedas expressivas na produção dos Estados Unidos (-4,7%) e da União Europeia (-4,3%) não permitiram avanços expressivos na produção mundial. O declínio estadunidense é decorrente da redução no rebanho de vacas de corte registrada nos últimos anos. Da mesma forma, a diminuição da produção na União Europeia reflete o declínio contínuo dos rebanhos, agravado pelas condições climáticas adversas e pelos custos de produção ainda elevados naquela região.

Segundo os dados do USDA, os quatro maiores produtores foram responsáveis por 61,9% do total mundial em 2023.

Tabela 1. Carne bovina – Produção mundial – 2019-23

País	2019	2020	2021	2022	2023 ⁽¹⁾
Estados Unidos	12.385	12.389	12.734	12.890	12.287
Brasil	10.050	9.975	9.750	10.350	10.560
China	6.670	6.720	6.980	7.180	7.500
União Europeia	6.964	6.903	6.883	6.722	6.430
Índia ⁽²⁾	4.270	3.760	4.195	4.350	4.435
Argentina	3.125	3.170	3.000	3.140	3.300
México	2.027	2.079	2.129	2.177	2.220
Austrália	2.432	2.123	1.895	1.878	2.215
Canadá	1.342	1.314	1.385	1.412	1.340
Rússia	1.374	1.378	1.380	1.320	1.320
Demais países	7.823	7.823	8.030	7.862	7.767
Total	58.462	57.634	58.361	59.281	59.374

⁽¹⁾ Dados preliminares.

⁽²⁾ Os dados da Índia incluem a carne de búfalo.

Fonte: USDA, janeiro/2024

O USDA projeta continuidade do cenário de estabilidade da produção mundial em 2024, com crescimento de apenas 0,2%. Dentre os principais produtores, devem ser registradas variações negativas nos Estados Unidos (-3,1%), na União Europeia (-0,5%), na Argentina (-8,2%) e no

Canadá (-4,9%). Essas quedas devem ser compensadas pela elevação da produção na maioria dos demais produtores, com destaque para Brasil (2,6%), China (2,7%) e Índia (2,7%).

Assim como a produção, o consumo mundial de carne bovina também registrou crescimento em 2023: alta de 0,7% em relação à demanda de 2022. Conforme demonstram os dados preliminares do USDA, a maioria dos principais países consumidores apresentou variação positiva, com destaque para China (3,7%), Brasil (2,6%) e Índia (3,7%). Por outro lado, quedas foram registradas nos Estados Unidos (-1,2%) e na União Europeia (-4,5%). Os quatro maiores consumidores de carne bovina foram responsáveis por 65,0% da demanda mundial em 2023.

Tabela 2. Carne bovina – Consumo mundial – 2019-23

País	2019	2020	2021	2022	2023 ⁽¹⁾
Estados Unidos	12.409	12.531	12.717	12.799	12.645
China	8.826	9.485	9.987	10.662	11.057
Brasil	7.779	7.486	7.492	7.524	7.717
União Europeia	6.698	6.539	6.529	6.468	6.180
Índia ⁽²⁾	2.776	2.476	2.798	2.908	3.015
Argentina	2.379	2.366	2.273	2.324	2.428
México	1.901	1.898	1.938	1.945	2.080
Rússia	1.766	1.708	1.628	1.559	1.565
Japão	1.319	1.295	1.263	1.228	1.225
Reino Unido	1.135	1.161	1.132	1.128	1.135
Demais países	9.195	9.098	9.118	8.892	8.786
Total	56.183	56.043	56.875	57.437	57.833

⁽¹⁾ Dados preliminares.

⁽²⁾ Os dados da Índia incluem a carne de búfalo.

Fonte: USDA, janeiro/2024

Em relação a 2024, o USDA projeta relativa estabilidade no consumo mundial, que deve variar apenas -0,2%. Os Estados Unidos, principal consumidor, devem registrar nova queda, ainda mais expressiva que no ano anterior: -2,3%. Outro país que deve registrar queda acentuada em 2024 é a Argentina, com variação de -12,1%. Tal situação é decorrente da crise econômica que o país atravessa e tem afetado o poder de compra da população. Por outro lado, espera-se que a maioria dos principais consumidores registre variações positivas, com destaque para China (1,6%), Brasil (2,6%) e Índia (2,7%).

Embora o ritmo das importações de carne bovina pela China tenha desacelerado em 2023, o resultado ainda foi positivo, com crescimento de 2,1% em relação ao ano anterior. Com isso, a China segue sendo o principal importador mundial do produto, respondendo por mais de 1/3 do mercado internacional (34,6% em 2023). De acordo com os dados preliminares do USDA, as importações mundiais de carne bovina cresceram 0,9% em 2023. Além da ampliação das importações chinesas, outro fator que contribuiu para esse cenário foi a alta de 9,4% nas importações dos Estados Unidos. Por outro lado, quedas expressivas foram registradas nas aquisições de importadores relevantes, em especial Japão (-8,0%), Reino Unido (-3,8%) e União Europeia (-3,2%), situação que pode estar atrelada às dificuldades econômicas enfrentadas por esses países.

Os quatro principais importadores foram responsáveis por 63,6% das compras desse produto no mercado internacional.

Tabela 3. Carne bovina – importações mundiais – 2019-23

País	(mil toneladas)				
	2019	2020	2021	2022	2023 ⁽¹⁾
China	2.177	2.781	3.024	3.502	3.575
Estados Unidos	1.387	1.515	1.517	1.538	1.682
Japão	853	832	807	777	715
Coreia do Sul	550	549	588	595	600
Reino Unido	405	399	393	400	385
União Europeia	435	350	321	372	360
Chile	347	342	464	350	350
Malásia	197	206	214	281	280
Rússia	409	363	298	284	280
Canadá	204	249	212	214	240
Demais países	2.119	2.100	2.110	1.924	1.861
Total	9.083	9.686	9.948	10.237	10.328

⁽¹⁾ Dados preliminares.

Fonte: USDA, janeiro/2024

O USDA estima queda de 0,5% nas importações mundiais em 2024, em grande parte decorrente da redução nas aquisições da China (-0,7%).

As exportações mundiais, por sua vez, registraram queda de 0,8% em 2023, conforme apontam os dados preliminares do USDA. Tal resultado é decorrente das variações negativas na maioria dos principais exportadores, com destaque para Índia (-1,5%) e Estados Unidos (-15,0%). Por outro lado, altas expressivas foram registradas nos embarques efetuados pela Austrália (26,8%), Argentina (6,3%) e Nova Zelândia (5,0%). Em relação ao Brasil, principal exportador mundial de carne bovina, os dados do USDA apontam que não houve variação em relação ao ano anterior, informação que difere daquela divulgada pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços do Brasil (MDIC), conforme veremos no tópico “Produção e mercado nacionais”.

Os quatro maiores exportadores mundiais foram responsáveis por 60,8% dos embarques em 2023, sendo quase ¼ do montante total (24,3%) oriundo do Brasil.

Tabela 4. Carne bovina – Exportações mundiais – 2019-23⁽¹⁾

País	(mil toneladas)				
	2019	2020	2021	2022	2023 ⁽²⁾
Brasil	2.314	2.539	2.320	2.898	2.898
Austrália	1.739	1.473	1.291	1.238	1.570
Índia ⁽³⁾	1.494	1.284	1.397	1.442	1.420
Estados Unidos	1.373	1.338	1.555	1.608	1.367
Argentina	763	818	735	823	875
Nova Zelândia	623	634	685	643	675
União Europeia	701	714	675	626	610
Canadá	525	511	593	583	560
Uruguai	436	411	557	513	450
Paraguai	338	371	434	462	435
Demais países	1.071	1.136	1.198	1.194	1.072
Total	11.377	11.229	11.440	12.030	11.932

⁽¹⁾ A diferença entre as quantidades totais importadas e exportadas a cada ano é decorrente da metodologia de levantamento de dados do USDA.

⁽²⁾ Dados preliminares.

⁽³⁾ Os dados da Índia incluem a carne de búfalo.

Fonte: USDA, janeiro/2024



De acordo com as estimativas iniciais do USDA, as exportações mundiais devem crescer 1,3% em 2024, puxadas pelo aumento nos embarques dos principais fornecedores, em especial Brasil (2,7%), Austrália (7,3%) e Índia (2,8%). Os Estados Unidos, por sua vez, devem registrar nova redução nos embarques (-7,6%).

Produção e mercado nacionais

Segundo a Pesquisa Pecuária Municipal do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PPM/IBGE), em 2022, o rebanho bovino do País cresceu 4,3% em relação ao do ano anterior. A maioria dos estados registrou variação positiva, com destaque para Mato Grosso (5,6%), Pará (3,6%) e Rondônia (17,1%). Por outro lado, variações negativas foram registradas em 5 unidades da federação, em especial Mato Grosso do Sul (-0,9%) e Paraná (-2,0%). Santa Catarina apresentou queda de 1,3%, segundo o IBGE. Os dados do governo de Santa Catarina indicam queda menos acentuada no rebanho estadual, como veremos adiante.

Tabela 5. Bovinos – Brasil: evolução do rebanho – 2010-2022⁽¹⁾

Unidade da federação	Milhões de cabeças					Variação 2021-22 (%)
	2010	2015	2020	2021	2022	
1º Mato Grosso	28,757	29,364	32,338	32,425	34,246	5,6
2º Pará	17,633	20,272	22,432	23,921	24,791	3,6
3º Goiás	21,348	21,888	23,627	24,294	24,410	0,5
4º Minas Gerais	22,698	23,769	22,166	22,856	22,993	0,6
5º Mato Grosso do Sul	22,354	21,357	19,027	18,609	18,434	-0,9
6º Rondônia	11,842	13,398	14,804	15,110	17,688	17,1
7º Bahia	10,528	10,758	9,749	11,755	12,526	6,6
8º Rio Grande do Sul	14,469	13,737	11,128	11,057	11,933	7,9
9º São Paulo	11,198	10,468	10,569	10,718	11,072	3,3
10º Tocantins	7,994	8,412	9,130	10,162	10,773	6,0
14º Santa Catarina	3,986	4,382	4,533	4,542	4,482	-1,3
Demais UFs	36,733	37,414	38,334	39,153	41,005	4,7
Brasil	209,541	215,221	217,836	224,602	234,353	4,3

⁽¹⁾ Até a data de publicação desta síntese, o IBGE ainda não havia divulgado os dados referentes ao rebanho de 2023.

Fonte: IBGE – Pesquisa Pecuária Municipal, janeiro/2024

O crescimento do rebanho brasileiro nos últimos anos deve-se, principalmente, aos expressivos aumentos nos preços do boi gordo observados a partir do último trimestre de 2019, o que levou muitos produtores a ampliar a retenção de fêmeas, com o objetivo de aumentar o plantel de matrizes e a produção de bezerras. Esse ciclo de alta foi interrompido em meados de 2022, mas não houve tempo para que isso impactasse no processo de expansão do rebanho em curso naquele ano.

Entre 2010 e 2022, o rebanho brasileiro cresceu 11,8%. Diversos estados relevantes apresentaram redução no número de animais nesse período, caso de Mato Grosso do Sul (-17,5%), Rio Grande do Sul (-17,5%), São Paulo (-1,1%) e Paraná (-15,8%). Por outro lado, dentre os estados que registraram variações positivas, destacam-se Pará (40,6%), Rondônia (49,4%), Acre (79,8%) e Roraima (96,4%). Essas variações demonstram um forte movimento de migração da produção bovina brasileira, que tem reduzido sua relevância nas regiões tradicionais e ampliado significativamente sua presença na região amazônica.

Em 2023, foram abatidos 34,06 milhões de bovinos, alta de 13,7% em relação ao ano anterior. A ampliação da oferta é um dos fatores que ajudam a explicar a queda nos preços do boi gordo a partir do 2º semestre de 2022, conforme mencionado anteriormente. A maioria dos estados registrou variações positivas, com destaque para Mato Grosso (25,8%), Goiás (17,8%) e Rondônia (41,1%).

Tabela 6. Bovinos – Brasil: abates por unidade da federação – 2010-2023

Unidade da Federação	Milhões de cabeças					Variação 2022-23 (%)
	2010	2020	2021	2022	2023	
1º Mato Grosso	4,083	5,091	4,617	4,710	5,924	25,8
2º Goiás	2,612	2,793	2,970	3,005	3,540	17,8
3º São Paulo	3,533	3,120	2,892	3,421	3,453	0,9
4º Mato Grosso do Sul	3,298	3,389	2,956	3,342	3,312	-0,9
5º Minas Gerais	2,393	2,685	2,609	2,844	3,091	8,7
6º Rondônia	1,902	2,180	1,862	2,045	2,886	41,1
7º Pará	2,105	2,218	2,259	2,431	2,871	18,1
8º Rio Grande do Sul	1,939	1,902	1,602	1,654	1,768	6,9
9º Paraná	1,459	1,449	1,210	1,300	1,305	0,4
10º Tocantins	0,906	0,895	0,950	1,104	1,253	13,5
13º Santa Catarina	0,509	0,605	0,534	0,528	0,543	2,7
Demais UFs	4,538	3,561	3,245	3,564	4,114	15,4
Brasil	29,278	29,887	27,704	29,947	34,061	13,7

Fonte: IBGE – Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, março/2024

Assim como o número de animais abatidos, também foi observada alta na produção de carne bovina em 2023. De acordo com os dados do IBGE, foram produzidas 8,95 milhões de toneladas de carcaças bovinas⁹, crescimento de 11,7% na comparação com a produção do ano anterior.

Quando se analisa o abate por sexo e faixa etária, verifica-se que os dados de 2023 apresentam crescimento na participação de fêmeas no total de bovinos abatidos. As fêmeas (vacas e novilhas) representaram 41,6% do total de abates, maior participação registrada desde 2014. Esses resultados estão relacionados à queda dos preços dos animais vivos, o que levou muitos pecuaristas a se desfazer de parte de suas fêmeas para reprodução, em especial os animais mais velhos ou menos produtivos, de forma a reduzir custos.

Tabela 7. Bovinos – Brasil: participação de cada categoria animal no total de abates – 2010-2023

Categoria	2010	2015	2020	2021	2022	2023
Bois	55,9	55,2	58,4	61,7	58,0	53,6
Vacas	30,0	30,4	26,0	24,3	26,9	29,3
Novilhos	8,0	5,8	5,1	4,6	4,6	4,7
Novilhas	6,1	8,5	10,5	9,4	10,4	12,3
Total	100	100	100	100	100	100

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, março/2024

⁹ Peso da carcaça quente, entendendo-se por carcaça: o animal abatido, formado das massas musculares e ossos, desprovido de cabeça, mocotós, cauda, couro, órgãos e vísceras torácicas e abdominais, tecnicamente preparado.

Conforme demonstram os dados do sistema Comex Stat, do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), o Brasil exportou 2,29 milhões de toneladas de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas) em 2023, alta de 1,2% em relação ao montante embarcado no ano anterior. Essa é a maior quantidade de carne bovina exportada pelo País desde o início da série histórica, em 1997.

Tabela 8. Carne bovina – Brasil: exportações – 2000-2023

Ano	2000	2010	2020	2021	2022	2023
Quantidade exportada (mil t)	355,60	1.227,21	2.011,24	1.845,16	2.263,29	2.289,88
Valor exportado (milhões - US\$)	812,10	4.780,06	8.478,21	9.200,39	12.960,35	10.540,82

Fonte: Comex Stat/Secex, fevereiro/2024

As receitas, por sua vez, atingiram o montante de US\$ 10,54 bilhões, queda de 18,7% em relação ao valor registrado no ano anterior. Apesar dessa expressiva variação negativa, as receitas de 2023 representam o segundo melhor resultado anual de toda a série histórica, atrás apenas de 2022.

A Figura 1 apresenta a evolução das exportações brasileiras de carne bovina de 2014 a 2023.



Figura 1. Carne bovina – Brasil: Exportações – 2014-23

Fonte: MDIC/Comex Stat, fevereiro/2024

Os resultados de 2023 foram influenciados pela suspensão temporária das exportações de carne bovina para a China após o registro de um caso de encefalopatia espongiforme bovina, conhecida como “doença da vaca louca”, em fevereiro de 2023, no Pará. Embora a China tenha autorizado a retomada das importações de carne bovina oriunda do Brasil ainda no final do mês de março daquele ano, foram necessários diversos meses para que os embarques fossem normalizados.

A relevância desse bloqueio está no fato de a China ter se tornado o principal destino da carne bovina brasileira, respondendo por 54,4% das receitas do Brasil com a exportação desse produto em 2023. As importações chinesas cresceram significativamente depois de 2018, quando o país foi atingido por surtos de peste suína africana (PSA), doença que ocasionou uma forte redução na produção de carne suína e estimulou a importação de diversos tipos de proteínas de origem animal. Em 2023, o Brasil exportou 1,20 milhão de toneladas para a China, com receitas de US\$ 5,73 bilhões, quedas de 3,4% e 27,9% em relação às do ano anterior,

respectivamente. Por outro lado, a maioria dos principais compradores ampliou a aquisição de carne bovina brasileira em 2023 em relação ao ano anterior, com destaque para Chile (alta de 26,5% em quantidade e 23,2% em receitas), Hong Kong (26,0% e 13,2%) e Emirados Árabes Unidos (31,3% e 26,4%). Essas altas ajudaram a compensar os efeitos da redução das compras chinesas no período.

Tabela 9. Carne bovina – Brasil: exportações segundo os principais destinos – 2023

País	Valor - US\$ (milhões)	Participação (%)	Quantidade (t)	Participação (%)
China	5.734,95	54,4	1.196.104	52,2
Estados Unidos	848,44	8,0	138.557	6,1
Chile	487,74	4,6	100.468	4,4
Hong Kong	372,26	3,5	119.618	5,2
Emirados Árabes Unidos	337,83	3,2	76.880	3,4
Egito	261,79	2,5	71.261	3,1
Arábia Saudita	213,48	2,0	48.141	2,1
Filipinas	210,76	2,0	56.219	2,5
Rússia	208,60	2,0	58.863	2,6
Países Baixos (Holanda)	191,68	1,8	21.480	0,9
Demais países	1.673,28	15,9	402.293	17,6
Total	10.540,82	100,0	2.289.883	100,0

Fonte: MDIC/Comex Stat, fevereiro/2024

Em 2023, a carne bovina brasileira foi exportada para 159 países. As exportações ocorreram principalmente na forma de carne *in natura* congelada, responsável por 90,1% das receitas, sendo o restante distribuído entre miudezas (6,1%) e carne industrializada (3,8%).

Depois de quedas na disponibilidade *per capita* no mercado interno observadas em 2020 e 2021 e de leve variação positiva em 2022, observou-se em 2023 alta expressiva nesse indicador: 14,9%. Esse resultado deve-se, essencialmente, ao crescimento da produção (11,7%).¹⁰

Tabela 10. Carne bovina – Brasil: balanço de oferta e demanda – 2010-2023

Parâmetro	2010	2015	2020	2021	2022	2023
Produção (t)	6.977.484	7.493.435	7.824.888	7.456.261	8.012.320	8.952.612
Importação (t)	33.386	47.091	50.808	57.038	64.683	50.110
Exportação (t)	1.227.212	1.352.966	2.011.239	1.845.165	2.263.286	2.289.883
Disponibilidade interna (t)	5.783.659	6.187.561	5.864.458	5.668.134	5.813.717	6.712.839
População (milhões hab.) ⁽¹⁾	190,76	195,77	200,91	201,96	203,06	204,12
Kg/habitante/ano	30,32	31,61	29,19	28,07	28,63	32,89

⁽¹⁾ Os dados populacionais de 2015, 2020 e 2021 foram ajustados pela Conab, a partir dos resultados do Censo Demográfico 2022, do IBGE.

Fontes: IBGE; MDIC/Comex Stat; Conab

Depois de atingirem altas históricas em 2022, os preços do boi gordo começaram o ano de 2023 em queda na maioria dos estados, principalmente a partir de abril. Esse movimento manteve-se até setembro, quando se observou uma inversão nessa tendência. Este cenário é

¹⁰ Em função da divulgação dos resultados do Censo Demográfico 2022 em meados de 2023, foi necessário ajustar os dados populacionais dos anos anteriores, uma vez que o referido censo apresentou valores bastante distintos daqueles que eram estimados anualmente pelo IBGE, o que distorceria significativamente os cálculos de disponibilidade *per capita*. Em razão disso, na Tabela 10 são utilizados dados populacionais ajustados pela Conab por meio de cálculos estatísticos específicos, a partir das informações originais do IBGE.

resultante de diversos fatores, em especial do aumento na disponibilidade de bovinos prontos para abate, conforme demonstram os dados do IBGE apresentados anteriormente, além da limitada expansão das exportações. Felizmente para os produtores, os custos de produção também apresentaram declínio em 2023, o que evitou um cenário com maiores dificuldades para os pecuaristas.

Produção e mercado estaduais

Segundo a Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (Cidasc), em 31 de dezembro de 2023 o rebanho bovino catarinense era constituído por 4,43 milhões de cabeças, número muito próximo ao registrado no ano anterior, quando havia 4,44 milhões de cabeças.¹¹

Do total de animais que compunham o rebanho em 2023, 74,3% eram fêmeas e 25,7%, machos. A maior parcela do rebanho estadual (52,5%) tem mais de 36 meses de idade; 34,4% são animais jovens, de 0 a 24 meses, e 13,1% têm entre 25 e 36 meses. As fêmeas com mais de 36 meses representam 45,3% do rebanho catarinense, enquanto os machos na mesma faixa etária respondem por apenas 7,3% do total. Essa estrutura do rebanho se deve, entre outras razões, à importância da pecuária leiteira em Santa Catarina.

Tabela 11. Bovinos – Santa Catarina: composição do rebanho, por faixa etária e sexo – 2023

Faixa etária (meses)	Sexo		Total
	Machos	Fêmeas	
0 a 12	300.022	389.293	689.315
13 a 24	344.394	489.130	833.524
25 a 36	171.149	408.205	579.354
> 36	321.142	2.006.172	2.327.314
Total	1.136.707	3.292.800	4.429.507

Fonte: Cidasc, fevereiro/2024

Entre 2014 e 2023, o rebanho bovino catarinense encolheu 2,3%. Nesse período, o número de machos caiu 10,7%, enquanto o de fêmeas apresentou crescimento de 0,9%. Em 2023, por outro lado, registraram-se quedas em ambos os sexos, em relação ao ano anterior: -0,3% de machos e -0,2% de fêmeas.

¹¹ Os dados referentes à bovinocultura em Santa Catarina disponibilizados pela Cidasc destoam dos apresentados pelo IBGE, principalmente em função da diferença entre as metodologias utilizadas pelos dois órgãos. No segmento “Produção e mercado nacionais”, utilizaram-se os dados do IBGE, de forma a possibilitar comparações com outras unidades da Federação. Neste segmento (“Produção e mercado estaduais”), contudo, optou-se pela utilização dos dados da Cidasc, em função do maior grau de detalhamento, necessário para algumas análises aqui apresentadas.

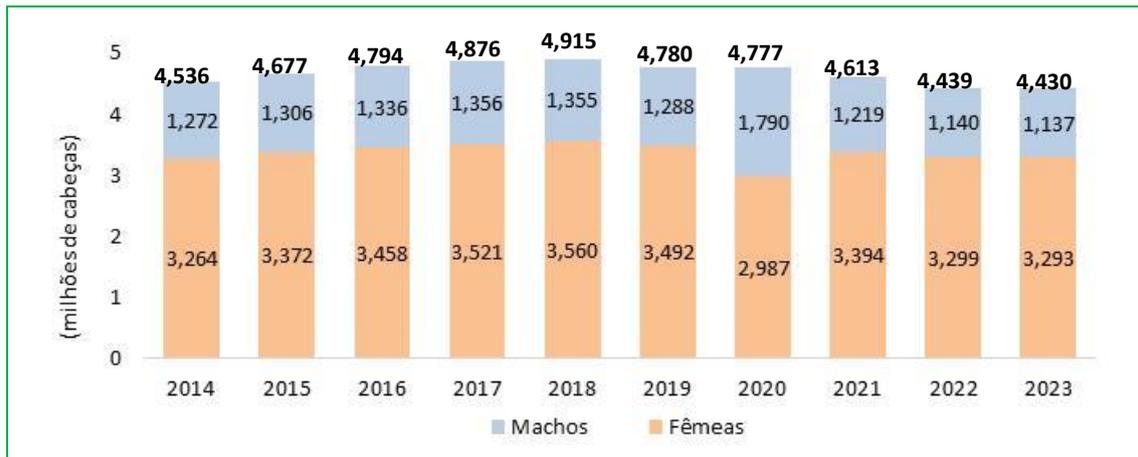


Figura 2. Bovinos – Santa Catarina: evolução do rebanho – 2014-23

Fonte: Cidasc, fevereiro/2024

O número de bovinos abatidos também apresentou queda em 2023. De acordo com os dados da Cidasc, 722,2 mil animais foram destinados ao abate nesse ano, queda de 3,0% em relação montante de 2022. Desse total, 614,7 mil (85,1%) foram abatidos em estabelecimentos com inspeção sanitária, modalidade que registrou queda de 3,6% na comparação com os resultados do ano anterior. Os abates para autoconsumo¹², por sua vez, atingiram o montante de 107,5 mil cabeças (14,9% do total), crescimento de 0,3% em relação aos abates do ano anterior. Outros 16 animais foram comercializados para abate em outras unidades da Federação (0,002% da produção total).

Tabela 12. Bovinos – Santa Catarina: abate por destino ou finalidade – 2021-23

Destino	Nº de cabeças			Participação no total - 2023 (%)
	2021	2022	2023	
Com sistema de inspeção	662.061	637.415	614.674	85,1
Autoconsumo	116.979	107.264	107.539	14,9
Abate em outra UF	787	55	16	0,002
Total	779.827	744.734	722.229	100,0

Fonte: Cidasc, fevereiro/2024

Dos abates realizados em estabelecimentos inspecionados, 88,5% ocorreram em abatedouros com inspeção municipal ou estadual (SIM ou SIE), principalmente em função da demanda significativamente superior à produção, o que faz com que a quase totalidade da carne bovina produzida em Santa Catarina seja consumida no próprio estado.

Tabela 13. Bovinos – Santa Catarina: abate segundo o sistema de inspeção – 2023

Sistema de inspeção	Nº de cabeças (milhares)	Participação %
Federal	70,7	11,5
Estadual	503,7	81,9
Municipal	40,3	6,5
Total	614,7	100,0

Fonte: Cidasc, fevereiro/2024

¹² Quando os animais são abatidos e consumidos na propriedade rural em que foram produzidos.



Os bovinos estão presentes em todos os 295 municípios catarinenses, contando com um contingente de 167,0 mil produtores. Destes, 29,9 mil destinaram animais para abate em estabelecimentos inspecionados no ano de 2023, queda de 8,6% em relação ao número de produtores do ano anterior (Tabela 14).

Tabela 14. Bovinos – Santa Catarina: número de produtores que destinaram animais para abate em estabelecimentos com inspeção – 2018-2023

Parâmetro	2018	2019	2020	2021	2022	2023
Número de produtores	34.907	36.374	35.111	32.679	32.696	29.900

Fonte: Cidasc, janeiro/2023

Os abates para autoconsumo, por sua vez, foram realizados por 53,8 mil produtores em 2023. É importante ressaltar que existem sobreposições entre os dois grupos de produtores (autoconsumo e abate inspecionado). Somados os membros dos dois grupos e excluídas as repetições, obteve-se um montante de 71,3 mil produtores.

Com o objetivo caracterizar essa atividade produtiva, foram estabelecidas categorias segundo o número de animais por produtor destinados ao abate em estabelecimentos com inspeção sanitária no ano de 2023. Segundo esses dados, a maioria dos produtores catarinenses pode ser considerada de pequena escala: 76,0% destinaram de 1 a 10 animais para abate e responderam por apenas 12,2% dos animais abatidos em 2023. Os produtores com mais de 100 animais destinados ao abate no ano em questão, por outro lado, somaram 3,3% do total e foram responsáveis por 58,1% dos abates. Embora o contingente de produtores seja expressivo, tais dados evidenciam que a produção catarinense de carne bovina se concentra num pequeno número de estabelecimentos.

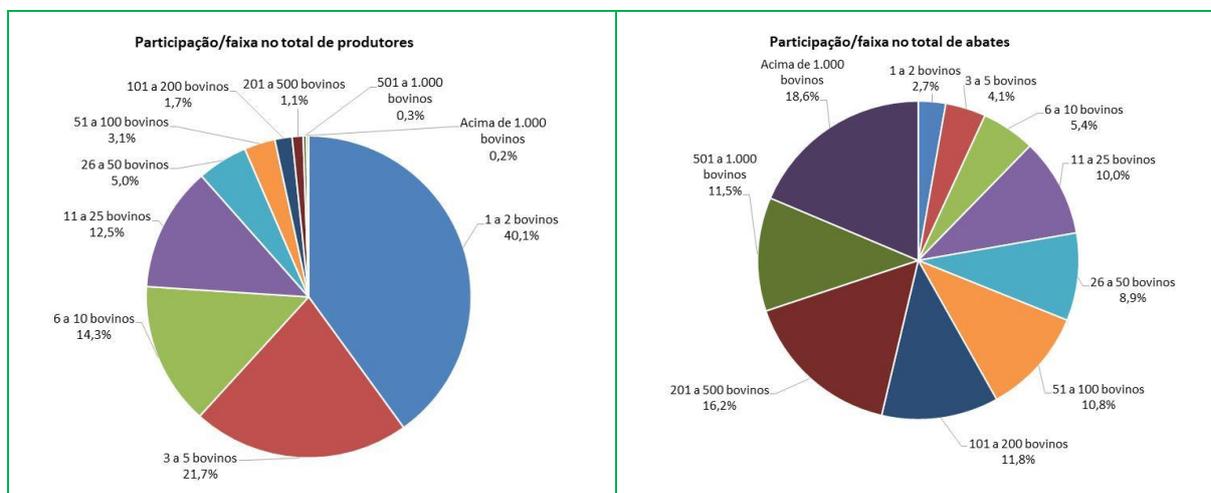


Figura 3. Bovinos – Santa Catarina: participação de cada faixa de produção no total de produtores e de abates inspecionados – 2023

Fonte: Cidasc, fevereiro/2024

Elaborado por: Epagri/Cepa

A Mesorregião Oeste Catarinense (que reúne as microrregiões de Chapecó, Joaçaba, São Miguel do Oeste, Xanxerê e Concórdia) foi responsável por 49,4% dos bovinos produzidos em Santa Catarina em 2023. A segunda principal região produtora é o Sul Catarinense, que respondeu por 15,7% e vem ampliando sua participação ano após ano.

Tabela 15. Bovinos – Santa Catarina: microrregiões de origem dos animais abatidos – 2023

Microrregião	Abate inspecionado	Comércio interestadual	Autoconsumo	Total de animais	Participação %
Chapecó	85.645	0	25.591	111.236	15,4
Joaçaba	88.560	8	7.125	95.693	13,2
Tubarão	75.413	0	3.964	79.377	11,0
São Miguel do Oeste	53.600	0	21.774	75.374	10,4
Concórdia	39.633	0	11.789	51.422	7,1
Canoinhas	38.476	8	5.413	43.897	6,1
Campos de Lages	41.961	0	1.168	43.129	6,0
Xanxerê	36.109	0	4.856	40.965	5,7
Curitibanos	29.494	0	1.362	30.856	4,3
Rio do Sul	25.010	0	5.196	30.206	4,2
Itajaí	18.748	0	531	19.279	2,7
Blumenau	15.039	0	2.764	17.803	2,5
Araranguá	11.723	0	3.270	14.993	2,1
Joinville	11.522	0	2.098	13.620	1,9
Florianópolis	11.935	0	1.396	13.331	1,8
Criciúma	9.317	0	3.007	12.324	1,7
Ituporanga	5.699	0	3.028	8.727	1,2
Tijucas	7.251	0	1.086	8.337	1,2
São Bento do Sul	5.252	0	928	6.180	0,9
Tabuleiro	4.287	0	1.193	5.480	0,8
Total	614.674	16	107.539	722.229	100,0

Fonte: Cidasc, fevereiro/2024

A Figura 4 apresenta a distribuição do rebanho bovino catarinense em 2023. Quanto mais escura a coloração no mapa, maior o número de animais produzidos.

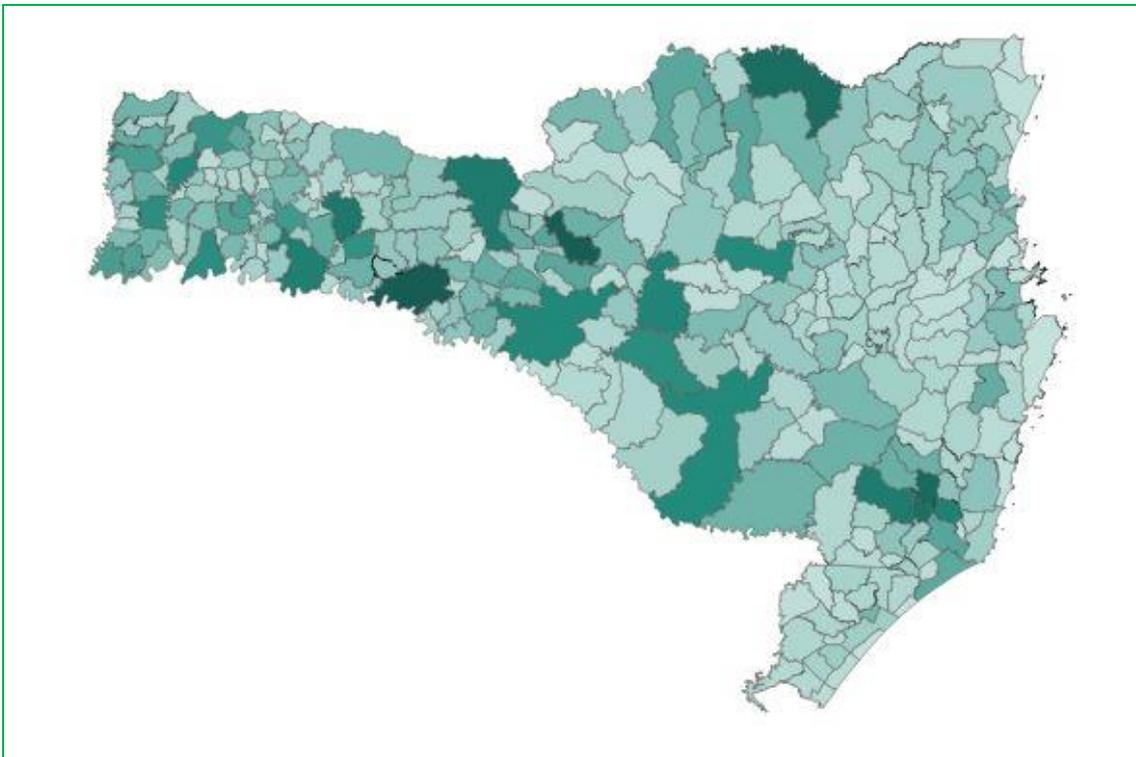


Figura 4. Bovinos – Santa Catarina distribuição da produção de animais destinados ao abate – 2023

Fonte: Cidasc, fevereiro/2024

Elaborado por: Epagri/Cepa

Em 2023, Santa Catarina exportou 1,01 mil toneladas de carne bovina, com US\$ 3,67 milhões em receitas, quedas de 47,1% e 53,1% em relação ao ano anterior, respectivamente. O estado ocupou a 15ª posição no *ranking* nacional. O principal destino da carne bovina catarinense nesse ano foi Israel, com receitas de US\$ 820,9 mil.

Os preços do boi gordo em Santa Catarina vêm sendo caracterizados pela tendência de queda desde meados de 2022, pouco depois da média estadual atingir seu valor máximo histórico. As variações negativas tornaram-se especialmente acentuadas entre junho e setembro de 2023. Depois disso, o movimento de queda arrefeceu e, inclusive, foi revertido no último mês do ano. Esse comportamento dos preços reflete o cenário nacional, com grande disponibilidade de animais prontos para abate e algumas limitações ao fluxo de exportações, conforme já descrito anteriormente no tópico “Produção e mercado nacionais”. Vale destacar que a realidade catarinense se distingue disso, já que o estado registrou queda no número de animais abatidos e há baixa dependência direta desse setor em relação ao mercado internacional. Contudo, como a produção estadual é insuficiente para atender a demanda interna, estima-se que mais da metade da carne bovina consumida em Santa Catarina seja proveniente de outras unidades da Federação, mecanismo que é um dos principais responsáveis pela correlação dos preços do estado com as médias dos principais produtores de carne bovina do País.



Figura 5. Boi gordo – Santa Catarina: preço médio mensal estadual ao produtor (R\$/arroba) – 2022-23

Fonte: Epagri/Cepa, fevereiro/2024

Carne de frango

Alexandre Luís Giehl – Engenheiro-agrônomo, Epagri/Cepas
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado mundiais

Após expressivas altas no custo de produção da maioria das atividades agropecuárias no ano de 2022, principalmente em função do início do conflito entre Rússia e Ucrânia, 2023 foi marcado por recuos nesse parâmetro em grande parte dos países. Essa situação está relacionada à normalização do fornecimento de insumos agropecuários oriundos dos dois países envolvidos no conflito, ao registro de boas safras de grãos em importantes produtores, como é o caso do Brasil, e à queda nas importações mundiais de grãos, entre outros fatores.

Nesse cenário, em 2023 a produção mundial de carne de frango apresentou alta de 0,5% em relação ao ano anterior, de acordo com os dados preliminares do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA). Dentre os principais produtores, a maioria apresentou variação positiva, com destaque para Brasil (3,0%), União Europeia (2,6%) e México (2,4%). Além dos custos de produção relativamente baixos, outro fator que explica o crescimento brasileiro observado no período é o fato de o país manter o status de livre de gripe aviária em criações comerciais, principalmente em razão dos investimentos estatais em vigilância e sanidade animal.

Os quatro maiores produtores mundiais foram responsáveis por 60,0% da produção em 2023.

Tabela 1. Carne de frango – Produção mundial – 2019-23

País	2019	2020	2021	2022	2023 ⁽¹⁾
Estados Unidos	19.941	20.255	20.391	20.992	21.095
Brasil	13.690	13.880	14.500	14.465	14.900
China	13.800	14.600	14.700	14.300	14.300
União Europeia	10.836	11.030	10.840	10.870	11.150
Rússia	4.668	4.680	4.600	4.800	4.875
México	3.554	3.596	3.665	3.763	3.855
Tailândia	3.300	3.250	3.220	3.300	3.450
Argentina	2.171	2.215	2.290	2.319	2.330
Turquia	2.138	2.136	2.246	2.418	2.250
Colômbia	1.761	1.685	1.773	1.893	1.890
Demais países	21.399	22.332	22.835	22.720	22.294
Total	97.258	99.659	101.060	101.840	102.389

⁽¹⁾ Dados preliminares.

Fonte: USDA, janeiro/2024

De acordo com as projeções iniciais do USDA, em 2024 a produção mundial deverá crescer 0,9%. Quase todos os principais produtores devem registrar variação positiva, com destaque para o Brasil (1,0%). A única variação negativa deve ser registrada na China (-3,0%).

O consumo mundial de carne de frango registrou alta de 0,7% em 2023, conforme indicam os dados do USDA. Quase todos os principais países consumidores apresentaram variação positiva no período, com exceção do Japão, que reduziu o consumo em 1,7%. Merecem

destaque os resultados da União Europeia (3,4%) e do México (3,6%). O Brasil, por sua vez, registrou alta de 1,1% no consumo dessa proteína. Os quatro maiores mercados foram responsáveis por 52,8% do consumo mundial em 2023.

Tabela 2. Carne de frango – Consumo mundial – 2019-23

País	2019	2020	2021	2022	2023 ⁽¹⁾
Estados Unidos	16.702	16.994	17.167	17.673	17.874
China	13.952	15.211	15.031	14.401	14.535
União Europeia	9.458	9.652	9.648	9.849	10.180
Brasil	9.756	10.010	10.279	10.023	10.132
México	4.423	4.431	4.575	4.666	4.836
Rússia	4.712	4.688	4.632	4.750	4.805
Japão	2.789	2.757	2.848	2.877	2.829
Reino Unido	2.142	2.068	2.173	2.477	2.590
Tailândia	2.389	2.299	2.280	2.310	2.325
Argentina	1.941	2.025	2.116	2.138	2.206
Demais países	26.462	27.109	27.837	28.109	27.619
Total	94.726	97.244	98.586	99.273	99.931

⁽¹⁾ Dados preliminares.

Fonte: USDA, janeiro/2024

Para 2024, o USDA projeta crescimento de 0,8% no consumo mundial da carne de frango, impulsionado pela expansão da demanda da maioria dos países, com destaque para Estados Unidos (0,6%), União Europeia (0,6%) e México (2,8%). A China, por outro lado, deve apresentar queda de 2,9%.

As importações mundiais apresentaram leve alta em 2023: 0,3% em relação ao ano anterior, segundo os dados preliminares do USDA. O Japão, embora tenha registrado queda de 4,2% no período, segue sendo o maior importador. Dentre os principais destinos, variações bastante expressivas foram registradas nas importações de México (7,7%) e, principalmente, China (23,2%). Os quatro maiores importadores foram responsáveis por 33,8% do comércio internacional.

As projeções iniciais do USDA indicam crescimento de 2,1% nas importações mundiais de carne de frango em 2023, com destaque para o México (4,1%).

As exportações mundiais, por sua vez, apresentaram leve queda em 2023 (-0,1%), conforme indicam os dados do USDA. A maioria dos principais exportadores registrou queda nos embarques do último ano, com destaque para Estados Unidos (-0,5%) e União Europeia (-0,6%), que ocupam a 2ª e a 3ª colocação no *ranking*, respectivamente. Por outro lado, as exportações do Brasil, principal exportador, apresentaram alta de 7,3%. Os quatro principais exportadores concentraram mais de ¼ do comércio mundial em 2023: Brasil (35,2%); Estados Unidos (24,3%); União Europeia (12,6%) e Tailândia (8,1%).

Tabela 3. Carne de frango – Importações mundiais – 2019-23

País	2019	2020	2021	2022	2023 ⁽¹⁾
Japão	1.076	1.005	1.077	1.101	1.055
México	875	842	917	915	985
Reino Unido	792	732	689	903	945
China	580	999	788	633	780
União Europeia	770	660	647	704	745
Arábia Saudita	601	618	615	594	585
Iraque	494	468	388	485	535
Filipinas	366	336	437	498	440
Emirados Árabes Unidos	410	358	384	356	375
África do Sul	485	434	371	321	350
Demais países	4.095	4.230	4.496	4.580	4.333
Total	10.544	10.682	10.809	11.090	11.128

⁽¹⁾ Dados preliminares.

Fonte: USDA, janeiro/2024

Tabela 4. Carne de frango – Exportações mundiais – 2019-23 ⁽¹⁾

País	2019	2020	2021	2022	2023 ⁽²⁾
Brasil	3.939	3.875	4.226	4.447	4.770
Estados Unidos	3.259	3.376	3.353	3.316	3.300
União Europeia	2.148	2.038	1.839	1.725	1.715
Tailândia	961	941	907	1.021	1.105
China	428	388	457	532	545
Turquia	427	465	559	646	450
Ucrânia	407	428	458	419	440
Rússia	173	216	218	245	225
Reino Unido	376	443	357	266	220
Belarus	174	190	184	160	140
Demais países	779	742	750	797	649
Total	13.071	13.102	13.308	13.574	13.559

⁽¹⁾ A diferença entre as quantidades totais importadas e exportadas a cada ano é decorrente da metodologia de levantamento de dados do USDA.

⁽²⁾ Dados preliminares.

Fonte: USDA, janeiro/2024

Em relação a 2024, o USDA projeta crescimento de 2,5% nas exportações mundiais e variações positivas na maioria dos principais exportadores, com destaque novamente para o Brasil (3,2%). A Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), por sua vez, estima variação ainda mais expressiva nas exportações do País, que devem crescer 3,9% nesse ano.

Produção e mercado nacionais

Em 2023, foram abatidos 6,28 bilhões de frangos no Brasil, crescimento de 2,8% em relação aos abates do ano anterior (Figura 1). A produção de carne, por sua vez, atingiu o montante de 13,32 milhões de toneladas, alta de 3,5%.

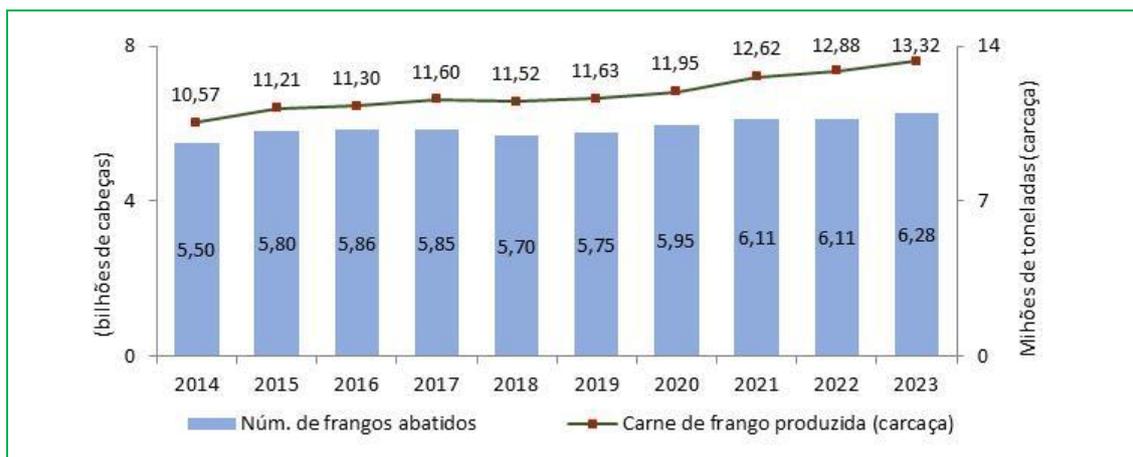


Figura 1. Carne de frango – Brasil: evolução da produção – 2014-23

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, março/2024

O Paraná é o principal produtor de frangos do País, com pouco mais de 1/3 do total nacional. A segunda posição é ocupada por Santa Catarina (quando se utiliza como parâmetro a produção de carne em equivalente-carcaça), seguida por São Paulo. A Tabela 5 apresenta os dados consolidados de produção de carne e número de aves abatidas nos anos de 2021 a 2023.

Tabela 5. Carne de frango – Brasil: produção dos principais estados – 2021-23

Unidade da federação	Carcaça (x 1.000 t)				Animais abatidos (milhões de cabeças)			
	2021	2022	2023	Particip. 2023 (%)	2021	2022	2023	Particip. 2023 (%)
Paraná	4.201,13	4.353,19	4.612,55	35,4	2.003,02	2.043,18	2.155,18	35,0
Santa Catarina	1.653,64	1.638,16	1.739,79	13,4	829,39	820,78	787,80	12,8
São Paulo	1.472,60	1.498,30	1.536,47	11,8	640,64	642,89	669,93	10,9
Rio Grande do Sul	1.459,52	1.464,82	1.418,39	10,9	829,70	798,08	839,04	13,6
Goiás	969,10	1.019,28	1.094,74	8,4	462,19	466,40	489,34	8,0
Minas Gerais	941,82	938,47	1.010,92	7,8	447,97	436,21	470,48	7,6
Mato Grosso do Sul	402,05	413,74	398,88	3,1	186,79	186,91	175,90	2,9
Mato Grosso	403,73	394,42	392,25	3,0	188,05	197,60	191,74	3,1
Bahia	284,62	309,65	288,59	2,2	135,11	138,56	128,60	2,1
Pernambuco	139,05	124,83	131,23	1,0	65,22	57,55	60,15	1,0
Demais estados	696,19	720,54	392,54	3,0	322,02	321,66	182,78	3,0
Brasil	12.629,63	12.875,40	13.016,35	100	6.111,07	6.109,83	6.150,94	100

Fonte: IBGE – Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, março/2024

A Região Sul concentrou 60,2% dos abates de frangos em 2023, percentual um pouco superior ao observado no ano anterior, quando foi responsável por 59,9% do total nacional. Na sequência, posicionam-se as regiões Sudeste (19,6%), Centro-Oeste (13,6%), Nordeste (3,7%) e Norte (2,9%).

Vale destacar que, em 2023, o IBGE realizou uma revisão nos dados de abate de frangos levantados pela instituição, o que alterou a participação de alguns estados na produção nacional e, com isso, modificou algumas posições do *ranking*, caso de São Paulo, que passou a ocupar a 3ª posição, anteriormente ocupada pelo Rio Grande do Sul.

O Brasil exportou 5,01 milhões de toneladas de carne de frango (*in natura*, industrializada e miúdos) em 2023, montante 7,7% maior que o do ano anterior. As receitas foram de US\$ 9,62 bilhões, ampliação de 1,1% em relação ao valor de 2022. Esses são os melhores resultados já registrados pelo País desde o início da série histórica, em 1997, tanto em quantidade, quanto em receitas.

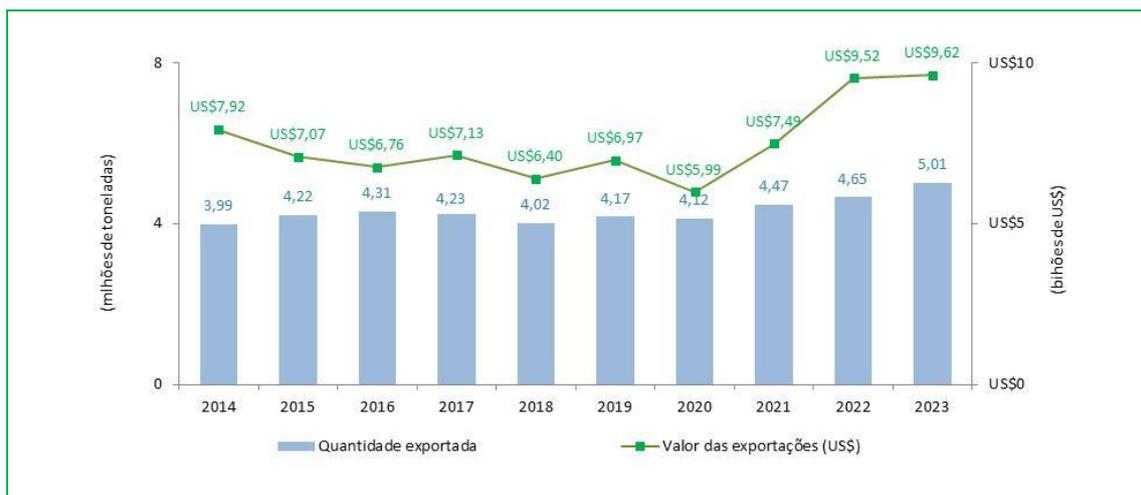


Figura 2. Carne de frango – Brasil: evolução das exportações – 2014-23

Fonte: MDIC/Comex Stat, fevereiro/2024

A ocorrência de Influenza Aviária de Alta Patogenicidade (IAAP) em importantes países produtores favoreceu as exportações do Brasil, já que até o momento não se registrou nenhum caso dessa doença em granjas comerciais brasileiras, o que amplia as possibilidades de comércio do País. Contudo, é importante destacar que em 2023 o Brasil registrou 151 focos da doença, sendo 148 em animais silvestres e 3 em aves de subsistência.

O principal destino externo do frango brasileiro em 2023 foi a China, que respondeu por 16,7% das receitas e por 13,6% da quantidade exportada, consolidando sua liderança nesse segmento. Nesse ano, os embarques para a China registraram alta de 26,4% em quantidade e 19,7% em valor. O Japão, segundo principal destino, ampliou em 3,1% o volume adquirido, mas apresentou leve queda em termos de valor (-0,6%). Os quatro principais destinos responderam por 44,7% das receitas e 38,6% da quantidade embarcada pelo País em 2023.

O Brasil exportou carne de frango para 172 países em 2023, essencialmente na forma de carne *in natura* congelada, responsável por 96,1% das receitas, enquanto 3,9% foram provenientes da exportação de carne industrializada.

Mais de $\frac{3}{4}$ das exportações brasileiras de carne de frango tiveram origem na Região Sul, conforme demonstra a Tabela 7.

Tabela 6. Carne de frango – Brasil: exportações segundo os principais destinos – 2023

País	Valor - US\$ (milhões)	Participação (%)	Quantidade (t)	Participação (%)
China	1.608,61	16,7	682.282	13,6
Japão	955,19	9,9	433.000	8,6
Emirados Árabes Unidos	888,13	9,2	440.446	8,8
Arábia Saudita	843,09	8,8	376.576	7,5
Países Baixos (Holanda)	425,66	4,4	146.693	2,9
Coreia do Sul	414,68	4,3	201.748	4,0
México	367,32	3,8	171.567	3,4
Reino Unido	307,77	3,2	99.864	2,0
Iraque	304,70	3,2	152.724	3,0
Singapura	293,65	3,1	136.919	2,7
Demais países	3.209,83	33,4	2.167.494	43,3
Total	9.618,62	100,0	5.009.313	100,0

Fonte: MDIC/Comex Stat, fevereiro/2024

Tabela 7. Carne de frango – Brasil: exportações dos principais estados e da Região Sul – 2023

Abrangência	Valor - US\$ (milhões)	Participação %	Quantidade (t)	Participação %
Brasil	9.618,62	100,0	5.009.313,4	100,0
Região Sul	7.504,92	78,0	3.930.653,9	78,5
Paraná	3.766,36	39,2	2.087.394,6	41,7
Santa Catarina	2.287,36	23,8	1.103.685,3	22,0
Rio Grande do Sul	1.451,20	15,1	739.574,0	14,8

Fonte: MDIC/Comex Stat, fevereiro/2024

A disponibilidade per capita de carne de frango manteve-se praticamente inalterada em 2023, com alta de apenas 0,5% em relação à de 2022. O aumento de 3,5% na produção foi parcialmente absorvido pelas exportações, conforme já apresentado anteriormente, o que, juntamente com o crescimento populacional, contribuiu para o baixo índice de variação.¹³

Tabela 8. Carne de frango – Brasil: balanço de oferta e demanda – 2010-2023

Parâmetro	2010	2015	2020	2021	2022	2023
Produção (t)	9.324.217	11.209.486	11.945.466	12.623.455	12.875.404	13.321.187
Importação (t)	1.240	4.110	5.165	5.312	4.831	2.105
Exportação (t)	3.815.960	4.223.192	4.124.659	4.467.583	4.652.771	5.009.313
Disponibilidade interna (t)	5.509.497	6.990.403	7.825.972	8.161.184	8.227.464	8.313.978
População (milhões hab.) ⁽¹⁾	190,76	195,77	200,91	201,96	203,06	204,12
Kg/habitante/ano	28,88	35,71	38,95	40,41	40,52	40,73

⁽¹⁾ Os dados populacionais de 2015, 2020 e 2021 foram ajustados pela Conab, a partir dos resultados do Censo Demográfico 2022, do IBGE.

Fontes: IBGE; MDIC/Comex Stat; Conab.

A Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) projeta crescimento de 3,6% na produção brasileira de carne de frango em 2024. Também é esperada elevação na exportação, com perspectiva de até 3,9% de alta em relação aos volumes registrados em 2023.

Embora o cenário seja favorável, algumas condicionantes precisam ser levadas em consideração, pois podem alterar o panorama. Além do desempenho da economia brasileira, as perspectivas de crescimento da avicultura estão atreladas à ausência de casos de IAAP em granjas comerciais no Brasil. O eventual surgimento da doença nesse segmento poderia afetar não apenas as exportações, mas a própria produção nacional. Por outro lado, os acordos de regionalização celebrados com os principais importadores de carne de frango brasileira reduzem riscos de um cenário de excesso de oferta no mercado doméstico em caso de focos da doença em granjas comerciais, pois estabelecem que somente serão bloqueadas as exportações oriundas da região afetada e não do estado todo ou do país.

¹³ Em função da divulgação dos resultados do Censo Demográfico 2022 em meados de 2023, foi necessário ajustar os dados populacionais dos anos anteriores, uma vez que o referido censo apresentou valores bastante distintos daqueles que eram estimados anualmente pelo IBGE, o que distorceria significativamente os cálculos de disponibilidade *per capita*. Em razão disso, na Tabela 8 são utilizados dados populacionais ajustados pela Conab por meio de cálculos estatísticos específicos, a partir das informações originais do IBGE.

Produção e mercado estaduais

Segundo a Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (Cidasc), em 2023 foram produzidos no estado e destinados ao abate 870,9 milhões de frangos¹⁴, alta de 4,1% em relação ao montante abatido no ano anterior. São contabilizados somente os animais criados em Santa Catarina e abatidos em estabelecimentos inspecionados (SIM, SIE ou SIF), estejam eles localizados no próprio estado ou em outras unidades da Federação.¹⁵

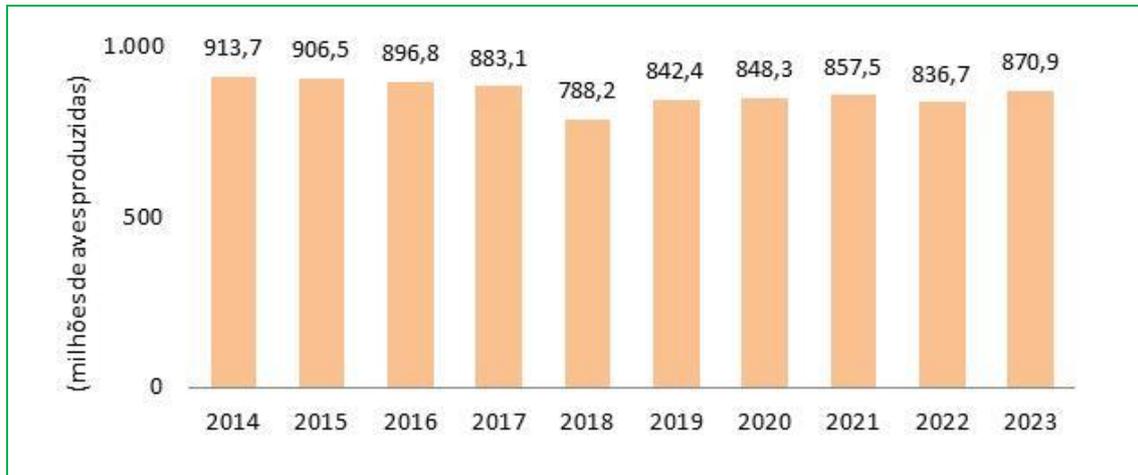


Figura 3. Frangos – Santa Catarina: evolução da produção de aves destinadas ao abate – 2014-23

Fonte: Cidasc, fevereiro/2024

Do total de aves produzidas em 2023, 97,2% foram abatidas em Santa Catarina, enquanto as restantes (2,8%) foram abatidas em outros três estados: Paraná (16,03 milhões), Rio Grande do Sul (7,81 milhões) e São Paulo (0,59 milhões).

A Mesorregião Oeste Catarinense (que reúne as microrregiões de Chapecó, Joaçaba, São Miguel do Oeste, Xanxerê e Concórdia) foi responsável por 77,2% da produção do estado em 2023. A Tabela 9 apresenta a distribuição da produção estadual de acordo com a microrregião de origem das aves.

¹⁴ Esse montante inclui tanto as aves cuja finalidade principal é o abate (frangos de corte), quanto aquelas com outras finalidades, mas que, em algum momento de seu ciclo de vida, são destinadas ao abate.

¹⁵ Este é um dos fatores que explica a diferença entre os números da Cidasc e os do IBGE. A metodologia utilizada na Pesquisa Trimestral do Abate de Animais (IBGE) considera apenas os animais abatidos em cada unidade da Federação, independente de sua origem. No caso dos dados da Cidasc apresentados neste tópico, levam-se em consideração os municípios e microrregiões de origem dos animais (ou seja, de onde eles saíram para ser abatidos), independente de o abate ter sido realizado em outra região ou estado.

Tabela 9. Frangos – Santa Catarina: microrregiões de origem das aves produzidas – 2023

Microrregião	Nº de aves (milhões) ⁽¹⁾	Participação (%)
Chapecó	195,59	22,5
Joaçaba	192,69	22,1
Concórdia	140,76	16,2
São Miguel do Oeste	73,77	8,5
Xanxerê	69,51	8,0
Canoinhas	46,24	5,3
Araranguá	42,62	4,9
Criciúma	39,52	4,5
Tubarão	25,07	2,9
Curitibanos	12,48	1,4
Demais microrregiões	32,61	3,7
Total	870,86	100

⁽¹⁾ Os dados incluem as aves abatidas em Santa Catarina (97,2%) e aquelas abatidas em outras UF's (2,8%), bem como as diversas categorias de galinhas destinadas ao abate.

Fonte: Cidasc, fevereiro/2024

Dentre os dez municípios catarinenses que mais produziram frangos em 2023, oito localizam-se na Mesorregião Oeste Catarinense, sendo Itaiópolis e Mafra, localizados no Norte Catarinense, as exceções. Esses municípios produtores concentraram 25,6% do total de aves abatidas nesse ano.

Tabela 10. Frangos – Santa Catarina: principais municípios de origem das aves produzidas – 2023

Município	Nº de aves (milhões) ⁽¹⁾	Participação (%)
1º Rio das Antas	33,13	3,8
2º Videira	30,56	3,5
3º Concórdia	25,32	2,9
4º Ouro	20,98	2,4
5º Itaiópolis	20,63	2,4
6º Seara	20,17	2,3
7º Ipumirim	20,13	2,3
8º Mafra	17,80	2,0
9º Palmitos	17,64	2,0
10º Arabutã	16,76	1,9
Demais municípios	647,74	74,4
Total	870,86	100

⁽¹⁾ Os dados incluem as aves abatidas em Santa Catarina (97,2%) e aquelas abatidas em outras UF's (2,8%), bem como as diversas categorias de galinhas destinadas ao abate.

Fonte: Cidasc, fevereiro/2024

A Figura 4 apresenta a distribuição da produção de frangos em 2023, de acordo com o município de origem. Quanto mais escura a coloração no mapa, maior o número de animais produzidos.

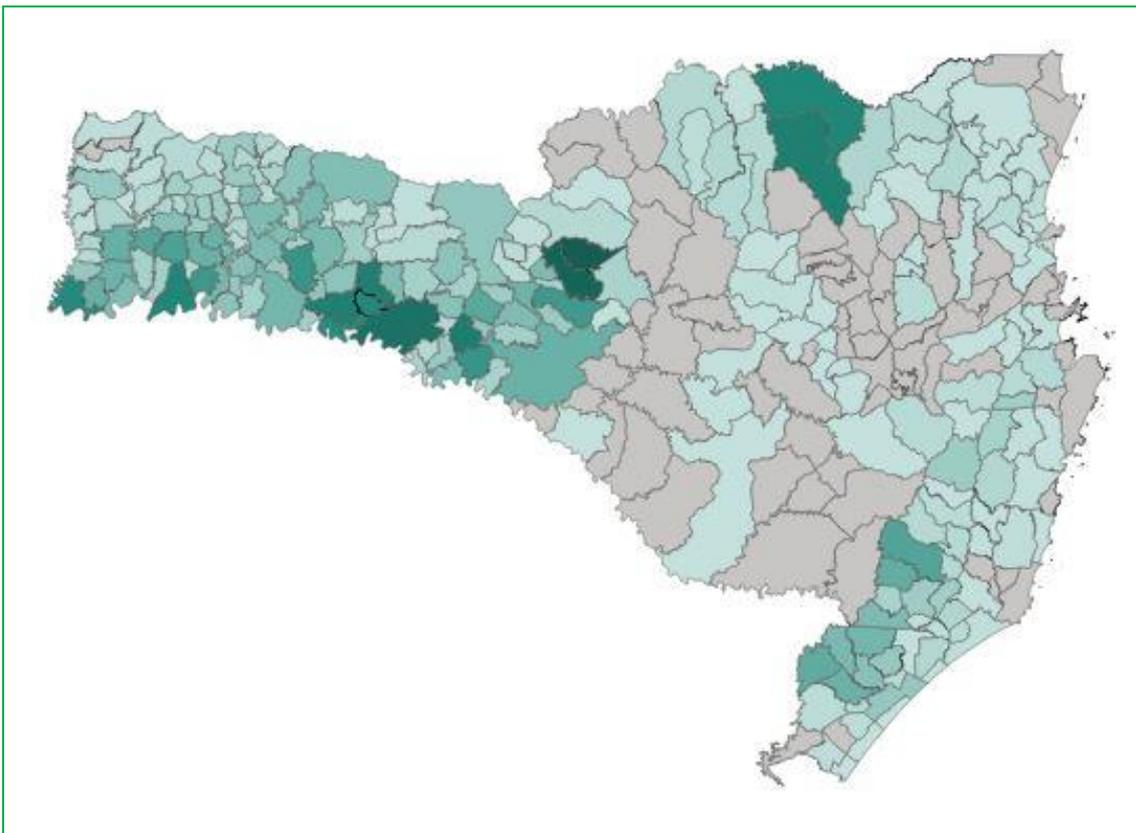


Figura 4. Frangos – Santa Catarina: distribuição da produção de aves destinadas ao abate – 2023

Fonte: Cidasc, fevereiro/2024

Elaborado por Epagri/Cepa

Em 2023, 5 mil avicultores destinaram frangos para abate em estabelecimentos inspecionados, queda de 4,9% em relação ao montante registrado no ano anterior (Tabela 11). Entre 2013 e 2023, o número de produtores caiu 33,4%, o que demonstra a existência de um forte processo de concentração da produção avícola catarinense nos últimos anos.

Tabela 11. Frangos – Santa Catarina: número de produtores que destinaram aves para abate – 2018-23

Parâmetro	2018	2019	2020	2021	2022	2023
Número de produtores	6.318	5.866	5.695	5.488	5.260	5.003

Fonte: Cidasc, fevereiro/2024

Santa Catarina é o 2º maior exportador de carne de frango do País, conforme apresentado anteriormente (Tabela 7), tendo sido responsável por 23,8% das receitas brasileiras com esse produto em 2023. Nesse ano, as exportações catarinenses apresentaram alta de 8,6% em quantidade e de 4,1% em receitas (Tabela 12 e Figura 5), índices superiores àqueles registrados no restante do País.

Tabela 12. Carne de frango – Santa Catarina: exportações – 2000-2023

Parâmetro	2000	2010	2015	2021	2022	2023
Quantidade exportada (t)	397.058	1.020.232	984.318	1.025.488	1.016.616	1.103.685
Valor exportado (milhão - US\$)	366,16	2.019,58	1.791,00	1.838,41	2.196,31	2.287,36

Fonte: MDIC/Comex Stat, fevereiro/2024



Figura 5. Carne de frango – Santa Catarina: exportações – 2014-23

Fonte: MDIC/Comex Stat, fevereiro/2023

A carne de frango de Santa Catarina foi exportada para 132 países em 2023, principalmente na forma *in natura* congelada (90,4% das receitas), havendo também percentual expressivo comercializado na forma de carne industrializada (9,6%).

A maioria dos principais destinos das exportações catarinenses registrou aumento nas aquisições realizadas em 2023, com destaque para China (35,0% em quantidade e 22,1% em receitas), Arábia Saudita (19,2% e 16,7%) e Países Baixos (5,7% e 12,6%). Por outro lado, dentre aqueles que apresentaram variações negativas, destaca-se o Japão (-14,7% em quantidade e -16,7% em receitas). Essa queda nos embarques para o Japão deve-se, principalmente, ao fato de o país ter suspenso as importações de carne de frango oriundas de Santa Catarina por mais de um mês após a detecção de um caso de influenza aviária numa criação de subsistência no sul do estado, em julho de 2023. Mesmo após a retirada das sanções, os embarques para aquele país seguiram abaixo do normal nos meses subsequentes, o que levou às quedas supramencionadas.

No 1º semestre de 2023, os preços do frango vivo apresentaram tendência de alta, dando continuidade ao movimento que predominou nos anos anteriores. Contudo, a interrupção das exportações para o Japão derrubou os preços pagos aos produtores, conforme evidencia a Figura 6. Com a normalização dos embarques, os valores voltaram a subir e posteriormente se estabilizaram, embora em patamar inferior àquele observado antes do problema com as exportações.

Tabela 13. Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – 2022-23⁽¹⁾

País	2022		2023		Variação 2022-23	
	Valor (milhões US\$)	Quantidade (t)	Valor (milhões US\$)	Quantidade (t)	Valor (%)	Quantidade (%)
China	227,38	95.779	277,55	129.336	22,1	35,0
Japão	314,42	138.929	261,89	118.537	-16,7	-14,7
Arábia Saudita	223,25	98.965	260,49	117.922	16,7	19,2
Países Baixos (Holanda)	229,91	79.875	258,84	84.453	12,6	5,7
Emirados Árabes Unidos	200,21	83.514	185,38	85.808	-7,4	2,7
Coreia do Sul	123,95	54.700	139,13	66.957	12,2	22,4
Reino Unido	99,45	36.830	122,13	37.685	22,8	2,3
Singapura	76,34	32.265	95,56	41.685	25,2	29,2
México	57,98	23.065	79,85	35.372	37,7	53,4
Chile	92,97	39.306	63,87	32.085	-31,3	-18,4
Demais países	550,45	333.389	542,68	353.844	-1,4	6,1
Total	2.196,31	1.016.616	2.287,36	1.103.685	4,1	8,6

⁽¹⁾ Ranking elaborado a partir dos valores das exportações catarinenses no ano de 2023.

Fonte: MDIC/Comex Stat, fevereiro/2024

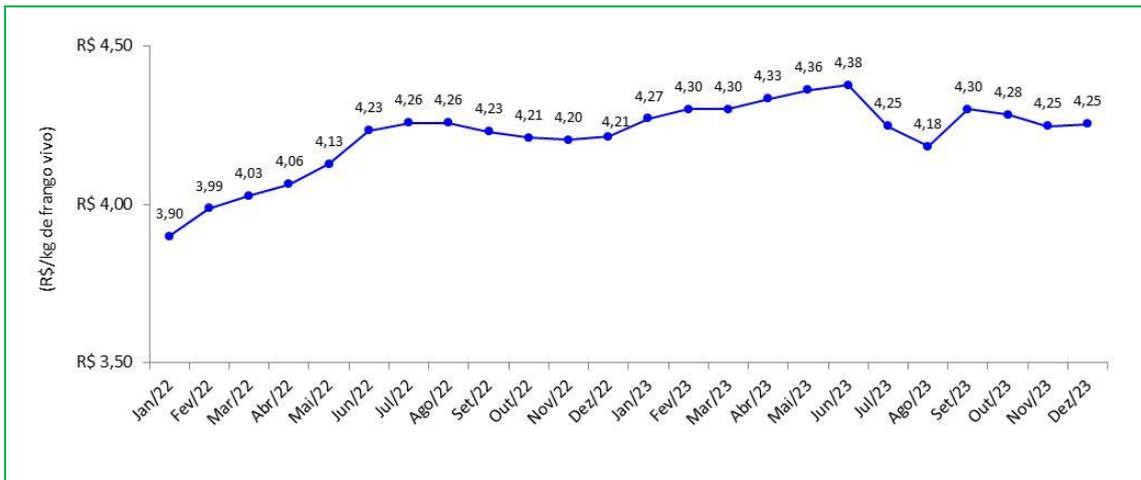


Figura 6. Frango vivo – Santa Catarina: evolução dos preços⁽¹⁾ – 2022-23

⁽¹⁾ Preço do frango vivo no sistema de integração, posto na plataforma – média de Santa Catarina.

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2024

De acordo com a Embrapa Suínos e Aves, em dezembro de 2023, o custo de produção do frango em aviário climatizado (pressão positiva) em Santa Catarina foi de R\$ 4,61/Kg de peso vivo, registrando queda acumulada de 15,6% no ano.



Figura 7. Frango vivo – Santa Catarina: custo de produção em aviário climatizado (pressão positiva) – 2023

Fonte: Embrapa Suínos e Aves, fevereiro/2024

Apesar dessa queda nos custos, houve elevação na relação de troca insumo/produto, em especial ao longo de 2º semestre de 2023, como demonstrado na Figura 8, em decorrência da queda no preço médio do frango vivo nesse período, conforme já mencionado anteriormente, bem como da elevação do preço do milho.



Figura 8. Frangos – Santa Catarina: evolução da relação de troca insumo-produto ⁽¹⁾ – 2022-23

⁽¹⁾ Quilogramas de frango vivo necessários para adquirir uma saca de milho (60kg). Para fins de cálculo, utilizam-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado), ambos da Praça de Chapecó, SC.

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2023

Carne suína

Alexandre Luís Giehl – Engenheiro-agrônomo, Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado mundiais

Após expressivas altas no custo de produção da maioria das atividades agropecuárias no ano de 2022, principalmente em função do início do conflito entre Rússia e Ucrânia, 2023 foi marcado por recuos nesse parâmetro em grande parte dos países. Essa situação está relacionada à normalização do fornecimento de insumos agropecuários oriundos dos dois países envolvidos no conflito, ao registro de boas safras de grãos em importantes produtores, como é o caso do Brasil, e à queda nas importações mundiais de grãos, entre outros fatores.

Nesse contexto, a produção mundial de carne suína cresceu 0,6% em 2023, conforme apontam os dados preliminares do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA). Este resultado positivo foi alavancado pela alta de 2,7% na produção da China, que atingiu seu melhor resultado desde 2015, superando, inclusive, os patamares dos anos imediatamente anteriores ao surgimento da peste suína africana (PSA) naquele país. Por outro lado, a União Europeia, segundo maior produtor mundial, registrou queda de 6,4%, principalmente em razão dos custos de produção ainda elevados naquela região, o que contribuiu de maneira decisiva para a alta pouco expressiva em termos globais. Os dados do USDA indicam crescimento de 2,9% na produção brasileira, índice um pouco superior àquele apurado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), como veremos adiante.

Os quatro maiores produtores responderam por 82,1% da carne suína produzida no mundo em 2023. A participação chinesa foi de 49,4% nesse ano, índice semelhante àqueles observados nos anos anteriores à ocorrência da PSA. O Brasil ocupa a 4ª colocação no *ranking*, com 3,9% do total mundial.

Tabela 1. Carne suína – Produção mundial – 2019-23

País	2019	2020	2021	2022	2023 ⁽¹⁾
China	42.550	36.340	47.500	55.410	56.900
União Europeia	22.996	23.219	23.615	22.277	20.850
Estados Unidos	12.543	12.845	12.560	12.252	12.391
Brasil	3.975	4.125	4.365	4.350	4.475
Rússia	3.324	3.611	3.700	3.910	3.950
Vietnã	2.992	2.930	3.084	3.313	3.511
Canadá	2.000	2.115	2.101	2.082	2.065
México	1.408	1.451	1.484	1.530	1.570
Coreia do Sul	1.364	1.403	1.407	1.419	1.440
Japão	1.279	1.306	1.318	1.293	1.290
Demais países	7.021	6.739	6.820	6.697	6.773
Total	101.452	96.084	107.954	114.533	115.215

⁽¹⁾ Dados preliminares.

Fonte: USDA, janeiro/2024

Para o ano de 2024, o USDA projeta redução de 0,9% na produção mundial, capitaneada pelas quedas de 3,0% e 0,7% na China e na União Europeia, respectivamente. O resultado global só não será pior em razão do crescimento que deve ser observado na maioria dos demais grandes produtores, em especial Estados Unidos e Brasil, com 2,4% e 4,5%, respectivamente.

Segundo o USDA, o consumo mundial de carne suína aumentou 1,1% em 2023, principalmente em função do crescimento de 2,3% observado na China. Os três maiores consumidores seguintes no *ranking*, por outro lado, apresentaram resultados negativos em 2023: -2,0% nos Estados Unidos; -0,8% na União Europeia e -0,1% na Rússia. Os quatro maiores consumidores responderam por 78,8% da demanda mundial em 2023, sendo 51,3% consumido apenas na China.

Tabela 2. Carne suína – Consumo mundial – 2019-23

País	2019	2020	2021	2022	2023 ⁽¹⁾
China	44.865	41.517	51.724	57.434	58.733
União Europeia	18.894	18.204	18.720	18.223	17.855
Estados Unidos	10.066	10.034	9.919	9.957	9.876
Rússia	3.363	3.468	3.558	3.758	3.755
Vietnã	2.993	3.057	3.258	3.415	3.606
Brasil	3.116	2.949	3.047	3.033	3.063
Japão	2.714	2.732	2.760	2.765	2.760
México	2.159	2.052	2.320	2.544	2.650
Coreia do Sul	2.011	1.976	1.997	2.072	2.100
Reino Unido	1.499	1.430	1.505	1.563	1.480
Demais países	8.522	7.829	8.437	8.472	8.607
Total	100.202	95.248	107.245	113.236	114.485

⁽¹⁾ Dados preliminares.

Fonte: USDA, janeiro/2024

Em 2024, o consumo mundial deve apresentar queda de 0,6%, segundo projeção do USDA, principalmente em função de reduções na demanda da China (-2,4%) e da União Europeia (-0,9%).

Pelo terceiro ano consecutivo, as importações mundiais de carne suína apresentaram queda. Segundo o USDA, em 2023 foram importadas 9,2 milhões de toneladas em âmbito global, montante 6,1% inferior ao do ano anterior. Este resultado decorre da queda nas importações da maioria dos principais destinos, em especial China (-9,4%) e Japão (-5,4%). As Filipinas reduziram o volume importado em 2023 (-26%), embora tenham ampliado sensivelmente a quantidade de carne suína adquirida do Brasil, como veremos adiante. Dentre os dez maiores compradores, somente México e Canadá registraram altas no período: 3,2% e 13,2%, respectivamente. Os quatro maiores importadores responderam por 59,2% das aquisições em 2023.

Tabela 3. Carne suína – Importações mundiais – 2019-23

(mil toneladas)

País	2019	2020	2021	2022	2023 ⁽¹⁾
China	2.450	5.277	4.328	2.125	1.925
Japão	1.493	1.412	1.420	1.523	1.440
México	985	945	1.155	1.299	1.340
Reino Unido	876	792	727	779	740
Coreia do Sul	694	554	570	713	660
Estados Unidos	429	410	535	610	530
Filipinas	222	168	462	561	410
Canadá	242	274	263	234	265
Hong Kong	331	378	364	251	250
Austrália	269	201	210	241	210
Demais países	1.277	1.200	1.465	1.461	1.426
Total	9.268	11.611	11.499	9.797	9.196

⁽¹⁾ Dados preliminares.

Fonte: USDA, janeiro/2024

Em relação a 2024, o USDA projeta alta de 5,4% nas importações. Em função de oscilações na produção, a China deve voltar a ampliar suas aquisições externas, prevendo-se aumento de 16,9%.

As exportações mundiais de carne suína caíram 8,6% em 2023, de acordo com o USDA, impactadas principalmente pela redução na demanda chinesa. A maior queda foi registrada na União Europeia, que reduziu seus embarques em 25,7%. Variação negativa também foi observada no Canadá, com -8,2%. Por outro lado, Estados Unidos e Brasil ampliaram suas exportações: 6,7% e 7,2%, respectivamente. Com tais resultados, o Brasil passou a ocupar a 3ª posição no *ranking* dos maiores exportadores mundiais de carne suína.

Os quatro maiores exportadores responderam por 88,8% dos embarques realizados em 2023. A participação brasileira foi de 14,1% nesse ano.

Tabela 4. Carne suína – Exportações mundiais – 2019-23⁽¹⁾

(mil toneladas)

País	2019	2020	2021	2022	2023 ⁽²⁾
União Europeia	4.266	5.175	4.993	4.175	3.100
Estados Unidos	2.867	3.302	3.186	2.878	3.070
Brasil	861	1.178	1.321	1.319	1.414
Canadá	1.286	1.546	1.483	1.416	1.300
Chile	223	295	268	230	260
México	234	344	319	285	260
Rússia	68	156	158	170	210
Reino Unido	334	346	256	261	180
China	135	100	104	101	92
Austrália	33	34	38	35	45
Demais países	75	93	94	73	76
Total	10.382	12.569	12.220	10.943	10.007

⁽¹⁾ A diferença entre as quantidades totais importadas e exportadas a cada ano é decorrente da metodologia de levantamento de dados do USDA.

⁽²⁾ Dados preliminares.

Fonte: USDA, janeiro/2024

Segundo as projeções do USDA, em 2024 as exportações mundiais devem voltar a crescer: 1,8%. Variações positivas devem ser observadas em quase todos os principais exportadores, com destaque para o Brasil, cujos embarques devem crescer 6,1%, índice próximo àquele projetado pela Associação Brasileira de Proteína Animal (6,6%).

Produção e mercado nacionais

O rebanho suíno brasileiro é composto por 44,39 milhões de cabeças, segundo a Pesquisa Pecuária Municipal do IBGE referente a 2022, o que representa alta de 4,3% em relação ao rebanho do ano anterior. A maioria das regiões apresentou variações positivas no período, com destaque para a Região Sul, que concentrou 51,9% do rebanho e registrou alta de 7,7%. A única variação negativa foi registrada na Região Sudeste, cujo rebanho decresceu 0,8%.

Tabela 5. Suínos – Brasil: efetivo do rebanho por região geográfica – 2000-2022⁽¹⁾

Região	2000	2010	2020	2021	2022
Sul	13,45	18,64	20,71	21,38	23,02
Sudeste	5,55	7,13	7,04	7,45	7,39
Centro-Oeste	2,80	5,38	6,05	6,20	6,26
Nordeste	7,14	6,20	5,92	6,02	6,15
Norte	2,62	1,61	1,49	1,50	1,56
Brasil	31,56	38,96	41,21	42,55	44,39

⁽¹⁾ Até a data de publicação desta síntese, o IBGE ainda não havia divulgado os dados referentes ao rebanho de 2023.

Fonte: IBGE - Pesquisa Pecuária Municipal, fevereiro/2024

Os dados do IBGE demonstram que em 2023 foram abatidos 57,17 milhões de suínos no Brasil, com produção de 5,30 milhões de toneladas de equivalente-carcaça, altas de 1,3% e 2,2%, respectivamente (Figura 1). Esses foram os melhores resultados já registrados no País desde o início dessa série histórica, em 1997.

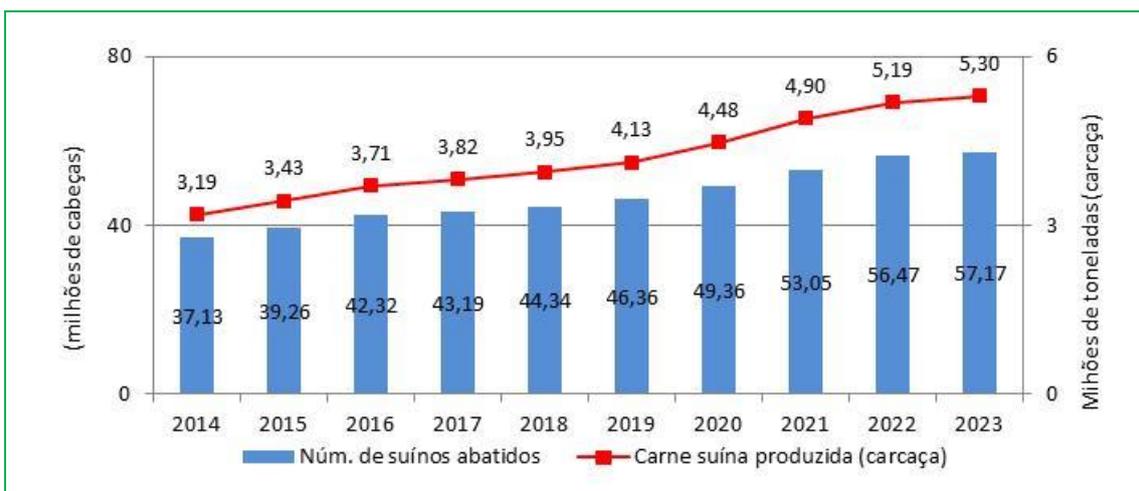


Figura 1. Carne suína – Brasil: evolução da produção – 2014-23

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, março/2024

Santa Catarina é o principal produtor nacional, respondendo por 29,5% dos abates e por 29,7% do peso total das carcaças produzidas, segundo o IBGE.

Quando se comparam os dados de 2023 com os do ano anterior, verifica-se que os cinco principais estados foram responsáveis por mais de 1/3 da produção nacional (84,5%). Os dois principais produtores apresentaram variações positivas no período: 3,9% em Santa Catarina e 5,8% no Paraná.

O ano de 2023 também foi bastante favorável para o setor quando se analisa o mercado externo. De acordo com o Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), em 2023 foi embarcado 1,20 milhão de toneladas de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), alta de 9,2% em relação ao montante de 2022. As receitas, por sua vez, foram de US\$ 2,79 bilhões, aumento de 9,6%. Esses são os melhores resultados de toda a série histórica, iniciada em 1977, tanto em quantidade quanto em valor.

Tabela 6. Carne suína – Brasil: produção dos principais estados – 2021-23

Unidade da Federação	Carcaça (x 1.000 t)				Animais abatidos (milhões de cabeças)			
	2021	2022	2023	Particip. 2023 (%)	2021	2022	2023	Particip. 2023 (%)
Santa Catarina	1.403,36	1.516,92	1.573,78	29,7	15,03	16,24	16,88	29,5
Paraná	1.025,30	1.095,13	1.160,20	21,9	10,74	11,48	12,14	21,2
Rio Grande do Sul	873,07	903,56	904,01	17,1	9,32	9,73	9,71	17,0
Minas Gerais	576,87	590,57	594,15	11,2	6,55	6,84	6,57	11,5
São Paulo	242,13	270,39	258,37	4,9	2,42	2,66	2,72	4,8
Mato Grosso	269,58	268,81	255,26	4,8	2,95	2,95	2,82	4,9
Mato Grosso do Sul	219,99	240,68	253,98	4,8	2,84	3,20	3,03	5,3
Goiás	188,88	190,25	187,61	3,5	1,96	2,01	1,96	3,4
Espírito Santo	23,61	25,01	28,69	0,5	0,28	0,30	0,32	0,6
Bahia	20,57	27,50	26,55	0,5	0,23	0,31	0,29	0,5
Demais UFs	55,61	57,48	55,95	1,1	0,72	0,76	0,74	1,3
Brasil	4.898,97	5.186,30	5.298,54	100	53,05	56,47	57,17	100

Fonte: IBGE – Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, fevereiro/2024



Figura 2. Carne suína – Brasil: exportações – 2014-23

Fonte: MDIC/Comex Stat, fevereiro/2024

Apesar do crescimento observado em 2023, a China, principal destino externo da carne suína brasileira, reduziu em 15,5% a quantidade adquirida, resultando em queda de 16,3% nas receitas. Por outro lado, todos os demais destinos relevantes registraram variações positivas

bastante expressivas, com destaque para Filipinas (50,7% em quantidade e 57,4% em receitas), Hong Kong (29,3% e 40,4%) e Chile (44,1% e 43,5%). Além disso, vale mencionar o caso do México, que autorizou a importação de carne suína de frigoríficos brasileiros no final de 2022 e já figura na lista dos dez principais compradores, com boas perspectivas de crescimento nos próximos anos.

Em 2023, a carne suína brasileira foi exportada para 122 países. A carne *in natura* congelada foi responsável por 94,3% das receitas, com o restante distribuído entre miudezas (5,0%) e carne industrializada (0,6%).

A disponibilidade *per capita* de carne suína caiu 0,4% em 2023, na comparação com a do ano anterior. O principal fator responsável por esse resultado foi o crescimento das exportações (9,2%), o que absorveu grande parte do crescimento de 2,2% registrado na produção do período. Além disso, o crescimento populacional de 0,5% também contribuiu para a redução da disponibilidade *per capita*.¹⁶

Tabela 7. Carne suína – Brasil: exportações segundo os principais destinos – 2023

País	Valor - US\$ (milhões)	Participação (%)	Quantidade (t)	Participação (%)
China	935,70	33,6	388.450	32,3
Filipinas	285,38	10,2	119.281	9,9
Hong Kong	282,20	10,1	126.624	10,5
Chile	197,34	7,1	87.402	7,3
Singapura	163,15	5,9	64.313	5,4
Japão	134,66	4,8	40.336	3,4
Vietnã	114,77	4,1	47.733	4,0
Uruguai	113,91	4,1	48.725	4,1
México	70,12	2,5	28.342	2,4
Geórgia	66,14	2,4	30.508	2,5
Demais países	422,04	15,2	219.072	18,2
Total	2.785,40	100,0	1.200.785	100,0

Fonte: MDIC/Comex Stat, fevereiro/2024

Tabela 8. Carne suína – Brasil: balanço de oferta e demanda – 2010-2023

Parâmetro	2010	2015	2020	2021	2022	2023
Produção (t)	3.078.414	3.430.734	4.482.048	4.898.967	5.186.303	5.298.537
Importação (t)	9.508	15.827	15.820	18.373	22.600	16.972
Exportação (t)	539.085	541.944	1.010.124	1.118.037	1.099.191	1.200.785
Disponibilidade interna (t)	2.548.837	2.904.617	3.487.744	3.799.303	4.109.711	4.114.724
População (milhões hab.) ⁽¹⁾	190,76	195,77	200,91	201,96	203,06	204,12
Kg/habitante/ano	13,36	14,84	17,36	18,81	20,24	20,16

⁽¹⁾ Os dados populacionais de 2015, 2020 e 2021 foram ajustados pela Conab, a partir dos resultados do Censo Demográfico 2022, do IBGE.

Fontes: IBGE; MDIC/Comex Stat; Conab

Depois de enfrentar muitas dificuldades decorrentes da forte elevação dos custos de produção no ano anterior, em 2023 os suinocultores vivenciaram uma melhoria na rentabilidade da atividade. De acordo com a Embrapa Suínos e Aves, o Índice de Custos de Produção de Suínos (ICPSuínos) acumulou queda de 23,2% no ano, em grande parte decorrente da redução dos

¹⁶ Em função da divulgação dos resultados do Censo Demográfico 2022 em meados de 2023, foi necessário ajustar os dados populacionais dos anos anteriores, uma vez que o referido censo apresentou valores bastante distintos daqueles que eram estimados anualmente pelo IBGE, o que distorceria significativamente os cálculos de disponibilidade *per capita*. Em razão disso, na Tabela 8 são utilizados dados populacionais ajustados pela Conab por meio de cálculos estatísticos específicos, a partir das informações originais do IBGE.

gastos com alimentação animal, principalmente em função da queda nos preços do milho e da soja. Vale destacar que a ração representa 74,8% do custo de produção dos suínos, segundo cálculos da Embrapa.

A Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) estima que a produção brasileira de carne suína em 2024 deve crescer cerca de 1% em relação ao ano anterior, índice menor que aquele projetado pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), que estima crescimento de 2,1%.

As exportações, por sua vez, devem crescer até 6,6% em relação ao ano anterior, projeta a ABPA. A União Europeia, maior exportador mundial de carne suína, enfrenta problemas de produção em decorrência da elevação dos custos de produção causada, principalmente, pelo conflito entre Rússia e Ucrânia. A menor disponibilidade de grãos ucranianos e o aumento dos preços da energia diante da instabilidade no fornecimento do gás russo são os principais fatores que levam a essa situação. Com isso, o USDA projeta queda de 1,6% na produção do bloco em 2024, situação que tende a favorecer outros importantes atores do mercado mundial, como é o caso do Brasil.

Produção e mercado estaduais

De acordo com a Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, do IBGE, em 2023 a produção catarinense foi de 1,57 milhão de toneladas de carcaça¹⁷, alta de 3,7% em relação à do ano anterior. Com isso, a participação do estado na produção nacional atingiu 29,7%, consolidando-se como principal produtor de carne suína do País.

Tabela 9. Carne suína – Brasil e Santa Catarina: produção anual – 2000-2023

Ano	Produção – carcaça (mil t)		Participação de SC (%)
	Brasil	Santa Catarina	
2000	1.344,37	521,14	38,8
2010	3.078,41	876,19	28,5
2020	4.482,05	1.302,12	29,1
2021	4.898,97	1.403,36	28,6
2022	5.186,30	1.516,92	29,2
2023	5.298,54	1.573,78	29,7

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, março/2024

De acordo a Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (Cidasc), em 2023 foram produzidos 17,96 milhões de suínos no estado, crescimento de 2,7% em relação à produção do ano anterior. Desse total, 90,8% foram abatidos no próprio estado. Os demais, em outras 13 unidades da Federação, com destaque para Paraná (6,7% do total), São Paulo (1,8%) e Rio Grande do Sul (0,3%).

¹⁷ Esse montante refere-se somente aos animais abatidos no estado, conforme metodologia utilizada pelo IBGE. Contudo, uma parte dos suínos que nasceu e permaneceu a maior parte do seu ciclo de vida no estado e, portanto, foi aqui criada, é abatida em outras unidades da Federação, sendo contabilizada na produção de carne suína destas mesmas unidades.



Figura 3. Suínos – Santa Catarina: animais produzidos e destinados ao abate – 2014-23

Fonte: Cidasc, fevereiro/2024

A Tabela 10 apresenta a distribuição dos suínos produzidos em Santa Catarina por microrregião de origem. A Mesorregião Oeste Catarinense (que engloba as microrregiões de Concórdia, Joaçaba, Chapecó, São Miguel do Oeste e Xanxerê) foi responsável por 81,7% dos animais produzidos em 2023.

Tabela 10. Suínos – Santa Catarina: microrregiões de origem da produção – 2023

Microrregião	Nº de cabeças (mil) ⁽¹⁾	Participação (%)
1º Concórdia	4.166,17	23,2
2º Joaçaba	3.785,19	21,1
3º Chapecó	3.596,57	20,0
4º São Miguel do Oeste	2.084,40	11,6
5º Rio do Sul	1.035,94	5,8
6º Xanxerê	1.010,17	5,6
7º Tubarão	952,60	5,3
8º Canoinhas	591,84	3,3
9º Curitibanos	482,07	2,7
10º Ituporanga	193,65	1,1
Demais microrregiões	62,18	0,3
Total	17.960,78	100

⁽¹⁾ Inclui os suínos criados e abatidos em Santa Catarina (90,8%) e aqueles criados no estado e abatidos em outras UF's (9,2%).

Fonte: Cidasc, fevereiro/2024

Dos dez principais municípios catarinenses produtores de suínos, a maioria está localizada na Mesorregião Oeste Catarinense, com exceção de Braço do Norte, situado na Mesorregião Sul Catarinense.

Tabela 11. Suínos – Santa Catarina: principais municípios de origem dos animais produzidos – 2023

	Município	Nº de cabeças (mil) ⁽¹⁾	Participação %
1º	Concórdia	1.054,29	5,9
2º	Videira	544,60	3,0
3º	Seara	507,73	2,8
4º	Palmitos	502,51	2,8
5º	São Carlos	492,10	2,7
6º	Lindóia do Sul	392,51	2,2
7º	Saudades	381,54	2,1
8º	Xavantina	380,39	2,1
9º	Itapiranga	372,86	2,1
10º	Braço do Norte	348,38	1,9
	Demais municípios	12.983,85	72,3
Total		17.960,78	100

⁽¹⁾ Inclui os suínos criados e abatidos em Santa Catarina (90,8%) e aqueles criados no estado e abatidos em outras UFs (9,2%).

Fonte: Cidasc, fevereiro/2024

A Figura 4 apresenta a distribuição da produção de suínos em 2023, de acordo com o município de origem dos animais. Quanto mais escura a coloração no mapa, maior o número de animais produzidos.

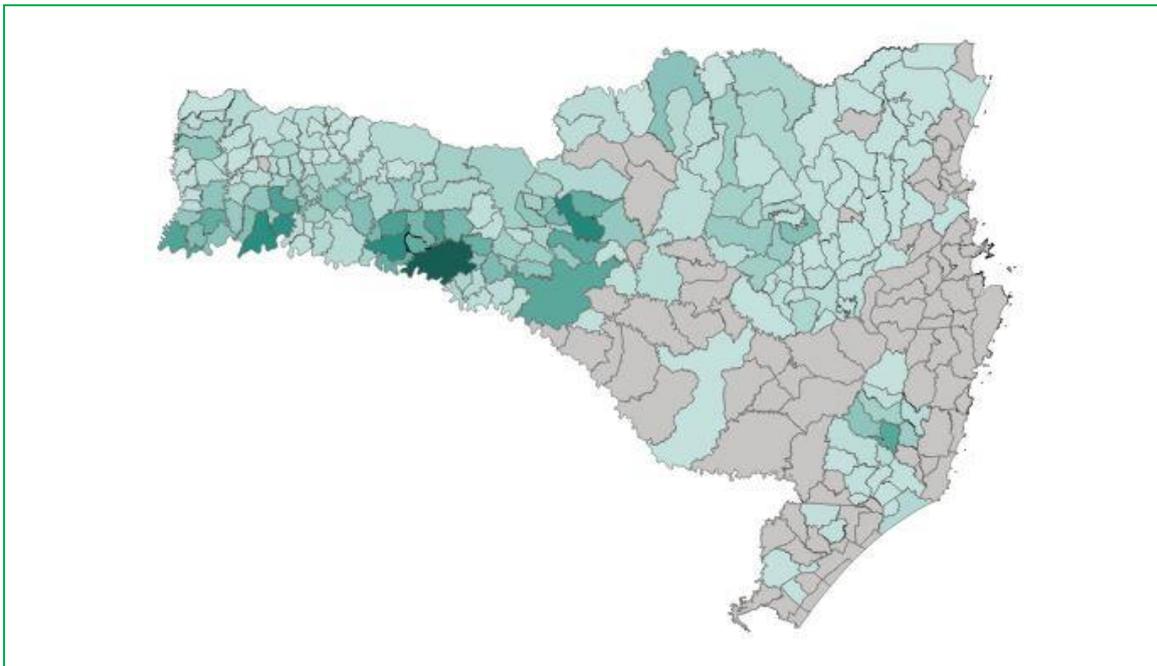


Figura 4. Suínos – Santa Catarina: distribuição da produção de animais destinados ao abate – 2023

Fonte: Cidasc, fevereiro/2024. Elaborado por Epagri/Cepa

Em 2023, 7,2 mil suinocultores catarinenses destinaram animais para abate em estabelecimentos inspecionados – queda de 3,2% em relação ao ano anterior. Entre 2013 e 2023, o número de produtores caiu 19,8%, o que demonstra a existência de um significativo processo de concentração da produção catarinense de suínos nos últimos anos.

Tabela 12. Suínos – Santa Catarina: produtores que destinaram animais para abate – 2018-23

Parâmetro	2018	2019	2020	2021	2022	2023
Número de produtores	7.570	7.570	7.348	7.425	7.424	7.186

Fonte: Cidasc, fevereiro/2024

A produção de leitões é um importante segmento da suinocultura, não apenas para a produção de animais que serão engordados em território catarinense, mas também destinados ao comércio interestadual. Em 2023, um total de 1,21 milhão de leitões (alta de 28,5% em relação ao ano anterior) foi produzido em Santa Catarina e destinado à engorda em outras unidades da Federação.

Tabela 13. Suínos – Santa Catarina: leitões produzidos em SC e destinados a outras UFs – 2018-23

Parâmetro	2018	2019	2020	2021	2022	2023
Número de leitões (mil)	562,30	415,53	450,50	627,10	939,31	1.207,33

Fonte: Cidasc, fevereiro/2024

As exportações catarinenses de carne suína apresentaram novamente alta em 2023, dando continuidade ao movimento observado desde 2014. De acordo com os dados do MDIC, foram exportadas 658,1 mil toneladas, crescimento de 9,3% em relação aos embarques do ano anterior. As receitas também cresceram US\$1,57 bilhão em 2023, alta de 9,7%.

Tabela 14. Carne suína – Santa Catarina: exportações – 2000-2023

Parâmetro	2000	2010	2020	2021	2022	2023
Quantidade exportada (t)	74.510	145.302	523.387	578.473	602.107	658.108
Valor exportado (milhões - US\$)	99,66	337,40	1.173,79	1.396,53	1.431,72	1.570,35

Fonte: MDIC/Comex Stat, fevereiro/2024

Os resultados de 2023 representam recordes históricos nas exportações de carne suína do estado, tanto em receitas quanto em quantidade.



Figura 5. Carne suína – Santa Catarina: exportações – 2014-23

Fonte: Comex Stat/Secex, fevereiro/2024

Os resultados positivos desse período devem-se ao crescimento dos embarques para a maioria dos principais compradores, em especial Filipinas (altas de 50,7% em quantidade e de 57,4% em receitas), Chile (43,3% e 42,8%) e Japão (47,0% e 30,2%). A China, por sua vez, reduziu suas aquisições de carne suína do estado (-21,4% em quantidade e -22,6% em receitas), principalmente em razão da recuperação da suinocultura chinesa, após vários anos de efeitos adversos da peste suína africana, que atingiu aquele país a partir de 2018. Apesar dessa queda, os chineses responderam por 34,6% das exportações catarinenses de 2023, sendo o principal destino do produto.

Tabela 15. Carne suína – Santa Catarina: principais destinos das exportações – 2023

País	Valor (US\$ - milhões)	Participação (%)	Quantidade (t)	Participação (%)
China	542,57	34,6	233.205	35,4
Filipinas	285,36	18,2	119.277	18,1
Chile	194,53	12,4	86.268	13,1
Japão	134,60	8,6	40.317	6,1
México	70,12	4,5	28.341	4,3
Hong Kong	67,89	4,3	31.075	4,7
Estados Unidos	43,66	2,8	13.961	2,1
Coreia do Sul	43,11	2,7	14.648	2,2
Porto Rico	27,27	1,7	10.880	1,7
Singapura	21,49	1,4	8.743	1,3
Demais países	139,73	8,9	71.394	10,8
Total	1.570,35	100	658.108	100

Fonte: Comex Stat/Secex, fevereiro/2024

Santa Catarina exportou carne suína para 78 países em 2023. Os quatro principais destinos foram responsáveis por 73,7% da quantidade e 72,8% das receitas. China e Hong Kong responderam por 46,9% do valor das exportações catarinenses nesse ano.

Em 2023, Santa Catarina novamente foi o maior exportador de carne suína do País, respondendo por 54,8% da quantidade embarcada e por 56,4% das receitas. A carne *in natura* congelada foi responsável por 94,2% das receitas, as miudezas, por 5,7%, e a carne industrializada, por 0,1%.

O 1º semestre de 2023 foi marcado por quedas acentuadas nos preços pagos pelo suíno vivo em Santa Catarina, tanto aos produtores integrados, quanto aos independentes. A grande oferta de animais para abate foi um dos fatores que contribuíram para esse cenário. No 2º semestre, com a aceleração dos embarques, o crescimento na demanda do mercado interno e a redução no ritmo dos abates, os preços do suíno vivo voltaram a subir. Apesar disso, quando se comparam os preços médios estaduais de dezembro de 2023 com os do mesmo mês do ano anterior, verifica-se queda de 5,1% para os produtores integrados e de 6,2% para os independentes.



Figura 6. Suínos – Santa Catarina: preços pagos pelo quilo de peso vivo – 2022-23

Fonte: Epagri/Cepa, fevereiro/2024

Quanto aos custos, ao longo de 2023 predominaram os movimentos de queda, não obstante as variações positivas observadas no último trimestre. De acordo com a Embrapa Suínos e Aves, em dezembro de 2023 o custo de produção de suínos em ciclo completo em Santa Catarina foi de R\$ 6,20/kg de peso vivo, queda acumulada de 15,6% no ano.

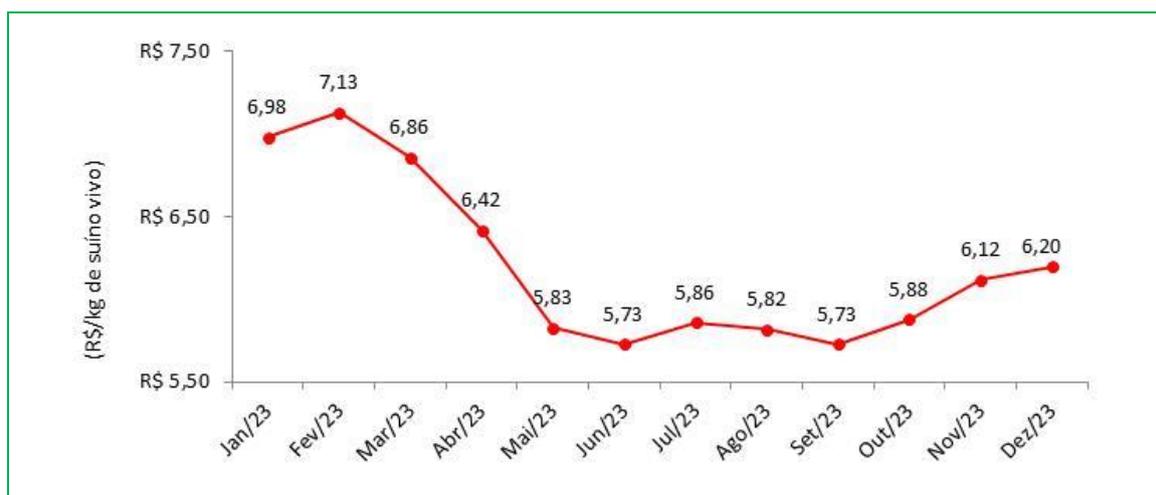


Figura 7. Suíno vivo – Santa Catarina: custo de produção em ciclo completo – 2023

Fonte: Embrapa Suínos e Aves, fevereiro/2024

A relação de troca insumo-produto começou o ano de 2023 com quedas, apresentando relativa estabilidade a partir do 2º trimestre. No último trimestre do ano, contudo, verificou-se novamente elevação, principalmente em função dos aumentos no preço do milho observados no período.



Figura 8. Suínos – Santa Catarina: evolução da relação de troca do suíno – 2022-23

Fonte: Epagri/Cepa, fevereiro/2024

Leite

Tabajara Marcondes, Eng.-agr. - M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado mundiais

Segundo as previsões da FAO, a produção mundial de leite¹⁸ aumentaria 2,8% entre a média do período 2020-21 e 2023. Apenas para a Ásia e a América há crescimento de produção no período. No sentido inverso, se destaca a redução de 4,5% na produção da Oceania (Tabela 1).

Tabela 1. Leite – Produção dos continentes e mundial

Ano	Bilhão de kg					
	Mundo	Ásia	Europa	América	Oceania	África
Média 2020-21	924,1	405,6	234,5	199,2	31,0	53,8
2022	937,7	421,4	233,0	200,4	29,5	53,4
2023	949,9	431,2	234,3	201,7	29,6	53,1
Var. % (2020-21 – 2023)	2,8	6,3	-0,1	1,3	-4,5	-1,3
Part. % (2023)	100	45,4	24,7	21,2	3,1	5,6

Nota: Estimativa para 2022 e previsão para 2023.

Fonte: FAO - Food Outlook, November 2023

Entre os países de maior produção, se destacam os crescimentos nas produções da China, da Índia, do Paquistão e da Federação Russa (Tabela 2).

Tabela 2. Leite: principais produtores mundiais

País/Bloco	Bilhão de kg			Variação % 2020-21 – 2023	Participação % 2023
	Média 2020-21	2022	2023		
Índia	215,5	226,1	231,7	7,5	24,4
União Europeia	160,0	159,3	159,8	-0,1	16,8
EUA	102,0	102,7	103,2	1,2	10,9
Paquistão	61,7	64,3	65,0	5,3	6,8
China	37,0	40,8	43,5	17,6	4,6
Brasil	36,6	35,9	36,7	0,3	3,9
Federação Russa	32,3	33,0	34,0	5,3	3,6
Turquia	23,4	21,6	22,0	-6,0	2,3
Nova Zelândia	21,9	21,1	21,2	-3,2	2,2
Subtotal	690,4	704,8	717,1	3,9	75,5
Outros	233,7	232,9	232,8	-0,4	24,5
Mundo	924,1	937,7	949,9	2,8	100

Nota: Estimativa para 2022 e previsão para 2023.

Fonte: FAO - Food Outlook, November 2023.

O comércio internacional de lácteos equivale a pouco menos de 9,0% da produção mundial de leite. As exportações são concentradas na União Europeia, na Nova Zelândia e nos Estados Unidos, responsáveis por quase 68% do total mundial. A Argentina e o Uruguai, origens da

¹⁸ Esses dados incluem a produção de leite de vacas, búfalas, cabras, ovelhas e camelas. Segundo dados da FAO, em 2021 a distribuição da produção mundial foi a seguinte: 81,3%, de vacas; 15%, de búfalas; 2,3%, de cabras; 1,1%, de ovelhas e 0,3%, de camelas.

maior parte das importações brasileiras, também aparecem entre os maiores exportadores mundiais e, somados, respondem por 4,1% dessas exportações (Tabela 3).

Tabela 3. Leite – Principais exportadores mundiais

País/Bloco	Bilhão de kg em equivalente leite			Variação % 2020-21 – 2023	Participação % 2023
	Média 2020-21	2022	2023		
União Europeia	25,6	23,1	24,4	-4,7	29,0
Nova Zelândia	20,1	18,8	19,9	-1,0	23,7
EUA	13,0	14,1	12,7	-2,3	15,1
Belarus	4,4	4,4	4,4	0,0	5,2
Reino Unido	3,2	2,9	3,1	-3,1	3,7
Austrália	2,9	3,0	2,4	-17,2	2,9
Argentina	2,3	2,4	1,9	-17,4	2,3
Irã	1,1	1,6	1,9	72,7	2,3
Uruguai	1,5	1,5	1,5	0,0	1,8
Arábia Saudita	1,5	1,3	1,3	-13,3	1,5
Subtotal	75,6	73,1	73,5	-2,8	87,5
Outros	11,8	11,8	10,5	-11,0	12,5
Mundo	87,4	84,9	84,0	-3,9	100

Nota: Estimativa para 2022 e previsão para 2023.

Fonte: FAO - Food Outlook, November 2023

No caso das importações, embora as previsões da FAO sejam de que Ásia importaria 56% do total mundial, há grandes importadores também em outros continentes. Embora figure destacadamente como maior importador mundial, a China tem reduzido sensivelmente as importações nos anos recentes (Tabela 4).

Tabela 4. Leite: principais importadores mundiais

País/Bloco	Bilhão de kg em equivalente leite			Variação % 2020-21 – 2023	Participação % 2023
	Média 2020-21	2022	2023		
China	18,8	17,4	15,8	-16,0	18,6
México	3,7	3,8	4,3	16,2	5,1
Argélia	3,2	3,4	3,8	18,8	4,5
Federação Russa	3,8	3,6	3,6	-5,3	4,2
Reino Unido	3,7	3,4	3,5	-5,4	4,1
Indonésia	3,2	3,8	3,4	6,3	4,0
União Europeia	3,3	3,4	3,2	-3,0	3,8
Arábia Saudita	2,7	2,6	2,8	3,7	3,3
EUA	2,0	2,4	2,4	20,0	2,8
Filipinas	2,6	2,8	2,4	-7,7	2,8
Subtotal	47,0	46,6	45,2	-3,8	53,2
Outros	40,6	39,5	39,8	-2,0	46,8
Mundo	87,6	86,1	85,0	-3,0	100

Nota: Estimativa para 2022 e previsão para 2023.

Fonte: FAO - Food Outlook, November 2023

O Reino Unido, a União Europeia, os Estados Unidos e a Arábia Saudita figuram tanto na lista dos principais exportadores quanto importadores. A Arábia Saudita e o Reino Unido com importações superiores às exportações.

Produção e mercado nacionais

Segundo a Pesquisa da Pecuária Municipal/IBGE, a produção brasileira em 2022 foi de 34,609 bilhões de litros, uma queda de 1,6% sobre a produção de 2021. No período 2013-2022, a produção nacional teve um crescimento de apenas 1,0% e quedas anuais se tornaram frequentes. Com isso, apenas em 2020 e 2021 houve produção acima dos 35,123 bilhões de litros produzidos em 2014. Os dados nacionais segmentados por regiões e estados, contudo, são bastante dinâmicos e mostram profundas alterações na distribuição da produção leiteira nacional. Em 2021, a Região Sul passou a ser a maior produtora nacional e em 2022 ampliou a diferença para a produção da Região Sudeste. No período 2013-2022, o Nordeste aumentou sensivelmente a sua produção e o Centro-Oeste teve produção decrescente. Entre os dez estados de maior produção, responsáveis por 86% da produção brasileira de 2022, se destacam os expressivos crescimentos nas produções do Ceará (133,8%) e de Pernambuco (109,8%), as reduções na produção de Goiás (-20,6%) e do Rio Grande do Sul (-9,7%) e o aumento bem superior de Santa Catarina (8,1%), em relação aos 2,9% do Paraná (Tabela 5).

Tabela 5. Leite – Brasil: produção nas grandes regiões e principais estados

Região	Bilhão de litros					Var. % 2013-22	Partic. % 2022
	2013	2014	2020	2021	2022		
Sul	11,774	12,211	12,058	11,978	11,696	-0,7	33,8
Sudeste	12,020	12,130	12,172	11,962	11,618	-3,3	33,6
Nordeste	3,598	3,892	4,919	5,419	5,724	59,1	16,5
Centro-Oeste	5,016	4,944	4,113	3,982	3,814	-24,0	11,0
Norte	1,846	1,946	2,055	1,842	1,757	-4,8	5,1
Brasil	34,254	35,123	35,317	35,183	34,609	1,0	100

Estado	Bilhão de litros					Var. % 2013-22	Partic. % 2022
	2013	2014	2020	2021	2022		
Minas Gerais	9,309	9,370	9,692	9,612	9,363	0,6	27,1
Paraná	4,347	4,541	4,671	4,416	4,472	2,9	12,9
Rio Grande do Sul	4,509	4,687	4,250	4,400	4,071	-9,7	11,8
Santa Catarina	2,918	2,983	3,137	3,162	3,153	8,1	9,1
Goiás	3,777	3,659	3,174	3,121	3,000	-20,6	8,7
São Paulo	1,676	1,736	1,646	1,571	1,514	-9,7	4,4
Bahia	1,163	1,212	1,065	1,203	1,278	9,9	3,7
Pernambuco	0,562	0,657	1,037	1,138	1,179	109,8	3,4
Ceará	0,455	0,498	0,872	0,960	1,064	133,8	3,1
Rondônia	0,920	0,941	0,926	0,741	0,656	-28,7	1,9
Subtotal	29,636	30,284	30,470	30,324	29,750	0,4	86,0
Outros	4,618	4,839	4,847	4,859	4,859	5,2	14,0
Brasil	34,254	35,123	35,317	35,183	34,609	1,0	100

Fonte: IBGE - Pesquisa da Pecuária Municipal

A diversidade no dinamismo da atividade leiteira entre as regiões e os estados fica ainda mais evidente com os dados sobre a produção de leite destinada às indústrias inspecionadas. Em 2023 foram adquiridos 24,5 bilhões de litros, aumentando 2,5% sobre os 23,9 bilhões de litros de 2022. Nos dez últimos anos (2014-2023), contudo, houve redução de 0,8% no Brasil e apenas nas regiões Nordeste e Sul aumentou a quantidade de leite adquirida pelas indústrias. Ao longo dos anos, o desempenho entre os estados tem sido bastante heterogêneo. Entre os seis de maior quantidade adquirida, Santa Catarina tem se destacado, a ponto de, em 2023, pela primeira vez na história, as indústrias catarinenses adquirirem mais leite cru do que as indústrias do Rio Grande do Sul (Tabela 6).

Tabela 6. Leite cru: quantidade adquirida pelas indústrias inspecionadas

Região	Bilhão de litros					Var. %	Partic. %
	2014	2020	2021	2022	2023	2014-23	2023
Sul	8,743	9,746	9,836	9,598	9,984	14,2	40,8
Sudeste	9,948	10,025	9,501	8,926	8,861	-10,9	36,2
Centro-Oeste	3,521	3,130	3,011	2,665	2,724	-22,6	11,1
Nordeste	1,446	1,849	1,930	1,992	2,181	50,8	8,9
Norte	1,091	0,882	0,838	0,734	0,766	-29,8	3,1
Brasil	24,7	25,6	25,1	23,9	24,5	-0,8	100

Estado	Bilhão de litros					Var. %	Partic. %
	2014	2020	2021	2022	2023	2014-23	2023
Minas Gerais	6,590	6,517	6,209	5,874	5,837	-11,4	23,8
Paraná	2,972	3,518	3,506	3,437	3,626	22,0	14,8
Santa Catarina	2,340	2,892	2,946	2,986	3,202	36,8	13,1
Rio Grande do Sul	3,431	3,336	3,384	3,175	3,156	-8,0	12,9
São Paulo	2,525	2,749	2,568	2,405	2,287	-9,4	9,3
Goiás	2,685	2,514	2,444	2,179	2,209	-17,7	9,0
Rondônia	0,760	0,638	0,586	0,512	0,564	-25,8	2,3
Bahia	0,364	0,568	0,595	0,542	0,547	50,3	2,2
Rio de Janeiro	0,512	0,507	0,488	0,448	0,487	-4,9	2,0
Sergipe	0,169	0,265	0,307	0,385	0,450	166,3	1,8
Subtotal	22,348	23,504	23,033	21,943	22,365	0,1	91,3
Outros	2,352	2,096	2,067	1,957	2,135	-9,2	8,7
Brasil	24,7	25,6	25,1	23,9	24,5	-0,8	100

2023: dados preliminares.

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite

A combinação da expressiva queda na quantidade de leite adquirida pelas indústrias de 2020 para 2022, da redução dos preços dos lácteos no mercado internacional em 2022 e da ampliação da diferença dos preços internos dos lácteos em relação aos preços internacionais estimulou o crescimento das importações brasileiras de lácteos, que mudaram de patamar em meados de 2022 e permaneceram elevadas por todo ano de 2023. As importações de lácteos cresceram 102,5% de 2021 para 2023. As exportações tiveram comportamento inverso nos dois anos e decresceram 22,1% de 2021 para 2023. Com importações maiores e exportações menores, houve aumento de 151,4% no déficit da balança comercial de lácteos de 2021 para 2023 (Tabela 7).

Tabela 7. Lácteos e leite: balança comercial brasileira

Ano	Toneladas de lácteos			Milhão de litros de leite-equivalente		
	Importação	Exportação	Saldo	Importação	Exportação	Saldo
2019	142.401	24.723	-117.678	1.083,2	66,8	-1.016,4
2020	174.241	32.762	-141.479	1.346,3	101,0	-1.245,3
2021	137.678	38.832	-98.846	1.023,6	142,6	-881,0
2022	170.183	36.199	-133.984	1.293,4	125,4	-1.168,0
2023	278.778	30.236	-248.542	2.182,7	72,2	-2.110,5

Fonte: MDIC/Comex Stat

O expressivo crescimento das importações foi a principal razão do crescimento do percentual na oferta total de leite no Brasil de 2022 para 2023. Em 2023, o leite importado representou 8,2% da oferta anual, bem acima dos percentuais dos anos mais recentes (Tabela 8).

Tabela 8. Brasil: oferta total de leite inspecionado

Ano	Bilhão de litros			Participação %		
	Ind. Nacional ⁽¹⁾	Importação ⁽²⁾	Total	Ind. Nacional	Importação	Total
2019	25,012	1,083	26,095	95,8	4,2	100
2020	25,641	1,346	26,987	95,0	5,0	100
2021	25,122	1,024	26,146	96,1	3,9	100
2022	23,918	1,293	25,211	94,9	5,1	100
2023	24,522	2,183	26,705	91,8	8,2	100

⁽¹⁾ Leite cru inspecionado. ⁽²⁾ Em litros de leite-equivalente.

Fonte: IBGE/Pesquisa Trimestral do Leite e MDIC/Comex Stat

As importações brasileiras são originárias fundamentalmente dos países parceiros do Brasil no Mercosul. A Argentina, o Uruguai e o Paraguai responderam por mais de 97% do total de litros de leite-equivalente importado em 2023 (Tabela 9).

Tabela 9. Leite – Brasil: importação segundo as principais origens

País	Milhão de litros de leite-equivalente					Variação % 2022-23	Participação % 2023
	2019	2020	2021	2022	2023		
Argentina	611,2	822,7	576,0	791,6	1.197,8	51,3	54,9
Uruguai	384,7	423,9	374,3	426,9	797,7	86,9	36,5
Paraguai	25,1	46,4	30,0	52,4	123,5	135,7	5,7
Subtotal	1.021,0	1.293,0	980,3	1.270,9	2.119,0	66,7	97,1
Chile	5,2	7,1	8,3	0,0	28,0	-	1,3
Holanda	10,2	9,5	8,3	7,4	8,0	8,1	0,4
França	9,2	7,2	8,8	4,8	6,7	39,6	0,3
Finlândia	2,1	1,6	5,8	1,1	6,4	481,8	0,3
EUA	12,1	11,4	3,4	1,1	6,2	463,6	0,3
Itália	5,7	4,7	4,9	5,0	5,6	12,0	0,3
Outros	17,7	11,8	3,8	3,1	2,8	-9,7	0,1
Total	1.083,2	1.346,3	1.023,6	1.293,4	2.182,7	68,8	100

Fonte: MDIC/Comex Stat

Produção e mercado estaduais

Segundo a Pesquisa da Pecuária Municipal/IBGE, a produção catarinense em 2022 foi de 3,153 bilhões de litros, uma queda de 0,3% sobre a produção de 2021. No período 2013-2022, contudo, a produção catarinense teve um crescimento de 8%, com variações bem significativas entre as mesorregiões e microrregiões. Das vinte microrregiões do Estado, as cinco maiores produtoras são as que formam a mesorregião Oeste Catarinense: São Miguel do Oeste, Chapecó, Concórdia, Xanxerê e Joaçaba (Tabela 11).¹⁹

¹⁹ Mais dados regionais e municipais de Santa Catarina estão disponíveis em: <https://www.observatorioagro.sc.gov.br/areas-tematicas/producao-agropecuaria/paineis/>

Tabela 10. Leite – Santa Catarina: produção nas mesorregiões e principais microrregiões

Mesorregião	Milhão de litros					Var. %	Partic. %
	2013	2014	2020	2021	2022	2013-2022	2022
Oeste Catarinense	2.146,9	2.232,2	2.414,5	2.397,6	2.377,6	10,7	75,4
Sul Catarinense	257,4	209,7	255,4	277,9	273,9	6,4	8,7
Vale do Itajaí	253,9	260,9	222,7	228,2	233,2	-8,2	7,4
Serrana	81,5	90,2	108,2	110,7	111,6	36,9	3,5
Norte Catarinense	111,6	116,7	95,8	96,1	95,3	-14,6	3,0
Grande Florianópolis	67,0	73,4	40,5	51,5	61,2	-8,7	1,9
Santa Catarina	2.918	2.983	3.137	3.162	3.153	8,0	100
Principais microrregiões	Milhão de litros					Var. %	Partic. %
	2013	2014	2020	2021	2022	2013-2022	2022
São Miguel do Oeste	606,7	642,4	763,4	767,1	776,7	28,0	24,6
Chapecó	752,4	784,4	693,0	688,0	651,9	-13,4	20,7
Concórdia	356,8	330,1	331,5	331,3	335,7	-5,9	10,6
Xanxerê	286,2	296,9	320,6	314,6	314,8	10,0	10,0
Joaçaba	144,8	178,4	306,1	296,6	298,5	106,1	9,5
Tubarão	158,8	158,7	202,7	228,1	229,7	44,6	7,3
Rio do Sul	127,3	129,9	148,4	153,0	153,9	20,9	4,9
Canoinhas	74,5	79,5	74,3	74,4	74,7	0,3	2,4
Campos de Lages	47,0	55,1	56,9	62,2	63,1	34,3	2,0
Curitibanos	34,5	35,1	51,3	48,4	48,5	40,6	1,5
Subtotal	2.589,0	2.690,5	2.948,2	2.963,7	2.947,5	13,8	93,5
Outras	329,3	292,8	189,0	198,3	205,3	-37,7	6,5
Santa Catarina	2.918	2.983	3.137	3.162	3.153	8,0	100

Fonte: IBGE - Pesquisa da Pecuária Municipal

No que diz respeito a preços aos produtores, embora houvesse muitas manifestações ao longo de 2023 sugerindo uma crise setorial, a comparação dos preços médios recebidos com os dos anos recentes evidencia que houve queda em relação a 2022, mas os valores foram bem mais elevados que nos demais anos (Tabela 12). Mesmo deflacionando esses preços pelo Índice Geral de Preços – disponibilidade interna (IGP-DI), de dezembro/2023, o preço médio de 2023 foi cerca 15% superior aos preços médios de 2021 e de 2020 e quase 28% superior ao preço médio de 2019.

Tabela 11. Leite: preço médio⁽¹⁾ aos produtores de Santa Catarina

Mês	R\$/l na propriedade					Variação %
	2019	2020	2021	2022	2023	2022-23
Janeiro	1,09	1,22	1,94	1,90	2,39	25,8
Fevereiro	1,17	1,26	1,78	1,92	2,64	37,5
Março	1,25	1,29	1,71	2,02	2,66	31,7
Abril	1,27	1,28	1,76	2,26	2,72	20,4
Mai	1,32	1,19	1,84	2,45	2,82	15,1
Junho	1,32	1,31	1,99	2,57	2,67	3,9
Julho	1,23	1,50	2,15	3,04	2,50	-17,8
Agosto	1,19	1,66	2,17	3,51	2,24	-36,2
Setembro	1,21	1,87	2,17	2,95	2,18	-26,1
Outubro	1,21	1,95	2,12	2,46	1,99	-19,1
Novembro	1,19	1,92	1,95	2,35	1,89	-19,6
Dezembro	1,18	1,97	1,84	2,32	2,02	-12,9
Média	1,22	1,54	1,95	2,48	2,39	-3,6

⁽¹⁾ Preço médio mais comum das principais regiões produtoras

Fonte: Epagri/Cepa.



Isso não deixa de ser um sinal de que as manifestações ao longo de 2023 parecem indicar muito mais para frustrações de expectativas, do que para uma real crise setorial. O que não significa que parte dos produtores não tenha, de fato, passado por dificuldades de rentabilidade com a atividade. De maneira especial, a partir do mês de julho, quando os preços começaram a se situar em patamares bem inferiores aos de 2022 e até de 2021, em alguns meses. Ainda assim Santa Catarina apresentou vigoroso crescimento na quantidade de leite adquirida pelas indústrias inspecionadas e aumentou significativamente a sua participação na quantidade adquirida pelas indústrias do Brasil. A previsão é de que isto volte a se repetir em 2024.

Mel

Cíntia Uller Gómez - Engenheira-agrônoma - Dra. Epagri/Cepa
cintiagomez@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado mundiais

Segundo dados da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), a produção mundial de mel é bastante concentrada na Ásia, que respondeu por pouco menos da metade da produção total, em 2022. A Europa e a América, somadas, não têm a mesma produção da Ásia. É na Ásia também que a produção mais cresceu no período 2013-22 (Tabela 1).

Tabela 1. Mel – Produção dos continentes e mundial

Ano	Mil toneladas					
	Mundo	Ásia	Europa	América	África	Oceania
2013	1.688,39	787,30	384,14	314,87	169,57	32,51
2019	1.759,93	825,54	398,19	350,80	149,37	36,04
2020	1.783,65	844,13	409,28	338,73	151,82	39,69
2021	1.785,85	864,17	395,11	343,19	150,58	32,80
2022	1.830,77	882,46	418,33	340,17	155,83	33,98
Var. % (2013-22)	8,40	12,10	8,90	8,00	-8,10	4,50
Part. % (2022)	100,00	48,20	22,80	18,60	8,50	1,90

Fonte: FAO, <https://www.fao.org/faostat/es/#data/QCL>, acesso em 7/2/2024

Entre os países, a China é o grande destaque, respondendo por mais de 25% da produção mundial. Entretanto, no período 2013-22 foram outros países que apresentaram crescimentos mais significativos de produção, com destaque para o Brasil, a Turquia e a Índia (Tabela 2).

Tabela 2. Mel – Principais produtores mundiais

País/bloco	Mil toneladas				Variação % 2013-22	Part. % 2022
	2013	2020	2021	2022		
China Continental	450,30	458,10	472,70	461,90	2,6	25,2
Turquia	94,69	104,08	96,34	118,30	24,9	6,5
Irã	74,60	74,89	77,48	79,53	6,6	4,3
Índia	61,00	69,78	74,00	74,20	21,7	4,1
Argentina	67,50	72,18	70,72	70,44	4,4	3,9
Rússia	68,45	66,37	64,53	67,01	-2,1	3,7
México	56,91	54,17	62,08	64,32	13,0	3,5
Ucrânia	73,71	68,03	68,56	63,08	-14,4	3,5
Brasil	35,37	52,49	55,68	60,97	72,4	3,3
Estados Unidos	67,81	66,95	57,49	56,85	-16,2	3,1
Subtotal	1.050,34	1.087,04	1.099,58	1.116,60	6,3	61,0
Outros	638,05	696,61	686,27	714,17	11,9	39,0
Mundo	1.688,39	1.783,65	1.785,85	1.830,77	8,4	100

Fonte: FAO, <https://www.fao.org/faostat/es/#data/QCL>, acesso em 2/2/2024

Em 2022, as exportações representaram 42% da produção mundial. A China repete o destaque da produção nas exportações, com mais de 20% das exportações mundiais. A China e mais nove países respondem por mais de 70% das exportações mundiais. No período 2013-2022, houve um crescimento de mais de 30% nas exportações mundiais, o que se deveu aos grandes crescimentos das exportações da Índia, do Brasil e da Ucrânia (Tabela 3).

Tabela 3. Mel – Principais exportadores mundiais

País/Bloco	Mil toneladas					Variação % 2013-22	Participação % 2022
	2013	2019	2020	2021	2022		
China Continental	124,90	120,85	132,47	145,89	156,00	24,9	20,2
Índia	30,10	65,35	54,83	70,51	86,18	186,3	11,2
Argentina	65,18	63,52	68,98	60,41	71,74	10,1	9,3
Ucrânia	21,67	55,68	80,87	61,17	48,37	123,2	6,3
Brasil	16,18	30,04	45,73	47,19	36,89	128,0	4,8
Bélgica	20,14	18,32	22,74	19,95	32,12	59,5	4,2
Vietnã	34,92	26,20	34,55	35,45	28,57	-18,2	3,7
Espanha	21,58	23,06	28,43	28,64	28,37	31,5	3,7
México	33,46	25,12	22,62	25,08	27,44	-18,0	3,6
Alemanha	20,89	25,24	29,31	29,81	26,94	29,0	3,5
Subtotal	389,02	453,38	520,53	524,10	542,62	39,5	70,4
Outros	193,88	196,52	227,59	231,01	227,94	17,6	29,6
Mundo	582,90	649,90	748,12	755,11	770,56	32,2	100,0

Fonte: FAO, <https://www.fao.org/faostat/es/#data/TCL>, acesso em 5/2/2024

As importações também são concentradas em poucos países: apenas dez representam quase 75% do total importado. Os Estados Unidos concentram boa parte dessas importações (quase 27%, em 2022), mas, no período 2013-22 houve grande expansão nas importações da Espanha, da Bélgica, da Polônia e da Itália (Tabela 4).

Tabela 4. Mel – Principais importadores mundiais

País	Mil toneladas					Variação % 2013-22	Participação % 2022
	2013	2019	2020	2021	2022		
Estados Unidos	152,85	188,88	196,64	220,23	205,16	34,2	26,7
Alemanha	88,20	81,75	88,42	78,57	75,10	-14,9	9,8
Reino Unido	38,14	48,54	52,76	46,86	51,44	34,9	6,7
Japão	39,03	44,79	49,35	47,13	47,28	21,1	6,1
Bélgica	24,35	24,82	28,12	31,87	39,79	63,4	5,2
Espanha	22,10	26,55	30,10	31,65	37,57	70,0	4,9
França	28,67	32,78	34,77	29,28	35,49	23,8	4,6
Polônia	20,16	29,64	37,34	37,59	31,77	57,6	4,1
Itália	18,49	24,65	22,30	24,12	26,52	43,4	3,4
Arábia Saudita	17,40	17,92	23,52	21,19	18,23	4,8	2,4
Subtotal	449,39	520,32	563,32	568,49	568,35	26,5	73,9
Outros	124,67	158,73	180,99	197,36	200,79	61,1	26,1
Total mundial	574,06	679,05	744,31	765,85	769,14	34,0	100,0

Fonte: FAO, <https://www.fao.org/faostat/es/#data/TCL>, acesso em 5/2/2024

Produção e mercado nacionais

Segundo dados das séries históricas da FAO, desde 2019, o Brasil figura entre os dez principais produtores mundiais, sendo que de 2014 a 2018 ocupava apenas a décima segunda posição. É razoável considerar que boa parte da expansão da produção nacional decorreu da ampliação das exportações: o Brasil foi o quinto exportador em 2022, com quase 5% das exportações mundiais. Em 2013, essa participação brasileira estava pouco acima de 2,7% (Tabelas 2 e 3).

Os dados da Pesquisa Pecuária Municipal/IBGE mostram que, no período 2013-22, a produção nacional não apenas cresceu expressivos 72%, como também passou por significativas alterações na sua distribuição entre as regiões e os estados. Em 2013, a Região Sul respondia

por 50% da produção, enquanto as regiões Sudeste e Nordeste, por 21% cada. Em 2022, com um aumento de 213% na sua produção, o Nordeste passou a ser a principal região produtora, com 38% da produção nacional, contra 36% da Região Sul. Nesse período, as taxas de crescimento da produção nos estados do Nordeste ficaram muito acima das taxas dos estados das demais regiões, com destaque para o Piauí, que aumentou em quase 557% a sua produção e passou a ocupar a posição de terceiro produtor nacional. O Rio Grande do Sul segue como primeiro produtor nacional. Santa Catarina, que figurava como o terceiro produtor nacional em 2013, passou para a sétima posição em 2022 (Tabela 5).

Tabela 5. Mel – Produção das grandes regiões e dos principais estados

Região	2013		2022		Variação % 2013-22
	(t)	Part. %	(t)	Part. %	
Sul	17.738	50,2	22.406	36,8	26,3
Sudeste	7.595	21,5	12.212	20,0	60,8
Nordeste	7.534	21,3	23.578	38,7	213,0
Centro-Oeste	1.564	4,4	1.508	2,5	-3,6
Norte	934	2,6	1.261	2,1	35,1
Brasil	35.365	100,0	60.966	100,0	72,4

Estado	(t)	Part. %	(t)	Part. %	Variação % 2013-22
Rio Grande do Sul	7.286	20,6	9.014,25	14,8	23,7
Paraná	5.565	15,7	8.638	14,2	55,2
Piauí	1.267	3,6	8.322	13,7	556,8
Minas Gerais	3.308	9,4	6.165	10,1	86,4
Bahia	2.058	5,8	4.911	8,1	138,7
São Paulo	3.224	9,1	4.817	7,9	49,4
Santa Catarina	4.887	13,8	4.754	7,8	-2,7
Ceará	1.835	5,2	4.442	7,3	142,1
Maranhão	1.137	3,2	2.601	4,3	128,8
Pernambuco	503	1,4	1.658	2,7	230,0
Subtotal	31.069	87,9	55.322	90,7	78,1
Outros	4.296	12,1	5.645	9,3	31,4
Brasil	35.365	100,0	60.966	100,0	72,4

Nota: os dados de 2022 são preliminares e podem sofrer alteração.

Fonte: IBGE - Pesquisa da Pecuária Municipal, <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/74>, acesso em 5/12/2023

Segundo o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), a quase totalidade das exportações brasileiras tem como destino apenas dez países. Os Estados Unidos são, destacadamente, o principal destino das exportações brasileiras, respondendo por quase 80% das exportações nacionais em 2023. Os dados do MDIC evidenciam que em 2020 e 2021, anos mais críticos da pandemia da Covid-19, as exportações brasileiras atingiram patamares bem mais significativos do que nos demais anos da série histórica disponível (desde 1997). Considerando-se apenas o período 2014-23, a quantidade exportada em 2023 foi quase 13% maior do que aquela de 2014. Destaque-se, ainda, que as exportações brasileiras estão voltadas a países de alta renda *per capita* (Tabela 6).

Tabela 6. Mel – Brasil: exportação segundo os principais destinos

País	Toneladas					Variação % 2014-23	Participação % 2023
	2014	2020	2021	2022	2023		
Estados Unidos	19.147	34.128	33.313	28.070	22.717	18,6	79,6
Alemanha	1.837	5.363	6.018	3.535	2.062	12,2	7,2
Canadá	1.400	1.788	2.945	2.906	1.836	31,1	6,4
Reino Unido	350	847	1.085	447	567	62,0	2,0
Bélgica	1.501	517	735	785	543	-63,8	1,9
Austrália	103	543	728	182	242	135,0	0,8
Países Baixos	0	289	98	174	157	-	0,5
Dinamarca	0	1.515	1.377	264	122	-	0,4
França	266	20	0	140	61	-77,1	0,2
Áustria	58	62	20	42	42	-27,6	0,1
Subtotal	24.662	45.072	46.319	36.545	28.349	15,0	99,3
Outros	635	656	871	341	206	-67,6	0,7
Total	25.297	45.728	47.190	36.886	28.555	12,9	100

Fonte: MDIC/Comex Stat - <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>, acesso em 31/1/2024

Em termos federativos, praticamente toda a exportação brasileira está concentrada em dez estados, mas, a exemplo do que se verificou na produção, houve significativas alterações distributivas nos anos recentes. Neste caso, contudo, considerado o período 2014-23, além dos grandes crescimentos observados nas exportações do Piauí (mais de 344%) e do Maranhão (mais de 266%), houve também expressivo crescimento nas exportações de Minas Gerais (mais de 224%). O Piauí, que era o quinto exportador em 2014, assumiu a liderança desde 2021. Santa Catarina, embora com um decréscimo de 35% no balanço dos últimos dez anos, sempre se manteve entre os cinco maiores exportadores. Tendo sido o maior exportador em 2019 e 2020, o Estado figura na terceira posição em 2023. São Paulo, por sua vez, que era o maior exportador em 2014, teve participação pouco significativa nas exportações de 2023 (Tabela 7).

Tabela 7. Mel exportado pelos principais estados brasileiros

Estado	Toneladas					Variação % 2014-23
	2014	2020	2021	2022	2023	
Piauí	2.279	9.856	11.929	11.347	10.123	344,3
Minas Gerais	1.358	2.104	4.096	5.220	4.410	224,8
Santa Catarina	5.634	10.490	10.288	5.304	3.616	-35,8
Paraná	3.084	9.230	9.632	4.466	2.626	-14,9
Ceará	2.653	4.261	3.116	2.759	2.013	-24,1
Maranhão	492	716	807	1.103	1.806	266,8
Rio Grande do Sul	1.742	1.945	1.704	2.747	1.758	1,0
Bahia	0	533	471	918	1.200	-
São Paulo	8.030	6.577	5.141	2.948	936	-88,3
Pará	0	0	1	58	63	-
Subtotal	25.271	45.713	47.184	36.870	28.552	13,0
Outros	26	16	6	16	3	-87,7
Brasil	25.297	45.728	47.190	36.886	28.555	12,9

Fonte: MDIC/Comex Stat - <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>, acesso em 31/1/2024

Note-se que os estados maiores produtores não são os maiores exportadores, o que sugere haver uma circulação interestadual do produto com vistas à exportação.

Produção e mercado estaduais

Os dados da Pesquisa Pecuária Municipal/IBGE mostram que, no período 2013-22, a produção de Santa Catarina decresceu pouco menos de 3%, mas passou por significativas alterações na sua distribuição entre os municípios e regiões catarinenses. A maior produção sempre esteve concentrada nos municípios da Microrregião dos Campos de Lages, que representa quase 25% da produção estadual, mas foi em alguns municípios das microrregiões de Xanxerê e de Araranguá que a produção mais aumentou nos anos mais recentes. Com isto, estas duas microrregiões tiveram sua produção aumentada em mais de 180% no período considerado, o que é muito acima dos crescimentos observados nas demais microrregiões, algumas das quais tiveram redução significativa de produção (Tabela 8).

Tabela 8. Mel – Santa Catarina: produção nas microrregiões

Microrregião	2013		2022		Variação % 2013-22
	Quilogramas	Part. %	Quilogramas	Part. %	
Campos de Lages	1.014.720	20,8	1.173.500	24,7	15,6
Canoinhas	563.500	11,5	420.000	8,8	-25,5
Concórdia	286.950	5,9	342.931	7,2	19,5
Chapecó	259.270	5,3	330.512	7,0	27,5
Tubarão	231.766	4,7	299.983	6,3	29,4
Rio do Sul	291.000	6,0	290.100	6,1	-0,3
Xanxerê	100.840	2,1	288.660	6,1	186,3
Criciúma	795.000	16,3	269.500	5,7	-66,1
São Miguel do Oeste	210.300	4,3	268.750	5,7	27,8
Joaçaba	217.820	4,5	186.953	3,9	-14,2
Blumenau	144.350	3,0	186.508	3,9	29,2
Araranguá	51.700	1,1	147.200	3,1	184,7
Curitibanos	82.750	1,7	131.490	2,8	58,9
Ituporanga	79.000	1,6	124.000	2,6	57,0
Tijucas	113.700	2,3	122.290	2,6	7,6
Tabuleiro	279.050	5,7	69.147	1,5	-75,2
Florianópolis	56.537	1,2	64.579	1,4	14,2
Joinville	54.985	1,1	20.676	0,4	-62,4
São Bento do Sul	39.111	0,8	14.439	0,3	-63,1
Itajaí	14.265	0,3	2.557	0,1	-82,1
Santa Catarina	4.886.614	100,0	4.753.775	100,0	-2,7

Nota: os dados de 2022 são preliminares.

Fonte: IBGE - Pesquisa da Pecuária Municipal, <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/74>, acesso em 19/2/2024

No que diz respeito ao comércio exterior, primeiramente é necessário destacar que as consultas na base de dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), em <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>, podem ser feitas de duas maneiras distintas: “Exportações e Importações Geral” e “Exportações e Importações Municípios”. Na primeira e mais corriqueira forma de consulta, uma das possibilidades é “filtrar” os dados pela unidade da federação do produto. Na segunda forma, o “filtro” é pelo município de domicílio fiscal do exportador/importador e da unidade da federação do município. A depender da forma de consulta escolhida, pode haver significativas alterações nos dados estadualizados, sem haver mudança nos dados nacionais.

Posto isso, e realizando a consulta “Exportações e Importações Geral”, constata-se que, em 2023, as exportações catarinenses de mel foram as menores dos últimos anos, tendo diminuído 35% no período de 2014-23. O principal destino tem sido os Estados Unidos, para

onde foram destinados mais de 81% do produto exportado em 2023. Note-se que no período 2014-23 houve uma flutuação entre os países compradores. A Bélgica, importante comprador até 2021, zerou as importações em 2022 e 2023. A Alemanha diminuiu suas importações em mais de 71% e o Reino Unido passou a ser o segundo maior importador. A exemplo do que se observa nas exportações nacionais, os picos das exportações de Santa Catarina se dão em 2020 e 2021, anos mais críticos da pandemia da Covid-19 (Tabela 9).

Tabela 9. Principais destinos do mel exportado por Santa Catarina

País	Toneladas					Variação %	Participação %
	2014	2020	2021	2022	2023	2014-23	2023
Estados Unidos	4.192,49	7.107,27	5.604,74	4.423,25	2.959,30	-29,4	81,8
Reino Unido	95,65	344,26	323,19	554,07	369,36	286,2	10,2
Alemanha	864,14	2.374,04	3.183,81	304,81	245,01	-71,6	6,8
Países Baixos	0	121,26	143,76	0,03	41,3	-	1,1
Ilhas Marshall	0	0,08	0,15	0,38	0,2	-	0,0
Libéria	0	0,09	0,19	0,19	0,18	-	0,0
Panamá	0	0,07	0,24	0,13	0,11	-	0,0
China	0	2,52	40	0,01	0,05	-	0,0
Noruega	97,34	0,03	0,01	0,05	0,03	-100	0,0
Suíça	0	62,12	20,24	20,69	0,01	-	0,0
Bélgica	306,68	336,89	609,42	0	0	-100	0,0
Espanha	37,82	20,52	224,01	0	0	-100	0,0
França	20,69	0	0	0	0	-100	0,0
Israel	19,31	19,97	19,94	0	0	-100	0,0
Áustria	0	41,04	0	0	0	-	0,0
Omã	0	38,99	0	0	0	-	0,0
Itália	0	20,52	0,01	0,01	0	-	0,0
Eslováquia	0	0	102,6	0	0	-	0,0
Total	5.634,12	10.489,92	10.287,66	5.303,96	3.615,86	-35,8	100,0

Fonte: MDIC/Comex Stat - <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>, acesso em 1/2/2024

Realizando a consulta em “Exportações e Importações Municípios”, além da constatação de mudanças significativas na maioria dos totais exportados (a exceção é o dado de 2020, que é praticamente idêntico nas duas tabelas), nota-se que as exportações catarinenses estão fortemente concentradas nos municípios de Araranguá e Içara, que são domicílios fiscais de importantes empresas de beneficiamento e tradição exportadora do produto (Tabela 10).

Tabela 10. Exportação de mel nos principais municípios exportadores de Santa Catarina, segundo o município de domicílio fiscal do exportador

Município	Tonelada					Variação %
	2014	2020	2021	2022	2023	2014-23
Araranguá	6.028,335	5.886,040	8.110,853	6.956,261	5.994,584	-0,6
Içara	1.501,380	4.603,320	3.929,580	4.382,730	3.199,695	113,1
São Francisco do Sul	0,000	0,486	0,840	1,148	0,832	-
Itajaí	0,000	0,026	115,938	0,004	0,000	-
Total SC	7.529,715	10.489,903	12.157,390	11.340,178	9.195,180	22,1

Fonte: MDIC/Comex Stat - <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/municipio>, acesso em 7/2/2024



A grande diferença entre os valores das Tabelas 9 e 10 indica que empresas catarinenses beneficiam e exportam mel produzido em outros estados. Isso corrobora o fato de que muitos dos estados com grande produção ainda têm dificuldade de acessar o mercado internacional. Em razão disso, quando se consideram as exportações segundo o domicílio fiscal do exportador (Tabela 10), embora tenha havido uma diminuição após os anos mais graves da pandemia de Covid-19, a variação nas exportações catarinenses, no período 2014-23, foi positiva.



Desempenho da aquicultura

Robson Ventura de Souza, Dr. Médico-veterinário - Epagri/Cedap
robsonsouza@epagri.sc.gov.br

André Luis Tortato Novaes, Msc. Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cedap
novaes@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado mundiais

Dados da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO)²⁰ mostram que a produção da aquicultura mundial atingiu 126 milhões de toneladas em 2021, o que em termos financeiros equivale a US\$296,5 bilhões, valor 6,4% maior que no ano anterior. Essa instituição projeta²¹ um crescimento da produção da aquicultura mundial de 2,7% em 2022 e 2,8% em 2023. As projeções também apontam um crescimento (1,7% ao ano) no consumo per capita de pescados provenientes da aquicultura, atingindo 11,7kg/ano em 2022 e 11,9kg/ano em 2023.

No momento da redação deste documento, a FAO ainda não havia disponibilizado dados estatísticos detalhados, por grupos de organismos, referentes à produção da aquicultura em 2022, portanto as discussões sobre produção e mercado mundiais a seguir e apresentadas nas próximas seções baseiam-se nos dados de 2021.

Os peixes são os organismos mais produzidos (59,42 milhões de toneladas) pela aquicultura mundial, seguidos pelas macroalgas (35,17 milhões de toneladas), pelos moluscos (18,42 milhões de toneladas) e pelos crustáceos (11,88 milhões de toneladas). Em termos financeiros, os peixes também são os organismos mais importantes, com um valor de US\$156,4 bilhões. Neste caso, as posições dos demais grupos se invertem, passando o grupo dos crustáceos a ser o segundo colocado, com valor de US\$ 85,5 bilhões, seguido pelo dos moluscos, com valor de US\$ 30,8 bilhões, e pelo das macroalgas, com valor estimado de US\$ 15,4 bilhões.

Os dados da FAO evidenciam que a aquicultura mundial está concentrada na Ásia, uma vez que sete dos dez principais países produtores estão localizados naquele continente. O maior produtor mundial é a China, que foi responsável por 57,7% da produção, ficando em segundo e terceiro lugares Indonésia e Índia. Esses últimos já representam parcelas bem menores da produção mundial, de 11,59% e 7,46%, respectivamente. A Noruega assumiu a 8ª colocação que era ocupada pelo Egito em 2020 e o Chile completa a lista dos 10 maiores produtores da aquicultura mundial. O Brasil figura como 16º maior produtor, sendo responsável por 0,5% da produção mundial.

²⁰ Food and Agriculture Organization of the United Nations - Global Aquaculture Production 1950-2021. Disponível em: <https://www.fao.org/fishery/statistics-query/en/aquaculture>

²¹ Dados referentes a produção da aquicultura excluindo as plantas aquáticas. Food and Agriculture Organization of the United Nations - Food outlook - Biannual Report on Global Food Markets. Disponível em: <https://www.fao.org/3/cc3020en/cc3020en.pdf>

Peixes de água doce

Robson Ventura de Souza, Dr. Médico-veterinário – Epagri/Cedap
robsonsouza@epagri.sc.gov.br

Bruno Corrêa da Silva, Dr. Engenheiro de aquicultura – Epagri/Cedap
brunosilva@epagri.sc.gov.br

Produção mundial

De acordo com a FAO²², os peixes de água doce representaram 39,35% (49,6 milhões de toneladas) do montante total produzido pela aquicultura mundial. Em relação ao total de peixes produzidos, quando são incluídos os diádrimos (que migram entre água doce e salgada visando, por exemplo, à reprodução) e os marinhos, os de água doce se destacam por serem 83,4% do total produzido. A piscicultura de água doce cresceu 2,7%, a mesma taxa de crescimento da aquicultura em geral, e em um ritmo maior que em 2020 (1,46%). Entre os peixes de água doce, os dois principais grupos produzidos são as carpas e outros ciprinídeos (62,7%), e as tilápias e outros ciclídeos (12,72%). Pelo menos seis grupos diferentes de ciprinídeos estão entre as 30 espécies ou grupos de espécies mais produzidos pela aquicultura mundial (a lista inclui plantas aquáticas, crustáceos e moluscos). A tilápia é a oitava colocada nessa lista, com uma produção de 4,8 milhões de toneladas.

Produção e mercado nacionais

Dados da Associação Brasileira da Piscicultura²³ (PEIXE BR) mostram que a produção de peixes de cultivo no Brasil em 2022 foi de 860.355 toneladas, o que representa um crescimento de 2,3%, taxa menor que a observada no ano anterior (4,7%). As informações disponibilizadas pela PEIXE BR apontam que as tilápias representaram 63,9% da produção nacional de peixes de cultivo e que foi observado um crescimento de 3% na produção desta espécie. Todavia, apesar desse aumento, o ritmo de crescimento foi menor que na safra anterior (9,8%). O Brasil produziu 534 mil toneladas de tilápia, ocupando a 4ª posição mundial em volume de produção dessa espécie, ficando atrás de China, Indonésia e Egito.

Santa Catarina foi o quinto estado com maior produção de peixes de cultivo no Brasil em 2022, atrás do Paraná (194.100 toneladas produzidas), São Paulo (83.400 toneladas), Rondônia (57.200 toneladas) e Minas Gerais (54.700 toneladas). Já em relação à produção de tilápias, Santa Catarina figura como o 4º maior produtor (42.500 toneladas), atrás do Paraná (187.800 toneladas), São Paulo (77.300 toneladas) e Minas Gerais (51.700 toneladas).

A PEIXE BR também aponta que as exportações brasileiras de produtos da piscicultura vinham crescendo desde 2015, mas apresentaram uma queda de 13% em 2022, passando de 9.806 toneladas para 8.492 toneladas. Apesar de menor, o montante exportado em 2022 representou um aumento de 15% em termos financeiros, totalizando U\$S 23,8 milhões, isso porque itens de maior valor agregado, como os filés congelados, representaram uma maior fatia das exportações. Os peixes inteiros congelados foram o principal item exportado (58% do total), seguidos pelos filés (frescos e resfriados 13% e os congelados 9%). A tilápia segue sendo a principal espécie exportada, representando uma fatia cada vez maior das exportações (98% do volume total), com valor estimado em US\$18,2 milhões.

²² Food and Agriculture Organization of the United Nations - Global Aquaculture Production 1950-2021. Dados referentes a 2021. Disponível em: <https://www.fao.org/fishery/statistics-query/en/aquaculture>

²³ Anuário 2023 Peixe BR da Piscicultura. Disponível em: <https://www.peixebr.com.br/>

Produção e mercado estaduais

Estima-se que a piscicultura de água doce catarinense produziu 51.728,4 toneladas na safra de 2022²⁴, sendo os produtores profissionais responsáveis por 74,9% deste montante. O restante foi produzido por piscicultores amadores, isto é, aqueles produtores que utilizam a piscicultura para autoabastecimento, lazer e venda eventual. O maior volume de produção foi de tilápias (42,1 mil toneladas), seguido pelas carpas (7,7 mil toneladas) (Figura 1). Em menores quantidades são produzidos bagres (jundiá - 625 toneladas e catfish - 387 toneladas), trutas (339 toneladas) e peixes redondos (233 toneladas).

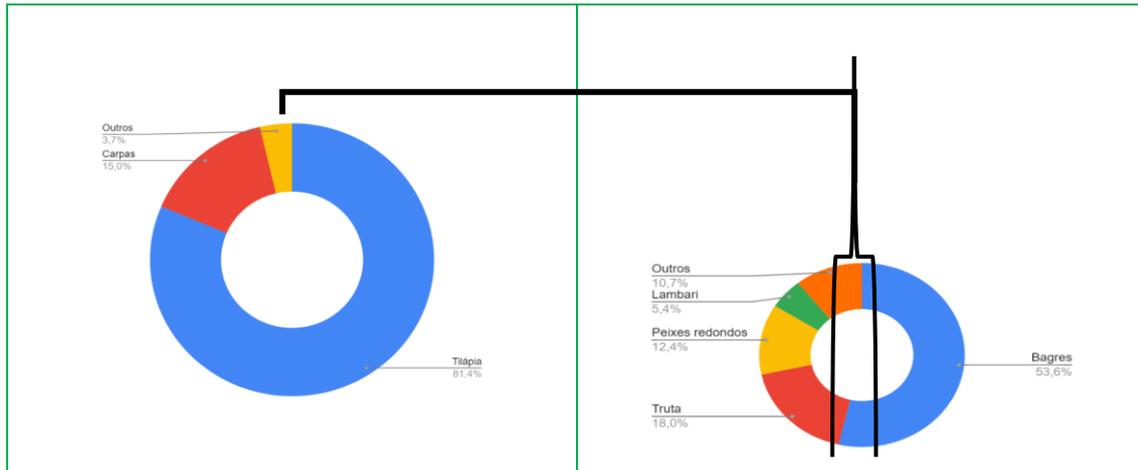


Figura 1. Aquicultura – Santa Catarina: principais grupos de peixes de água doce produzidos em 2022

Fonte: Epagri/Cedap, dezembro/2023

A produção da piscicultura catarinense apresentou um aumento de 3,57% em relação à do ano anterior. Quando a análise é realizada por grupos de peixes, é possível notar que a produção de tilápias aumentou 5,27% enquanto a de carpas reduziu 4,34%. Quando a análise é feita por município, é possível observar que os três principais produtores do Estado seguem sendo os mesmos: Armazém, Rio Fortuna e Massaranduba. Com um aumento de 11,4% de sua produção, Armazém é o primeiro município de Santa Catarina a ultrapassar a marca de 3 mil toneladas de peixes de água doce produzidas em um ano (Figura 2).

²⁴ As estimativas foram geradas a partir de dados levantados por extensionistas dos escritórios municipais da Epagri, de dados de trânsito de peixes para abate registrados nas Guias de Trânsito Animal (GTAs) e por meio de modelos matemáticos.

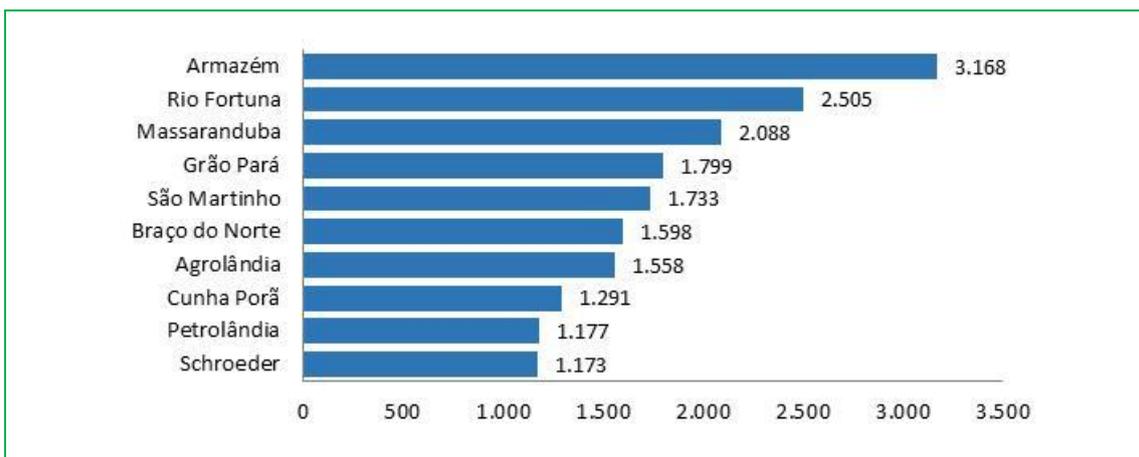


Figura 2. Aquicultura – Santa Catarina: produção de peixes de água doce por município – 2022 (tonelada)

Fonte: Epagri/Cedap, dezembro/2023

Estimativa econômica

Estima-se que as 38.769 toneladas de peixes produzidas pelos piscicultores profissionais na safra de 2022 geraram uma movimentação financeira bruta em torno de R\$ 324,8 milhões (Tabela 1). As tilápias seguem sendo o grupo de peixes responsáveis pela maior geração de receita, seguidas pelas carpas.

Tabela 1. Aquicultura – Santa Catarina: estimativa de valor da produção de peixes de água doce por piscicultores profissionais – 2022

Grupo de organismos	Quantidade total	Produção comercializada	Preço do quilo ⁽¹⁾	Valor total (milhões)
	(t)	(t)	(R\$)	(R\$)
Tilápia	42.100,35	35.888,72	8,34	299,31
Carpas	7.739,27	2.120,01	8,15	17,28
Bagres	1.012,71	375,24	8,82	3,31
Truta	339,16	263,25	15	3,95
Outros	536,9	121,88	8,34	1,02
Total	51.728,39	38.769,10	-	324,86

⁽¹⁾ Fonte dos preços por quilograma: Epagri/Cepa, Preços agrícolas mensais. Disponível em: <https://cepa.epagri.sc.gov.br/index.php/produtos/mercado-agricola/>. Preço médio em 2022 do quilograma de tilápias, carpas, jundiás e trutas vivas. Para as demais espécies foi atribuído o valor da tilápia.

Fonte dos dados de produção: Epagri/Cedap, dezembro/2023

Moluscos

Robson Ventura de Souza, Dr. - Médico-veterinário - Epagri/Cedap
robsonsouza@epagri.sc.gov.br
Felipe Matarazzo Suplicy, MSc. Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cedap
(felipesuplicy@epagri.sc.gov.br)

Produção mundial

Dados da FAO²⁵ mostram que os moluscos representaram 14,6% (18.4 milhões de toneladas) do montante produzido pela aquicultura mundial. A produção mundial de moluscos cresceu 3,13% e os principais grupos de moluscos produzidos são as ostras (36,2 %), os berbigões e as amêijoas (31,3%), seguidos pelas vieiras (11,3%) e pelos mexilhões (10,9%). A produção mundial de ostras e de vieiras apresentou aumentos de 6,6% e 5,37%, respectivamente, enquanto a produção de berbigões e amêijoas se manteve estável e a de mexilhões sofreu suave redução (1,5%).

Produção e mercado nacionais

De acordo com dados do IBGE²⁶, a aquicultura brasileira produziu 8.739 toneladas de ostras, vieiras e mexilhões em 2022, seguindo a tendência de queda observada nos últimos anos. O montante produzido representa uma redução de 26% em relação ao ano anterior. Santa Catarina segue sendo o maior produtor de moluscos de cultivo do Brasil, sendo responsável por uma parcela de 94,8% da produção nacional em 2022, proporção pouco menor que em 2021 (95,36%). É importante notar que as estimativas de produção feitas pelo IBGE tendem a ser menores que aquelas feitas pelo Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA). Usamos esses dados aqui para permitir uma comparação de Santa Catarina com os demais estados da federação.

De acordo com dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços²⁷, o Brasil importou 323,9 toneladas de produtos à base de moluscos bivalves em 2022, montante equivalente a US\$ 3,9 milhões. Os produtos à base de mexilhões²⁸ representam 66% do volume importado, os de vieiras²⁹ 32,6%, e os de berbigões, amêijoas e arcas³⁰ 1,4%. Devido ao alto valor, os produtos à base de vieiras representam 82,6% em termos financeiros, enquanto os de mexilhões representaram 15,4%. O Brasil exportou 12,3 toneladas de produtos à base de moluscos bivalves em 2022, montante equivalente a US\$87.971, entre mexilhões (7,4 toneladas), vieiras (4,7 toneladas) e ostras (239 kg). Os dados não permitem uma análise do volume de importações e exportações oriundo da aquicultura ou da pesca.

²⁵ Food and Agriculture Organization of the United Nations - Global Aquaculture Production 1950-2021. Dados referentes a 2021. Disponível em: <https://www.fao.org/fishery/statistics-query/en/aquaculture>

²⁶ Sistema IBGE Cidades (Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>)

²⁷ Comex Stat. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/>

²⁸ Itens identificados como: “Mexilhões (*Mytilus* spp., *Perna* spp.), congelados, secos, salgados, etc.”, “Preparações e conservas, de mexilhões”, “Mexilhões (*Mytilus* spp., *Perna* spp.), congelados” e “Mexilhões (*Mytilus* spp., *Perna* spp.), vivos, frescos, refrigerados”.

²⁹ Itens identificados como: “Vieiras e outros mariscos dos gêneros *Pecten*, *Chlamys* ou *Placopecten*, congelados, secos, etc.”, “Vieiras e outros mariscos dos gêneros *Pecten*, *Chlamys* ou *Placopecten*, vivos, frescos ou refrigerados”, “Preparações e conservas, de vieiras e outros mariscos”, “Vieiras, incluindo a americana, e outros moluscos dos gêneros *Pecten*, *Chlamys* ou *Placopecten*, congeladas”.

³⁰ Itens identificados como: “Preparações e conservas, de ameijoas, berbigões e arcas”, “Ameijoas, berbigões e arcas (famílias *Arcidae*, *Arctidae*, *Cardiidae*, *Donacidae*, *Hiattellidae*, *Maclridae*, *Mesodesmatidae*, *Myidae*, *Semellidae*, *Solecurtidae*, *Solenidae*, *Tridacnidae* e *Veneridae*), em outras formas”

Produção e mercado estaduais

Os dados de produção estadual de moluscos apresentados na Síntese Anual da Agricultura e no Observatório do Agro Catarinense³¹ até 2021 são as estimativas historicamente geradas pelos extensionistas da Epagri. A partir de 2022, esses dados passaram a ser obtidos junto ao Governo Federal, sendo gerados a partir dos Relatórios Anuais de Produção – RAP, que são documentos com informações que todos os aquicultores que possuem contrato de cessão de Uso de espaços físicos de águas da União para fins de aquicultura devem enviar³². Assim sendo, é importante registrar que diferenças observadas entre os dados de 2022 e os do ano anterior podem estar em algum nível relacionadas à mudança na metodologia da obtenção das estimativas de produção.

De acordo com os dados do Governo Federal, a produção catarinense de moluscos na safra de 2022 foi de 9.158,3 toneladas. Isso representa uma queda de 23,5% na produção, que segue a tendência já observada em 2021 (26,3% de queda naquele ano). A redução na produção de mexilhões de 28,2% segue sendo o principal fator dessa tendência, uma vez que a produção de ostras se manteve praticamente estável (queda de 0,8%).

Em 2022, em Santa Catarina, 356 produtores estiveram envolvidos no cultivo de moluscos. Quando se compara o dado com o ano anterior, uma redução bastante importante nesse número é observada (19,6%), seguindo uma tendência de redução que vem sendo observada nos últimos anos (desde 2016).

Mexilhões

A produção de mexilhões na safra 2022 foi de 7.076 toneladas. Santa Catarina produz historicamente mexilhões da espécie *Perna perna*, no entanto esse cenário vem mudando nos últimos anos com a entrada de espécies invasoras no litoral de Santa Catarina. Entre elas está o mexilhão-do-mediterrâneo, *Mytilus galloprovincialis*, que tem sido observado em SC desde 2016 e já representa proporções importantes do volume de produção. Um levantamento preliminar, realizado pela Epagri entre janeiro e março de 2022 na Baía da Ilha de Santa Catarina, registrou proporções desta espécie variando entre 11,2% e 77,4% (média de 40%).

Os principais municípios produtores de mexilhões seguem sendo os mesmos: Palhoça, seguido por Bombinhas e Penha (Figura 3). No entanto, reduções importantes foram observadas nos dois maiores produtores. O maior impacto é em relação a Palhoça, que produzia 10,3 mil toneladas em 2020 e passou para 5,5 mil toneladas em 2021 e apenas 3,6 mil toneladas em 2022. A atividade de cultivo de mexilhões em Santa Catarina envolveu 318 produtores em 2022, número que representa uma redução de 24,5% em relação a 2021, quando havia 421 produtores.

³¹ <https://www.observatorioagro.sc.gov.br/areas-tematicas/producao-agropecuaria/paineis/>

³² Portaria SAP/MAPA nº 412, de 8 de outubro de 2021

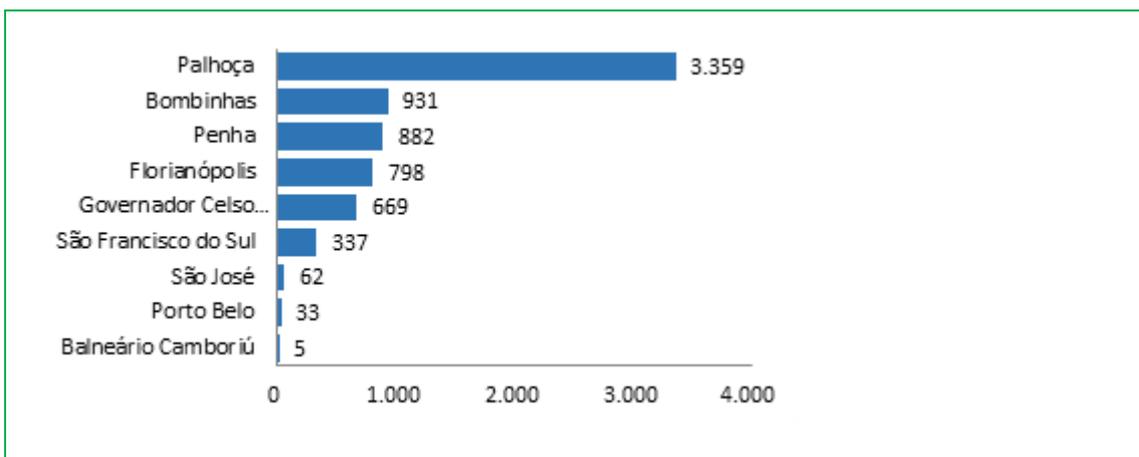


Figura 3. Aquicultura - Santa Catarina: produção de mexilhões por município – 2022 (tonelada)

Fonte: Epagri/Cedap, dezembro/2023

Ostras

A produção de ostras na safra 2022 foi de 2.068 toneladas³³, muito similar à produção do ano anterior (redução de 0,8%). As ostras do Pacífico (*Crassostrea gigas*) representaram 98,5% desse montante, enquanto a produção de ostras nativas (*Crassostrea brasiliana* ou *Crassostrea gasar*) foi de 30 toneladas, essas últimas registrando uma redução de 19,3% em relação a 2021. Apesar de a produção total ter variado pouco, houve mudanças importantes na produção de ostras dos municípios. O município com maior produção de ostras segue sendo Florianópolis, mas as posições do segundo e do terceiro colocados se inverteram, com Palhoça assumindo a posição de São José (Figura 4). Chama atenção a redução significativa (82,75%) da produção de São José e um aumento (116,8%) em Palhoça. Um total de 92 produtores esteve envolvido na atividade, número 7% menor que o ano anterior.

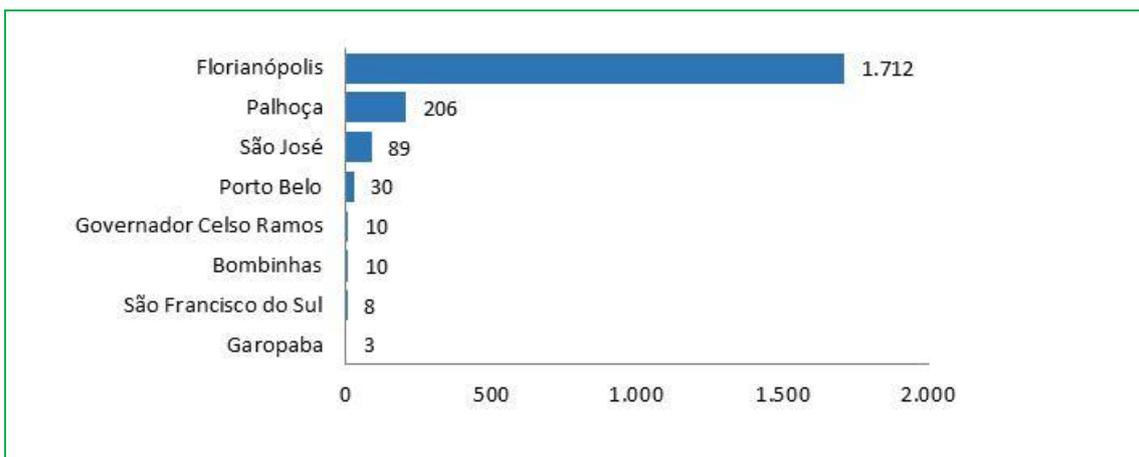


Figura 4. Aquicultura - Santa Catarina: produção de ostras por município - 2022 (tonelada)

Fonte: Epagri/Cedap, dezembro/2023

³³ Para fins de estimativa de produção, considerou-se que uma dúzia de ostras pesa 1Kg.



Vieiras

A produção de vieiras (*Nodipecten nodosus*), que era de 42 toneladas em 2021, passou para 14,5 toneladas³⁴ em 2022. Santa Catarina possui sete produtores, sendo quatro em Florianópolis (14,1 toneladas produzidas), dois em Palhoça (0,4 toneladas produzidas) e um em Penha (sem produção declarada).

Estimativa econômica

A movimentação financeira bruta referente à safra de moluscos de 2022 foi de R\$ 56,3 milhões de reais. Nesse contexto, os mexilhões contribuíram com 53,5% (R\$30,1 milhões), as ostras com 44,9% (R\$25,3 milhões) e as vieiras com 1,5% (R\$871 mil). A estimativa financeira foi feita considerando os seguintes preços de comercialização³⁵: mexilhões - R\$4,26/Kg; ostras - R\$12,24/dúzia; vieiras - R\$60,00/dúzia.

³⁴ Para fins de estimativa de produção, considerou-se que uma dúzia de vieiras pesa 0,96 kg.

³⁵ Os preços de mexilhões e ostras foram estabelecidos com base na média dos preços registrados pela Epagri/Cepa em 2022 (Fonte: Epagri/Cepa, Preços agrícolas mensais. Disponível em: <https://cepa.epagri.sc.gov.br/index.php/produtos/mercado-agricola/>). No caso das ostras, considerou-se o valor médio de ostras grandes e pequenas. O preço das vieiras foi estabelecido com base em valores informados por extensionistas da Epagri dos municípios produtores.

Camarões marinhos

Robson Ventura de Souza, Dr. Médico-veterinário, Epagri/Cedap
robsonsouza@epagri.sc.gov.br

Luiz Rodrigo Mota Vicente, Médico-veterinário, Epagri/Tubarão
mota@epagri.sc.gov.br

Produção mundial

De acordo com a FAO³⁶, os camarões representaram 5,8% (7,34 milhões de toneladas) da produção da aquicultura mundial. A produção de camarões cresceu mais que a aquicultura de forma geral, numa proporção de 7,1% em 2021, um ritmo ainda maior que o registrado no ano anterior (5,4%). O camarão-branco-do-pacífico (*Penaeus vannamei*) respondeu por 86,1% (6,32 milhões de toneladas) desse montante, posicionando-se como a terceira espécie mais produzida pela aquicultura mundial, quando se consideram todos os peixes, crustáceos, moluscos e plantas aquáticas. O camarão-tigre-gigante (*Penaeus monodon*) é a segunda espécie de camarão mais produzida, no entanto, com produção que vem reduzindo de forma consistente nos últimos anos, tendo atingido 695 mil toneladas em 2021.

Produção e mercado nacionais

De acordo com dados do IBGE³⁷, o Brasil produziu 113,3 mil toneladas de camarões marinhos em 2022, o que representa um aumento de 6% em relação ao ano anterior. Os estados com maior produção em 2022 foram o Ceará (61,3 mil toneladas) e o Rio Grande do Norte (25,2 mil toneladas). De acordo com os dados do IBGE, Santa Catarina se posiciona como o 10º maior produtor nacional de camarões marinhos.

De acordo com dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços³⁸, o Brasil importou 151,6 toneladas (US\$1,27 milhão) e exportou 387,5 toneladas (US\$3,7 milhões) de camarões³⁹ em 2022. Os dados não permitem identificar as proporções desses montantes que têm origem na pesca ou na aquicultura.

Produção e mercado estaduais

A produção de camarões marinhos⁴⁰ (*Penaeus vannamei*) em Santa Catarina em 2022 sofreu uma redução de 8,2% em relação à do ano anterior. Foram produzidas 228 toneladas, o que representa uma movimentação financeira bruta de R\$6,4 milhões, quando se considera o preço médio⁴¹ de R\$28,09/kg pago aos produtores.

³⁶ Food and Agriculture Organization of the United Nations - Global Aquaculture Production 1950-2021. Dados referentes a 2021. Disponível em: <https://www.fao.org/fishery/statistics-query/en/aquaculture>

³⁷ Sistema IBGE Cidades (Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>)

³⁸ Comex Stat. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/>

³⁹ Itens identificados como: “Camarões”, “Outros camarões, que não inteiros, congelados”, “Outros camarões inteiros, congelados”, “Camarões de água fria (*Pandalus* spp., *Crangon crangon*), vivos, frescos ou refrigerados”, “Camarões de água fria (*Pandalus* spp.) inteiros, congelados”, “Camarões de água fria, que não inteiros, congelados”, “Outros camarões, vivos, frescos ou refrigerados” e “Preparações e conservas de camarões, exceto não acondicionadas em recipientes hermeticamente fechados”.

⁴⁰ Os dados foram obtidos pelo técnico da Epagri Luiz Rodrigo Mota Vicente.

⁴¹ Preço médio em 2022 do quilograma de camarão cultivado (Fonte: Epagri/Cepa, Preços agrícolas mensais. Disponível em: <https://cepa.epagri.sc.gov.br/index.php/produtos/mercado-agricola/>)

A atividade contou com 16 produtores, sendo que 15 deles realizaram cultivos em viveiros escavados, com área alagada total de 172,2ha. O município líder em produção é Laguna, seguido por Imbituba e São Francisco do Sul (Figura 5). Dois produtores adotaram o sistema superintensivo em tanques elevados (um em Balneário Barra do Sul e um em Florianópolis).

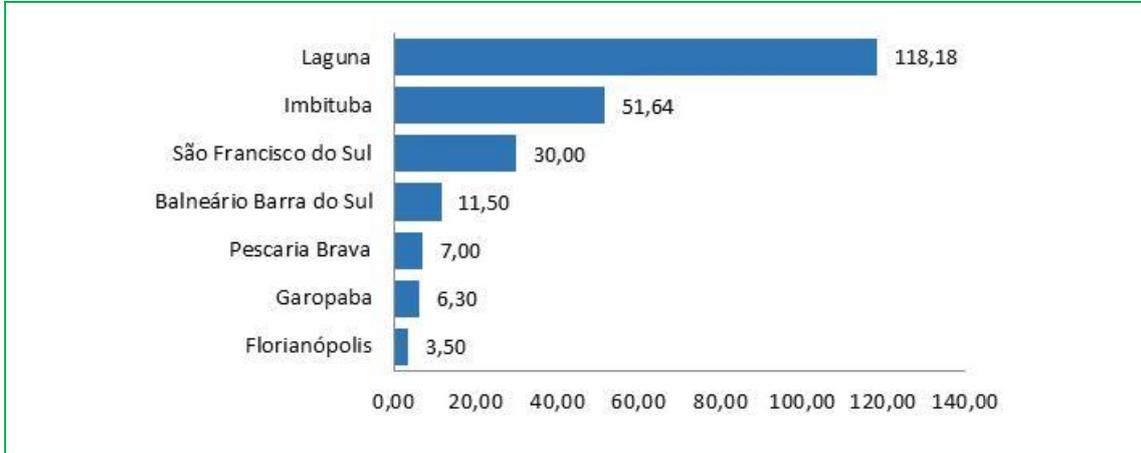


Figura 5. Aquicultura – Santa Catarina: produção de camarões marinhos por município – 2022 (tonelada)

Fonte: Epagri/Cedap, dezembro/2023



Macroalgas

Robson Ventura de Souza, Dr. Médico-veterinário, Epagri/Cedap
robsonsouza@epagri.sc.gov.br

Alex Alves dos Santos, MSc. Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cedap
alex@epagri.sc.gov.br

Produção mundial

De acordo com a FAO⁴², as macroalgas representaram 27,9% (35,17 milhões de toneladas) da produção da aquicultura mundial, sendo o segundo grupo mais importante em termos de volume de produção, atrás dos peixes. A produção de macroalgas cresceu menos que a aquicultura de forma geral, numa proporção de 0,26% entre 2020 e 2021. As algas kelp japonesas (13 milhões de toneladas) e as algas do gênero *Eucheuma* (7 milhões de toneladas) são os dois organismos mais produzidos pela aquicultura no mundo, quando se consideram de forma conjunta macroalgas, peixes, moluscos e crustáceos. Além destas, destacam-se entre os principais grupos produzidos pela aquicultura mundial as algas do gênero *Gracilaria* (5,8 milhões de toneladas), a Wakame (2,7 milhões de toneladas), a Nori (1,9 milhões de toneladas) e a *Kappaphycus* (1,5 milhões de toneladas).

Produção e mercado nacionais

De acordo com o Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA)⁴³, 17 empreendimentos em áreas cedidas pela União declararam-se produtores de algas no Brasil em 2022, dos quais 12 se dedicam à algicultura de forma exclusiva e cinco trabalham com cultivos multitróficos, integrando o cultivo de algas e moluscos. Desses, nove empreendimentos estão em SC, quatro no Rio de Janeiro, enquanto Ceará, Espírito Santo, Rio Grande do Norte e São Paulo possuem um empreendimento cada. O MPA informa ainda que foram produzidas 546,6 toneladas de algas no Brasil em 2022, sendo que uma proporção de 99,9% é da espécie *Kappaphycus alvarezii*. O principal produtor desta alga é o estado do Rio de Janeiro (421 toneladas), seguido por Santa Catarina (124 toneladas). Em uma proporção bem menor, o Ceará figura como terceiro colocado, tendo produzido 300kg de *Hypnea* sp. em 2022. Os dados mostram um aumento bastante significativo da produção tanto no Rio de Janeiro (mais que quadruplicou a produção), quanto em Santa Catarina. Os dados do MPA de número de produtores e volume de produção diferem dos dados levantados localmente pela Epagri (detalhados na seção “Produção e mercado estaduais”) e são apresentados aqui para permitir a comparação com os demais estados da Federação.

Os dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços⁴⁴ evidenciam que existe um importante comércio internacional envolvendo macroalgas no Brasil. O Brasil importou 4,8 mil toneladas (US\$ 46,6 milhões) e exportou 6,2 mil toneladas (US\$ 2,5 milhões) de algas⁴⁵ em 2022. Os dados não permitem identificar as proporções desses montantes que têm origem no extrativismo ou na aquicultura.

⁴² Food and Agriculture Organization of the United Nations - Global Aquaculture Production 1950-2021. Dados referentes a 2021. Disponível em: <https://www.fao.org/fishery/statistics-query/en/aquaculture>

⁴³ Boletim da Aquicultura em Águas da União - 2022. Dados dos Relatórios Anuais de Produção enviados por aquicultores que possuem contrato de cessão de uso de espaços físicos de águas da União para fins de aquicultura. Disponível em: https://www.gov.br/mpa/pt-br/assuntos/aquicultura/boletim-da-aquicultura-em-aguas-da-uniao-2013-2022-site_compressed.pdf

⁴⁴ Comex Stat. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/>

⁴⁵ Itens identificados como “Algas próprias para a alimentação humana”, “Outras algas, frescas, refrigeradas, congeladas ou secas”, “Carragenina (musgo-da-irlanda)”.

Produção e mercado estaduais

Os cultivos comerciais da macroalga *Kappaphycus alvarezii* em Santa Catarina foram autorizados pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) em 2020⁴⁶. A partir da regulamentação estadual⁴⁷ e de uma série de cursos sobre a tecnologia de cultivo promovidos pela Epagri e por seus parceiros, os primeiros cultivos comerciais foram estabelecidos no Estado. De acordo com dados levantados pela Epagri, na primeira safra, entre 2021 e 2022, foram produzidas 102,3 toneladas de algas, o que representa uma movimentação financeira bruta de R\$204,6 mil, quando se considera o preço médio de R\$2,00/kg de alga fresca pago aos produtores. Foram quatro produtores nesta safra, três em Florianópolis (58,5 toneladas produzidas) e um em Palhoça (43,8 toneladas). Já na segunda safra, entre 2022 e 2023, o número de algicultores envolvidos subiu para 22 e a produção praticamente triplicou, atingindo 300,35 toneladas produzidas⁴⁸. Algas foram produzidas desde São Francisco do Sul, no litoral norte do Estado, até Palhoça (Tabela 2). Considerando o valor de R\$2,80/kg pago aos produtores, esse montante representou uma movimentação financeira bruta de R\$840,9 mil.

Tabela 2. Aquicultura – Santa Catarina: área, número de produtores e produção de algas por município – 2023

Município	Área de produção(ha)	Número de produtores	Produção (t)
Florianópolis	5,68	10	188,30
Palhoça	2,98	5	92,20
Penha	0,20	3	7,15
Governador C. Ramos	0,35	1	6,00
Porto Belo	0,26	2	5,70
São Francisco do Sul	0,12	1	1,00
Total geral	9,59	22	300,35

Fonte: Epagri/Cedap, dezembro/2023

⁴⁶ Instrução Normativa IBAMA No 1, de 21 de janeiro de 2020.

⁴⁷ Nota Técnica Nº 102/2020 SAP/MAPA de 8 de outubro de 2020, que estabelece o “Procedimento para solicitação do cultivo e monitoramento da *Kappaphycus alvarezii* nos Parques Aquícolas de Santa Catarina”.

⁴⁸ Informações detalhadas podem ser obtidas em: Santos, A. A. (2023). Produção da macroalga *Kappaphycus alvarezii* em Santa Catarina, safra 2022/2023. *Agropecuária Catarinense*, 36(2), 7–9. Recuperado de <https://publicacoes.epagri.sc.gov.br/rac/article/view/1746>

Desempenho do setor florestal

Luiz Toresan – Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
toresan@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado mundiais

O comércio internacional de produtos florestais entra em novo ciclo de crescimento

A área coberta com florestas no mundo é de aproximadamente 4,1 bilhões de hectares, segundo a FAO. Rússia, Brasil, Canadá, Estados Unidos e China detêm mais da metade dessa área. A América do Sul possui mais de 20% da superfície florestada no mundo e o Brasil, com quase 500 milhões de hectares, é o segundo maior país detentor de área florestal (12% do total mundial). Ainda segundo a FAO, 150 milhões de hectares de florestas brasileiras são de áreas protegidas, o que representa mais de 20% de todas as áreas de florestas protegidas no mundo.

A área mundial de florestas comerciais cultivadas é estimada em quase 300 milhões de hectares. A China é o país maior detentor de florestas plantadas para fins comerciais, com 29% da área total. O Brasil, com quase 10 milhões de hectares plantados, é o oitavo colocado no *ranking* mundial dos países que cultivam florestas para fins comerciais.

Em todo o mundo são colhidos e consumidos anualmente cerca de quatro bilhões de m³ de madeira bruta destinados à transformação industrial ou ao uso como fonte de energia. Os 10 maiores países produtores de madeira bruta – EUA, Índia, China, Brasil, Rússia, Canadá, Indonésia, Etiópia, Congo e Alemanha - são responsáveis por 55% da produção mundial. Cerca da metade da produção total é consumida como energia e a outra parte é transformada pela indústria em diferentes produtos.

A produção florestal para consumo como fonte de energia, ainda que seja importante para centenas de países, também é concentrada em uma dezena deles, com destaque para a Índia com 15,2% do consumo mundial, seguida pela China, Brasil e diversos países da África e da Ásia. Na maior parte dos países o uso energético das florestas se dá pelo consumo de lenha na cocção de alimentos. No Brasil, além do uso da lenha para alimentar fogões nos domicílios ou caldeiras industriais, uma parcela importante do consumo é de lenha de eucalipto utilizada na produção de carvão vegetal pela indústria siderúrgica, em substituição ao carvão mineral.

O *Global Forest Sector Outlook 2050*, publicado pela FAO em 2023, prevê importante crescimento da produção de madeira para energia no mundo, no período 2020-2050, porém em ritmo menor que o consumo de madeira para transformação industrial. Segundo o relatório, a dinâmica e intensidade desse crescimento dependerá, substancialmente, do consumo futuro de lenha na África subsaariana e no sul da Ásia, bem como do futuro papel da biomassa moderna no fornecimento de energia renovável (*pellets, briquets*, etc.)

É importante destacar que vem crescendo no mundo o consumo da madeira como fonte energética após sua transformação em *pellets, briquets* e outras formas de aglomeração de partículas de madeira. A produção mundial desses produtos alcançou quase 54 milhões de toneladas em 2022 e, pela sua menor pegada de carbono e facilidade de uso, tem perspectiva de ter sua produção e consumo em forte crescimento nos próximos anos. Destacam-se em sua produção os EUA, Vietnã, Alemanha, Canadá, Brasil e Rússia, que juntos respondem por mais da metade da produção mundial.

A transformação industrial da madeira, com origem tanto de florestas plantadas quanto de nativas, vem consumindo nos últimos anos, em todo o mundo, cerca de 2 bilhões de m³ de

madeira em toras. Esse volume é transformado em madeira maciça desdobrada, painéis de madeira reconstituída, celulose e papel. Estados Unidos, Rússia, Brasil, China e Canadá são os maiores produtores, sendo responsáveis por mais da metade da produção mundial (Tabela 1). Nos últimos anos, dentre os países de maior produção, o Brasil é o que mais aumentou sua produção e a Rússia é o país que mais reduziu o volume produzido.

Segundo a FAO, as florestas temperadas e boreais naturais regeneradas fornecem mais de 40% da madeira de uso industrial, enquanto as florestas cultivadas, com baixa produtividade e cada vez mais localizadas no Hemisfério Sul, são responsáveis pelo fornecimento de quase a metade do volume consumido.

Tabela 1. Madeira em toras para transformação industrial⁽¹⁾ – Produção mundial segundo os principais países – 2018-22

País	2018	2019	2020	2021	2022
EUA	392.509.592	387.701.948	369.174.663	382.419.548,00	382.543.695
Rússia	219.568.546	203.193.943	203.193.943	209.290.000	182.082.000
Brasil	158.056.000	143.006.000	154.720.000	163.556.000	170.681.000
China Continental	169.639.000	147.366.000	166.397.000	165.881.000	165.881.000
Canadá	155.629.056	139.817.289	141.067.928	143.811.047	143.811.047
Indonésia	80.781.000	83.346.000	86.671.449	88.575.723	88.575.723
Suécia	67.712.000	69.000.000	69.000.000	71.400.000	71.200.000
Finlândia	52.873.678	54.123.509	58.436.086	59.378.688	56.534.325
Alemanha	60.530.434	55.653.634	51.190.924	57.802.850	56.251.261
Índia	49.517.000	49.517.000	49.517.000	49.517.000	49.517.000
Demais países	650.915.876	653.257.290	634.206.823	662.268.111	648.964.151
Total mundial	2.057.732.182	1.985.982.613	1.983.575.816	2.053.899.967	2.016.041.202

⁽¹⁾ Refere-se a toda madeira bruta em estado natural, incluindo madeira para serraria, fabricação de painéis reconstituídos, celulose e papel, além de outros fins industriais.

Fonte: FAO/Base de Dados Estatísticos, dezembro/2023

No citado relatório publicado pela FAO, é projetado um crescimento de 37% no consumo mundial de madeira bruta para transformação industrial até 2050, em relação ao consumo verificado em 2020, devendo ultrapassar 3,0 bilhões de m³ naquele ano. Essa projeção estima um crescimento na demanda pela matéria-prima maior que o observado entre 1990 e 2020, devendo aumentar o consumo *per capita* no período.

A projeção de um aumento expressivo na demanda por madeira para transformação industrial feita pela FAO se baseia na tendência histórica de consumo e na esperada substituição de materiais não renováveis como plásticos e fibras, de maior pegada de carbono, por produtos da madeira, de uso mais sustentável, do ponto de vista ambiental e climático.

Esse processo de crescimento do uso da madeira deverá criar espaço, segundo a FAO, para um importante aumento no consumo de madeira maciça e madeira engenheirada, acrescentando 230 milhões de m³ no consumo anual desses produtos, ao final do período (2020-2050). Para atender essa demanda adicional, a estimativa é de que seja necessário, além de aumentar a produtividade das florestas plantadas, acrescentar mais 33 milhões de hectares de novos plantios para fins comerciais em todo o mundo.

A madeira serrada, cuja expectativa de produção e consumo mundial é crescente para as próximas décadas, tem nos EUA e na China seus maiores produtores mundiais, com mais de uma terça parte da produção total (Tabela 2). No entanto, o enfraquecimento da atividade econômica observado nos últimos anos em grande parte dos países levou a uma queda na

produção mundial de madeira serrada, produto que tem a Rússia e o Canadá como os maiores exportadores mundiais. O Brasil é um dos dez maiores produtores mundiais e vem mantendo sua produção anual em níveis superiores a 10,0 milhões de m³.

Tabela 2. Madeira serrada – Produção mundial segundo os principais países – 2018-22

País	2018	2019	2020	2021	2022
EUA	81.997.600	82.471.700	79.133.603	80.705.000	81.676.000
China Continental	83.618.000	67.455.000	77.427.000	79.517.000	79.517.000
Rússia	42.701.000	44.766.000	41.797.065	41.797.065	38.000.000
Canadá	47.603.420	41.826.796	40.394.376	41.086.124	37.256.672
Alemanha	23.769.456	24.573.352	26.219.416	26.438.296	25.341.588
Índia	23.635.000	23.975.000	23.975.000	23.975.000	23.975.000
Suécia	18.373.000	18.730.000	18.500.000	19.140.000	18.970.000
Finlândia	11.850.000	11.390.000	10.916.000	11.966.000	11.273.000
Áustria	10.386.000	10.450.000	10.475.000	10.764.000	10.342.000
Brasil	10.240.000	10.100.000	10.000.000	10.000.000	10.000.000
Demais países	146.467.869	146.194.550	141.132.197	147.992.151	144.905.212
Total mundial	500.641.345	481.932.398	479.969.657	493.380.636	481.256.472

Fonte: FAO/Base de Dados Estatísticos, dezembro/2023

A celulose é um dos mais importantes itens do comércio internacional de produtos florestais. Sua produção, nos últimos anos, tem ficado um pouco abaixo das 200 milhões de toneladas anuais. A produção de celulose para mercado vem se deslocando do Hemisfério Norte para os países do Hemisfério Sul e a demanda de alguns países vem aumentando, em especial da China. Continua ocorrendo o fechamento de capacidade produtiva em países produtores tradicionais, como Canadá e Finlândia, e a expansão de capacidade de produção em países como Brasil e Uruguai.

Dentre os maiores produtores, China e Brasil foram os de maior crescimento na produção da *commodity*, enquanto EUA e Canadá apresentaram a maior redução (Tabela 3). O Brasil é o terceiro maior produtor mundial de celulose de mercado, após ter perdido nos últimos dois anos para a China o posto de segundo maior produtor.

Utilizando majoritariamente o eucalipto como matéria-prima, o Brasil se consolidou como o principal fornecedor mundial de celulose e é responsável por parcela expressiva do volume total exportado pelo conjunto dos países exportadores. Com sucessivas implantações e expansões de grandes plantas de produção, o Brasil vem ampliando sua participação nesse mercado, particularmente de celulose de fibra curta (de eucalipto), devendo aumentar seu market share nos próximos anos.

Os preços da celulose no mercado internacional apresentaram bastante oscilação nos últimos anos. Nos primeiros meses de 2023, os estoques existentes e o acréscimo de capacidade produtiva em alguns países provocaram queda dos preços tanto da celulose de fibra curta quanto da celulose de fibra longa, mantendo-se em baixos patamares ao longo de boa parte do ano. Nos últimos meses de 2023, a redução dos estoques internacionais e o aumento da procura por parte da China e da Europa abriram espaço às empresas exportadoras para aumentar seus preços, como ocorreu com as empresas brasileiras.

A celulose de eucalipto exportada pelo Brasil teve em 2023 um preço médio levemente inferior ao de 2022, mas os preços foram mais baixos até setembro, vindo a se recuperar nos últimos meses do ano. Para 2024, esperam-se níveis de preços no mercado internacional superiores aos praticados ao longo de 2023.

Tabela 3. Celulose de mercado – Produção mundial segundo os principais países – 2018-22

País	2018	2019	2020	2021	2022
EUA	52.186.107	50.955.984	49.903.029	48.565.000	46.657.000
China Continental	17.576.000	18.557.000	20.187.000	23.625.000	26.730.000
Brasil	21.148.000	19.755.000	21.016.000	22.568.000	25.032.000
Canadá	16.210.000	16.235.000	13.960.000	14.300.000	13.620.000
Suécia	11.514.000	11.595.143	11.566.926	11.233.640	11.323.926
Finlândia	11.660.000	11.200.000	10.120.000	10.960.000	10.520.000
Indonésia	8.234.000	8.189.000	8.974.440	8.979.583	8.979.583
Rússia	8.679.000	8.327.000	8.865.000	8.924.865	8.869.329
Japão	8.644.000	8.390.000	7.071.000	7.620.000	7.573.000
Índia	6.126.800	6.126.800	6.126.800	6.126.800	6.126.800
Demais países	34.498.065	33.583.945	33.680.273	33.837.411	33.138.982
Total mundial	196.475.972	192.914.872	191.470.468	196.740.299	198.570.620

Fonte: FAO/Base de Dados Estatísticos, dezembro/2023

Na produção de papéis, a China e os EUA lideram a produção mundial, com mais de 45% do total (Tabela 4), sendo igualmente os maiores consumidores mundiais de papel, em suas diversas formas. Nos últimos anos, os EUA e o Japão tiveram importantes reduções em seus níveis de produção, enquanto a China vem apresentando fortes aumentos de volume produzido, daí suas crescentes importações de celulose. O Brasil, apesar de grande produtor, tem pouca participação nesse mercado, sendo exportador de papéis para embalagem e importador de papel para imprimir.

Tabela 4. Papel e papel cartão – Produção mundial segundo os principais países – 2018-22

País	2018	2019	2020	2021	2022
China Continental	104.350.000	107.650.000	113.100.000	121.100.000	124.320.000
EUA	70.891.067	68.156.810	66.239.000	67.475.350	65.257.000
Japão	26.056.000	25.376.000	22.702.000	22.910.000	22.686.000
Alemanha	22.681.549	22.080.042	21.348.480	23.127.062	21.611.516
Índia	17.235.000	16.843.000	16.438.000	16.862.800	16.797.660
Indonésia	11.803.369	11.953.369	11.953.369	11.953.369	11.953.369
Brasil	10.433.000	10.534.000	10.184.000	10.666.000	11.040.000
Coréia do Sul	11.529.000	10.647.000	10.818.000	10.977.000	10.697.000
Rússia	9.048.000	9.149.990	9.526.987	9.511.743	9.292.578
Canadá	10.142.000	9.473.000	8.665.400	9.195.400	8.994.400
Demais países	115.014.996	113.092.573	109.150.980	114.624.619	111.444.803
Total mundial	409.183.981	404.955.784	400.126.216	418.403.343	414.094.326

Fonte: FAO/Base de Dados Estatísticos, dezembro/2023

Outra indústria bastante desenvolvida, e em crescimento no mundo, é a de painéis de madeira, com seus diversos tipos. A produção nos últimos anos tem variado entre 360 e 380 milhões de m³ por ano e teve seu crescimento limitado pela redução do ritmo da construção de moradias na China e nos EUA, atividade que mais gera demanda por essas matéria-primas. Nos últimos quatro anos, Índia, Turquia, Brasil e Tailândia apresentaram crescimento na produção, enquanto Estados Unidos e Canadá reduziram o volume produzido (Tabela 5). A China, com 40% da produção mundial, é, com larga folga, o grande produtor e consumidor de painéis fabricados de madeira.

Tabela 5. Painéis de madeira – Produção mundial segundo os principais países – 2018-22

País	2018	2019	2020	2021	2022
China Continental	145.052.000	152.406.000	154.541.000	154.762.000	151.781.000
EUA	34.244.962	34.353.377	33.406.996	33.738.169	33.287.357
Rússia	16.242.000	16.239.000	15.725.000	18.429.000	15.831.000
Índia	11.676.200	12.286.200	13.226.200	13.606.200	15.486.200
Turquia	9.512.000	9.512.000	9.021.000	11.200.000	12.570.000
Brasil	11.462.000	11.793.000	12.879.000	14.935.000	12.506.000
Alemanha	12.381.940	12.515.558	12.690.846	13.525.395	11.968.002
Polônia	11.368.622	11.974.387	11.807.066	13.452.971	11.855.000
Canadá	12.295.828	12.795.426	11.007.000	11.934.675	11.774.613
Tailândia	7.779.900	8.180.324	7.838.640	9.980.640	9.759.640
Demais países	86.505.229	84.238.487	82.431.203	92.366.265	88.470.424
Total mundial	358.520.681	366.293.759	364.573.951	387.930.315	375.289.236

Fonte: FAO/Base de Dados Estatísticos, dezembro/2023

O comércio internacional de produtos florestais teve um forte incremento em 2021 e 2022, recuperando-se das quedas dos anos anteriores e estabelecendo novos recordes. Segundo levantamentos da FAO, em 2022 ultrapassou 300 bilhões de dólares transacionados em exportações e importações (Tabelas 6 e 7).

Com um comércio bastante pulverizado, com muitos países exportando e/ou importando mais de um bilhão de dólares por ano, Canadá, Estados Unidos e Alemanha são os maiores exportadores, enquanto China, EUA e Alemanha são os maiores importadores. A China é o grande importador mundial, mas os Estados Unidos e a Alemanha são os países que apresentam o maior grau de abertura comercial no mercado de produtos de origem florestal, exportando e, ao mesmo tempo, importando grandes montantes.

Canadá, Suécia, Brasil, Finlândia, Rússia, Indonésia e Bélgica são os países com os mais elevados superávits comerciais de produtos de origem florestal, enquanto China, Reino Unido, Itália, Japão e França são os que apresentam os maiores déficits comerciais. O Brasil vem ampliando, de forma consistente, seu espaço nesse mercado e está se aproximando dos países tradicionalmente exportadores, como Canadá, Suécia, Finlândia e Rússia.

Tabela 6. Produtos florestais – Valor das exportações mundiais segundo os principais países – 2018-22

País	2018	2019	2020	2021	2022
Canadá	25.749.772	21.004.239	20.782.937	30.952.515	29.619.502
EUA	28.270.086	24.330.728	22.232.718	26.824.841	29.491.320
Alemanha	22.200.441	20.764.913	19.722.026	24.421.565	26.025.977
China Continental	13.258.120	11.839.074	11.850.241	14.735.687	17.835.627
Suécia	14.442.935	13.737.399	13.592.454	17.087.636	17.279.180
Finlândia	14.680.649	13.097.636	10.994.620	14.409.206	14.268.949
Brasil	12.376.652	11.595.052	9.875.440	11.811.816	14.199.009
Rússia	12.455.089	11.210.297	10.775.980	14.803.487	12.748.339
Indonésia	9.732.215	9.583.131	8.802.039	10.444.607	11.278.025
Áustria	7.217.042	6.630.665	6.092.562	8.154.695	8.718.780
Demais países	112.749.894	101.036.933	91.877.119	119.902.726	127.646.659
Total mundial	273.132.895	244.830.067	226.598.136	293.548.781	309.111.367

Fonte: FAO/Base de Dados Estatísticos, dezembro/2023

Tabela 7. Produtos florestais – Valor das importações mundiais segundo os principais países – 2018-22
(US\$ mil)

País	2018	2019	2020	2021	2022
China Continental	53.249.855	43.955.639	41.963.597	49.565.780	48.837.925
EUA	26.906.093	23.207.681	24.500.486	36.545.196	38.959.241
Alemanha	20.137.691	17.781.391	16.050.611	19.632.252	21.108.938
Reino Unido	11.012.566	10.587.062	9.590.618	11.739.405	14.127.169
Itália	10.914.020	9.570.769	7.874.810	10.594.300	14.072.233
Japão	11.181.297	10.701.770	8.551.397	10.709.809	12.702.110
França	9.121.611	8.273.612	8.629.272	10.918.776	12.227.496
Polônia	6.103.370	5.480.911	5.735.719	7.680.948	8.710.616
Índia	6.914.630	6.767.174	4.505.833	6.636.766	8.286.246
Países Baixos (Holanda)	6.149.868	5.545.517	5.562.007	7.217.859	7.198.593
Demais países	124.176.200	112.168.447	101.398.223	128.669.533	142.563.600
Total mundial	285.867.201	254.039.973	234.362.573	299.910.625	328.794.167

Fonte: FAO/Base de Dados Estatísticos, dezembro/2023

Produção e mercado nacionais

Exportações de papel e celulose têm forte crescimento

O valor da produção florestal brasileira somou 260,0 bilhões de reais em 2022, com Valor Adicionado Bruto (VAB) setorial de 107,2 bilhões de reais (1,3% do total da economia brasileira), segundo a Indústria Brasileira de Árvores (IBÁ). A indústria brasileira de base florestal é competitiva no mercado internacional e tem importante presença na pauta de exportações do País. Com quase toda a madeira utilizada como matéria-prima produzida em florestas cultivadas, os produtos de origem florestal renderam ao Brasil 14,4 bilhões de dólares em exportações em 2023.

Produção e consumo de matéria-prima florestal

Consumo industrial de matéria-prima segue crescendo

A área cultivada com espécies florestais no Brasil em 2022 somou 9,5 milhões de hectares, segundo o IBGE. Os destaques são os plantios de eucalipto e de pínus para o fornecimento de madeira e fibras para aproveitamento energético e transformação industrial. Esses cultivos constituem, respectivamente, 77,3% e 18,7% das áreas plantadas. Minas Gerais, com quase 2,1 milhões de hectares, tem a maior parte de sua área plantada com eucalipto, que é usado, em sua maior parte, para fins energéticos na siderurgia. Nos demais estados com grandes áreas de florestas cultivadas, os plantios destinam-se principalmente à produção de celulose, papel, painéis de madeira e ao processamento mecânico.

No Paraná e em Santa Catarina predominam os plantios de pínus, enquanto nos demais estados com grandes áreas cultivadas, o eucalipto é a espécie mais plantada (Figura 1). Também são cultivados para fins comerciais cerca de 380 mil hectares de outras espécies, com destaque para a acácia, o paricá, a teca, o mogno africano, a seringueira e a araucária.

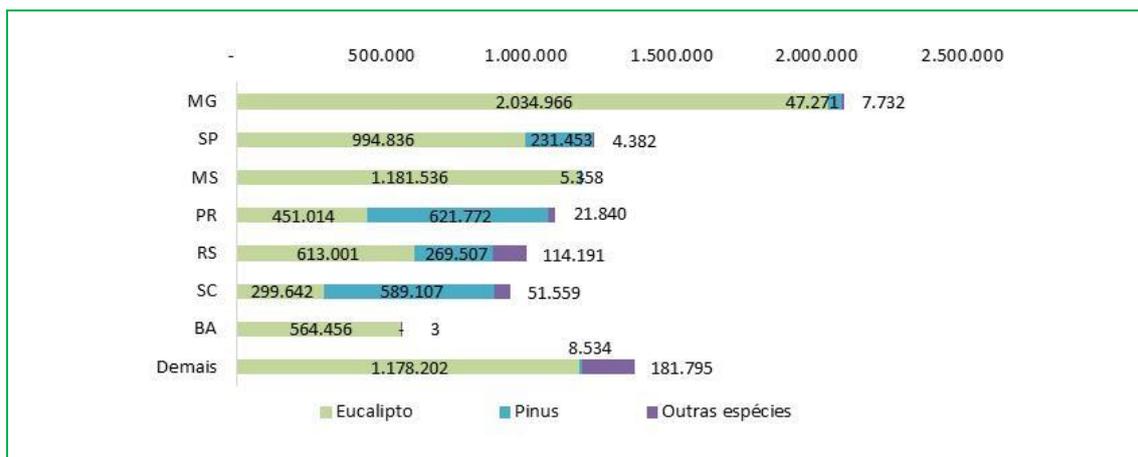


Figura 1. Área plantada com pinus, eucalipto e outras espécies no Brasil em 2022, segundo os principais estados (ha)

Fonte: IBGE/PEVS, dezembro/2023

O valor da produção primária dos produtos e matérias-primas de origem florestal no Brasil alcançou R\$32 bilhões em 2022, sendo R\$26,3 oriundo da silvicultura brasileira e R\$5,7 bilhões de origem extrativa das espécies nativas. Nos últimos três anos o crescimento em valor foi bastante expressivo devido ao aumento do volume colhido de toras para processamento industrial e, principalmente, ao aumento dos preços dessa matéria-prima (Tabelas 8 e 9).

Tabela 8. Silvicultura e extração vegetal – Brasil: valor da produção – 2018-22

(mil reais)

Produtos	2018	2019	2020	2021	2022
Produtos da Extração vegetal	3.801.527	4.052.437	4.274.162	5.700.958	5.708.892
Açaí	592.039	589.351	694.306	770.972	830.126
Castanha-do-pará	130.911	135.813	98.551	137.411	170.006
Erva-mate	399.783	403.226	559.701	761.864	648.510
Palmito	15.654	17.038	18.090	19.039	73.950
Pinhão	24.908	28.358	40.984	44.420	51.798
Carvão vegetal	261.250	318.753	357.257	465.564	516.886
Lenha	524.280	500.850	526.768	579.327	662.805
Madeira em toras	1.852.702	2.059.048	1.978.505	2.922.361	2.754.811
Produtos da silvicultura	15.937.580	15.082.336	18.417.061	22.800.254	26.337.895
Madeira em toras p/papel e celulose	5.103.263	4.581.148	5.810.540	7.229.365	9.075.537
Madeira em toras p/outras finalidades	4.620.862	4.414.197	4.911.337	6.326.263	6.682.081
Carvão vegetal	4.077.824	3.924.562	5.406.653	6.585.170	7.031.517
Lenha	2.135.631	2.162.429	2.288.531	2.659.456	3.548.760
Total	19.739.107	19.134.773	22.691.223	28.486.539	32.046.787

Fonte: IBGE/PEVS, dezembro/2023

Em 2022, foram processados 158,3 milhões de metros cúbicos de toras pela indústria brasileira, oriundas de florestas plantadas, um crescimento de 6,5% em relação a 2021 (Tabela 9). A indústria de papel e celulose e de painéis de madeira consome mais da metade do eucalipto produzido, enquanto os segmentos de processamento mecânico no país consomem a maior parte das toras de pinus.

Tabela 9. Brasil – Produção dos principais produtos de origem florestal – 2017-22

Produto	Unidade de medida	2017	2018	2019	2020	2021	2022
Extração vegetal							
Carvão vegetal	mil t	432	339	372	374	442	466
Lenha	mil m ³	21.476	20.087	19.215	19.322	19.075	19.723
Madeira em tora	mil m ³	12.219	11.617	12.096	11.379	14.808	12.400
Erva-mate	mil t	384	347	372	426	506	442
Açaí (fruto)	mil t	220	222	223	220	227	247
Castanha-do-pará	mil t	23	34	33	33	33	38
Palmito	mil t	4	4	4	4	4	15
Pinhão	mil t	9	10	9	11	12	13
Silvicultura							
Carvão vegetal	mil t	5.093	6.091	6.018	6.184	6.859	7.125
Lenha	mil m ³	54.902	52.518	51.222	50.359	51.573	52.764
Madeira p/papel e celulose	mil m ³	87.192	92.716	79.555	87.744	89.111	99.694
Madeira p/outras finalidades	mil m ³	51.543	53.723	51.356	55.597	59.443	58.590

Fonte: IBGE/PEVS, dezembro/2023

Indústria de madeira, painéis e móveis de madeira

Após forte crescimento nas exportações de madeira serrada e compensada de pinus em 2020 e 2021, os volumes embarcados retornam aos patamares anteriores

A indústria de madeira sólida tem o pinus como principal fonte de matéria-prima. Em 2023, o valor das exportações brasileiras de madeira sólida e seus produtos (incluindo móveis) foi de US\$4,1 bilhões, 25,7% a menos que em 2022. A redução ocorreu nos volumes exportados e, principalmente, nos preços médios dos produtos embarcados.

Os EUA e o México são os principais destinos das madeiras serrada e compensada exportadas pelo Brasil. As vendas de serrados e compensados de pinus ao exterior, após um longo período de crescimento, sofreram retração a partir de 2022. Em 2023 houve uma queda de 8,7% e 7,3% no volume embarcado de madeira serrada e compensada de pinus, respectivamente (Figura 2). A elevação dos juros nos Estados Unidos, inibindo as atividades da construção civil, com maior oferta de madeira produzida no sul dos EUA, dificultou as vendas de madeira brasileira para aquele país.



Figura 2. Exportações brasileiras de madeira serrada e compensada de pinus (t) – 2007-23

Fonte: ME/SECEX – Comex Stat, janeiro/2024

No Brasil a indústria moveleira é um grande consumidor de madeira. Em 2023, as exportações de móveis de madeira tiveram um decréscimo de 13,6% no valor embarcado em relação a 2022, que também sofreu queda em relação a 2021. Isso mostra uma possível reversão do movimento de recuperação das exportações brasileiras de móveis, revelada a partir de 2016 (Figura 3).

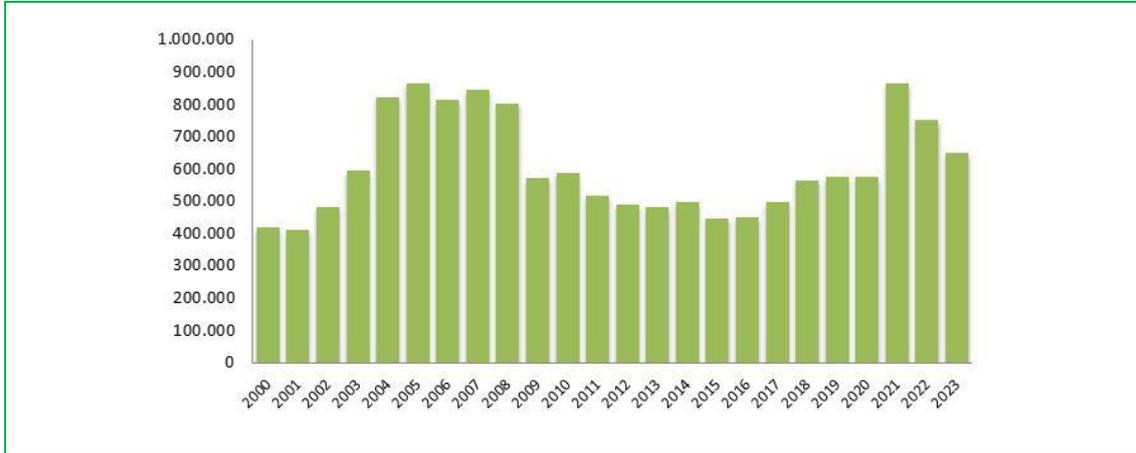


Figura 3. Valor das exportações brasileiras de móveis de madeira – 2000-23

Fonte: ME/SECEX – Comex Stat, janeiro/2024

Outro item importante das exportações da indústria da madeira do Brasil são as portas, janelas e pisos. Essa produção, em geral de pinus, ocorre principalmente nos estados de Santa Catarina e Paraná. Em 2023, foram embarcadas nos portos brasileiros 201 mil toneladas desses produtos, no montante de US\$425,0 milhões, valor dois terços menor que o de 2022.

Um segmento de destaque da indústria da madeira é o de produção de painéis de madeira reconstituída. Esses painéis são utilizados basicamente na construção civil e pela indústria de móveis, sendo o MDF o produto mais importante. A indústria de painéis no Brasil é composta por grandes unidades produtoras, e se concentra nas regiões Sul e Sudeste. Em 2022, houve um decréscimo de 8,8% nessa produção, provocado pela redução do consumo doméstico. Nos primeiros nove meses de 2023, a produção brasileira de todos os tipos de painéis foi de 6 mil m³, uma queda de 7,6% em relação a igual período do ano anterior. Essa queda foi resultado da forte redução do volume exportado, uma vez que o consumo interno ficou semelhante ao do ano anterior (Tabela 10)

Tabela 10. Painéis de madeira – Brasil: produção, importação, exportação e consumo aparente – 2019-23

Produto	Discriminação	(mil m ³)					Variação 22-23 (%) ⁽²⁾
		2019	2020	2021	2022	2023 ⁽¹⁾	
Painéis de madeira (MDF, MDP e Harboard)	Produção	7.723	8.223	9.476	8.450	5.999	-7,6
	Importação	9	14	46	5	1	-66,1
	Exportação	1.025	1.085	1.270	1.458	761	-39,1
	Consumo aparente	6.704	7.152	8.252	6.997	5.239	-0,1

⁽¹⁾ Período jan-set.

⁽²⁾ Período jan-set.

Fonte: IBÁ, janeiro/2024

Indústria de papel e celulose

Queda na produção e nas exportações em 2023

O volume de papéis e embalagens produzido no Brasil, que havia crescido 3,5% em 2022, teve decréscimo em 2023 (Tabela 11). Houve um crescimento no consumo doméstico, mas a forte queda nas exportações restringiu os níveis de produção. O item mais importante é o grupo das embalagens de papel, que teve forte redução das vendas ao exterior.

Na indústria de celulose de mercado, após um crescimento de quase 11% na produção em 2022, houve uma redução do volume produzido em 2023 (Tabela 11). A maior parte do que é produzido é exportado (cerca de 75%) e a demanda internacional tem se mostrado crescente ao longo do tempo.

O Brasil é bastante competitivo no mercado internacional de celulose de fibra curta, produzida com madeira de eucalipto, sendo o maior exportador mundial do produto. Em 2023, o preço médio FOB da celulose exportada pelo Brasil foi de US\$415,24 por tonelada, 1,8% menor que em 2022. A China é o principal destino, tendo importado 9,6 milhões de toneladas em 2023, a metade do volume exportado pelo País. Para os EUA, o segundo maior importador, foram embarcados 2,7 milhões de toneladas em 2023.

Os principais estados exportadores são Mato Grosso do Sul, São Paulo, Bahia e Espírito Santo, unidades da Federação que abrigam grandes plantas industriais de produção da *commodity*.

Tabela 11. Papel e celulose – Brasil: produção, importação, exportação e consumo aparente – 2019-23

Produto	Discriminação	(mil toneladas)					Variação 22-23 (%) ⁽²⁾
		2019	2020	2021	2022	2023 ⁽¹⁾	
Papel e embalagens de papel	Produção	10.535	10.184	10.666	11.038	8.056	-2,5
	Importação	682	550	597	547	403	2,5
	Exportação	2.163	2.091	2.061	2.494	1.599	-19,6
	Consumo aparente	9.054	8.643	9.202	9.093	6.860	2,9
Celulose	Produção	19.691	20.953	22.505	24.969	18.082	-2,8
	Importação	253	185	165	140	104	-4,0
	Exportação	14.726	15.628	15.689	19.149	13.656	-3,6
	Consumo aparente	5.218	5.510	6.981	5.960	4.530	-0,4

⁽¹⁾ Período jan-set.

⁽²⁾ Período jan-set.

Fonte: IBÁ, janeiro/2024

As empresas no Brasil seguem a passos largos um movimento de expansão da produção e das exportações de celulose de eucalipto. Vários projetos de aumento de capacidade produtiva estão sendo implantados no País. No Mato Grosso do Sul, que possui três grandes plantas em funcionamento, duas novas estão sendo implantadas e pelo menos dois novos projetos estão sendo planejados. Esses grandes investimentos vão transformar aquele estado no maior polo mundial de produção da *commodity*, com produção anual superior a 10 milhões de toneladas.

Produção e mercado estaduais

Após dois anos de desempenho excepcional, as exportações de produtos florestais tem forte queda e retornam aos patamares anteriores

Área cultivada com florestas de plantio comercial

Área plantada com pinus e eucalipto decresce em Santa Catarina e compromete a expansão da indústria florestal

A área cultivada com florestas plantadas para fins comerciais em Santa Catarina em 2022 foi estimada pelo IBGE em 940,3 mil hectares, cerca de 10,0% da área total reflorestada no Brasil. Desse montante, 62,7% é com pinus, 31,9% com eucalipto e 5,5% com outras espécies. São quase 50 mil estabelecimentos agropecuários que cultivam espécies florestais para produção de madeira no Estado. As regiões Serrana, Oeste Catarinense e Norte Catarinense detêm quase 80% dos plantios. Santa Cecília, Lages, Otacílio Costa, Rio Negrinho e Caçador são os municípios com as maiores áreas cultivadas (ACR, 2022).

Os levantamentos anuais realizados nos últimos anos pelo IBGE vêm detectando uma redução na área plantada com florestas no Estado, tanto de eucalipto quanto de pinus (Figura 4). Essa redução é reflexo dos baixos preços pagos pela madeira bruta entre 2012 e 2020 e dos bons preços pagos pelos grãos nos últimos anos, vindo a estimular muitos produtores florestais a converter áreas de pinus e eucalipto em áreas de grãos.

A falta de crescimento da área cultivada para produção de madeira gera preocupação quanto à capacidade futura de expansão da indústria da madeira e de móveis em Santa Catarina. As grandes empresas que operam de forma mais ou menos verticalizadas têm se esforçado na ampliação de suas áreas de cultivo, de modo a sustentar seus programas de expansão. No entanto, as pequenas e médias madeireiras e processadoras da matéria-prima, que são em grande número, possuem poucos ou não possuem plantios próprios de florestas e poderão vir a ter dificuldade de se abastecer e ver comprometida sua capacidade de crescimento ou, até mesmo de operar, devido à escassez desse suprimento. Os significativos embarques de toras de eucalipto para o exterior, que ocorreram últimos anos, podem trazer mais dificuldades pela frente no abastecimento do setor industrial com esta madeira.

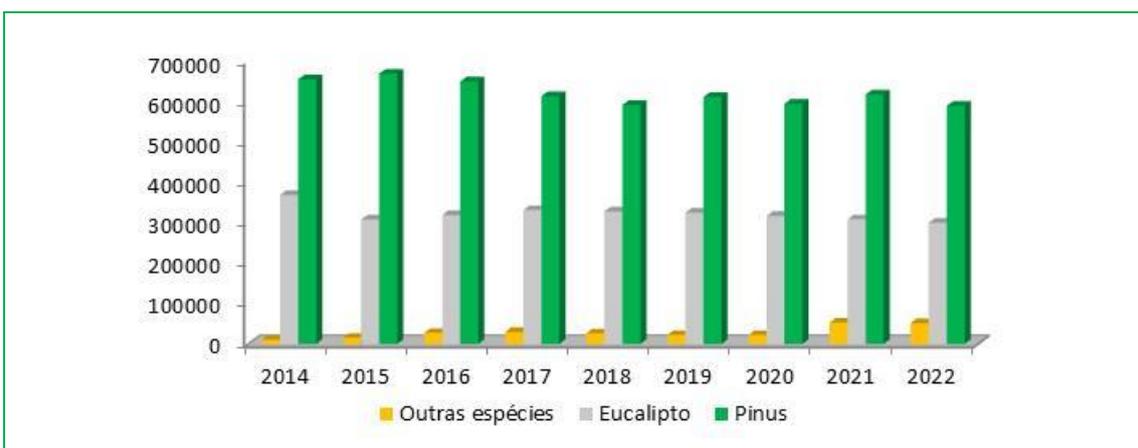


Figura 4. Santa Catarina – Área cultivada com florestas comerciais – 2014-22

Fonte: IBGE/PEVS, dezembro/2023

Produção catarinense de matérias-primas de origem florestal

A colheita de madeira bruta tem crescido nos últimos anos

A produção de madeira em Santa Catarina, em 2022, foi de mais de 27,4 milhões de m³, 2,6% maior que a de 2021, segundo o IBGE (Tabela 12). Desse montante, 71,2% se destina à transformação e ao processamento industrial, o restante é utilizado como lenha. O consumo de toras pela indústria florestal voltou a crescer nos últimos anos, segundo o levantamento da Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura (PEVS) do IBGE (Figura 5). Em 2023, estima-se ter havido uma queda expressiva no consumo de madeira pela indústria catarinense, especialmente na indústria de processamento mecânico, devido às grandes dificuldades apresentadas pelo setor exportador ao longo do ano.

Tabela 12. Silvicultura – Santa Catarina: produção dos principais produtos – 2017-22

Produto	Unidade de medida	2017	2018	2019	2020	2021	2022
Carvão vegetal	mil t	11	12	12	12	13	13
Lenha	mil m ³	9.126	8.333	8.514	8.285	7.690	7.926
Madeira p/papel e celulose	mil m ³	7.583	6.303	6.189	6.433	6.511	6.663
Madeira p/outras finalidades	mil m ³	10.563	11.007	10.974	11.442	12.493	12.830

Fonte: IBGE: PEVS, dezembro/2023

O volume de madeira utilizado pela indústria de processamento mecânico (serrados, laminados, compensados e produtos acabados) e de painéis de madeira processada (MDF, OSB, MDP e HDF), que apresentou importante crescimento em 2021, aumentou apenas 1,1% em 2022 e sofreu importante redução em 2023, conforme já indicado. O consumo doméstico desses produtos pouco ajudou e o menor volume dos embarques ao exterior fez reduzir a produção.

O consumo de madeira para fabricação de papel e celulose vem se mantendo em cerca de 6,5 milhões de m³ nos últimos anos (IBGE/PEVS).

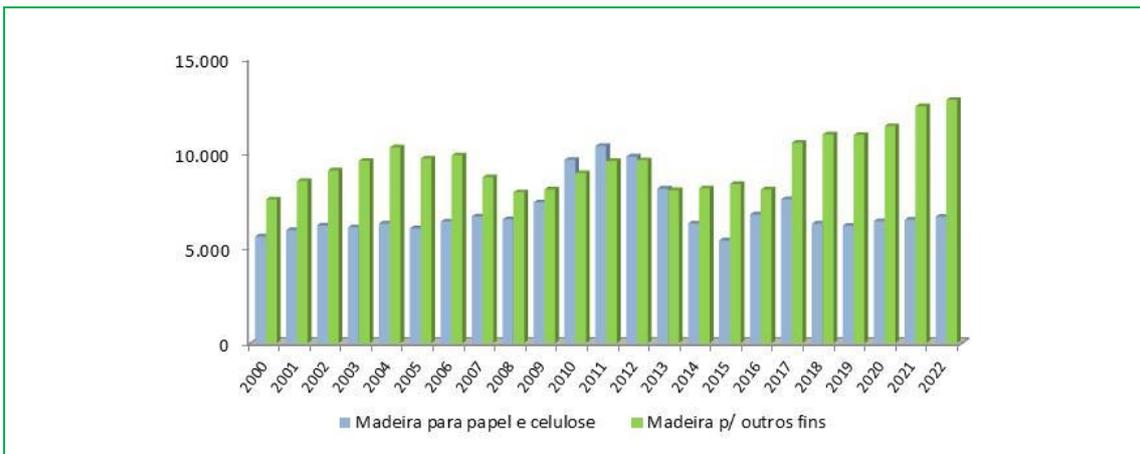


Figura 5. Santa Catarina – Produção de madeira em toras, segundo o destino na indústria – 2000-22

Fonte: IBGE/PEVS, dezembro/2023

O pínus é a espécie mais utilizada na indústria catarinense, representando 85% do consumo industrial. Quase toda a madeira utilizada na fabricação de celulose, papel e embalagens é de pínus. As plantações de eucalipto fornecem cerca de 90% da madeira para uso energético no

Estado, como a lenha e o carvão vegetal. Em 2022, o volume de lenha produzido foi 3,1% maior que o de 2021 e a produção de carvão foi semelhante à do ano anterior (Tabela 12).

A produção das florestas cultivadas respondeu por 4,4% do valor da produção da agropecuária catarinense em 2022. O valor da produção da silvicultura foi de R\$2,47 bilhões, representando um ligeiro crescimento em relação a 2021 (Tabela 13). A colheita de madeira para processamento mecânico e para produção de painéis de madeira representou 66% do valor total da madeira produzida.

Tabela 13. Silvicultura – Santa Catarina: valor da produção – 2017-22

(mil reais)						
Tipo de produto da silvicultura	2017	2018	2019	2020	2021	2022
Carvão vegetal	14.132	16.107	17.034	19.541	26.060	29.720
Lenha	328.113	300.457	319.159	325.869	369.807	437.127
Madeira em toras p/papel e celulose	320.511	287.173	278.111	313.318	388.642	395.771
Madeira em toras p/outras finalidades	957.818	874.873	924.998	1.062.752	1.561.099	1.605.643
Total	1.620.574	1.478.610	1.539.302	1.721.480	2.345.608	2.468.261

Fonte: IBGE: PEVS, dezembro/2023

Preços das matérias-primas florestais

Mercado fraco para os produtos da madeira reverte a pressão altista dos preços da matéria-prima

Ao longo de 2023 as empresas de base florestal tiveram dificuldades de colocar seus produtos no mercado, especialmente as exportadoras. Com isso, os preços da matéria-prima básica – as toras de madeira – sofreram reversão do movimento altista, observado desde meados de 2021, e tiveram queda nominal em 2023. A redução dos preços foi mais visível nas toras de pinus, que após forte alta entre meados de 2021 e agosto/setembro de 2022, tiveram preços médios em 2023 significativamente menores que em 2022. Nas toras de pinus das bitolas mais consumidas em serrarias – diâmetro de 18cm a 24cm e entre 25cm a 34 cm – os preços médios pagos para árvores em pé foram, respectivamente, 12,2% e 16,2% menores que os observados em 2022 (Tabela 14).

Os preços praticados na aquisição das toras finas de pinus pela indústria de papel e celulose e de painéis de madeira reconstituída subiram até meados de 2023, mas não se sustentaram e fecharam o ano em níveis bem inferiores. Na média anual, a queda foi de 5,2% em 2023, em relação a 2022. Também nesse caso a queda das vendas externas de seus produtos reduziu a demanda da matéria-prima para fornecimento de terceiros, provocando conseqüentemente queda dos preços.

As três figuras seguintes mostram o comportamento dos preços das principais matérias-primas utilizadas pela indústria florestal em um horizonte de tempo mais alongado e sem os efeitos da inflação. A Figura 6 revela a evolução mensal dos preços das toras de pinus vendidas para serrarias em Santa Catarina, em três tipos de bitola, com valores corrigidos para dezembro de 2023. No gráfico, pode-se observar um forte aumento dos preços dessas toras a partir de maio de 2021, movimento que perdurou até agosto/setembro de 2022. Após um período de queda até o início de 2023, os preços voltaram a subir nos meses seguintes, mas não se sustentaram nos últimos meses do ano.

Tabela 14. Produção florestal – Santa Catarina: preço médio das matérias-primas, em pé – 2019-23 (R\$/unidade)

Produto	Unidade	2019	2020	2021	2022	2023
Lenha de eucalipto ⁽¹⁾	m estéreo	51,91	57,50	59,52	75,85	87,93
Madeira de pinus para celulose (8 a 17cm de diâmetro (em pé)	t	7,69	8,03	16,69	46,71	44,31
Madeira em tora de eucalipto - até 30cm de diâmetro (em pé)	t	34,42	42,81	55,44	55,30	56,17
Madeira em tora de eucalipto - 31cm de diâmetro e mais (em pé)	t	57,65	59,75	69,63	69,16	68,51
Madeira em tora de pinus - 18 a 24cm de diâmetro (em pé)	t	41,72	48,74	90,49	146,07	128,27
Madeira em tora de pinus - 25 a 34cm de diâmetro (em pé)	t	73,66	81,42	134,12	207,96	174,38
Madeira em tora de pinus - 35cm de diâmetro e mais (em pé)	t	147,89	161,89	220,95	317,49	274,86

⁽¹⁾ Posto na indústria.

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2024

Todo esse movimento esteve relativamente alinhado ao comportamento dos preços da madeira serrada nos EUA a partir da pandemia, que passou por forte crescimento e alta volatilidade, vindo a se acomodar em patamares mais próximos a seus níveis históricos. A influência dos preços da madeira nos EUA sobre os preços das toras em Santa Catarina é esperada, uma vez que aquele país é destino de grande parte da exportação catarinense de madeira e seus produtos.



Figura 6. Santa Catarina – Evolução dos preços reais das toras de pinus para serraria, em pé, segundo as bitolas – jun./17-dez./23 (preços de dez./2023)

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2024

As toras finas de pinus utilizadas para papel e celulose e fabricação de painéis de madeira reconstituída tiveram preços decrescentes entre 2017 e início de 2021. A partir de abril de 2021, os preços dessa matéria-prima passaram por um processo acelerado de alta até agosto de 2022, se mantiveram em patamares elevados até meados de 2023, quando o ciclo se reverteu para quedas sucessivas, fechando o ano nos níveis de dois anos atrás (Figura 7).

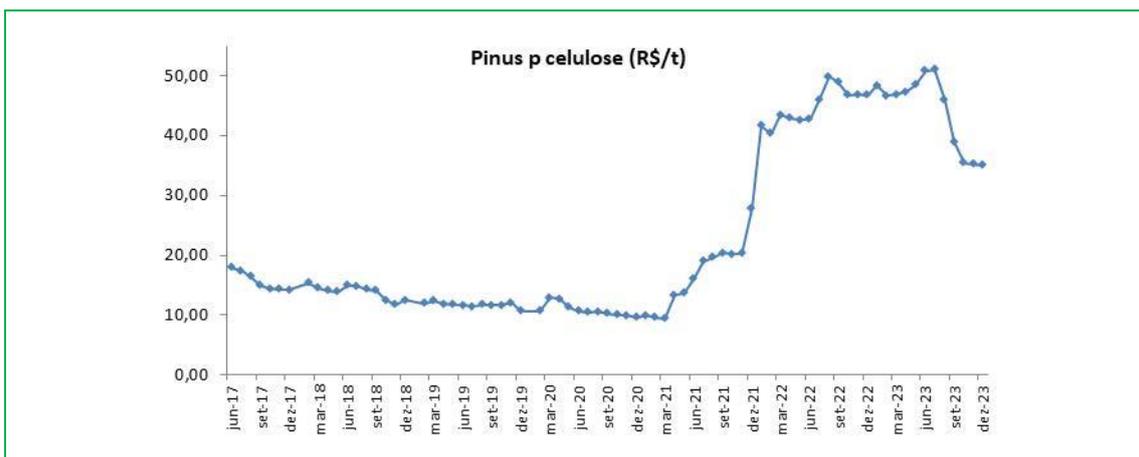


Figura 7. Santa Catarina – Evolução dos preços reais da madeira de pinus para celulose, em pé – jun./2017 a dez./2023 (preços de dez./23)

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2024

As toras de eucalipto, com o mercado interno como principal destino, tiveram um comportamento de preços distinto do apresentado pelo pínus. Os preços das toras para serraria foram decrescentes, em termos reais, por um longo período e só reagiram em 2023 (Figura 8). A exportação de expressivos volumes de madeira em toras de eucalipto nos últimos anos ampliou a demanda por essa matéria-prima e, combinada à redução da área plantada com a cultura, levou a um reequilíbrio entre oferta e demanda e ao aumento dos preços.

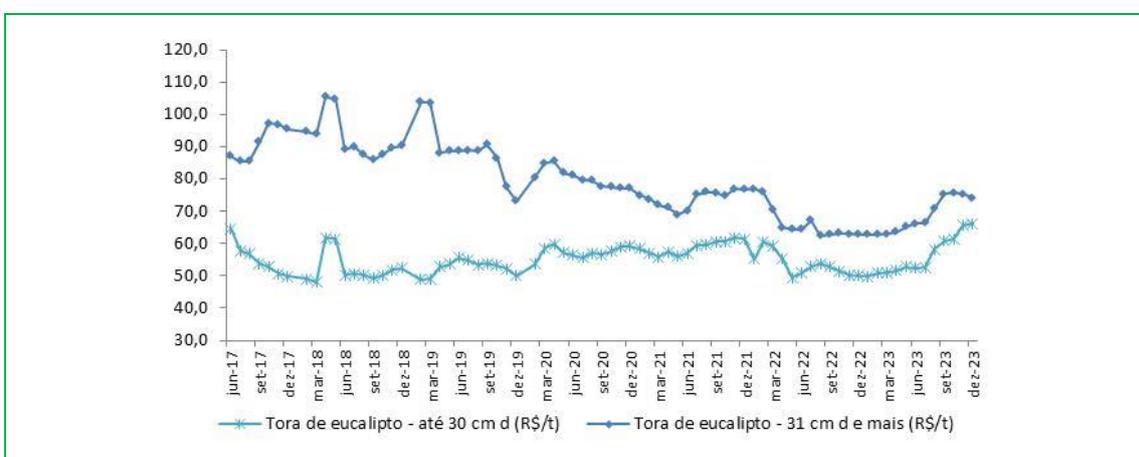


Figura 8. Santa Catarina – Evolução dos preços reais das toras de eucalipto para serraria, em pé, segundo as bitolas – jun./17-dez./23 (preços de dez./2023)

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2024

O crescimento dos preços das matérias-primas florestais em anos recentes parece estar bastante relacionado ao aumento dos volumes embarcados das principais madeiras exportadas pelo Estado. As fortes variações no desempenho exportador da indústria florestal catarinense, constatadas nos últimos anos, têm se refletido no mercado da madeira que abastece esse setor e revelado o grau de dependência dessa indústria aos embarques para o exterior, tema abordado a seguir.

Exportações catarinenses de produtos florestais

As exportações catarinenses de produtos de origem florestal sofreram forte queda e se acomodam aos patamares históricos

O mercado externo tem grande importância para a indústria madeireira e moveleira de Santa Catarina. Sua dinâmica tem reflexo direto no comportamento da indústria. As exportações da indústria catarinense de base florestal sofreram forte redução em 2023, prosseguindo o movimento de queda iniciado em meados do ano anterior.

Em 2023 o setor exportou US\$1,74 bilhão, 23,6% a menos que em 2022 (Tabela 15). Esse valor representou 23,3% do valor exportado pelo agronegócio catarinense e 15,1% do total das exportações do Estado no ano (Figura 9). As exportações de produtos florestais do Estado em 2023 contribuíram com 15,0% do valor exportado pelo setor no Brasil.

As quedas nos valores exportados ocorreram de modo mais ou menos generalizado dentre os produtos, mas as maiores contribuições para esse nível de redução ocorreram nos embarques de papel e cartão kraft (-38,0%), perfis de madeira (-30,5%), madeira em toras (-28,2%), móveis de madeira (-26,4%) e madeira compensada (-23,7%).

Tabela 15. Produtos florestais – Santa Catarina: valor das exportações – 2019-23

(mil dólares – FOB)

Item	2019	2020	2021	2022	2023
Madeira e obras de madeira	868.443	1.001.980	1.471.895	1.494.310	1.147.530
Mad. p/energia (lenha, pellets, carvão vegetal, etc.)	21.292	20.883	21.416	24.026	34.493
Madeira em toras	9.085	12.935	24.880	53.028	38.071
Madeira serrada	232.368	253.169	353.378	374.583	311.292
Madeira laminada	14.236	19.586	19.988	31.173	16.944
Madeira perfilada	68.952	77.613	116.527	152.365	105.893
Painéis de fibras e partículas de mad. reconstituída	69.362	73.293	70.557	115.452	88.484
Madeira compensada	172.563	208.118	383.382	279.418	213.077
Molduras de madeira para quadros	20.680	21.041	34.420	25.778	57
Caixas, engradados e paletes	16.288	15.658	21.372	19.220	17.092
Ferramentas, armações e cabos	4.889	4.065	5.792	8.371	5.749
Portas, janelas e obras de carpintaria	14.773	11.505	10.496	15.455	8.518
Outras madeiras e obras de madeira	207.502	266.155	379.158	373.503	293.478
Papéis	272.259	254.938	287.111	451.868	349.031
Papel sanitário	11.115	10.599	20.572	42.991	39.781
Embalagens de papel	66.538	58.919	70.485	72.212	86.184
Papel e cartão <i>kraft kraftliner</i>	171.104	164.237	178.575	299.335	185.438
Outros papéis e pastas de madeira	23.344	20.997	17.479	37.330	37.627
Móveis de madeira	265.966	266.205	359.115	332.941	245.208
Móveis de madeira p/escritório	916	1.176	1.533	2.176	1.411
Móveis de madeira p/cozinha	11.500	8.839	14.533	12.655	10.239
Móveis de madeira p/quartos	171.651	160.301	216.912	206.547	139.610
Outros móveis de madeira	69.747	78.339	101.352	89.729	77.843
Componentes p/móveis de madeira	8.976	14.287	17.268	13.560	13.560
Total produtos florestais	1.406.668	1.523.123	2.118.111	2.279.119	1.741.769
Total agronegócio	6.114.130	5.702.360	6.926.103	7.741.836	7.484.588
Total exportações	8.951.856	8.127.704	10.292.699	11.966.469	11.569.550

Fonte: MDIC/Secex Comex Stat, janeiro/2023

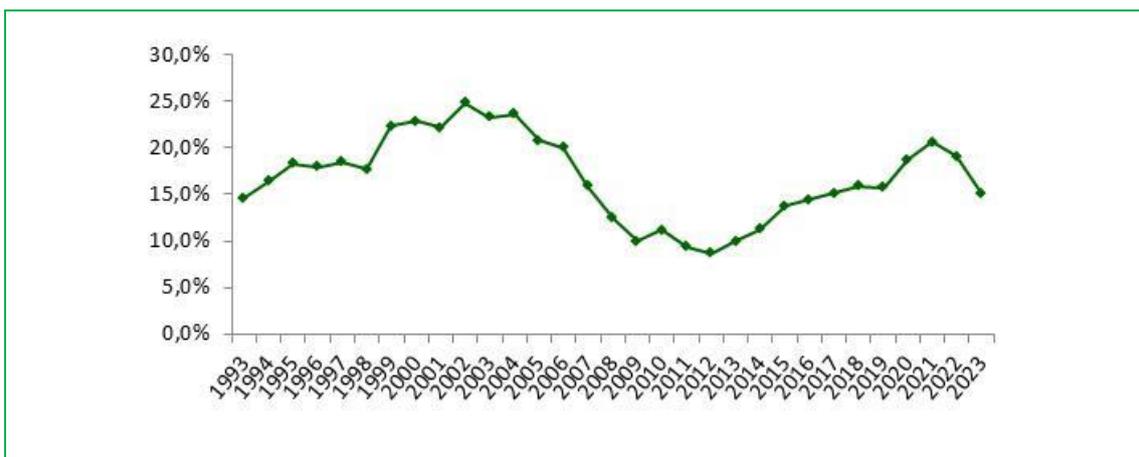


Figura 9. Santa Catarina – Participação das exportações de produtos florestais no total das exportações catarinenses –1993-23 (%)

Fonte: MDIC/Secex Comex Stat, janeiro/2024

A madeira serrada de pinus foi o item mais importante da pauta em valor embarcado, seguida pelas portas, janelas e pisos de madeira. Também têm grande importância na composição do valor as exportações de madeira compensada e laminada (Figura 10).

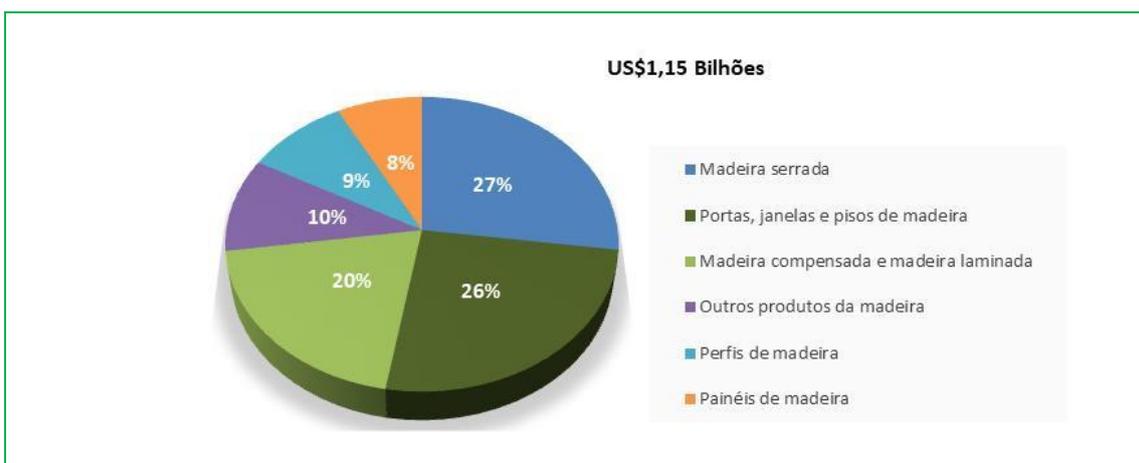


Figura 10. Santa Catarina – Produtos da madeira: composição do valor das exportações de madeiras (2023)

Fonte: MDIC/Secex Comex Stat, janeiro/2024

O comportamento das exportações catarinenses de produtos florestais sofre bastante influência do mercado norte-americano e suas oscilações, uma vez que é o principal destino dos embarques. A pandemia e o excesso de chuvas no sul dos EUA em 2021 fechou temporariamente muitas serrarias naquela região. A Figura 11 mostra o volume e o valor da madeira serrada exportada pelo Estado nos últimos nove anos, o que evidencia um forte aumento de valor em 2021 e 2022, com expressivo recuo em 2023 e reflete o comportamento dos preços médios do produto embarcado.

A dificuldade de os EUA contar com o abastecimento interno no período indicado melhorou muito os ganhos dos exportadores catarinenses. O forte aumento e a volatilidade dos preços da madeira nos EUA nesse período, decorrentes desses episódios, abriu espaço e facilitou a venda de produtos brasileiros e catarinenses de madeira para aquele mercado. Como

resultado, 2021 e 2022 foram anos atípicos para o comércio exterior dos produtos da madeira ofertados por Santa Catarina.



Figura 11. Santa Catarina – Exportações de madeira serrada de pínus – 2015-23

Fonte: MDIC/Secex Comex Stat, janeiro/2024

O comportamento das exportações catarinenses de madeira compensada de pínus deixa ainda mais evidente a influência das oscilações do mercado norte-americano nos últimos anos. Neste caso, tanto o volume quanto o valor embarcado tiveram forte aumento em 2020 e 2021, período de dificuldade de abastecimento interno no mercado norte-americano. Já em 2022 e 2023, quando as condições de produção melhoraram nos EUA, ocorreu forte redução das vendas externas de Santa Catarina. Essa grande variação também foi influenciada pelo comportamento do câmbio e devido às condições da economia norte-americana nesse período.



Figura 12. Santa Catarina – Exportações de madeira compensada de pínus – 2015-23

Fonte: MDIC/Secex Comex Stat, janeiro/2024

Também seguem o comportamento dos demais itens da pauta de exportações de produtos florestais os embarques de toras de eucalipto nos portos catarinenses. Tendo a China e Portugal como principais compradores, as vendas foram crescendo nos últimos anos, tiveram uma disparada em 2021 e 2022, mas sofreram uma forte retração em 2023 (Figura 13). Neste caso, o câmbio teve forte influência, com vendas maiores em anos de moeda brasileira mais desvalorizada.



Figura 13. Santa Catarina – Volume exportado de madeira em toras de pinus e eucalipto (t)

Fonte: MDIC/Secex Comex Stat, janeiro/2024

Desse modo, a forte diminuição do valor exportado de produtos florestais por Santa Catarina em 2023 está associada a um realinhamento à trajetória do comércio exterior catarinense e não a uma mudança na tendência histórica. As perspectivas para 2024 são de que as vendas externas de produtos florestais catarinenses tenham algum crescimento, mas não muito expressivo.



info agro

Cultivamos dados,
você colhe resultados

Calendário Agrícola, Custo de Produção
Estimativas de Safra, Preços Agropecuários,
Preços de Insumos, Preços de Terras

Acesse aqui:



infoagro.sc.gov.br

Lista de Figuras

Desempenho da produção vegetal

Alho

Figura 1. Alho – Evolução das exportações mundiais – 2017-21.....	18
Figura 2. Alho – Brasil: evolução das importações – 2019-23.....	19
Figura 3. Alho – Brasil: evolução da produção – 2018-22.....	20
Figura 4. Alho – Brasil: evolução da produtividade – 2018-22.....	20
Figura 5. Alho – Brasil: produção, importação e consumo – 2018-22.....	21
Figura 6. Alho – Santa Catarina: evolução da área colhida – 2019-23.....	22
Figura 7. Alho – Santa Catarina: evolução da produção – 2019-23.....	22
Figura 8. Alho – Santa Catarina: evolução da produtividade – 2019-23.....	23

Arroz

Figura 1. Arroz – Santa Catarina: Evolução da Área, produção e rendimento médio, safra 2017/18 a 2023/24.....	30
Figura 2. Arroz – Exportações, importações e saldo da balança comercial catarinense – 2015-23.....	30

Banana

Figura 1. Banana – Produção mundial por continente – 2020-22.....	32
Figura 2. Banana – Santa Catarina: preço médio (corrigido) ao produtor – 2020 a 2023.....	40
Figura 3. Banana-caturra: Santa Catarina – Preço (nominal) ao produtor – 2020-23.....	40
Figura 4. Banana-prata – Santa Catarina: preço (nominal) ao produtor – 2020-23.....	40
Figura 5. Banana – Santa Catarina: evolução do preço (corrigido) da Ceasa/SC – 2020-23.....	41
Figura 6. Banana-caturra – Santa Catarina: preço (nominal) no atacado – 2020-23.....	42
Figura 7. Banana-prata – Santa Catarina: preço (nominal) no atacado – 2020-23.....	42

Cebola

Figura 1. Cebola – Produção mundial – 2018-21.....	44
Figura 2. Cebola – Evolução das exportações mundiais – 2018-21.....	45
Figura 3. Cebola – Principais países exportadores – 2021.....	45
Figura 4. Cebola – Brasil: evolução do volume e valor das importações – 2019-23.....	47
Figura 5. Cebola – Santa Catarina: evolução do volume produzido – 2019-23.....	48
Figura 6. Cebola – Santa Catarina: evolução da área colhida – 2019-23.....	48
Figura 7. Cebola – Santa Catarina: evolução do rendimento médio – 2019-23.....	49

Feijão

Figura 1. Feijão – Mundo: evolução do consumo por habitante ao ano – 2019-21.....	52
Figura 2. Feijão – Brasil: evolução da área plantada, produção e produtividade – safras 1976/77-2023/24.....	54
Figura 3. Feijão – Santa Catarina: evolução da área plantada de feijão 1ª e feijão 2ª safras – safra 2012/13-2023/24.....	56
Figura 4. Feijão – Santa Catarina: evolução da área plantada, produção e produtividade – 2012/13-2022/23.....	58
Figura 5. Feijão – Santa Catarina: evolução do preço médio mensal real recebido pelo produtor – jan./2022 a dez./2023.....	59

Maçã

Figura 1. Maçã – Produção nos cinco continentes – 2020-22.....	60
Figura 2. Maçãs por categorias – Evolução do preço (corrigido) Ceasa-SC – 2020-23.....	70
Figura 3. Maçã Fuji – Preço médio (nominal) na Ceasa-SC – 2020-23.....	70
Figura 4. Maçã Gala – Preço médio (nominal) na Ceasa-SC – 2020-23.....	71

Milho

Figura 1. Milho – Produção no Brasil na 1ª e 2ª safras - 2019 a 2023	77
Figura 2. Milho – Brasil: oferta e demanda – 2018/19 a 2022/23	77
Figura 3. Milho – Santa Catarina: evolução das safras 2012/13 a 2022/23	79
Figura 4. Milho/SC – Preço médio aos produtores – 2019-3, em R\$/sc de 60kg (corrigido pelo IGP-DI, base dezembro 2023)	81

Soja

Figura 1. Soja – Evolução da produção mundial de soja-grão, farelo e óleo – 2013/14-2022/23	83
Figura 2. Soja – Brasil: Destino das exportações brasileiras em 2023	87
Figura 3. Soja em grão – Brasil: evolução de área, produção e rendimento – 2013 a 2023	88
Figura 4. Soja – Santa Catarina: evolução da área cultivada – Safras 2012/13 a 2022/23	88
Figura 5. Soja em grão – Santa Catarina: preço médio mensal ao produtor – 2019-23 (corrigidos pelo IGP-DI, dez 2023)	90

Tabaco

Figura 1. Tabaco – Evolução da área plantada e da produção mundial – 2012-22	91
Figura 2. Tabaco – Brasil: evolução da área plantada e da produção – 2012/23	93
Figura 3. Tabaco – Evolução do preço médio pago aos produtores da Região Sul do Brasil – safras 2012/23 – R\$ (em valores nominais)	94
Figura 4. Tabaco – Brasil: evolução da produção e do volume exportado – safras 2012/23	94
Figura 5. Tabaco – Santa Catarina: evolução da área plantada e da produção – 2014-23	95
Figura 6. Tabaco – Santa Catarina: área plantada e quantidade produzida para a safra 2022/23, por microrregião	96

Trigo

Figura 1. Trigo – Mundo: evolução da área plantada com trigo em comparação a outros grãos – 1962-2022	97
Figura 2. Trigo – Mundo: evolução da produção e consumo – 2018/19–2023/24	98
Figura 3. Trigo – Brasil: evolução da área, produção e produtividade – 2000-23	100
Figura 4. Trigo – Brasil: evolução das importações e exportações – 2019-23	102
Figura 5. Trigo – Santa Catarina: evolução área plantada, produção e rendimento – 2012/13–2023/24	104
Figura 6. Trigo – Santa Catarina: evolução do preço (nominal) médio mensal ao produtor – jan./2022 a dez./2023	104

Desempenho da produção animal

Carne bovina

Figura 1. Carne bovina – Brasil: Exportações – 2014-23	111
Figura 2. Bovinos – Santa Catarina: evolução do rebanho – 2014-23	114
Figura 3. Bovinos – Santa Catarina: participação de cada faixa de produção no total de produtores e de abates inspecionados – 2023	115
Figura 4. Bovinos – Santa Catarina distribuição da produção de animais destinados ao abate – 2023	116
Figura 5. Boi gordo – Santa Catarina: preço médio mensal estadual ao produtor – 2022-23 ..	117

Carne de frango

Figura 1. Carne de frango – Brasil: evolução da produção – 2014-23	121
Figura 2. Carne de frango – Brasil: evolução das exportações – 2014-23	122
Figura 3. Frangos – Santa Catarina: evolução da produção de aves destinadas ao abate – 2014-23	124

Figura 4. Frangos – Santa Catarina: distribuição da produção de aves destinadas ao abate – 2023	126
Figura 5. Carne de frango – Santa Catarina: exportações – 2014-23	127
Figura 6. Frango vivo – Santa Catarina: evolução dos preços ⁽¹⁾ – 2022-23	128
Figura 7. Frango vivo – Santa Catarina: custo de produção em aviário climatizado (pressão positiva) – 2023	129
Figura 8. Frangos – Santa Catarina: evolução da relação de troca insumo-produto – 2022-23	129

Carne suína

Figura 1. Carne suína – Brasil: evolução da produção – 2014-23	133
Figura 2. Carne suína – Brasil: exportações – 2014-23	134
Figura 3. Suínos – Santa Catarina: animais produzidos e destinados ao abate – 2014-23	137
Figura 4. Suínos – Santa Catarina: distribuição da produção de animais destinados ao abate – 2023	138
Figura 5. Carne suína – Santa Catarina: exportações – 2014-23	139
Figura 6. Suínos – Santa Catarina: preços pagos pelo quilo de peso vivo – 2022-23	141
Figura 7. Suíno vivo – Santa Catarina: custo de produção em ciclo completo – 2023	141
Figura 8. Suínos – Santa Catarina: evolução da relação de troca do suíno – 2022-23	142

Desempenho da aquicultura

Figura 1. Aquicultura – Santa Catarina: principais grupos de peixes de água doce produzidos em 2022	159
Figura 2. Aquicultura – Santa Catarina: produção de peixes de água doce por município – 2022	160
Figura 3. Aquicultura - Santa Catarina: produção de mexilhões por município – 2022	163
Figura 4. Aquicultura - Santa Catarina: produção de ostras por município - 2022	163
Figura 5. Aquicultura – Santa Catarina: produção de camarões marinhos por município – 2022	166

Desempenho do setor florestal

Figura 1. Área plantada com pinus, eucalipto e outras espécies no Brasil em 2022, segundo os principais estados (ha)	175
Figura 2. Exportações brasileiras de madeira serrada e compensada de pinus (t) – 2007-23	176
Figura 3. Valor das exportações brasileiras de móveis de madeira – 2000-23	177
Figura 4. Santa Catarina – Área cultivada com florestas comerciais – 2014-22	179
Figura 5. Santa Catarina – Produção de madeira em toras, segundo o destino na indústria – 2000-22	180
Figura 6. Santa Catarina – Evolução dos preços reais das toras de pinus para serraria, em pé, segundo as bitolas – jun./17-dez./23 (preços de dez./2023)	182
Figura 7. Santa Catarina – Evolução dos preços reais da madeira de pinus para celulose, em pé – jun./2017 a dez./2023 (preços de dez./23)	183
Figura 8. Santa Catarina – Evolução dos preços reais das toras de eucalipto para serraria, em pé, segundo as bitolas – jun./17-dez./23 (preços de dez./2023)	183
Figura 9. Santa Catarina – Participação das exportações de produtos florestais no total das exportações catarinenses –1993-23 (%)	185
Figura 10. Santa Catarina – Produtos da madeira: composição do valor das exportações de madeiras (2023)	185
Figura 11. Santa Catarina – Exportações de madeira serrada de pinus – 2015-23	186
Figura 12. Santa Catarina – Exportações de madeira compensada de pinus – 2015-23	186
Figura 13. Santa Catarina – Volume exportado de madeira em toras de pinus e eucalipto	187

Lista de Tabelas

Desempenho da agropecuária e do agronegócio de Santa Catarina: 2022 e 2023

Tabela 1. Valor da Produção Agropecuária (VPA) de Santa Catarina	7
Tabela 2. Exportações de Santa Catarina – Principais produtos do agronegócio em 2023	8
Tabela 3. Exportações de Santa Catarina – Principais mercados do agronegócio em 2023	9

Crédito rural

Tabela 1. Crédito rural nas regiões e no Brasil	11
Tabela 2. Crédito rural nos estados da Região Sul	11
Tabela 3. Crédito rural por atividade em Santa Catarina e no Brasil	12
Tabela 4. Participação de Santa Catarina no crédito rural no Brasil	12
Tabela 5. Crédito rural por finalidade em Santa Catarina e no Brasil	13
Tabela 6. Crédito rural via Pronaf nas regiões e no Brasil	14
Tabela 7. Crédito rural via Pronaf nos estados da Região Sul	14
Tabela 8. Crédito rural via Pronaf por atividade em Santa Catarina e no Brasil	15
Tabela 9. Crédito rural via Pronaf: participação de Santa Catarina no Brasil, por atividade	15
Tabela 10. Crédito rural via Pronaf – Participação de Santa Catarina no Brasil, por finalidade	16

Desempenho da produção vegetal

Alho

Tabela 1. Alho – Produção mundial e dos principais países produtores – 2017-21	17
Tabela 2. Alho – Principais países importadores – 2018-21 (mil t)	18
Tabela 3. Alho – Brasil: área colhida, produção e rendimento principais estados produtores – safras 2020-22	19

Arroz

Tabela 1. Arroz beneficiado – Principais países produtores – 2019/20-2023/24	24
Tabela 2. Arroz beneficiado – Principais países exportadores – 2019/20-2023/24	25
Tabela 3. Arroz beneficiado – Principais importadores mundiais – 2019/20-2023/24	26
Tabela 4. Arroz – Área plantada, quantidade produzida do Brasil e principais estados produtores – Safras 2019/20-2023/24	27
Tabela 5. Arroz – Exportações brasileiras por países de destino – 2018-23	28
Tabela 6. Arroz – Importações brasileiras por países de origem – 2018-23	28
Tabela 7. Arroz Irrigado – Santa Catarina: Comparativo de safra por região agro, safras 2022/23 e 2023/24	29

Banana

Tabela 1. Banana – Quantidade produzida: mundo e principais países – 2018-22	33
Tabela 2. Banana – Exportações brutas por país – 2020-22	34
Tabela 3. Banana – Importações líquidas mundiais por país – 2020-22	34
Tabela 4. Banana – Brasil: área colhida, produção e produtividade média e nos principais estados produtores – 2019-23	35
Tabela 5. Banana – Brasil: quantidade exportada aos principais destinos – 2019-23	37
Tabela 6. Banana – safras recentes nas principais regiões produtoras de Santa Catarina	38
Tabela 7. Banana – Brasil – Quantidade exportada por estado da federação – 2021-23	43

Cebola

Tabela 1. Cebola – Principais países produtores: área e produção mundial – 2018-21	44
Tabela 2. Cebola – Principais países importadores – 2018-21 (mil t)	46
Tabela 3. Cebola – Brasil: área colhida, produção e rendimento médio – 2020-22	46

Feijão

Tabela 1. Feijão seco – Área de produção mundial e dos principais países – 2020-22	51
Tabela 2. Feijão – Mundo: principais importadores e exportadores – 2020-22	52
Tabela 3. Feijão – Brasil: área, produção e produtividade dos principais estados – safras 2021/22-2023/24.....	53
Tabela 4. Feijão – Brasil: área plantada, tipo de feijão, período de plantio e participação – 2022/23	55
Tabela 5. Feijão total – Santa Catarina: área e produção por microrregião geográfica – 2021/22-2023/24.....	57
Tabela 6. Feijão – Santa Catarina: área plantada, produtividade e quantidade produzida, 1ª e 2ª safras – 2022/23.....	57
Tabela 7. Feijão – Santa Catarina: preço médio estadual pago aos produtores de feijão – 2021-23	59

Maçã

Tabela 1. Maçã – Quantidade produzida (mil t): Mundo e principais países – 2018-22	61
Tabela 2. Maçã – Exportações brutas por país – 2020-22	62
Tabela 3. Maçã – Importações líquidas por país – 2020-22	62
Tabela 4. Maçã – Área colhida, produção e produtividade média – Brasil e principais estados produtores – 2019-23	63
Tabela 5. Maçã fresca – Brasil: quantidade exportada – principais destinos – 2019-23	64
Tabela 6. Sucos de maçã ⁽¹⁾ – Brasil: quantidade exportada para os principais destinos – 2019-23	65
Tabela 7. Maçã fresca – Brasil: quantidade importada por país de origem – 2019-23	66
Tabela 8. Maçã – Safras recentes nas 3 principais regiões produtoras de Santa Catarina	67
Tabela 9. Maçã fresca – Brasil: quantidade exportada por estado da federação – 2021-23	71
Tabela 10. Suco de maçã – Brasil: quantidade exportada por estado da federação – 2021-23	72

Milho

Tabela 1. Milho – Principais países produtores mundiais – 2018/19-2022/23	73
Tabela 2. Milho – Balanço de oferta e demanda mundial – 2018/19-2022/23	73
Tabela 3. Milho – Principais exportadores mundiais – 2018/19-2022/23	74
Tabela 4. Milho – Principais importadores mundiais – 2018/19-2022/23.....	74
Tabela 5. Evolução da produção de milho primeira safra – Brasil: principais estados produtores.....	75
Tabela 6. Evolução da produção de milho na segunda safra – Brasil e principais produtores ...	76
Tabela 7. Milho – Brasil: Exportação por país de destino – 2019-23	78
Tabela 8. Milho – Brasil: Importação por estado – 2019-23	78
Tabela 9. Milho – Santa Catarina: comparativo da 1ª safra – 2021/22 e 2022/23	79
Tabela 10. Milho – Santa Catarina: comparativo da safra 2021/22 e 2022/23.....	80
Tabela 11. Milho – Santa Catarina: Evolução do balanço de oferta e demanda – 2019-23	80

Soja

Tabela 1. Soja – Principais países produtores de grãos – 2018/19 a 2022/23	82
Tabela 2. Soja – Principais países produtores dos derivados da soja: farelo – 2018/19 a 2022/23	83
Tabela 3. Soja – Principais países produtores dos derivados da soja: óleo soja – 2018/19 a 2022/23	83
Tabela 4. Soja – Exportações mundiais e dos principais países – 2020/21 a 2022/2023	84
Tabela 5. Soja em grão – Estoque mundial dos principais produtores e consumidores – 2017/18-2022/23.....	84

Tabela 6. Soja e derivados – Balanço de oferta e demanda nacional – 2018-23	85
Tabela 7. Soja – Brasil: evolução das exportações do complexo soja e soja-grão – 2013-23	86
Tabela 8. Soja em grão – Produção nacional e principais estados produtores – 2016-23.....	87
Tabela 9. Soja – Santa Catarina: área plantada e quantidade produzida no Estado e microrregiões, de 2019/20 à 2022/23	89
Tabela 10. Soja – Santa Catarina: exportações, soja grão – 2012-23	90

Tabaco

Tabela 1. Tabaco – Mundo: área plantada e produção – 2019-22	92
Tabela 2. Tabaco – Mundo: principais países exportadores e total – 2013-22	92
Tabela 3. Tabaco – Mundo: principais países importadores e total – 2013-22	93

Trigo

Tabela 1. Trigo – Mundo: produção e consumo mundiais – 2021/22-2023/24	98
Tabela 2. Trigo – Mundo: balanço de oferta e demanda mundial – safras 2020/21-2023/24 ...	99
Tabela 3. Trigo – Mundo: principais exportadores e importadores de trigo e derivados – 2021/22-2023/24.....	99
Tabela 4. Trigo – Brasil: área, produção e produtividade – 2022-23	100
Tabela 5. Trigo – Brasil: balanço de oferta e demanda – 2019-23	101
Tabela 6. Trigo – Brasil: importação e exportação de trigo-grão, farinha de trigo e derivados por país de origem – 2021-23.....	101
Tabela 7. Trigo – Santa Catarina: área e produção por microrregião geográfica – safras 2020/21-2023/24.....	102
Tabela 8. Trigo – Santa Catarina: área plantada, produtividade e quantidade produzida – 2023/24	103
Tabela 9. Trigo – Santa Catarina: preços (nominais) médios mensais recebidos pelos produtores – 2019-23	105

Desempeno da produção animal

Carne bovina

Tabela 1. Carne bovina – Produção mundial – 2019-23	106
Tabela 2. Carne bovina – Consumo mundial – 2019-23.....	107
Tabela 3. Carne bovina – importações mundiais – 2019-23	108
Tabela 4. Carne bovina – Exportações mundiais – 2019-23 ⁽¹⁾	108
Tabela 5. Bovinos – Brasil: evolução do rebanho – 2010-2022 ⁽¹⁾	109
Tabela 6. Bovinos – Brasil: abates por unidade da federação – 2010-2023	110
Tabela 7. Bovinos – Brasil: participação de cada categoria animal no total de abates – 2010-2023.....	110
Tabela 8. Carne bovina – Brasil: exportações – 2000-2023	111
Tabela 9. Carne bovina – Brasil: exportações segundo os principais destinos – 2023	112
Tabela 10. Carne bovina – Brasil: balanço de oferta e demanda – 2010-2023	112
Tabela 11. Bovinos – Santa Catarina: composição do rebanho, por faixa etária e sexo – 2023.....	113
Tabela 12. Bovinos – Santa Catarina: abate por destino ou finalidade – 2021-23	114
Tabela 13. Bovinos – Santa Catarina: abate segundo o sistema de inspeção – 2023.....	114
Tabela 14. Bovinos – Santa Catarina: número de produtores que destinaram animais para abate em estabelecimentos com inspeção – 2018-2023.....	115
Tabela 15. Bovinos – Santa Catarina: microrregiões de origem dos animais abatidos – 2023.....	116

Carne de frango

Tabela 1. Carne de frango – Produção mundial – 2019-23	118
Tabela 2. Carne de frango – Consumo mundial – 2019-23	119
Tabela 3. Carne de frango – Importações mundiais – 2019-23	120
Tabela 4. Carne de frango – Exportações mundiais – 2019-23	120
Tabela 5. Carne de frango – Brasil: produção dos principais estados – 2021-23	121
Tabela 6. Carne de frango – Brasil: exportações segundo os principais destinos – 2023	122
Tabela 7. Carne de frango – Brasil: exportações dos principais estados e da Região Sul – 2023	123
Tabela 8. Carne de frango – Brasil: balanço de oferta e demanda – 2010-2023	123
Tabela 9. Frangos – Santa Catarina: microrregiões de origem das aves produzidas – 2023	125
Tabela 10. Frangos – Santa Catarina: principais municípios de origem das aves produzidas – 2023	125
Tabela 11. Frangos – Santa Catarina: número de produtores que destinaram aves para abate – 2018-23	126
Tabela 12. Carne de frango – Santa Catarina: exportações – 2000-2023	127
Tabela 13. Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – 2022-23	128

Carne suína

Tabela 1. Carne suína – Produção mundial – 2019-23	130
Tabela 2. Carne suína – Consumo mundial – 2019-23	131
Tabela 3. Carne suína – Importações mundiais – 2019-23	132
Tabela 4. Carne suína – Exportações mundiais – 2019-23	132
Tabela 5. Suínos – Brasil: efetivo do rebanho por região geográfica – 2000-2022	133
Tabela 6. Carne suína – Brasil: produção dos principais estados – 2021-23	134
Tabela 7. Carne suína – Brasil: exportações segundo os principais destinos – 2023	135
Tabela 8. Carne suína – Brasil: balanço de oferta e demanda – 2010-2023	135
Tabela 9. Carne suína – Brasil e Santa Catarina: produção anual – 2000-2023	136
Tabela 10. Suínos – Santa Catarina: microrregiões de origem da produção – 2023	137
Tabela 11. Suínos – Santa Catarina: principais municípios de origem dos animais produzidos – 2023	138
Tabela 12. Suínos – Santa Catarina: produtores que destinaram animais para abate – 2018-23	139
Tabela 13. Suínos – Santa Catarina: leitões produzidos em SC e destinados a outras UFs – 2018-23	139
Tabela 14. Carne suína – Santa Catarina: exportações – 2000-2023	139
Tabela 15. Carne suína – Santa Catarina: principais destinos das exportações – 2023	140

Leite

Tabela 1. Leite – Produção dos continentes e mundial	143
Tabela 2. Leite: principais produtores mundiais	143
Tabela 3. Leite – Principais exportadores mundiais	144
Tabela 4. Leite: principais importadores mundiais	144
Tabela 5. Leite – Brasil: produção nas grandes regiões e principais estados	145
Tabela 6. Leite cru: quantidade adquirida pelas indústrias inspecionadas	146
Tabela 7. Lácteos e leite: balança comercial brasileira	146
Tabela 8. Brasil: oferta total de leite inspecionado	147
Tabela 9. Leite – Brasil: importação segundo as principais origens	147
Tabela 10. Leite – Santa Catarina: produção nas mesorregiões e principais microrregiões	148
Tabela 11. Leite: preço médio ⁽¹⁾ aos produtores de Santa Catarina	148

Mel

Tabela 1. Mel – Produção dos continentes e mundial.....	150
Tabela 2. Mel – Principais produtores mundiais	150
Tabela 3. Mel – Principais exportadores mundiais.....	151
Tabela 4. Mel – Principais importadores mundiais.....	151
Tabela 5. Mel – Produção das grandes regiões e dos principais estados	152
Tabela 6. Mel – Brasil: exportação segundo os principais destinos	153
Tabela 7. Mel exportado pelos principais estados brasileiros.....	153
Tabela 8. Mel – Produção das grandes regiões e dos principais estados	154
Tabela 9. Principais destinos do mel exportado por Santa Catarina	155
Tabela 10. Exportação de mel nos principais municípios exportadores de Santa Catarina, segundo o município de domicílio fiscal do exportador	155

Desempenho da aquicultura

Tabela 1. Aquicultura – Santa Catarina: estimativa de valor da produção de peixes de água doce por piscicultores profissionais – 2022	160
Tabela 2. Aquicultura – Santa Catarina: área, número de produtores e produção de algas por município – 2023	168

Desempenho do setor florestal

Tabela 1. Madeira em toras para transformação industrial ⁽¹⁾ – Produção mundial segundo os principais países – 2018-22.....	170
Tabela 2. Madeira serrada – Produção mundial segundo os principais países – 2018-22	171
Tabela 3. Celulose de mercado – Produção mundial segundo os principais países – 2018-22	172
Tabela 4. Papel e papel cartão – Produção mundial segundo os principais países – 2018-22	172
Tabela 5. Painéis de madeira – Produção mundial segundo os principais países – 2018-22....	173
Tabela 6. Produtos florestais – Valor das exportações mundiais segundo os principais países – 2018-22	173
Tabela 7. Produtos florestais – Valor das importações mundiais segundo os principais países – 2018-22	174
Tabela 8. Silvicultura e extração vegetal – Brasil: valor da produção – 2018-22	175
Tabela 9. Brasil – Produção dos principais produtos de origem florestal – 2017-22	176
Tabela 10. Painéis de madeira – Brasil: produção, importação, exportação e consumo aparente – 2019-23.....	177
Tabela 11. Papel e celulose – Brasil: produção, importação, exportação e consumo aparente – 2019-23.....	178
Tabela 12. Silvicultura – Santa Catarina: produção dos principais produtos – 2017-22	180
Tabela 13. Silvicultura – Santa Catarina: valor da produção – 2017-22	181
Tabela 14. Produção florestal – Santa Catarina: preço médio das matérias-primas, em pé – 2019-23	182
Tabela 15. Produtos florestais – Santa Catarina: valor das exportações – 2019-23.....	184



www.epagri.sc.gov.br



www.youtube.com/epagritv



www.facebook.com/epagri



www.twitter.com/epagrioficial



www.instagram.com/epagri



linkedin.com/company/epagri



<http://publicacoes.epagri.sc.gov.br>